



**PROFHISTÓRIA**  
MESTRADO PROFISSIONAL  
EM ENSINO DE HISTÓRIA

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS - UFNT**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - PPGHIS**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA - PROFHISTÓRIA**

**Núbia Challine de Oliveira Coelho**

**Memes de cavaleiros medievais e extrema direita (2016-2023): discussões  
sobre possibilidades e desafios do ensino de História medieval**

**Araguaína/TO**

**2024**

**Núbia Challine de Oliveira Coelho**

**Memes de cavaleiros medievais e extrema direita (2016-2023): discussões  
sobre possibilidades e desafios do ensino de História medieval**

Dissertação apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Norte do Tocantins como requisito à obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

**Linha de pesquisa:** Linguagens e narrativas históricas - Produção e difusão

**Orientador:** Dr. Marcos Edílson de Araújo Clemente

**Araguaína/TO**

**2024**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Geração de Ficha Catalográfica SGFC-UFNT  
**Gerado automaticamente mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

C672m Coelho, Núbia Challine de Oliveira.

Memes de cavaleiros medievais e extrema direita (2016-2023): discussões sobre possibilidades e desafios do ensino de História medieval / Núbia Challine de Oliveira Coelho. - Centro de Ciências Integradas - CCI, TO, 2024. 200 f.

Dissertação (Mestrado Profissional) (Pós-Graduação - Programa de Pós-Graduação em Ensino de História - ProfHistória) -- Universidade Federal do Norte do Tocantins, 2024.

Orientador: Dr. Marcos Edílson de Araújo Clemente.

1. Ensino de História. 2. Neomedievalismo. 3. Extremismo político.

**CDD 980**

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Núbia Challine de Oliveira Coelho**

**Memes de cavaleiros medievais e extrema direita (2016-2023): discussões sobre possibilidades e desafios do ensino de História medieval**

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Programa de Pós-Graduação em Ensino de História (PPGHIS)/ Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória). Foi avaliada para obtenção do título de Mestre em Ensino de História e aprovada em sua forma final pelo orientador e pela banca examinadora.

Data de aprovação: 28 de fevereiro de 2024

Banca examinadora:

Documento assinado digitalmente  
 **MARCOS EDILSON DE ARAUJO CLEMENTE**  
Data: 04/04/2024 09:44:07-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof. Dr. Marcos Edílson de Araújo Clemente – Orientador (UFNT)

Documento assinado digitalmente  
 **MARCOS EDILSON DE ARAUJO CLEMENTE**  
Data: 04/04/2024 10:27:52-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Verônica Aparecida Silveira Aguiar – Membro externo (UNIR)

Documento assinado digitalmente  
 **MARCOS EDILSON DE ARAUJO CLEMENTE**  
Data: 04/04/2024 11:09:18-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof. Dr. Braz Batista Vas – Membro interno (UFNT)

*Às professoras e professores que, a despeito de tudo, persistem e insistem em contribuir com a construção de um mundo melhor.*

## AGRADECIMENTOS

*“Olhar para trás após uma longa caminhada pode fazer perder a noção da distância que percorremos, mas se nos detivermos em nossa imagem, quando a iniciamos e ao término, certamente nos lembraremos o quanto nos custou chegar até o ponto final, e hoje temos a impressão de que tudo começou...”*

João Guimarães Rosa. Grande Sertão: Veredas

Ao reler o texto para escrever as considerações finais e organizar a defesa da dissertação, uma pergunta veio à mente: como consegui? A resposta foi óbvia: consegui escrever porque muitas pessoas pesquisaram e escreveram antes de mim, porque suas ideias me inspiraram a buscar outras informações e transformá-las em um outro conhecimento, que pode não ser algo excepcional (ainda sou “uma alma em tensão que está aprendendo a voar<sup>1</sup>”), mas faz parte desse exercício intelectual para construção do conhecimento. Agradeço a todas por terem aberto caminhos, atalhos e indicado possibilidades. A partir dessa primeira constatação, cheguei a outra mais óbvia ainda: nenhum caminho se faz só. Meu caminho, definitivamente, contou com muitas mãos estendidas e ombros amigos. E não poderia ter feito nada do que apresento aqui sem a colaboração de pessoas e instituições muito especiais. Reconheço esse apoio e sou grata a todas e todos que fizeram parte dessa travessia.

Começo reverenciando minha família nuclear: papai Ramon, mamãe Bete e meu irmão Raphael. Papai, cujo suor e renúncias ajudaram a abrir e pavimentar meus caminhos. Mamãe, que, além do suor e renúncias, foi exemplo de professora, de mulher e de mãe que cuida, corrige e ama, possibilitando um caminho mais suave. E Raphael, meu irmão, que é “meu raio de sol que me faz feliz quando os céus são cinzas<sup>2</sup>” e tornou tudo mais bonito, mais sério, me mostrando a importância de tentar fazer do mundo um lugar melhor.

Minha grande família também foi de suma importância, em especial vovó Conceição e tia Ana Cynthia (*in memoriam*) que, junto com a mamãe, são meus exemplos de mulher, mãe e professora. Às Margaridinhas (tias maternas e suas famílias) agradeço por darem cor e aroma a minha vida tornando-a mais bonita. À tia Nadja, que, com sua alegria e doideira, nos coloca para frente, sempre encorajando e incentivando, comemorando como poucos cada pequena vitória agradeço todo o entusiasmo e festa. À minha afilhada Walerryne Same, que, assim como sua mãe, me enche de amor, carinho e boas risadas – sem contar as leituras e correções de texto – meu reconhecimento a toda energia positiva destinada a mim.

---

<sup>1</sup> Learning to fly – Pink Floyd. No original: “A soul in tension that's learning to fly”. (tradução minha)

<sup>2</sup> You are my Sunshine – Johnny Cash. No original: “You are my Sunshine/ My only sunshine/ You make me happy when skies are grey”. (tradução minha)

Agradeço ao Eder, com quem “de pouco em pouco a gente foi erguendo nosso próprio trem, nossa Jerusalém, nosso mundo, nosso carrossel<sup>3</sup>”, por tudo que não é possível colocar em palavras.

Às minhas professoras e meus professores, desde o antigo *prezinho* até a pós-graduação meu agradecimento pois com elas e eles é que fui construindo meu conhecimento, me formando como ser humano, cidadã, como profissional, como pesquisadora.

Agradecimento especial para minhas colegas e meus colegas do Presbiteriano, Dom Alano e CEM Tiradentes, que trabalharam, mesmo sem perceber, na forja que me moldou e me trouxe até aqui. Uma deferência especial à equipe do CEM Tiradentes, meu ambiente profissional, por ter aberto as portas para a pesquisa e para o diálogo. Sem Ilda, Maria Leda, Cristiane e Lucilene nada disso seria possível.

Aos idealizadores e idealizadoras do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória) agradeço pela sensibilidade e reconhecimento da necessidade de promover uma formação acadêmica aliada e alinhada à prática docente, abrindo portas para milhares de profissionais que não conseguiam entrar em outros programas de pós-graduação *stricto sensu*, seja por dificuldades burocráticas ou pela ausência deles na região.

À SEDUC/TO, o agradecimento pela concessão do afastamento, pela autorização da pesquisa e por sempre dirimir minhas dúvidas. Sem o afastamento o trabalho, seria muito mais difícil, talvez impossível.

À Capes, sou grata pela concessão da bolsa, incentivo importante para a aquisição de livros, contratação de serviços de revisão, participação em eventos. Sou privilegiada por não depender dessa política pública para viver, mas sem ela muitas coisas não seriam possíveis.

Às minhas casas acadêmicas: Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) e Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), a deferência por serem espaços que possibilitaram meu desenvolvimento reflexivo, profissional e propositivo. Por me ajudarem a compreender o quão importantes para o desenvolvimento humano são o acesso à educação gratuita e de qualidade e o convívio com o diferente e contraditório.

Minhas professoras e professores do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória), merecem menção honrosa por serem responsáveis pela retomada dos estudos acadêmicos, das leituras mais densas, das reflexões que tentam ir além da superfície (ô trem difícil). A eles meu reconhecimento e gratidão. E, aqui, cito a singular contribuição do professor Dr. Braz Batista Vas, professor de Seminário de Pesquisa que, durante a disciplina, fez considerações relevantes para a pesquisa em companhia do professor Dr. Dagmar Manieri e

---

<sup>3</sup> Marcelo Jeneci – Pra sonhar

meu colega Dionathan Fragoso. Mas sua participação em minha caminhada foi além: como um dos palestrantes durante uma oficina, possibilitou o andamento da mesma e esteve presente, novamente, em minha banca de qualificação. Sem seus arquivos de *word* cheios de balões com comentários e sugestões e o texto supercolorido, essa dissertação estaria seriamente comprometida.

Agradeço à professora Dra. Verônica Aguiar, pela disponibilidade em ler meu trabalho e participar da banca de qualificação. Sua leitura atenta, suas sugestões e considerações repletas de generosidade e entusiasmo foram fundamentais para a continuidade e finalização do trabalho.

E, aqui, chegamos à peça-chave desse processo: meu orientador Dr. Marcos Edílson de Araújo Clemente, que acolheu minhas ideias ainda no primeiro semestre e me auxiliou na transformação das ideias iniciais em uma dissertação de mestrado. Agradeço com muito afeto e respeito suas considerações, seus cuidados, suas sugestões de leitura e a troca de ideias – sempre frutífera. Sua erudição e sua generosidade na condução de cada etapa foram elementos essenciais para meu amadurecimento como pesquisadora.

Não poderia deixar de citar as coordenadoras do Programa na UFNT: Dra. Vera Caixeta e Dra. Olívia Medeiros meu reconhecimento pela dedicação e compromisso. À secretária Alessandra Cunha, agradeço a paciência e a generosidade com que sempre me atendeu.

Às colegas de turma, Fransuely, Tainah, Thamires e Irenice, e meus colegas José Maria, Dionathan, Bruno, Daniel, Willy, Pedro e Alberto meu agradecimento pelos momentos de trocas que diminuíram as angústias, ajudaram a superar a procrastinação e os brancos que nos ocorrem ao longo do processo. Mesmo em encontros virtuais e conversas via *WhatsApp*, suas presenças se fizeram sentir.

Aos apoios técnico e especializados da Moema Rocha, funcionária da Diretoria de Ensino, Míriam Ávila, minha psicóloga, Eliete Araújo e Hudson Araújo, como palestrantes (e colegas do ProfHistória), Camila Lelis, como revisora e formatadora, Jair Souza, pelos mapas, e ao Juniezer pela diagramação da proposta de guia didático, agradeço por tirar das minhas costas um peso que não seria capaz de carregar.

Por fim, às alunas e alunos que, ao longo desses quase quatorze anos de docência, foram o incentivo, a justificativa, o motivo pelo qual não me permiti desistir da sala de aula. Que me fizeram perceber, na prática, a grandiosidade existente no ato de lecionar; me ajudaram a identificar a responsabilidade existente no ato de planejar e me preparar para uma aula de 50 minutos e por mostrar que a aula não começa e muito menos termina dentro de uma sala de aula.

*Não sou esperançoso por pura teimosia, mas por imperativo existencial e histórico. Minha esperança é necessária, mas não é suficiente. Ela, só, não ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia.*

*Paulo Freire – Pedagogia da esperança (1992)*

## RESUMO

A ascensão da extrema direita desde a segunda década do século XXI tem despertado o interesse de estudiosos em várias áreas de pesquisa, como política, filosofia, sociologia, comunicação e na educação. A partir de três grandes eixos temáticos estruturais - ensino de História Medieval, memes de cavaleiros medievais e extrema direita (que no Brasil teve avanço significativo a partir de 2016) -, busca-se refletir sobre uma das faces dessa ascensão, que se apresenta nos corredores de uma escola pública de Ensino Médio, em Palmas/TO: a retomada do interesse por assuntos medievais por parte dos jovens e a existência de *memes de internet* com a temática do cavaleiro medieval, eivada de inferências da extrema direita. O fascínio por elementos medievais não é exclusivo de jovens do século XXI, nem mesmo a utilização desses elementos por grupos políticos. Entretanto, o mundo da Web 3.0 (alguns já falam da 4.0) tem se tornado o ambiente em que estudantes buscam se informar e através dele circulam os memes. Por conseguinte, por meio desse trabalho, busca-se compreender os possíveis impactos da presença de memes de cavaleiros medievais associados às ideias da extrema direita na construção do conhecimento sobre a Idade Média e os cavaleiros medievais em estudantes da aludida escola. Orientada pela metodologia da pesquisa-ação (Thiollent; Colette, 2014) a pesquisa empírica partiu da análise das concepções dos estudantes acerca da Idade Média e, em particular, dos cavaleiros medievais, com o intuito de construir um quadro comparativo e de coletar informações que constituirão as fontes de pesquisa. Para tanto foram organizadas oficinas e um questionário estruturado por meio do Formulário Google. As oficinas foram pensadas com base nos pressupostos da aula oficina (Barca, 2004), e aula histórica (Barca, 2012; 2018), bem como na ideia de literacia histórica (Lee, 2006). Assim serão trabalhados os *memes da internet* sobre cavaleiros medievais (selecionados entre os que circularam entre 2016 e 2023, com o ex-presidente da República, Jair Bolsonaro, como protagonista) veiculados e/ou produzidos por perfis associados à extrema direita brasileira) e os dados analisados à luz do conceito de consciência histórica (Rüsen, 2001). Como fruto da pesquisa foi elaborada a “Proposta de ação docente”, em forma de *e-book* de livre acesso, com sugestões para que profissionais de ensino possam conhecer as atividades desenvolvidas e replicá-las, caso desejarem, em suas respectivas realidades.

**Palavras-chave:** Ensino de História. Memes. Extremismo político. Neomedievalismo.

## ABSTRACT

The rise of the far right since the second decade of the 21st century has aroused the interest of scholars in various areas of research, such as politics, philosophy, sociology, communication and education. Based on three major structural thematic axes - teaching medieval history, memes of medieval knights and the far right (which in Brazil has made significant progress since 2016) - the aim is to reflect on one of the faces of this rise, which appears in the corridors of a public high school in Palmas/TO: the revival of interest in medieval subjects among young people and the existence of internet memes with the theme of the medieval knight, riddled with inferences of the far right. The fascination with medieval elements is not exclusive to young people in the 21st century, nor is the use of these elements by political groups. However, the world of Web 3.0 (some are already talking about 4.0) has become the environment in which students seek information and through which memes circulate. The aim of this study is therefore to understand the possible impact of the presence of memes of medieval knights associated with far right ideas on the construction of knowledge about the Middle Ages and medieval knights among students at the school in question. Guided by the methodology of action research (Thiollent; Colette, 2014), the empirical research began by analyzing the students' conceptions of the Middle Ages and, in particular, of medieval knights, with the aim of building a comparative picture and collecting information that will form the sources of the research. To this point, workshops and a structured questionnaire were organized using the Google Form. The workshops were designed based on the assumptions of the History class as a workshop (Barca, 2004) and the historical class (Barca, 2012; 2018), as well as the idea of historical literacy (Lee, 2006). Internet memes about medieval knights (selected from those that circulated between 2016 and 2023, with the former president of the Republic, Jair Bolsonaro, as the protagonist) will be disseminated and/or produced by profiles associated with the Brazilian far right) and the data analyzed in the light of the concept of historical consciousness (Rüsen, 2001). As a result of the research, a "Proposal for teaching action" was produced, in the form of an open-access e-book, with suggestions so that teaching professionals can learn about the activities developed and replicate them, if they wish, in their respective realities.

**Keywords:** Teaching History. Memes. Political Extremism. Neomedievalism.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Meme sobre pós-graduação .....	17
Figura 2 - Exemplo de meme de internet com temática de cavaleiros medievais.....	24
Figura 3 - Localização geográfica do Estado do Tocantins e da cidade de Palmas.....	33
Figura 4 - Localização da escola dentro do Plano Diretor da cidade de Palmas.....	34
Figura 5 - Vista da fachada da escola .....	35
Figura 6 -Vista do bloco principal .....	35
Figura 7 - Vista da quadra de esportes coberta e da arborização.....	36
Figura 8 - Exemplos de memes de internet nas primeiras décadas dos anos 2010 .....	54
Figura 9 - Meme de cavaleiro medieval utilizado pela extrema direita brasileira .....	55
Figura 10 - Exemplos de memes com temática histórica .....	57
Figura 11 - Print de parte da página inicial do #MUSEUdeMEMES.....	58
Figura 12 - Exemplo de meme com humor derrisório e racista .....	59
Figura 13 - Compilado das postagens de Filipe G. Martins no Twitter.....	71
Figura 14 - Reprodução de banners do <i>Instituto Lux Brasil</i> , com cavaleiros medievais .....	71
Figura 15 - Reprodução da tela de abertura do vídeo do Instituto Lux Brasil .....	72
Figura 16 -Reprodução da figura 2 presente na introdução da dissertação.....	78
Figura 17 - Reprodução da figura 9 presente no capítulo 1 da dissertação.....	79
Figura 18 - Reproduções dos exemplos dados por Lanzieri Júnior.....	80
Figura 19 - Prints de thumbnails do Youtube .....	95
Figura 20 - Crianças e adolescentes usuárias de internet (2015 a 2023).....	108
Figura 21 - Dinâmica de acesso e uso da internet (2023).....	109
Figura 22 - Plataformas digitais mais usadas, por faixa etária e classe (2023).....	109
Figura 23 - Você utiliza a internet para comunicação.....	111
Figura 24 - Você utiliza a internet para diversão/entretenimento .....	111
Figura 25 - Você utiliza a internet para estudos.....	111
Figura 26 - Você utiliza a internet para informações gerais .....	112
Figura 27 - Temas de interesse dos/das estudantes nas redes sociais .....	113

## LISTAS DE TABELAS E QUADROS

Tabela 1 - Produções do ProfHistória e ambientes virtuais (2016-2022).....	51
Tabela 2 - Preferência por formatos de contato com a História .....	114
Tabela 3 - Grau de confiança em formas de aprender História .....	116
Quadro 1 - Dissertações sobre memes no site do ProfHistória .....	60
Quadro 2 - Campos semânticos .....	66
Quadro 3 - Dissertações sobre Idade Média no site do ProfHistória .....	84
Quadro 4 - A Idade Média no DCT/TO .....	89
Quadro 5 - Organização inicial das oficinas.....	105
Quadro 6 - Oficinas efetivamente desenvolvidas .....	106
Quadro 7 - Canais no Youtube que os/as estudantes seguem .....	117
Quadro 8- – Produções dos/as estudantes .....	125

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABREM	Associação Brasileira de Estudos Medievais
ABEP	Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa
AIB	Ação Integralista Brasileira
APAE	Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CCEB	Critério de Classificação Econômica Brasil
CEE	Conselho Estadual de Educação
CEM Tiradentes	Centro de Ensino Médio Tiradentes
Cetic.br	Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação
CGI.br	Comitê Gestor da Internet do Brasil
DCT-TO	Documento Curricular do Território do Tocantins
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
ePUB	<i>Electronic Publication</i> (Publicação Eletrônica)
FURG	Universidade Federal do Rio Grande
GTHA	Grupo de Trabalho de História Antiga
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira
NEM	Reforma do Ensino Médio/Novo ensino Médio
NIC.br	Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR
OSPB	Organização Social e Política do Brasil
PDF	<i>Portable Document Format</i> (Formato Portátil de Documento)
PNE	Plano Nacional de Educação
PPP	Projeto Político Pedagógico
ProfHistória	Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História
PRONA	Partido de Reedificação da Ordem Nacional
SEDUC	Secretaria Estadual de Educação e Cultura do Tocantins
Seveículos	Sindicato das Empresas de Veículos de Cargas de Itajaí
STF	Supremo Tribunal Federal
TDIC	Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação

TFP	Tradição, Família e Propriedade
UE	Unidade Escolar
UFNT	Universidade Federal do Norte do Tocantins

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>17</b>
<b>CAPÍTULO 1 - UM NOVO VELHO MUNDO: O ENSINO DE HISTÓRIA E O MUNDO CADA VEZ MAIS CONECTADO .....</b>	<b>30</b>
1.1 O AMBIENTE DE PESQUISA: CENTRO DE ENSINO MÉDIO TIRADENTES (CEM TIRADENTES) E SEUS ESTUDANTES .....	32
1.2 O ENSINO DE HISTÓRIA E O SÉCULO XXI: UMA SINTONIA AINDA IMPERFEITA .....	37
1.3 ENSINO DE HISTÓRIA NA ERA DIGITAL: POSSIBILIDADES E DESAFIOS .....	47
1.4 OS MEMES DE INTERNET E O ENSINO DE HISTÓRIA .....	52
<b>CAPÍTULO 2 - A IDADE MÉDIA VISTA COM OLHOS “DIREITOS”: DAS REDES SOCIAIS AO ENSINO DE HISTÓRIA.....</b>	<b>63</b>
2.1 A EXTREMA DIREITA BRASILEIRA (2016-2023).....	65
2.2 MEMES DE CAVALEIROS MEDIEVAIS, A EXTREMA DIREITA E O <i>NEOMEDIEVALISMO</i> .....	75
2.3 E O LUGAR DA HISTÓRIA MEDIEVAL? .....	83
<b>CAPÍTULO 3 - “CONTE-ME MAIS SOBRE ISSO”: OS CAMINHOS DA PESQUISA .....</b>	<b>95</b>
3.1 O INÍCIO DA PESQUISA E O PERFIL DOS PARTICIPANTES .....	97
3.2 AS FONTES E A METODOLOGIA DE PESQUISA: HORIZONTES DESCORTINADOS DURANTE A PESQUISA .....	101
3.2.1 O planejamento e o desenvolvimento das oficinas .....	104
3.2.2 Os/as estudantes e o mundo digital .....	108
3.2.3 Os/as estudantes e o conhecimento histórico .....	114
3.2.4 Os/as estudantes e a Idade Média.....	119
3.3 ENSINO DE HISTÓRIA MEDIEVAL EM TEMPOS EXTREMOS: A PRODUÇÃO DE MEMES DE CAVALEIROS MEDIEVAIS .....	123
3.4 A PROPOSTA DO “GUIA DE AÇÃO DOCENTE” .....	129

<b>ANCORANDO – UMA PAUSA PARA AS CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>132</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>138</b>
<b>APENDICE 1 .....</b>	<b>148</b>
<b>APÊNDICE 2 .....</b>	<b>151</b>
<b>APÊNDICE 3 .....</b>	<b>159</b>

## INTRODUÇÃO

*“O real não está na saída nem na chegada:  
ele se dispõe para a gente é na travessia”*  
João Guimarães Rosa

Figura 1 - Meme sobre pós-graduação



Fonte: UOL Educação, 2015.

Apresentar algo parece uma ação simples, mas, definitivamente, não é. Especialmente quando se trata de um trabalho acadêmico. Há sempre o receio de que ele não seja bem recebido, que não tenha relevância acadêmica ou social e provoque nos/as leitores/as a reação representada no meme acima. Ele é composto pela imagem de uma mulher (que aparenta ser uma atriz de filmes dos anos 1950) com uma expressão facial que conota desprezo e um texto, simulando sua fala, que reforça a ideia de desprezo insinuada pela expressão facial. Alguns podem achar engraçado, mas é, de fato, como muitos trabalhos são recebidos, especialmente fora dos círculos acadêmicos – e, tragicamente, dentro deles também.

A imagem que abre esta introdução é um exemplo de meme de internet<sup>4</sup>. Um meme de internet satirizando a vida acadêmica que pode ser encontrado em diferentes versões em uma

<sup>4</sup> Para Patrick Davison “um meme de internet é um recorte da cultura, tipicamente uma piada, que ganha influência através de sua transmissão on-line” (Davison, 2020, p.130).

busca pelo *Google*<sup>5</sup>, rolando a página do *Instagram*<sup>6</sup>, *Twitter (agora X)*<sup>7</sup> ou em uma conversa via *WhatsApp*<sup>8</sup>. O meme de internet se tornou uma forma divertida de se comunicar, típica dos jovens, mas não restrita a eles. Com sua alta capacidade de produção, reprodução e circulação, diferentes temas, assuntos e/ou ideias são repassados em meios diversos, suscitando, ou não, discussões e gerando risadas ou críticas.

Nos últimos anos, muitas pesquisas têm se dedicado a analisar os memes sob diversos prismas: como uma forma de comunicação, uma metodologia de ensino, seu uso político, dentre outros. Esta pesquisa pretende ser mais uma contribuição para o campo do ensino de História que, assim como tantas áreas, é impactada pelas transformações sociais, políticas, econômicas culturais que envolvem as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC's).

Um dos impactos diz respeito ao acesso cada vez maior de jovens à internet. De acordo com a pesquisa *Tic kids online Brasil 2023*, realizada entre março e julho de 2023 e conduzida pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br) do Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br) e ligado ao Comitê Gestor da Internet do Brasil (CGI.br)<sup>9</sup>, 93% das crianças e /adolescentes do país, entre nove e dezessete anos, são usuários de internet. O dispositivo utilizado para o acesso é, majoritariamente, o celular (*smartphone*), mas parte deles também utiliza a televisão, o computador e o videogame. O uso das redes sociais é uma das atividades que mais cresceram entre crianças e jovens (são 78% em 2021 contra 68% em 2019), sendo que *Instagram* e *TikTok* ficam à frente do *Facebook*<sup>10</sup>.

A História se desenvolve e é escrita em sintonia com a sociedade que a cerca e, como demonstrado, é uma sociedade cada vez mais digital. O mesmo acontece com a escola e as práticas escolares. Mudanças significativas na sociedade, e que impactaram também a escola, podem ser percebidas desde os anos 1990, como computadores, máquinas de xerox e telefones celulares, que promoveram uma comunicação instantânea, cada vez mais veloz. Um velho mundo que se vê convivendo com o novo mundo, que traz consigo novas formas de

<sup>5</sup> O *Google* é uma empresa multinacional que tem, entre seus produtos mais conhecidos, uma ferramenta de busca na internet.

<sup>6</sup> Rede social da *Meta*, que permite compartilhar fotos e vídeos com outros usuários. Atualmente recebeu uma atualização, o *Threads*, para competir com o *Twitter (agora X)*, que funciona como uma rede de compartilhamento de textos.

<sup>7</sup> Rede social baseada em textos (mas que aceita também imagens, vídeos e *links*) que funciona como um *microblog* na qual você escreve um pequeno texto e outras pessoas podem interagir com seu posicionamento ou comentário. Em 2022, a empresa foi adquirida por Elon Musk que mudou o nome da empresa para *X Corp*. Optou-se pela manutenção do nome original pois era o utilizado durante a coleta de dados.

<sup>8</sup> Trata-se de um aplicativo de comunicação instantânea conectado à *internet*.

<sup>9</sup> Para maiores informações ver: <https://cetic.br/pt/pagina/saiba-mais-sobre-o-cetic/92/>

<sup>10</sup> A pesquisa completa pode ser acessada em: <https://cetic.br/pt/pesquisa/kids-online/> os resultados desta pesquisa serão analisados e comparados aos resultados da pesquisa aqui apresentada no capítulo 3.

sociabilidade, novos padrões culturais, novos modos de fazer política e novas metodologias didáticas.

É inserida nesse novo mundo, que José D’Assunção Barros (2022) chamou de sociedade digital, que este trabalho – iniciado em 2022, dentro do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História (ProffHistória), núcleo da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), em Araguaína – buscou responder, academicamente, a minha inquietação como professora de História diante de posicionamentos e questionamentos por parte de estudantes que envolviam redes sociais e o uso de memes de cavaleiros medievais por grupos associados à extrema direita brasileira, que teve desenvolvimento acentuado a partir de 2016 e chegou ao cargo máximo da política brasileira (a Presidência da República), em 2018.

Para transformar a inquietação típica dos/as profissionais da educação em uma pesquisa acadêmica, foram necessárias uma tomada de decisão e uma transformação: decidir voltar à luta para concretizar o sonho do desenvolvimento de uma pesquisa inserida em um programa de pós-graduação *stricto sensu* e me transformar em uma professora-pesquisadora da área de História. Assim como Guimarães Rosa ressalta na epígrafe desta introdução, a travessia foi se efetivando por meio de grandes desafios, muitos apoios e uma extensa caminhada.

O trabalho, que ora chega a seu momento de apresentação, é fruto de mais uma etapa dessa longa travessia. Não é, ainda, a chegada, mas a consolidação de um dos muitos caminhos pelos quais trilhamos ao longo da vida (pessoal, profissional e academicamente). E ela não começou com a aprovação no processo seletivo de 2021. Peço licença para, brevemente, apontar o início dessa minha travessia.

Retroceder no espaço-tempo da minha experiência pessoal é, para mim, um exercício antropológico, filosófico e histórico. Reconhecer mudanças na forma de pensar, de ver o mundo e de agir sobre a realidade que me cerca é sempre um grande aprendizado. É por isso que hoje reconheço que, embora muitas decisões tenham sido tomadas sob o peso das circunstâncias limitadoras impostas a uma família de baixa renda do interior, elas foram as melhores decisões a serem tomadas e sempre busquei honrar essas decisões.

Teoricamente, sou uma “nativa digital” (Prensky, 2001), pois nasci em 1983 e pude vivenciar o desenvolvimento e a popularização das tecnologias digitais. No entanto, as circunstâncias sociais e econômicas nas quais estava inserida – assim como a maior parte da população brasileira – limitaram meu acesso a tais tecnologias. O computador me foi apresentado em 1999, em um curso pago em conjunto pela minha família, mas só tive o meu próprio computador em 2005. A partir de 2003, por causa da faculdade – e somente pelo uso comum do Laboratório de Informática e da biblioteca – passei a ter acesso à internet.

Devido a essa experiência, considero-me uma “migrante digital” (Prensky, 2001), uma vez que não desenvolvi todas as habilidades daqueles que tiveram acesso às tecnologias digitais desde tenra idade. Minha antiga situação diante das novas tecnologias ainda é a situação de muitas pessoas no ano de 2023. Essa experiência pessoal aponta uma certa fragilidade da ideia defendida por Marc Prensky, uma vez que o recorte temporal utilizado por ele não considerou aspectos significativos para o desenvolvimento de habilidades para o mundo das tecnologias digitais, como a desigualdade de acesso a tais ferramentas e as limitações de conexão.

A realidade vem se modificando, mas ainda estamos distantes da universalização do acesso às tecnologias digitais. De acordo com os dados das pesquisas do Cetic.br, cerca de dois milhões de crianças e jovens no Brasil ainda não possuem acesso à internet e, das que possuem e pertencem às classes D e E, acessam, majoritariamente, pelo celular (o que impõe certos limites tanto de conexão quanto de leitura e acesso a certas mídias, impactando a qualidade da interação).

Tais dados demonstram que as desigualdades sociais e econômicas seguem sendo um desafio a ser superado, uma vez que impõem desafios extras ao desenvolvimento de crianças e adolescentes e à ação pedagógica, que busca se apropriar dos meios e ferramentas digitais. Atestam, também, a importância de se investir na infraestrutura das escolas para que consigam ofertar um ambiente que amplie possibilidades de desenvolvimento para essas juventudes advindas do desenvolvimento tecnológico, apesar das desigualdades que ainda persistem.

Pensando em minha própria vida escolar (analógica) e em meu desenvolvimento intelectual, percebo que, diferente da realidade de muitos jovens brasileiros, tive uma experiência tranquila, sem maiores obstáculos e com apoio familiar. Cresci em uma cidade pequena, então minha turma foi “minha” até o final do ensino médio, salvo algumas alterações. A escola era bem equipada, considerando ser uma escola do interior e tive muito estímulo na família. Mãe e vovó eram ótimas professoras e me acompanhavam bem de perto. Posteriormente, tive outro exemplo de persistência e de docência com minha tia Ana, que fez sua graduação em Pedagogia enquanto estava grávida de sua segunda filha, em uma cidade a quilômetros de distância de sua localidade, e se dedicou primeiro à educação infantil e depois à Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE).

Seguir estudando após a conclusão do ensino médio não foi exatamente uma forma de ascensão social, mas a maneira que encontrei de desenvolver minha autonomia intelectual e garantir independência financeira. Seguir estudando agora é, para mim, investir no aperfeiçoamento dessa autonomia, ao mesmo tempo que significa (agora que me reconheço como profissional da Educação) poder contribuir de forma mais elaborada, dotada de novas e aperfeiçoadas ferramentas, com a construção da autonomia dos muitos jovens cujas vidas irão

se entrelaçar com a minha. Significa também dar as mãos aos meus colegas de profissão, colaborando em seus processos de reelaboração, de readequação e de crescimento profissional.

A tarefa é grande e espero que, ao chegar ao final dessa etapa, ao escrever os agradecimentos de minha dissertação, eu o faça orgulhosa do processo e dos frutos colhidos desta dura sementeira. Busco, ao longo dessa travessia, tornar o meu próprio fazer profissional mais robusto, sólido, uma vez que pude compartilhar com colegas de várias localidades experiências enriquecedoras que plantaram novas sementes no campo, nem sempre fértil, do ser professora de História na Educação Básica.

O objeto desse trabalho, como dito anteriormente, é fruto das minhas observações e inquietações como professora do Ensino Médio, especificamente quanto ao interesse de jovens pelos cavaleiros medievais – interesse esse direcionado aos cavaleiros templários, assim denominados, conforme Jean Flori, por sua condição de religiosos e guerreiros, acomodados pelo rei Balduíno II, em Jerusalém, na antiga mesquita All-Aqsa, construída no local do antigo templo, vindo daí a razão do nome templários (Flori, 2005, p.178).

A Idade Média é um período histórico que suscita muitas emoções, talvez fruto de sua constante presença em filmes, séries, livros e jogos que não possuem rigor historiográfico e repassam, muitas vezes, uma imagem estereotipada do período e das pessoas que nele viveram. Jérôme Baschet, em seu livro *A sociedade feudal*, cita que “[...] existe, de resto, um ponto comum entre a idealização romântica e os sarcasmos modernistas: sendo a Idade Média o inverso do mundo moderno (o que é inegável), a visão que se oferece dela é inteiramente determinada pelo julgamento feito sobre o presente” (Baschet, 2009, p. 24).

Por isso, é necessário analisar que tipo de ideias, emoções e suposições são criadas em nosso imaginário através dessas representações. A preocupação se justifica dada a constatação de que, mesmo no ambiente escolar, persiste um desconhecimento e, conseqüentemente, a persistência de preconceitos e estereótipos além de uma constante tentativa de explicar o presente pelo passado. Como sustentado por Carla Meinerz o estereótipo pode levar à generalização que “[...] é contrária à complexidade do saber que propõe-se construir no ensino de história. Ao nos comprometermos com a complexidade da construção de representações acerca do passado e do presente, tendemos a buscar o questionamento e a interdição das estereotípias [...]” (Meinerz, 2019, p.104).

Para alcançar o objetivo proposto por Meinerz o ensino de História não pode se abster de discutir a história medieval e seus estereótipos. Nilson Mullet Pereira, em texto de 2022, destaca que, a despeito de todo avanço ocorrido na historiografia sobre o período medieval, seu ensino nas escolas da educação básica não tem refletido tais avanços, o que contribui para a construção de estereótipos. De acordo com o autor

Estudos já de longa data sobre o medievo no ensino escolar têm demonstrado que publicações didáticas em geral têm repetido o esquema de uma Idade Média de dez séculos que se inicia com as migrações germânicas (alguns ainda utilizam a expressão invasões bárbaras), passa pelo período de auge do feudalismo e, depois, termina com a crise do século XIV, constituindo uma História generalizada e totalizante, sem dar espaço às especificidades temporais e regionais para as quais a medievalística vem chamando a atenção. (Pereira, 2022, p. 107).

É possível que parte do desinteresse de estudantes pelos estudos medievais seja explicado por essa visão fixa, generalizada e totalizante de um período histórico considerado por eles como distante demais para ser compreendido. Por outro lado, vê-se o mesmo período sendo representado de outras formas, muitas vezes, como já foi dito, ressaltando o fantástico ou o exótico, como é o caso da literatura, do cinema e dos jogos de videogame. Pereira identifica, diante desta realidade, que:

Entre a utilidade e o gosto fútil, atravessa uma potencialidade ética e política que torna o passado um tempo nada distante ou frio. Nos dois casos, o que temos é um outro: odioso ou exótico, atrasado ou heroico – a idade das trevas ou idade de outro (neste caso, para as culturas juvenis, mas já foi assim, primeiro, para os românticos do século XIX). Esses atravessamentos podem permitir uma abertura do passado medieval, e essa abertura, que só se dá numa região de desinteresse e desnecessidade do presente, pode deixar entrever histórias pouco comuns nas grandes narrativas e nos grandes esquemas explicativos que têm deixado um vazio tanto de empiria como de sentidos, seja para o gosto fútil, seja para problematizar outros tempos. (Pereira, 2022, p. 123-124).

Dentro do contexto dicotômico marcado pelo interesse/fascinação e, ao mesmo tempo, por lacunas no ensino de história medieval, sobretudo na educação básica, percebe-se o uso político/ideológico desse imaginário<sup>11</sup> e de suas representações<sup>12</sup> por parte da extrema direita brasileira<sup>13</sup> está adentrando o espaço escolar, compreendido como o ambiente institucionalizado

<sup>11</sup> A ideia de imaginário utilizada neste trabalho é a desenvolvida por Jacques Le Goff em *O imaginário medieval* (1994), segundo o qual é necessário distinguir “imaginário” de termos considerados pelo autor como “vizinhos”, a saber: representação, simbólico, ideologia. O imaginário poderia, dessa maneira, ter características que se assemelham aos conceitos citados, configurando-se como o estabelecimento de relações pessoais e coletivas acerca do real, modificando-o, transfigurando-o, criando relações com ele – aproximando-se também do conceito de “mentalidades”.

<sup>12</sup> Para a compreensão de representação adota-se a perspectiva de Stuart Hall, segundo o qual, representação é o “[...] processo pelo qual membros de uma cultura usam a linguagem (amplamente definida como qualquer sistema que emprega signos, qualquer sistema significante) para produzir sentido. Desde já, essa definição carrega a importante premissa de que coisas - objetos, pessoas, eventos, no mundo - não possuem, neles mesmos, nenhum sentido fixo, final ou verdadeiro. Somos nós - na sociedade, dentro das culturas humanas - que fazemos as coisas terem sentido, que lhes damos significado” (Hall, 2016, p.104).

<sup>13</sup> Sabe-se que a extrema direita brasileira não é uma experiência única, mas tributária da extrema direita europeia e estadunidense, que precisa ser compreendida em sua historicidade. Neste trabalho, adota-se a perspectiva de Odilon Caldeira Neto (2020; 2022), segundo o qual a extrema direita brasileira atual faz parte de um grupo heterogêneo daquilo que chamamos de “direita” após a Nova República (pós 1989). Para o autor, a extrema direita brasileira contemporânea pode ser compreendida como uma junção de diversos grupos que se agregam no que se convencionou chamar de “bolsonarismo” e que possuem como características gerais: serem antidemocráticos, intervencionistas militares, que criticam ideias e pautas de esquerda ou progressistas, buscam atrair a classe trabalhadora, possuem tendência propagandista, discurso paranoico e conspiracionista e o anticomunismo. Tal

no qual os indivíduos estabelecem relações orientadas para o desenvolvimento intelectual, e guiando jovens em seus processos de construção de identidade e de consciência histórica (Rüsen, 2001).

É o que vem sendo percebido em sala de aula, desde 2017, por parte dos estudantes do Ensino Médio do Centro de Ensino Médio Tiradentes (CEM Tiradentes), escola situada em uma região central da cidade de Palmas, TO. As interações, nesse sentido, começaram com perguntas gerais sobre a Idade Média e, em específico, sobre os cavaleiros templários, perguntas sobre filmes, jogos e séries com a temática medieval.

Como dito anteriormente, não há surpresa diante do interesse de estudantes jovens sobre o medieval. A questão, no entanto, foi além da mera curiosidade, com a inserção do vocábulo *Deus vult* pelos corredores, falado com a mão erguida (um movimento que me remeteu aos nazistas alemães da década de 1930-1940, ao Integralismo brasileiro, mas que também poderia se referir à saudação aos imperadores romanos e que, associado ao vocábulo, levantou dúvidas e necessidade de esclarecimentos).

*Deus vult* é uma expressão em latim que significa “Deus quer”. Ela foi utilizada para saudar o Papa Urbano II, em 1095, quando do anúncio da Primeira Cruzada. O termo tem sido frequentemente apropriado por membros da extrema direita brasileira em redes sociais como o *Facebook* e *Twitter*<sup>14</sup>, em uma clara apropriação do imaginário medieval, mais precisamente do imaginário cristão medieval, com alusões à moral religiosa, num evidente revisionismo<sup>15</sup> que pretende denotar uma continuidade entre a Europa Medieval cristã e o Brasil atual.

Um dos meios utilizados pela extrema direita brasileira para veicular essas ideias é o meme e as redes sociais. O meme, como linguagem de fácil acesso e compreensão, alcança os jovens e dialoga diretamente com eles - nativos digitais que são. Sendo produzido e repercutido em redes sociais – ambiente em que os jovens passam boa parte do seu tempo – alcança um

---

movimento tem suas raízes no ano de 2016 e seu auge com a eleição de Jair Bolsonaro para presidente da República em 2018.

<sup>14</sup> Sobre o assunto específico do vocábulo, ver a entrevista de Ethel Rudnitzki e Rafael Oliveira com o historiador Paulo Pachá, em: <https://apublica.org/2019/04/deus-vult-uma-velha-expressao-na-boca-da-extrema-direita/>.

<sup>15</sup> O termo “revisionismo”, no âmbito das ciências históricas, tem uma longa discussão que se interliga com a discussão acerca do termo “negacionismo”. Os historiadores passam a utilizar o termo após a Segunda Guerra Mundial, às vezes para se referir a novas abordagens ou fontes que mudavam concepções correntes e, em outros momentos, em tom negativo apontando a tendência apologética ou mesmo reacionária de certas abordagens. Em texto no qual analisa as guerras de memória em torno da Comissão Nacional da Verdade, Mateus Henrique Pereira argumenta que o revisionismo seria “[...] interpretação livre que não nega necessariamente os fatos, mas que os instrumentaliza para justificar os combates políticos do presente a fim de construir uma narrativa “alternativa” que, de algum modo, legitima certas dominações e violências.” (Pereira, 2015, p. 866). Outro exemplo clássico é o extermínio de judeus, portadores de deficiência, homossexuais, negros, ciganos e diversos outros grupos durante a Segunda Guerra Mundial, que vem sendo constantemente “revisado” e, muitas vezes, negado. É essa a perspectiva do termo utilizado no presente trabalho.

público cada vez maior e, assim como os filmes e a literatura também fazem, encanta através de uma visão idealizada da Idade Média.

Figura 2 - Exemplo de meme de internet com temática de cavaleiros medievais



Fonte: Twitter, 2020.

A Figura 2 é um exemplo dos memes que serão trabalhados ao longo da pesquisa. Como apontado por Viktor Chagas (2020), o termo *meme* foi utilizado pela primeira vez antes mesmo da invenção da internet, por Richard Dawkins, em seu livro de 1976 (edição inglesa) intitulado *O homem e a ciência: o gene egoísta*. Desde então, a ideia de meme foi se transformando e se adaptando a diferentes contextos. Da analogia biológica com os genes e sua capacidade de transmissão de informações, passamos para o entendimento que prevalece nos dias de hoje, do meme que é produzido e reproduzido nas mídias sociais.

A partir de 2011, avolumaram-se os estudos sobre os memes de internet (que serão analisados neste trabalho) ao redor do mundo e envolvendo diversas áreas do conhecimento, como a Matemática, Comunicação, Sociologia, Linguagem, Semiótica e História. Para Michele Knobel e Colin Lankshear, os memes adquiriram maior importância, como categoria de análise, uma vez que:

Os memes on-line passaram das margens da prática social cotidiana, durante a última década, para desempenhar um papel significativo na forma como interagimos uns com os outros, nos posicionamos em relação uns aos outros e no modo como lemos e escrevemos nossos mundos. (Knobel; Lankshear, 2020, p.112).

Faz-se necessário, neste contexto, atualizar as metodologias de ensino de História e se apropriar das linguagens digitais, a fim de disputar com outros agentes sociopolíticos as ferramentas de construção de saberes históricos. Conhecer e problematizar a produção, circulação, mas, principalmente, o consumo dos memes de internet é essencial para a construção de seres humanos críticos e dotados de consciência histórica, como defendido por Paulo Freire (1987) e Jörn Rüsen (2001)<sup>16</sup>.

Portanto, é na intersecção das inovações metodológicas com as inovações digitais na educação – ficando evidente a necessidade de se aproximar da linguagem e do mundo dos/as estudantes – que se discute o uso de memes sobre os cavaleiros cruzados em ambientes de educação formal. Como salientado por Elza Nadai ao refletir sobre a perspectiva do ensino de História, é importante “viabilizar o uso de fontes variadas e múltiplas, com o objetivo de resgatar discursos múltiplos sobre temas específicos.” (Nadai, 1993, p. 160).

Diante disso, pergunta-se: quais as referências utilizadas pelos/as estudantes na construção de seu conhecimento acerca da Idade Média? Como possibilitar o debate histórico acerca dos memes sobre os cavaleiros medievais veiculados por grupos de extrema direita no Brasil? Quais as metodologias adequadas para essa abordagem? Quais as contribuições efetivas para o processo de ensino-aprendizagem histórico?

A questão central do trabalho é, portanto, o consumo de memes de internet sobre cavaleiros medievais (que circulam em perfis das redes sociais ligados à extrema direita brasileira) por estudantes de uma escola de ensino médio, na cidade de Palmas/TO e a possível interferência desses memes na construção de seu conhecimento acerca de um período histórico distante no tempo e no espaço.

Levanta-se, nesse sentido, a seguinte hipótese: o uso de memes, como recurso didático-metodológico, em ambiente escolar, pode ajudar os/as estudantes a compreenderem melhor conceitos e processos históricos, problematizando o conhecimento veiculado em espaços como a internet e as redes sociais, aproximando o estudo histórico da realidade dos estudantes.

A discussão foi organizada em três capítulos visando apresentar algumas nuances e os diversos ambientes em que o meme de internet se insere e se articula com o ensino de História. Sendo assim, em seu Capítulo 1, intitulado *Um novo velho mundo: o ensino de história e o mundo cada vez mais conectado*, a dissertação busca apresentar, de forma sucinta, o desenvolvimento da História como disciplina escolar, a inserção de diversos objetos de estudo e a necessidade cada vez mais evidente de uma História dotada de sentido e significado para a

---

<sup>16</sup> Aproximação conceitual defendida por Moisés Silva em *Aproximações entre Paulo Freire e Jörn Rüsen numa experiência de educação do campo* (Silva, 2021, p. 8).

diversidade de crianças e adolescentes que passaram a ocupar os bancos escolares ao longo dos anos.

A educação histórica do século XXI busca se inserir e dialogar com uma realidade marcada pelas tecnologias digitais e por formas de comunicação e relação com o conhecimento que questionam muitas das metodologias aplicadas até então. A implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e da Reforma do Ensino Médio, aqui chamada de Novo Ensino Médio (NEM<sup>17</sup>), evidenciou a necessidade de transformação, mas, como é relativamente comum no Brasil, não municiou as redes estaduais e municipais com dotação orçamentária para as mudanças estruturais e de formação dos/as profissionais para efetivar as modificações necessárias. Aborda-se, portanto o papel do ensino de História diante de tal realidade e, especificamente, sua relação com o conhecimento e a circulação de informações pelo ambiente virtual, destacando-se uma das formas como temas históricos são tratados nas redes: o meme de internet.

O Capítulo 2, *A Idade Média vista com olhos “direitos”: das redes sociais ao ensino de História*, apresenta a definição de extrema direita utilizada no trabalho, bem como o histórico de seu surgimento e suas ligações com grupos de extrema direita ao redor do mundo. Esta apresentação se faz necessária para compreender as interconexões entre movimentos políticos brasileiros e internacionais extremados na atualidade e no passado.

A ênfase, entretanto, recairá sobre o uso que tal grupo faz do ciberespaço, especialmente das redes sociais para disseminar suas ideias, e um elevado número de informações históricas deturpadas. Não sendo o objetivo do trabalho um exame geral das ações dos grupos de extrema direita nas redes sociais, o objeto de análise terá como recorte os memes de cavaleiros medievais. Busca-se compreender o que leva grupos de extrema direita a apropriar-se da linguagem dos memes para abordagem e ressignificação dos cavaleiros medievais.

As relações entre a extrema direita, memes de cavaleiros medievais e redes sociais se estabelecerá com base em uma discussão sobre o *neomedievalismo*. Luiz Felipe Anchieta Guerra aponta que:

Estudos sobre o medievalismo político não são tão recentes, com a temática já sendo abordado em trabalhos pelo menos desde a década de 1990, mas focando principalmente nos medievalismos do romantismo e suas relações com os nacionalismos tradicionais na Europa. Todavia ele vem se expandindo para além das fronteiras da Europa e se reformulando, principalmente ao longo da última década, com o pontapé inicial no tímido artigo-livro de Bruce Hollinger: *Neo Medievalism, Neo Conservatism and the War on Terror*, de 2007, mas que realmente decolou com a onda de *neomedievalismos* políticos vistos nas eleições dos EUA em 2016. (Guerra, 2021, p. 59).

---

<sup>17</sup> Novo Ensino Médio (NEM) é a nomenclatura dada às mudanças propostas pela Lei 13.415 de 16 de fevereiro de 2017.

Da mesma forma, no Brasil, a temática vem sendo discutida e se expandindo com pesquisas e produções acadêmicas, inclusive com trabalhos buscando compreender a relação estabelecida entre política e medievalidades, para além dos aportes que também suscitam interesse (como os já mencionados: literatura, cinema, jogos). Um desses estudos é o de Carlile Lanzieri Júnior (2019), que discute justamente a imagem construída em torno do ex-presidente Jair Bolsonaro representado como cavaleiro templário. O autor versa acerca dos usos políticos do passado medieval por parte de outros atores políticos em outras épocas: Adolf Hitler, líder da Alemanha nazista e Donald Trump, ex-presidente norte-americano.

O *neomedievalismo*, tal como proposto por Amy S. Kaufman (2010) e Lesley Coote (2010), é compreendido como uma representação do medievo na qual a preocupação recai sobre o consumo de elementos oriundos do próprio medievo, mas sem se apresentar como medieval. Nessa apropriação, a ênfase é deslocada da realidade histórica do período para as intenções e intencionalidades daqueles que a referenciam no presente. Em vista disso, optou-se pelo *neomedievalismo* por se tratar de um termo capaz de demonstrar que os elementos medievais, mobilizados pela extrema direita brasileira, estão sendo utilizados sem qualquer ligação com a Idade Média histórica, mas, sim, como elemento de difusão de estereótipos e visões de mundo que favorecem o deslocamento da realidade histórica (Altschul; Bertarelli; Amaral, 2021).

O Capítulo 3, *Conte-me mais sobre isso – Os caminhos da pesquisa*, foi dedicado à apresentação da pesquisa em um diálogo entre teoria, prática e proposições. Para tanto, inicialmente, foi feita uma caracterização do ambiente da pesquisa e traçado um perfil dos/as estudantes participantes (feito com a elaboração de um questionário em forma de Formulário *Google* e respondido pelos/as estudantes no início das atividades).

São expostos, também, os memes de internet que serão analisados e a metodologia de pesquisa, ancorada na proposta pesquisa-ação tal como sugerida por Michel Jean Marie Thiollent e Maria Madalena Colette (2014), por estar vinculada à ação/participação dos diversos sujeitos da pesquisa, proporcionando a troca de conhecimentos que resultará em ampliação e reformulação desses conhecimentos social e coletivamente produzidos.

Enquanto a pesquisa-ação é a metodologia que orienta e organiza a pesquisa, bem como a produção das fontes, a atuação em sala de aula, por sua vez, foi pensada e estruturada em conformidade com a proposta de aula oficina (Barca, 2004), aula histórica (Barca, 2012; 2018) e literacia histórica (Lee, 2006). Com essa visão de ensino de História, avança-se na concepção de que professores de História assumam o papel de mediador em um processo que vise ajudar os/as estudantes no processo de reconhecer e compreender a complexidade da interpretação e

da análise histórica, facilitando, dessa forma, o entendimento do lugar ocupado pela História em seu desenvolvimento pessoal e social.

O suporte teórico que perpassa todas as demais esferas e conceitos é o de consciência histórica (Rüsen, 2001), uma vez que se considera essencial, na formação histórica, que os/as estudantes orientem suas vivências em termos temporais e sejam capazes de expressá-las em forma de narrativas históricas. Em um mundo de mudanças rápidas, de disputas por narrativas do passado e do presente, é importante estabelecer relações entre seu presente e o passado de forma crítica, interiorizando conhecimentos que serão mobilizados para o agir na vida prática individual e coletiva.

Embasada, conceitualmente, nas ideias de Jörn Rüsen sobre consciência histórica (2001) e cultura histórica (2007), parte-se para a análise dos resultados da pesquisa problematizando a experiência em si e elencando possibilidades abertas pelo diálogo entre teoria e prática. Tais resultados são sistematizados em forma de quadros, tabelas e gráficos e articulados com a discussão teórica acerca da relação dos/as estudantes com o medievo e os memes de cavaleiros medievais.

Ao partir das experiências do presente dos estudantes e, ao mesmo tempo, remetê-los a um passado distante no tempo, articula-se métodos de análise mental típicos da ciência histórica, visando, dentro da perspectiva de Rüsen, contribuir para que os/as estudantes consigam dar sentido à sua experiência no tempo – individual e coletivamente.

No capítulo final, *Ancorando: uma pausa para as considerações finais*, são interconectadas as esferas pessoal, acadêmica e didática que estiveram presentes no desenvolvimento da pesquisa em uma reflexão sobre possibilidades e limites da educação histórica frente aos desafios do século XXI, sejam eles os desafios impostos pelo desenvolvimento tecnológico, as disputas por narrativas históricas em meios digitais, os usos políticos do passado, as mudanças advindas do NEM ou as relações – nem sempre amistosas – entre a academia e o chão da escola.

Como contribuição prática para um ensino de história medieval, apresenta-se a proposta de um guia de ação docente no qual é apresentada uma sequência didática, ancorada nos pressupostos da aula oficina e da aula histórica, objetivando contribuir para a construção de uma educação baseada na pesquisa, na reflexão e na ação crítica. O século XXI e os/as estudantes inseridos nesse contexto carecem, cada vez mais, de instrumentos capazes de fortalecer sua autonomia crítica para que naveguem no mar de informações e conhecimentos produzidos e que circulam no ambiente que vem ocupando cada vez mais seu tempo: o espaço virtual.

As oficinas foram sistematizadas na forma de um material didático e instrucional – uma proposta de ação docente – na versão *e-book*, que será encaminhado para a Secretaria Estadual de Educação e Cultura (SEDUC) do Tocantins, após a aprovação pela banca de defesa do programa e processo de editoração, como sugestão de utilização pelos professores de História das escolas estaduais. Visando permitir diversas oportunidades de acesso, o material será disponibilizado, posteriormente, também em plataformas de acesso aberto, em formato *Portable Document Format* (Formato Portátil de Documento) mais conhecido como PDF e *Electronic Publication* (Publicação Eletrônica), também conhecido como *ePub*<sup>18</sup>.

Ter acesso às práticas de outros profissionais da rede proporciona interação, ampliação de possibilidades, segurança e maior aproveitamento dos/as estudantes em relação à disciplina histórica. Nesse sentido, o trabalho proposto aqui visa ser um facilitador do processo, oferecendo uma análise crítica do uso dos memes que tratam os cavaleiros medievais durante as aulas de História, bem como propostas de aplicabilidade desse recurso. Busca-se, desse modo, contribuir para a melhoria da educação básica através de maior interação entre professores, pesquisadores, estudantes e o conhecimento histórico

---

<sup>18</sup> Para compreender a diferença e as possibilidades de cada formato, ver: <https://eadparavc.dted.ufma.br/?p=343>

## CAPÍTULO 1

### UM NOVO VELHO MUNDO: O ENSINO DE HISTÓRIA E O MUNDO CADA VEZ MAIS CONECTADO

*“Encha as pessoas com dados incombustíveis, entupa-as tanto com ‘fatos’ que elas se sintam empanturradas, mas absolutamente ‘brilhantes’ quanto a informações. Assim, elas imaginarão que estão pensando, terão uma sensação de movimento sem sair do lugar. E ficarão felizes, porque fatos dessa ordem não mudam.”*

Ray Bradbury – *Fahrenheit 451*

Em 1931, Aldous Huxley lançou o livro *Admirável Mundo Novo*, uma narrativa distópica que descreve um mundo futuro em que a sociedade está metódica e sistematicamente organizada em grupos bem definidos. Todos são condicionados através da genética e de ideologias que são incorporadas durante o sono e altas doses de *soma* (a droga da felicidade). Um mundo “perfeito” proporcionado pelo desenvolvimento tecnológico.

Em 1949, um outro autor apresentou sua visão distópica do futuro: George Orwell descreve, no livro *1984*, uma sociedade totalitária, controlada pelo Grande Irmão – que se faz presente em todas as casas através da “teletela”, um aparelho de televisão que não pode jamais ser desligado. Em *1984*, a ordem é mantida pela vigilância constante através da tecnologia, pela burocracia, manipulação e violência física. Linguagem, ideias, poder e tecnologia se mostram armas poderosas de controle e submissão.

Poucos anos depois, em 1953, Ray Bradbury publica *Fahrenheit 451*, o mundo distópico em que bombeiros queimam livros. A sociedade de *Fahrenheit 451* se aliena através de telas brilhantes, imagens holográficas, programas fúteis que passam na televisão e no rádio e que pedem a participação dos telespectadores. A tecnologia é utilizada para alienar e manter as pessoas longes dos livros, considerados fontes de infelicidade e de insatisfação.

Futuros distópicos como esses representam os medos e anseios da sociedade da época: em Huxley, a sociedade capitalista, industrial e tecnológica do “deus *Ford*” (que não por acaso recebe o sobrenome de Henry Ford); já Orwell e Bradbury abordam a sociedade pós-Segunda Guerra. Em comum, tais sociedades apresentam um mundo em que a tecnologia foi desenvolvida e passou a ser utilizada para controle, coesão e coerção social, seja através da vigilância do “Grande Irmão”, seleção genética, condicionamento e uso de drogas da Londres que Huxley imaginou ou da alienação proporcionada pelos programas de rádio e TV que

ocupavam as mentes das pessoas com ideias simples e a ilusão de participação, evitando o acesso aos livros – e ao conhecimento – a todo custo.

Em 2023, muitos desses medos e anseios voltam a ser tema de conversas, reportagens, postagens em redes sociais e debates nas universidades e nas escolas. Afinal, qual o papel do desenvolvimento tecnológico na vida das pessoas? Qual o papel dos governos, dos políticos diante desse desenvolvimento? Qual o lugar das escolas em um mundo em que o conhecimento e as informações estão nas palmas das mãos e colocados como equivalentes (e não o são)? E a disciplina de História, qual seu papel diante de tantas transformações?

O mundo virtual adentrou nossas experiências pessoais, coletivas, institucionais, misturando-se com as experiências antes restritas ao mundo físico, modificando a forma como nos relacionamos, como estudamos, como aprendemos, como nos expressamos. Ficar à margem dessas mudanças não pode ser uma opção para professores de História da Educação Básica. A cultura da virtualidade real, ou seja, esse universo virtual das multimídias, é capaz de misturar diferentes referências culturais e temporais constitutivas de um novo ambiente simbólico (Castells, 2011, p. 458) e marca a experiência social e política de jovens que ainda se perguntam, sentados em salas de aula de séculos passados, para que estudar História.

As questões econômicas, de infraestrutura, de pessoal capacitado, de acesso aos meios tecnológicos como computadores, *tablets* ou internet são verdadeiros desafios para educadores hoje em dia. Contudo, em um mundo marcado pela ampla gama de informações – e desinformações – na qual diversos atores disputam a autoridade sobre a produção de conhecimento, é importante que tentemos ser mais como Clarice e o Sr. Faber (personagens de *Fahrenheit 451*) que não se conformam com a realidade, ou mesmo como Winston Smith (1984) e Bernard Marx (*Admirável Mundo Novo*), que se rebelam contra a ordem das coisas.

Aos estudantes do século XXI, não deve ser suficiente que “imaginem que estão pensando”, nem sejam meras mercadorias no grande conglomerado das *Big Techs*<sup>19</sup> e, nesse sentido, fica claro o papel social da escola e dos estudos históricos. Ao proporcionar que tais estudantes reflitam criticamente sobre o ambiente que os cerca, sobre os produtos digitais que consomem – e como consomem – as aulas de História contribuirão para o desenvolvimento da consciência de ser no mundo em relação com suas experiências no tempo.

Neste capítulo, faz-se um breve histórico sobre o desenvolvimento da História como disciplina e suas transformações diante das exigências do século XXI, em especial no que diz

---

<sup>19</sup> Nome dado às grandes empresas do setor de tecnologia da informação, majoritariamente localizadas no Vale do Silício, EUA: *Alphabet* (Google), *Amazon*, *Apple*, *Meta* e *Microsoft* são os exemplos mais conhecidos.

respeito àquelas trazidas pela “Era Digital” (Barros, 2022) e pelas políticas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e Reforma do Ensino Médio (NEM). Inicia-se, também, a discussão sobre as relações entre os documentos norteadores do Ensino Médio, a realidade marcadamente “digital” que se impõe às escolas e às práticas educativas e uma das formas de linguagem utilizada pelos jovens nas redes sociais e em seu cotidiano: os memes de internet.

Tais discussões, apesar de generalizantes, têm como recorte um espaço geográfico específico, onde se desenvolveu a pesquisa, que é o Centro de Ensino Médio Tiradentes (CEM Tiradentes), que será apresentado a seguir. A partir de tal espaço é que se pensa a relação entre ensino de História, memes de cavaleiros medievais, ciberespaço, redes digitais e a extrema direita brasileira. Considera-se que, para estudantes do século XXI, se faz necessário, como defendido por Marcella Albaine F. da Costa (2021), que o ensino seja vivo e significativo, incorporando a lógica digital em suas atividades, utilizando a tecnologia como um meio e não como fim em si.

### **1.1 O ambiente de pesquisa: Centro de Ensino Médio Tiradentes (CEM Tiradentes) e seus estudantes**

Tratando-se de uma pesquisa em ensino de História, os olhares e questionamentos se voltam às questões teóricas, mas, também, à realidade concreta, ao “chão da escola”. Entende-se essa expressão o ambiente dinâmico no qual se desenvolvem relações e interações mediadas pelo ensino formal e intermediada por diversas formas de ensino informal, muitas vezes distante da rigidez dos documentos oficiais ou das produções acadêmicas.

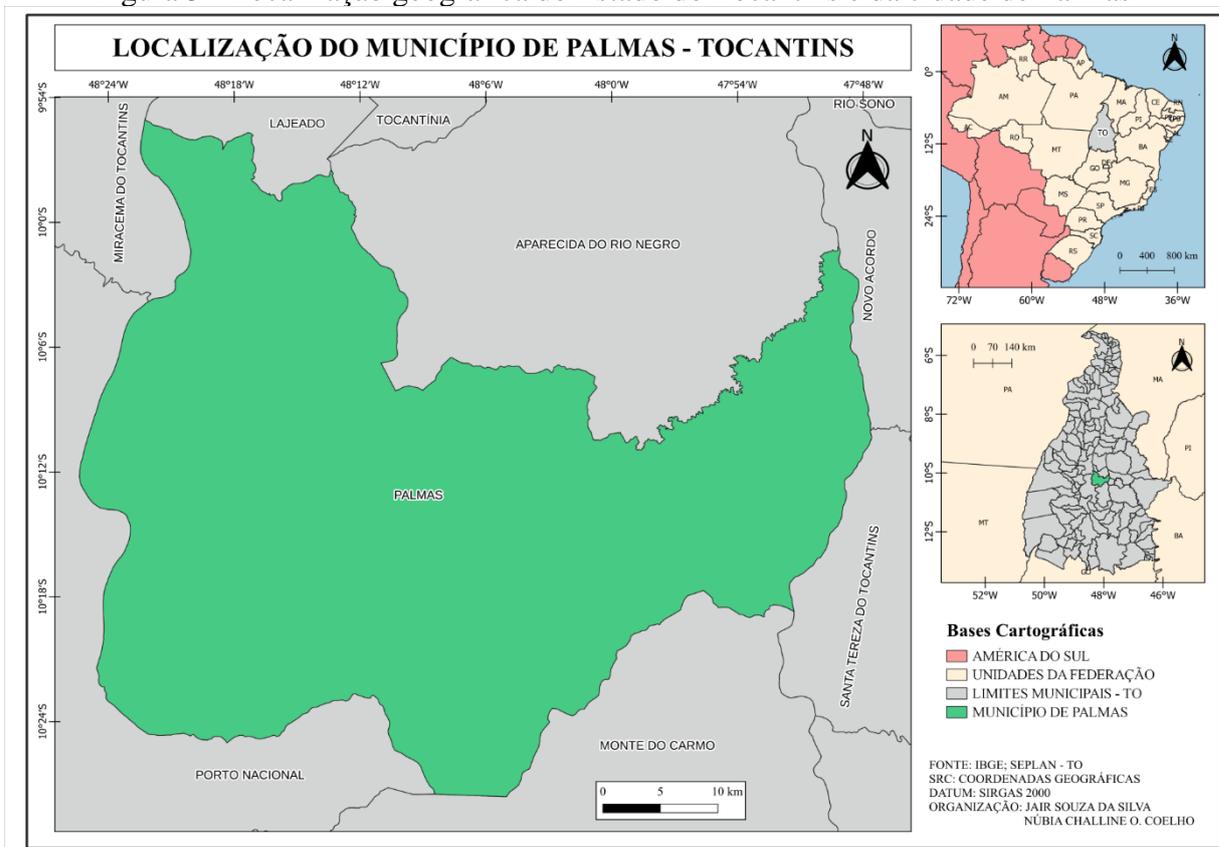
É no chão da escola que a sociedade se faz presente em sua diversidade de pensamentos, ações, representações e organizações. Desta forma, o ambiente é propício para investigações que tenham como objetivo compreender dinâmicas sociais, econômicas e políticas, em especial quando se objetiva analisar a interconexão entre o ambiente externo e as práticas escolares – no caso específico, as práticas relacionadas ao ensino de História. A escola que abriu as portas para esta pesquisa, o Centro de Ensino Médio Tiradentes (CEM Tiradentes), está localizada dentro do Plano Diretor da cidade de Palmas, no estado do Tocantins.

O Estado do Tocantins, criado em 1988, possui uma população estimada de 1.607.363 pessoas, distribuídas por uma área de 277.423,627 km<sup>2</sup> e com uma densidade demográfica de 4,98 hab./km<sup>2</sup> (IBGE, 2023). A maior parte da população tocaninense é jovem e vive na área urbana. Em termos de desenvolvimento econômico e social, o rendimento nominal mensal domiciliar per capita, em 2022, foi de R\$1.379, colocando-o na posição de 12º lugar em

comparação aos demais estados, e seu Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), em 2010, foi de 0,699, o que posiciona o estado na posição 14º em relação aos demais estados (IBGE, 2023).

A cidade de Palmas, demograficamente falando, não é muito diferente do perfil do Estado: população jovem, concentrada na zona urbana. Na parte econômica, os dados do IBGE apontam que, em 2020, o salário médio mensal dos trabalhadores formais era de 3,9 salários-mínimos, mas o percentual da população com rendimento nominal mensal per capita de até 1/2 salário-mínimo, em 2010, alcançava 30 % (IBGE, 2023).

Figura 3 - Localização geográfica do Estado do Tocantins e da cidade de Palmas



Fonte: IBGE/SEPLAN

O Estado e a cidade, como demonstrado, a despeito de não figurarem entre os estados e municípios mais ricos ou menos desiguais do país, podem ser considerados inseridos no grupo dos estados e municípios em desenvolvimento com uma população bem jovem. De acordo com o Atlas da Juventude:

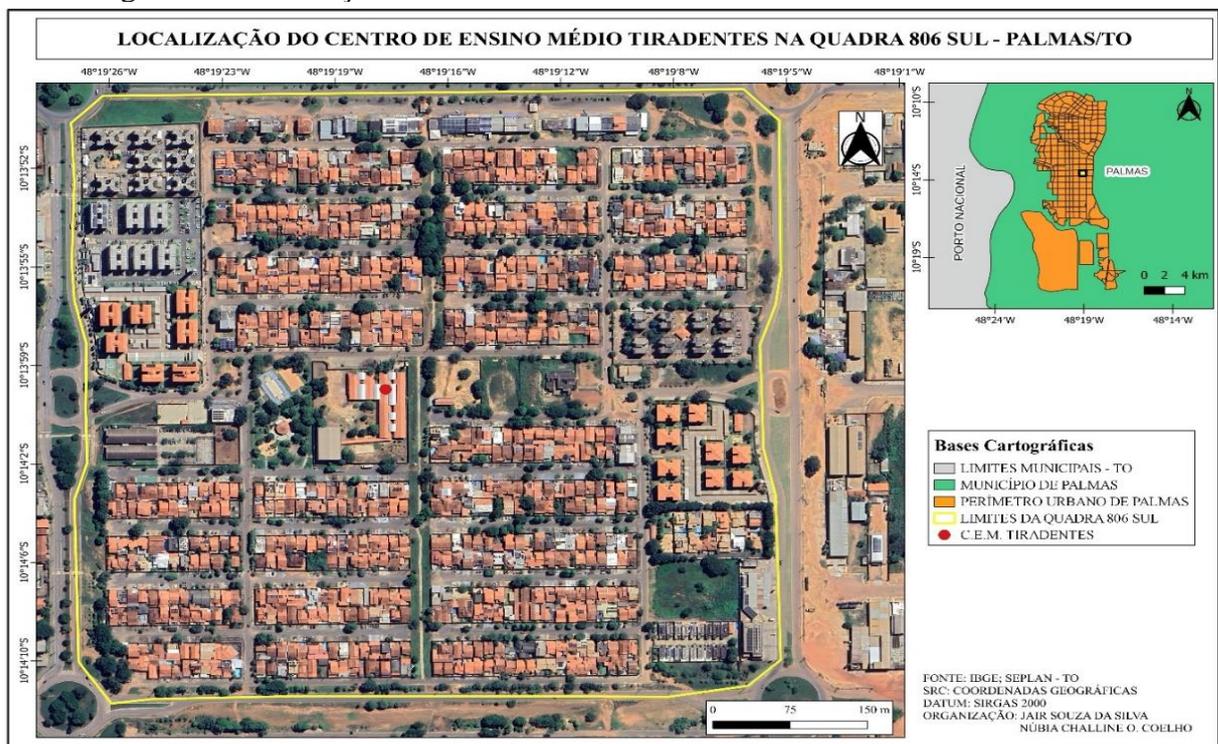
[...] a região Norte, em 2019, apresentava a maior concentração populacional nos grupos de idade mais jovens, com 43,0% da população da região com menos de 24 anos de idade. As regiões Norte e Nordeste apresentam um percentual de juventude

maior que a média brasileira [...] Palmas (TO) é a capital da juventude, cuja taxa supera a do país em 25% (Barão; Resegue; Leal, 2022, pp.16-17).

Para oferecer educação a essa população jovem, de acordo com os dados do IBGE de 2021, no Tocantins temos 68.479 matrículas no ensino médio, distribuídas em 347 escolas e contando com 4.863 docentes (IBGE, 2023). Parte dos docentes encontram-se em regime de contrato, sendo que há um edital de concurso em aberto para o preenchimento de 4.651 vagas em cargos de docência, o que nos permite inferir que há uma imensa defasagem de profissionais concursados, o que se reflete diretamente na dinâmica escolar.

O CEM Tiradentes foi criado através do Decreto de nº. 8.438, de 23 de julho de 1993, então denominado como Colégio Militar do Estado do Tocantins e, inicialmente, pensado para atender às demandas da Polícia Militar do Estado, com infraestrutura situada à Quadra 804 Sul, no Plano Diretor Sul da cidade de Palmas. Atualmente, já não está mais vinculado à Polícia Militar e situa-se na Quadra 806 Sul, oferecendo o Ensino Médio Regular – Portaria SEDUC-TO nº. 9.408, de 20 de novembro de 2001, sendo renovada nos anos 2007, 2011, 2016 e por último em 2022 pela Portaria SEDUC-TO nº 649, de 25 de abril de 2022, em vigência (Tocantins, 2023, p.8).

Figura 4 - Localização da escola dentro do Plano Diretor da cidade de Palmas



Fonte: IBGE/SEPLAN

Figura 5 - Vista da fachada da escola



Fonte: Acervo da pesquisadora. Foto tirada durante o desenvolvimento da pesquisa.

O CEM Tiradentes oferta o Ensino Médio Regular com aulas distribuídas nos turnos matutino, vespertino e noturno, totalizando 1.289 estudantes devidamente matriculados e distribuídos em 33 turmas, de acordo com o Projeto Político Pedagógico (PPP) da instituição. Ainda de acordo com o documento, as matrículas se concentram no turno matutino (575) e vespertino (525)<sup>20</sup>. As turmas comportam entre 40 e 43 estudantes, sendo que a maior está com 43 matriculados/as (turma de 2ª série do turno matutino) e a menor turma possui 29 matriculados/as (turma de 2ª série do turno vespertino).

Figura 6 - Vista do bloco principal



Fonte: Acervo da pesquisadora. Foto tirada durante o desenvolvimento da pesquisa.

---

<sup>20</sup> O documento faz a ressalva de que estes números podem mudar de acordo com novas matrículas e transferências que ocorrem ao longo de todo o ano.

O perfil dos/as estudantes é heterogêneo, com clivagem de turno (turno matutino com estudantes de classe média/média alta; turno vespertino com estudantes de classe média baixa/pobres e noturno com estudantes trabalhadores de classe média baixa/pobres). Tal diversidade se reflete na forma como os/as estudantes se relacionam com a escola e com o conhecimento, nas concepções de História e nos projetos futuros, transformando-se em um desafio a mais para a equipe pedagógica.

No que se refere à infraestrutura, a escola passa por reformas regulares e oferece um bom ambiente de estudos, especialmente se comparada às muitas escolas pelo Brasil. Ela segue a estrutura padrão de construção: dois pavilhões com salas de aula e demais dependências, com as portas voltadas para os corredores e janelas protegidas dos raios e luminosidade solar através de cobogós. De acordo com o Projeto Político Pedagógico de 2023:

A estrutura física da U.E é composta por 01 sala para biblioteca, 01 sala para laboratório de informática, 14 salas de aulas. A parte administrativa contém 01 sala de direção, 01 secretaria, 01 sala de professores, 01 sala para arquivo, 01 sala de coordenação financeira, 01 sala de coordenação pedagógica, 01 sala de orientação pedagógica, 01 sala reservada para guardar os recursos pedagógicos tecnológicos, 04 salas de depósito, 01 sala de almoxarifado, 02 banheiros para funcionários, 10 banheiros para alunos, sendo 04, para pessoas com necessidades especiais, 01 cozinha/ cantina, 01 pátio coberto, 01 quadra de esportes coberta, quadra de vôlei de areia e 01 área de passeio. (Tocantins, 2023, p. 13).

Além disso, a escola conta com ambientes climatizados, bebedouros e lavatórios para as mãos (com a pandemia de COVID-19, foram disponibilizados mais bebedouros e instalados outros lavatórios nas áreas comuns). Outra vantagem é a arborização, que já existia e foi mantida, e o plantio de novas árvores, fruto de projetos levados à cabo ao longo dos anos pela equipe da área de Ciências da Natureza e coordenados pela professora Juliana G. Kern, da área de Biologia.

Figura 7 - Vista da quadra de esportes coberta e da arborização



Fonte: Acervo da pesquisadora. Foto tirada durante o desenvolvimento da pesquisa.

A Unidade Escolar (U.E.) desenvolve muitos projetos, alguns deles premiados nacionalmente, participando efetivamente dos eventos esportivos e sempre trazendo medalhas. Oferece um lanche balanceado e farto, ocupa os canais de notícias de maneira positiva, encaminha jovens para estágios e participação no Jovem Aprendiz e tem tido resultados positivos nas avaliações nacionais e estaduais.

No quesito recursos humanos, a escola conta com 111 funcionários, dos quais 37 são professoras e professores. A maioria dos/as docentes são formados em suas áreas de atuação e efetivos. Contudo, por causa das modificações inseridas pelo Novo Ensino Médio, foi necessária a contratação de muitos docentes e a realocação de outros que precisaram sair de suas áreas de formação para assumir o Projeto de Vida, Eletivas e Trilhas. A escola conta, também, com professoras auxiliares para os/as estudantes que apresentam necessidades especiais.

Todas estas informações colocam o CEM Tiradentes dentro do quadro das melhores escolas de Ensino Médio de Palmas, mas não a blindam de sofrer algumas das mazelas típicas de escolas públicas. Pode-se citar, como exemplo, o alto número de estudantes por sala (algumas turmas do turno matutino possuem cerca de quarenta alunos), a falta de computadores para atender a todos/as os/as estudantes, a oscilação da internet – e a inexistência de uma internet *wi-fi* para os/as estudantes – as verbas que nem sempre chegam a tempo, as máquinas de cópias e demais equipamentos que precisam de reparos, mas não são reparados em tempo hábil, além da cobrança demasiada por resultados em exames externos e não por uma educação efetiva.

## **1.2 O ensino de História e o século XXI: uma sintonia ainda imperfeita**

O ensino de História, em toda sua amplitude e complexidade, exige de seus profissionais um aperfeiçoamento constante em relação à teoria e sua prática em si. Pensando dessa forma, urge compreender a mudança de sujeitos, objetos e conceitos que envolvem a produção histórica no Brasil e como isso vem se refletindo nas salas de aula. Em artigo de 1995, publicado no Brasil em 2001, o historiador francês Dominique Julia discute a cultura escolar, definida como:

Um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização. (Julia, 2001, p.11).

O autor ressalta, em sua definição de cultura escolar, a necessidade de interligar as normas que regem a educação, o papel desempenhado pelos profissionais na transmissão do conhecimento histórico e a finalidade dessas normas e práticas às relações – conflituosas ou não – da época em que estão inseridas.

Apesar de Julia não analisar os séculos XX e XXI, fica claro que, mesmo atualmente, não é possível refletir sobre o ensino de História sem considerar os modos de pensar e agir típicos do Brasil contemporâneo, entrelaçando-os às ações e acontecimentos do passado. Compreendendo disciplina escolar como um “conjunto de conhecimentos identificado por um título ou rubrica e dotado de organização própria para o estudo escolar, com finalidades específicas ao conteúdo de que se trata e formas próprias para sua apresentação” (Fonseca, 2016, p.15), somos levados a analisar as finalidades e as formas de apresentação da História como disciplina nos dias de hoje.

Antes de olharmos o presente, tracemos um resumo sobre a disciplina de História no Brasil. A organização da História como disciplina escolar remonta ao século XIX e está atrelada a uma concepção eurocêntrica de História e de ensino. Elza Nadai e Maria Auxiliadora Schmidt identificam a criação do Colégio Pedro II (1838), criado para ser o estabelecimento-padrão do ensino secundário no Brasil, como o início da História organizada como disciplina escolar, uma vez que o Colégio introduziu a História em seu currículo. A influência liberal francesa faz-se notar à medida que:

A história inicialmente estudada no país foi a História da Europa Ocidental, apresentada como a verdadeira História da Civilização. A História pátria surgia como seu apêndice, sem um corpo autônomo e ocupando papel extremamente secundário. Relegada aos anos finais dos ginásios, com número ínfimo de aulas, sem uma estrutura própria, consistia em um repositório de biografias de homens ilustres, de datas e de batalhas. (Nadai, 1993, p. 146).

Percebe-se, portanto, uma ênfase na periodização política, na biografia de homens ilustres e em datas e batalhas que irão marcar a organização e estruturação da História como disciplina no Brasil. Com o advento da República, pouco se modificou. Persistia o estudo de notáveis, especialmente os europeus, mas introduzindo os personagens notáveis locais, numa clara preocupação com a formação de um cidadão que estivesse em consonância com o sistema social, político e econômico que então se impunha.

Outra grande preocupação da República foi construir a imagem de seus próprios heróis nacionais, definindo aqueles merecedores de tal honraria e tratando de instituir festas cívicas e feriados, ou seja, criou-se uma ideia de nação livre e sem conflitos, que contou com a

contribuição de diversos povos (europeus, indígenas e africanos). Portanto, uma nação livre de violências, democrática e com um brilhante futuro pela frente (vide a bandeira com os dizeres: “Ordem e Progresso”). Nas palavras de Elza Nadai,

[...] o conceito de História que flui dos programas e dos currículos é assim, basicamente aquele que a identifica ao passado e, portanto, à realidade vivida, negando sua qualidade de representação do real, produzida, reelaborada, na maioria das vezes, anos, décadas ou séculos depois do acontecido. Essa forma de ensino; determinada desde sua origem como disciplina escolar, foi o espaço da história oficial na qual os únicos agentes visíveis do movimento social eram o Estado e as elites. (Nadai, 1993, p. 152)

Algumas mudanças significativas passaram a ser observadas a partir da década de 1920, associadas à Escola Nova e com críticas que trazem à tona a excessiva ênfase na História política e sua cronologia, a necessidade de analisar as sociedades contemporâneas, bem como uma visão do aluno que deve ser estimulado a investigar e a estruturar análises e críticas. Como salientado por Schmidt, a reforma de Francisco Campos, ainda em 1931, revela:

Uma tentativa de renovação metodológica do ensino, particularmente no que se refere às sugestões de procedimentos técnicos que o professor deveria utilizar para motivar o aluno, ressaltando e valorizando alguns aspectos, como a necessidade da relação dos conteúdos com o presente [...]. (Schmidt, 2012, p.81).

Esta ênfase no estudo histórico, relacionando passado e presente, irá permanecer e se alargar ao longo das décadas seguintes. Como apontado por Schmidt (2012) os anos 1950/1960 trazem consigo maior alcance da escola secundária, provocando a exposição de uma contradição: ensino voltado às elites, mas oferecido às camadas populares, que questionam a utilidade daqueles estudos. Há também, no campo dos estudos históricos, maior abertura à interdisciplinaridade e uma ênfase cada vez maior no caráter problematizador e interpretativo da ciência histórica.

Os anos 1970/1980 (período marcado pela experiência ditatorial) viram o retorno dos Estudos Sociais, que retira da História seu caráter de disciplina autônoma, ao mesmo tempo que reforça seu caráter de instrumento de veiculação e formação do espírito cívico. Entretanto, isso não ocorre de forma pacífica. Schmidt aponta que “a imposição dos Estudos Sociais foi acompanhada de um grande movimento de resistência e luta pela volta do ensino de História nas escolas brasileiras, configurando um novo momento na construção do código disciplinar da História” (Schmidt, 2012, p.86).

Já nos anos 1990, o campo foi marcado pela solidificação e ampliação de mudanças importantes na visão sobre o que, como e por que ensinar História. Em texto de 1993, Elza Nadai reconhecia que:

[...] diversas propostas de ensino e as práticas docentes têm ajudado a viabilizar outras concepções de História, mais comprometidas com a libertação e a emancipação do homem. E a História, a mais política das ciências sociais, tem ressurgido das cinzas (onde a ditadura pensou sepultá-la), tal qual Fênix, mais fortalecida do que nunca. (Nadai, 1993, p.160).

Essas novas concepções colocam o sujeito – no caso, o estudante – como ser humano dotado de autonomia e reforçam os laços que ligam o saber escolar ao saber acadêmico, colocando luz sobre novos temas, novas fontes e novas metodologias de estudo e ensino da História. Desta forma, o estudo dos heróis e das personalidades históricas convive com o estudo das pessoas comuns, possibilitando ao estudante reconhecer “o papel da História para ajudá-lo na compreensão de si, dos outros e do lugar que ocupamos na sociedade e no dever histórico” (Nadai, 1993, p. 159).

Tais perspectivas foram ampliadas, via participação social, e trouxeram consigo a aprovação de leis como as 10.639/03 e 11.645/08 que tornaram obrigatório o ensino de História da África e da cultura afro-brasileira bem como da história e cultura indígenas (Bittencourt, 2018, p.142). Para além da discussão curricular percebe-se também um alargamento nas concepções sobre como ensinar História, abrindo espaço para discussões importantes sobre patrimônio, memória, redes sociais.

No Brasil de 2022, a atenção se volta para a ação de um grupo político-ideológico que conseguiu impor mudanças significativas na estrutura escolar. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2017 provocou a redução da carga horária destinada ao ensino de História do Ensino Médio e o material didático disponibilizado diluiu as Ciências Humanas a uma espécie de “Estudos Sociais 2.0”<sup>21</sup>.

Esse grupo político-ideológico é aquele que se pode chamar de “extrema direita”. A ascensão da extrema direita no Brasil não é algo original e, sim, um movimento de assimilação, apropriação e ressignificação de algo que já vinha crescendo na Europa e nos EUA, mas que, ao mesmo tempo, mantém sua originalidade (Löwy, 2015, p. 662). Em terras brasileiras, a extrema direita se configura desde 2013 com o aumento crescente de pautas morais ligadas a

---

<sup>21</sup> Expressão cunhada por Elza Nadai, que visa demonstrar a retomada da ideia de Estudos Sociais, dos anos 1960/1970, com uma nova roupagem. A mudança, contudo, retira parte da autonomia da disciplina de História (agora chamada de “Componente Curricular”) e reduz sua carga horária semanal, marcando um verdadeiro retrocesso.

ideias ultraconservadoras (militarismo, intolerância com relação a minorias – em especial, sexuais – e religiosidade), de grupos, como o *Tradição, Família e Propriedade* (TFP), além da representação política de pessoas que defendem tais princípios (Morais, 2019, p.156).

Um dos reflexos do crescimento de tal grupo pode ser percebido na crescente ofensiva sobre os profissionais do ensino de História, com produções bibliográficas, vídeos de *Youtube* e outras produções que se estruturam sobre a ideia de: “seu professor de História mentiu pra você”<sup>22</sup>. Para exemplificar, pode-se mencionar os livros do jornalista paranaense Leandro Narloch (sendo o mais conhecido o *Guia politicamente incorreto da história do Brasil*, com primeira edição em 2009), os vídeos de Olavo de Carvalho e as produções de vídeos/documentários da empresa *Brasil Paralelo*. Sônia Meneses, em seu texto *Uma história ensinada para Homer Simpson: negacionismos e os usos abusivos do passado em tempos de pós-verdade* comenta que nesse ambiente virtual “estabelece-se um claro conflito entre autoridade e competência, saber acadêmico e opinião. Uma produção que é, ao mesmo tempo, narrativa histórica e produto midiático. O conceito de consumo assim se alarga e torna-se também um problema de cidadania para nossas sociedades” (Meneses, 2019, p.70).

Tais personagens parecem retomar as premissas dos idos 1800, que pensavam a História como algo restrito às elites e o ensino de História com o único objetivo de formar cidadãos obedientes, embasados em uma ideia equivocada de patriotismo que restringe o civismo a saber o Hino Nacional, respeitar as figuras políticas de autoridade, glorificar o passado colonial, não questionar as instituições de poder e que cultuem seus heróis. Mas quais seriam esses heróis?

O herói desse grupo costuma ser personificado em antigas figuras de relevo político do país, em especial os do Brasil Império, mas tem sido também encarnado no cavaleiro medieval, numa clara retomada da História europeia como mediadora e constituinte da identidade brasileira. Enxergam-se, no cavaleiro medieval, virtudes valorizadas pelos membros da extrema direita: honra, lealdade e fé cristã. Não se considera, contudo, a historicidade desses personagens, mas uma idealização construída por seus sucessores.

Tais apropriações são de diversos matizes, mas um em específico chama a atenção: a dos memes. O meme consiste, basicamente, em uma imagem acrescida de uma mensagem. Nas palavras de Juliana Xavier de Araújo:

Os memes não são somente reproduzidos, mas sim reelaborados de acordo com a situação e o contexto social vivido pelo sujeito. É um processo criativo de receber e dar sentido a essas formas contextualizando-as, ou seja, cada indivíduo utiliza o sentido do meme e o ressignifica continuamente em cada replicação a fim de

---

<sup>22</sup> Expressão muito utilizada principalmente nos vídeos de canais do *Youtube*.

compartilhar novos enunciados e adquirir um determinado capital social. (Araújo, 2012, p. 17).

Os memes são, portanto, facilmente produzidos, replicados, reproduzidos e encontram receptividade entre a comunidade jovem. Eles circulam em um ambiente específico: o “ciberespaço”, que, segundo Pierre Lévy, seria “[...] o universo oceânico de informação que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo (Lévy, 1999, p. 17).

O desenvolvimento técnico desse ambiente e sua ocupação pelos seres humanos proporcionou o desenvolvimento de uma forma de socialização diferente, que Lévy chamou de cibercultura, que, em suas palavras, seria “[...] um novo conjunto de técnicas (materiais e intelectuais); práticas, atitudes, modelos de pensamento e valores que se desenvolvem a partir da Internet”. (Lévy, 1999, p.17). Os memes de internet, na forma como são produzidos e socializados, são uma das muitas faces dessa cibercultura, em especial quando pensamos nas formas com as quais as juventudes se expressam e convivem.

Desta forma, a imagem do cavaleiro medieval em uma linguagem compreendida pela juventude – o meme – circula e pode alcançar muitos jovens. A imagem que geralmente aparece é do ex-presidente da república, Jair Bolsonaro, sendo representado como se estivesse em uma luta contra os infiéis, defendendo a honra e a fé cristã e constituindo a imagem perfeita que se gostaria de transmitir de um cidadão exemplar (na visão da extrema direita). Seu uso por grupos políticos demonstra a aproximação entre Estado e religião, justificando, assim, a violência como algo sagrado, uma vez que se estaria defendendo ideais nobres. Demonstrem, também, a ocupação do ciberespaço por tais grupos que o utilizam para transmitir sua ideologia e visão de mundo.

*Youtube*, memes, ciberespaço e cibercultura são termos que nos trazem para o século XXI, adentram os espaços escolares, fazem parte do cotidiano dos jovens – que já nasceram imersos no mundo marcado pelo desenvolvimento das tecnologias digitais – e se impõem aos profissionais que se viram forçados a tentar adentrar esse mundo por causa das limitações impostas pela pandemia de COVID-19<sup>23</sup>.

Para José D’Assunção Barros, vivenciamos a “Era Digital”, fruto da mais recente revolução vivenciada pelo gênero humano, que ele denominou “Revolução digital” (Barros, 2022, pp.11-12). A marca desta grande transformação é a sociedade digital, sociedade esta que já teve acesso a tecnologias digitais, mas não somente isso, foi modificada por elas em escala

---

<sup>23</sup> Para maiores informações acessar <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>

mundial. Tais modificações afetaram as diversas formas do ser humano *ser* no mundo, se relacionar com os outros e com as informações (Barros, 2022, p.32).

Quando pensamos os estudos históricos e o ensino de História, percebemos que uma das transformações operadas dentro desta revolução digital foi a maneira como nos relacionamos com o tempo e o espaço. A internet se transformou, ao longo de seu desenvolvimento, em um meio para se disponibilizar e acessar informações, ao mesmo tempo em que se tornou um dos principais ambientes de comunicação e interação social (Barros, 2022, p.34).

A escola, inserida nesse contexto, vem sentindo as mudanças impostas por esse novo mundo emergente de transformações cada vez mais profundas. Contudo, não tem conseguido efetivar as transformações necessárias para atender os novos sujeitos advindos da recente revolução humana. Seja por questões econômicas, estruturais (muitas escolas não possuem acesso a equipamentos e redes de internet) ou metodológicas, a escola tem se apresentado, muitas vezes, a alguns passos atrás no que se refere ao mundo digitalizado.

Em livro de 2011, intitulado *Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais*, John Palfrey e Urs Gasser analisam o contexto de surgimento desse sujeito, o nativo digital, apontando sugestões para lidar, de forma equilibrada, com as mudanças positivas e negativas impostas pela era digital. Apontando, de forma específica, o papel da escola, os autores ressaltam que:

Há uma tentação entre aqueles que adoram a tecnologia para promover mudanças radicais na maneira como ensinamos os alunos. É fácil tratar a tecnologia como fetiche. [...] A coisa mais importante que as escolas podem fazer não é usar mais tecnologia no currículo, mas usá-la de modo mais eficiente. [...] A tecnologia só deve ser aplicada em apoio à nossa pedagogia, não por si só. (Palfrey; Gasser, 2011, pp.276-277).

Trata-se, portanto, de superar a falsa dicotomia, que postula às tecnologias digitais ora o papel de vilã, ora de heroína. Ensinar História no mundo contemporâneo é reconhecer a materialidade das transformações ocorridas com o desenvolvimento das tecnologias digitais e o papel da escola e da disciplina História como possível, e necessária, ferramenta de reflexão crítica.

Assim como proposto por Rüsen (2010), aprender História é ir além da mera reconstrução de fatos passados. É desnaturalizar o mundo, os homens e suas produções, levantando questionamentos e elaborando respostas a partir da ampla gama de conhecimentos disponíveis e acessíveis por meios diversos, para, enfim, produzir sentido capaz de orientar a vida prática humana. De acordo com o autor,

Somente quando a História deixar de ser aprendida como a mera absorção de um bloco de conhecimentos positivos, e surgir diretamente da elaboração de respostas a perguntas que se façam ao acervo de conhecimentos acumulados, é que poderá ela ser apropriada produtivamente pelo aprendiz e se tornar fator de determinação cultural da vida prática humana. (Rüsen, 2010, p.44).

Tendo como base o horizonte apontado por Rüsen (2010) e retomando a discussão proposta por Julia (2001), cabe-nos refletir sobre qual a finalidade educativa do ensino de História diante de uma realidade marcada por negacionismos, releituras e usos e abusos da História por parte de um grupo político extremado. Tais grupos utilizam as redes sociais e falam diretamente para os adolescentes que, tal qual os alunos da década de 1980, ainda se perguntam qual a finalidade do estudo da História.

O caminho perpassaria, então, por várias possibilidades, dentre elas a ocupação as redes sociais tentando transformá-las em ambientes educativos, levar tais ambientes para o espaço escolar, problematizando e ressignificando suas produções. Contudo, nem todo professor de História é um *youtuber*, *tiktoker*<sup>24</sup> ou algo similar. Mas todo professor pode – e deve – estar atento às transformações do mundo ao seu redor e problematizá-las sem perder o compromisso com a teoria e o método, instrumentalizando os estudantes para que eles vivam o mundo das redes sociais com criticidade.

Diante de tais desafios, importa conhecer, também, os documentos norteadores da educação brasileira e como eles se colocam diante de tais transformações. Por isso, cabe uma breve discussão sobre como o “digital” é abordado no BNCC e as possibilidades – ou impossibilidades – apontadas pela Reforma do Ensino Médio (chamada de Novo Ensino Médio – NEM). As mudanças na organização curricular do Ensino Médio levantam questões importantes sobre o lugar ocupado pelas Humanidades, incluindo a relação com o digital, e sobre os objetivos de tais mudanças.

A elaboração de um currículo comum para o território nacional estava prevista no artigo 210 da Constituição Federal (1998), na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB) de 1996 e no Plano Nacional de Educação (PNE) de 2014, mas, somente em 2017, após acaloradas discussões, é que foi publicada a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Publicação essa que suscitou muitas críticas, em especial a falta de um debate aberto com setores diretamente envolvidos com a educação básica, entidades científicas e pesquisadores.

Sabe-se que a elaboração de um documento de tal magnitude é um processo político, que envolve relações de poder, visões de mundo e projetos de futuro. No que se refere à área

---

<sup>24</sup> Nome popular dado ao usuário do aplicativo *Tik Tok*.

de História – e mais especificamente o ensino de História – como já discutido no item anterior, a discussão sobre o que ensinar e como ensinar está entrelaçada ao contexto atual do país e conduzida segundo lógicas que refletem o grupo detentor do poder político e econômico.

No caso da BNCC, a discussão se efetivou a partir de 2014, em um período em que movimentos como o “Escola sem partido” começavam a ocupar espaço nas mídias tradicionais e nas redes sociais, em que a autoridade do docente como profissional começava a ser questionada por influenciadores do *Youtube*. Materiais didáticos e professores acusados de doutrinação ideológica. Sua aprovação, em 2017, deu-se dentro de um cenário de ascensão de conservadorismos e recuo em avanços democráticos.

O documento que ora norteia a organização educacional do país é organizado com base na ideia de competências gerais necessárias para garantir um nível comum de aprendizagens. Tal proposta demonstra muita homogeneização daquilo que se deve – e, de forma intrínseca, o que seria indispensável – aprender dentro de um território marcado pela heterogeneidade e desigualdade.

No que se refere às discussões sobre o “digital”, as competências<sup>25</sup> apontadas como básicas reconhecem a importância desse novo ambiente para a compreensão e ação dos/as jovens diante do mundo. A primeira competência é a valorização e utilização de “[...] conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.” (Brasil, 2017a, p. 09). Em outra, há a defesa do uso de diferentes linguagens, por parte dos/as estudantes, entre elas a digital, a fim de “[...] se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.” (Brasil, 2017a, p. 09).

Por fim, a competência 5 consiste em algo mais concreto, uma vez que chama os/as estudantes à ação, mediante a capacidade de:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (Brasil, 2017a, p. 09).

---

<sup>25</sup> Na BNCC, competência é definida como “a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho” (Brasil, 2017a, p. 8).

O termo “digital” aparece 23 vezes no documento, desde a apresentação das competências até as propostas de estruturação das áreas de conhecimento. O termo aparece sozinho na maioria das vezes, mas também atrelado a outras palavras transformando-o em uma expressão, como, por exemplo, “cultura digital”, “mundo digital”, “tecnologias digitais” e, massivamente, como uma forma de linguagem (na parte de Linguagens e suas tecnologias). Não há, entretanto, uma definição clara daquilo que o documento entende por digital, o que pode comprometer a instrumentalização desse meio em sala de aula<sup>26</sup>.

No campo das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, há, de início, um alerta para a capacidade de interferência das tecnologias digitais nas relações sociais, salientando que:

As tecnologias digitais apresentam apelos consumistas e simbólicos capazes de alterar suas formas de leitura de mundo, práticas de convívio, comunicação, participação política e produção de conhecimento, interferindo efetivamente no conjunto das relações sociais. Diante desse cenário, é necessário oportunizar o uso e a análise crítica das novas tecnologias, explorando suas potencialidades e evidenciando seus limites na configuração do mundo atual. (Brasil, 2017a, p. 09).

Ou seja, o texto da BNCC reconhece o ambiente digital como importante para a formação do indivíduo, sendo que o conhecimento produzido e compartilhado ali é visto como legítimo, mas carente de olhar crítico e mediado por outros atores sociais – no caso, professores e equipe escolar. Para tanto, o mesmo texto aponta a necessidade de, ao construir currículos, buscar:

[...] contextualizar os conteúdos dos componentes curriculares, identificando estratégias para apresentá-los, representá-los, exemplificá-los, conectá-los e torná-los significativos, com base na realidade do lugar e do tempo nos quais as aprendizagens estão situadas [...] conceber e pôr em prática situações e procedimentos para motivar e engajar os alunos nas aprendizagens [...] selecionar, produzir, aplicar e avaliar recursos didáticos e tecnológicos para apoiar o processo de ensinar e aprender. (Brasil, 2017a, pp.16-17).

Percebe-se que o documento está atento às mudanças ocorridas nas formas de se relacionar, se expressar e se informar típicas do século XXI. O documento aponta a necessidade de fazer os currículos dialogarem com o mundo atual, a fim de tornar o conhecimento significativo e compreender a linguagem digital. De fato, é uma habilidade essencial ao cidadão do século XXI.

---

<sup>26</sup> A competência específica 7 da área de Linguagens e suas tecnologias se refere diretamente às Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC's) enfatizando que “[...] os jovens precisam ter uma visão crítica, ética e estética, e não somente técnica das TDIC e de seus usos, para selecionar, filtrar, compreender e produzir criticamente sentidos em quaisquer campos da vida social” (Brasil, 2017a, p.489).

Contudo, quando se analisa a Reforma do Ensino Médio (e a BNCC é a base das mudanças propostas por esta reforma) percebe-se que a operacionalização das mudanças esbarra em dificuldades práticas da educação brasileira. Como o foco aqui não é uma discussão intensa acerca da BNCC nem do Novo Ensino Médio (NEM), destaca-se a precariedade das escolas em termos de infraestrutura, recursos humanos e recursos econômicos para se efetivar uma educação que tenha o “digital” como um dos pontos fortes.

A extensão gradual da jornada escolar (de 800 horas/ano para 1.400 horas/ano) convive com a diluição das disciplinas tal qual as conhecemos em organizações disciplinares como projetos, na forma de Itinerários Formativos. De acordo com o artigo 4º, são “[...] organizados por meio da oferta de diferentes arranjos curriculares, conforme a relevância para o contexto local e a possibilidade dos Sistemas de Ensino” (Brasil, 2017b). Em nome da flexibilização curricular, as possibilidades de uma formação geral mais ampla e aprofundada são reduzidas, uma vez que os Itinerários não possuem continuidade nem organização comum<sup>27</sup>.

Tal situação é agravada pela falta de capacitação dos profissionais, pelas limitações orçamentárias de estados e municípios, pela diversidade geográfica e socioeconômica que impera em nosso país. Durante as discussões sobre a implementação do NEM, era garantido que professores e unidades escolares teriam autonomia para estruturar e ofertar os itinerários, mas a realidade se impôs e limitou bastante a oferta deles.

Por fim, ressalta-se a ênfase em uma educação voltada ao mercado de trabalho, limitadora das áreas de Ciências Humanas e com material didático que se assemelha aos manuais de Educação Moral e Cívica, Organização Social e Política Brasileira das décadas de 1960 e 1970 (não coincidentemente, um período ditatorial).

### **1.3 Ensino de História na Era Digital: possibilidades e desafios**

Com a BNCC e o NEM, a quantidade de aulas semanais de História foi reduzida a uma aula semanal, em todas as séries. A diminuição ocorreu uma vez que a jornada de aula continuou de 4h/dia, mas com a necessidade de inserir a carga horária de Itinerários Formativos<sup>28</sup>. Diante do pouco espaço destinado à disciplina de História, dos desafios impostos pelas transformações da Era digital, da disputa pela autoridade sobre o ensino de História, discutem-se as

---

<sup>27</sup> Um/a estudante que se mudar de Estado, ou mesmo de escola, poderá não encontrar o Itinerário que cursava na escola anterior, por exemplo.

<sup>28</sup> Ressalte-se que a BNCC para o Ensino Fundamental propõe organização diferente – o foco do trabalho é o Ensino Médio no Estado do Tocantins.

possibilidades e desafios que rondam professoras e professores de História que adentram as salas de aula da segunda década do século XXI.

A História sempre esteve presente na vida das pessoas em formatos que extrapolavam as salas de aula. Muitas pessoas conhecem fatos históricos através de filmes, documentários, quadrinhos, romances, jogos etc. Não se trata aqui de desvalorizar os conhecimentos adquiridos por meios outros que não os formais, mas demonstrar que sempre houve a convivência de maneiras oficiais e alternativas de adquirir conhecimento histórico.

A Idade Média, por exemplo, talvez seja conhecida por muitos mais pela literatura, filmes e jogos que por livros didáticos ou acadêmicos. As universidades têm se ocupado em desenvolver grupos de estudo e pesquisa referentes às diversas formas de se aprender História, o que demonstra que há uma preocupação em tornar tais aprendizados mais significativos e amparados pela ética do ofício.

Parte de tal preocupação está relacionada à ideia de que é importante compreender a realidade na qual estudantes estão inseridos e se apropriar de meios e metodologias que possam tornar o aprendizado histórico mais próximo da realidade dos/as estudantes. Tratando-se do século XXI, tais discussões acabam perpassando o espaço virtual uma vez que, como já foi dito, os/as jovens do século XXI são nativos digitais, nasceram em um ambiente na qual as tecnologias já se faziam presentes e acessíveis e, portanto, desenvolveram habilidades na área.

Pensar em práticas educativas diferenciadas, que estimulem o interesse do/a estudante, é uma exigência quase intrínseca ao fazer docente. Professoras e professores de todo o país vivem em busca de novas metodologias, novos assuntos, capazes de tornar o conhecimento histórico significativo. Marcella Albaine F. da Costa defende que o ensino de História deve ser “vivo”, ou seja, um ensino capaz de ir além de operações mecânicas e repetitivas, que “[...] toca os estudantes não apenas na esfera intelectual, mas também os atinge na esfera axiológica, valorativa, colocando-os como protagonistas na luta por melhores condições de existência e, conseqüentemente, de estudo, ressignificando a relação que estabelecem com o conhecimento.” (Costa, 2021, p.20).

Ressignificar a relação com o conhecimento, quando pensamos o século XXI, é, também, compreender as mudanças ocorridas com rapidez nos últimos anos, apoderando-se dos diversos meios de se informar, de obter conhecimento, mas utilizando o pensamento crítico e elencando valores que prezem pelo bem-estar comum.

Para tanto, o “digital” é pensado para além da materialidade das tecnologias, compreendido não como um fim em si, mas como um meio. Não basta às escolas, professores

e estudantes terem computadores, *tablets* e acesso à internet se não se apropriarem daquilo que Costa chama de “lógica digital” (Costa, 2021, p.21). Para a autora a lógica digital seria uma forma de organização de ideias, pensamentos, formas de se relacionar e ser no mundo marcados pela não linearidade, hipertextos, *links* e ubiquidade característicos do mundo digital, mas não restritos a ele.

Estamos vivenciando aquilo que Barros (2022) chamou de “Era Digital”, uma realidade marcada pela multimodalidade, interatividade, número crescente de usuários e na qual os ambientes de sociabilidade, que antes eram físicos, tornaram-se, também, virtuais. A sociedade advinda desta “Era” também é digital. Nela:

[...] o mundo virtual percorrido pelo internauta pode ser um mundo à parte: uma outra realidade na qual o usuário se reinventa. Ou o usuário pode ligar os dois mundos – o virtual e o real –, fazendo do primeiro uma extensão do segundo e daquele se valendo para ampliar as suas relações pessoais na realidade vivida. (Barros, 2022, p.46).

Parece adequado afirmar que, diante da perspectiva de Barros, professoras e professores possam ser os agentes mediadores desses dois mundos no que se refere, como o caso deste trabalho, a temas inseridos no contexto do conhecimento histórico. A mediação pode se efetivar tanto na prática pedagógica em si, auxiliando estudantes a se munirem das ferramentas práticas e metodológicas para vivenciar a experiência digital, quanto atuando de dentro da esfera digital.

Para tanto, faz-se necessário que a formação dos profissionais seja repensada (tanto a formação inicial quanto a continuada), que materiais de apoio sejam desenvolvidos, publicados e distribuídos, que equipamentos de mediação como notebooks, *tablets* e computadores sejam disponibilizados para docentes – e estudantes, sempre que possível – e que professoras e professores continuem fazendo o que sempre fizeram: buscar, por meios e caminhos próprios, se apropriar das transformações que adentram os espaços escolares. Uma das transformações é a atuação “dentro” do digital através das redes sociais, não com um perfil pessoal, mas como profissional.

A pandemia de COVID-19 obrigou as escolas a migrarem para plataformas virtuais, utilizar tecnologias de comunicação e produzir conteúdo, o que impôs desafios e dificuldades aos profissionais da educação. Muitos deles são migrantes digitais, ou seja, precisaram aprender a viver em um mundo cada vez mais mediado pelas tecnologias digitais e sentiram dificuldade em se apropriar das novas ferramentas. Outros profissionais já ocupavam tais espaços, manejavam bem as ferramentas típicas da área, como a internet, programas de produção e edição de vídeos, plataformas de ensino virtual, redes sociais, dentre tantas outras.

De uma forma ou de outra, houve o contato com um mundo que já era ocupado por sujeitos outros que tratavam dos mais variados assuntos, dentre eles os históricos. Esses sujeitos são os *influencers*, *youtubers*, personagens típicos das redes sociais que as utilizam para os mais variados fins (entretenimento, ensino, política, comércio etc.). Desse contato, emergiu a necessidade de discuti-lo, fazer parte dele, problematizá-lo de forma especial em sala de aula.

Na esfera das discussões sobre História Pública, Marta Rovai chama atenção para o fato de que:

Observamos, cada vez mais, a apropriação social de novas tecnologias a partir de opções individualizadas sobre o que ver e ouvir, e também sobre o narrar histórico. Fronteiras narrativas foram rompidas há tempos, assim como a circulação mais veloz de informações tem facilitado e também confundido a produção e o acesso ao conhecimento histórico, transformando os sujeitos em espectadores, clientes, produtores e consumidores de “produtos históricos”. As ondas e as redes de comunicação que promovem os usos do passado nunca foram tão dinâmicas e passam a concorrer com o tempo mais lento e necessário do historiador, tirando dele certa exclusividade sobre o fazer historiográfico. (Rovai, 2020, p. 131).

Rovai salienta pontos já observados por professores de História ao longo dos últimos anos. Primeiro, a disseminação de uma concepção de conhecimento baseada na escolha individual, que favorece determinados vieses e limita diálogos importantes ao pensamento histórico. Estudantes se relacionam com conhecimentos produzidos para serem consumidos, em uma posição de espectadores que, de forma alguma, se coaduna com uma proposta de ensino preocupada com a formação de cidadãos críticos e ativos.

A quantidade de informações e a rapidez com a qual são produzidas, replicadas e transmitidas muitas vezes traz a ilusão de qualidade, diversidade e pluralidade. Contudo, em tempos de *fake News*, negacionismo, revisionismos e maus usos do passado, profissionais da área de História (seja em pesquisa ou qualquer nível de ensino) conseguem perceber as armadilhas de uma visão idealizada dos espaços digitais, além de serem capazes de identificar possibilidades e limites.

O interesse de pesquisadores em temas que relacionam a cultura digital e o ensino de História já é objeto de pesquisa em diversos níveis (mestrado, doutorado, pós-doutorado)<sup>29</sup>. Em uma dessas pesquisas, Odir Fontoura (2022) se dedicou a analisar a forma e o conteúdo de inúmeros vídeos do *Youtube*, visando demonstrar como a História era apresentada nesse espaço – um dos mais populares da internet.

---

<sup>29</sup> Costa (2021), no capítulo 2, faz um levantamento das produções que abarcam a temática de cultura digital apresentados em eventos acadêmicos, dissertações do ProfHistória, grupos ou linhas de pesquisa.

Em seu estudo, Fontoura analisou oitenta vídeos que figuravam entre os de temática histórica com maior visualização, catalogados em dois grupos: o primeiro, englobando aqueles que procuravam manter uma narrativa mais acadêmica e científica (que iam de temas da cultura *pop*, passando por canais e vídeos de professores, até canais institucionais); o segundo tem em seu escopo vídeos e canais que questionam a legitimidade da História tal como professores e academia ensinam, colocando-se como a alternativa viável para demonstrar a “verdadeira” história (são vídeos e canais com conteúdo bíblico ou religioso, que tratam de temáticas pouco conhecidas ou se apresentam como “temas e fatos que professores esconderam de você”).

Como conclusão de sua análise (após a revisão feita em 2021, com dados atualizados em relação à pesquisa de 2018-2019), Odir aponta que a afirmação da História como campo de conhecimento deve ocorrer também no *Youtube*, uma vez que:

[...] nessa plataforma conseguimos identificar, de forma constante, pelo menos dois movimentos que questionam o estatuto da história profissional: em alguns casos o passado tem sido abordado de forma simplificada, caricata e eventualmente a partir de fatos cuidadosamente selecionados. Em outros, a escola e os professores têm sido considerados como irrelevantes, e quando não, inimigos. (Fontoura, 2022, p.178).

Percebe-se, através da análise, a presença de temas históricos no *Youtube*, assim como de discussões acerca destes temas em outros ambientes virtuais a exemplo da *Wikipédia* (Piantá; Terres, 2022), *podcasts*, *webquest*, *Instagram*, *WhatsApp* (Porto; Oliveira; Chagas, 2017). Uma breve pesquisa no *site* do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória), feita em março de 2022, aponta que o interesse em pesquisas nesse campo se repete dentro do programa

Tabela 1 - Produções do ProfHistória e ambientes virtuais (2016-2022)

<b>Temática</b>	<b>Quantidade</b>
<i>Youtube</i>	19
<i>Wikipédia</i>	1
<i>Podcast</i>	9
<i>Webquest</i>	3
<i>Instagram</i>	5
<i>Facebook</i>	7
<i>WhatsApp</i>	3
<i>Games</i>	18

Fonte: Elaboração própria com dados do portal do ProfHistória<sup>30</sup>

<sup>30</sup> Produção da autora com base em dados do Portal do ProfHistória. Ver em: <https://www.profhistoria.com.br/>

Ao longo dos anos, a presença constante dessa temática em produções dentro do programa demonstra que o ciberespaço é também um ambiente que pode ser analisado como fonte histórica, bem como um meio pelo qual estudantes aprendem História. A interconexão entre pessoas, computadores ou *smartphones* é uma das marcas da comunicação e interação típicas desse novo espaço e, sabemos agora, uma marca da geração que ocupa os assentos das escolas de ensino médio.

Diante de uma realidade que possibilita o acesso a milhares de conteúdos de forma rápida e fácil e na qual se percebe a facilidade de desinformar, distorcer e deformar fatos históricos, historiadores e professores/as de História se vêem diante de uma gama de possibilidades e perigos.

Barros, ao apontar a riqueza de possibilidades abertas nessa sociedade digital, ressalta, dentre as “armadilhas e perigos”, a grande circulação de discursos de ódio, alienação política e retrocessos na justiça social (Barros, 2022, p.90). A utilização de memes de internet por parte da extrema direita no Brasil parece funcionar, justamente, como uma forma de utilizar personagens e tempos históricos para reafirmar e direcionar posicionamentos políticos.

Sendo assim, é importante que o/a historiador e o/a professor/a de História trabalhem para “[...] instrumentalizar o cidadão comum (no caso específico dos/as professores/as, o cidadão comum seria os/as estudantes) com uma maior, a cada vez mais necessária, capacidade crítica” (Barros, 2022, p.90). Apontando, discutindo, problematizando novos documentos, a exemplo dos memes de internet, tem-se a possibilidade de desenvolver, junto aos/às estudantes, sua capacidade crítica e sua consciência histórica.

#### **1.4 Os memes de internet e o ensino de História**

O uso do termo “meme” tem sua origem ainda na década de 1970, em livro do biólogo Richard Dawkins, *O homem e a ciência: o gene egoísta*, publicado no Brasil em 1979 pela editora Itatiaia. Em sua proposta, Dawkins procura, por meio de termos e analogias biológicas, compreender a cultura. Desta forma, o meme se assemelha ao gene uma vez que é capaz de transmitir aspectos culturais, posto que os genes transmitem informações biológicas. A ênfase recai, portanto, na capacidade replicadora dos memes, que seriam unidades de cultura repassadas entre as pessoas de forma não genética.

Viktor Chagas (2020) ressalta que, apesar do conceito de meme ser anterior à internet, ligado à biologia, diversos estudos sobre o assunto abrangem áreas do conhecimento também diversas, perpassando a Filosofia, a Comunicação, a Política, a Educação, dentre outras.

Entretanto, para os jovens do século XXI, o termo acabou por se associar a algo distinto, que se tornou popular no ambiente de redes sociais e se tornaram conhecidos por “memes de internet”.

Nas palavras de Michele Knobel e Colin Lankshear “entre os *insiders* da internet, meme é um termo popular para descrever a rápida consolidação e disseminação de uma ideia particular, apresentada como um texto escrito, imagem, ‘movimento’ de linguagem ou alguma outra unidade de ‘material’ cultural” (Knobel, Lankshear, 2020, p.82).

Reforça-se, dessa forma, que o termo é conhecido fora do ambiente acadêmico e das pesquisas sobre memética<sup>31</sup> por pessoas comuns, utilizando seus computadores e celulares para navegar pela internet. De fato, desde muito cedo, temos a circulação de conteúdos miméticos na internet, a exemplo do *site* agregador de conteúdos virais *Memepool*, em 1998, e o *web-fórum 4chan*<sup>32</sup>, lançado em 2003, que foi palco de popularização dos *LoLcats* (memes compostos pela imagem de gatos com frases em inglês, intencionalmente grafadas incorretamente, provocando comicidade para quem vê).

Em linhas gerais, o meme de internet consiste, basicamente, em uma imagem, texto, vídeo ou uma mistura desses elementos que porte uma mensagem, que é apresentada de forma direta por frases ou expressões curtas, ou indireta, através da compreensão da relação entre imagem, texto e contexto. Mas Limor Shifman aprofunda a reflexão ao afirmar que:

Enquanto memes são aparentemente artefatos triviais e mundanos, eles, na realidade, refletem estruturas sociais e culturais profundas. Em muitos sentidos, memes de internet podem ser tratados como um folclore (pós-) moderno, em que normas e valores compartilhados são construídos através de artefatos culturais como imagens photoshopadas ou lendas urbanas. (Shifman, 2020, p. 74-75).

Percebe-se, portanto, que os memes de internet podem ser compreendidos também em sua dimensão cultural e simbólica, como representantes de ideias ou valores de um grupo, não estando restritos ao ambiente da “zueira”. Desta forma, o contexto em que estão inseridos é crucial para sua compreensão por parte daqueles entre os quais circula e para a análise mais aprofundada.

---

<sup>31</sup> Relacionado ao mimetismo, que vem a ser a “Semelhança que tomam certos seres vivos, seja com o meio no qual habitam, seja com outras espécies mais protegidas com as quais ou à custa das quais eles vivem: o mimetismo é frequente nas borboletas. (O mimetismo com o meio tem o nome de homocromia.). [Figurado] Reprodução maquinal de gestos e de atitudes. Imitação.” (Dicio, 2023)

<sup>32</sup> Ver: CHEN, Carl. **The creation and meaning of internet memes in 4chan**: Popular internet culture in the age of online digital reproduction. New Haven: Institutions Habitus Spring, 2012.

Figura 8 - Exemplos de memes de internet nas primeiras décadas dos anos 2010



Fonte: Elaboração da autora com memes de acervo pessoal

Os exemplos apresentados acima são memes que circularam bastante nos anos 2010 em redes sociais da internet. Apesar de existirem memes antes do desenvolvimento da internet, é com o desenvolvimento e popularização da mesma que tais artefatos culturais ganharam amplitude, alcançando diversas plataformas e indivíduos. Como defendido por Manuel Castells, a difusão da internet, a vivência através das redes sociais e a escolha por se instruir também pelas redes sociais provocam uma “cultura da virtualidade real”, ou seja, houve a transformação do sistema de comunicação na qual:

A própria realidade (ou seja, a experiência simbólica/material das pessoas) é inteiramente captada, totalmente imersa em uma composição de imagens virtuais no mundo do faz-de-conta, no qual as aparências não apenas se encontram na tela comunicadora da experiência, mas se transformam na experiência. (Castells, 2011, p. 459).

De forma semelhante, Pierre Lévy chama atenção para o ambiente que ele denominou ciberespaço e sua cultura típica, a cibercultura e os impactos desses ambientes na forma como as pessoas se relacionam entre si e com as informações. Lévy alerta que as “[...] técnicas criam novas condições e possibilitam ocasiões inesperadas para o desenvolvimento das pessoas e das sociedades, mas que elas não determinam automaticamente nem as trevas nem a iluminação para o futuro humano” (Lévy, 1999, p. 17).

Após transcorrerem 22 anos, o alerta de Lévy permanece atual. Mais do que outrora, sabemos que o simples acesso à internet, por exemplo, não significa acesso àquela pequena fatia de conhecimento produzido pela humanidade disponibilizada digitalmente, que muitas informações podem desinformar e que se torna essencial conhecer os impactos gerados pelo ciberespaço e pela cibercultura para melhor aproveitá-los.

Desta forma, há a possibilidade de se apropriar do digital (suas ferramentas, suas estruturas, suas linguagens) de modo a ir “[...] além do eventual modismo das novas tecnologias ou do caráter supostamente lúdico e atrativo com que se apresentam” (Caimi, 2014, p.174).

É dentro desse mar de transformações, em suas possibilidades, limites e desafios que os memes surgem como um recurso de comunicação e encontra lugar no ambiente educacional, em termos pedagógicos e didáticos. Para utilizá-los de forma mais efetiva, é preciso conhecer o meio no qual surgiu, é produzido e onde circula. Compreendê-los para além da comicidade ou da ironia e se atentar para suas especificidades é essencial para professores/as que decidem por utilizá-los como um recurso didático-metodológico.

Ressalte-se, aqui, algumas de suas principais características, a fim de conceituá-los melhor. Letícia Costa Silva lista algumas das principais características dos memes de internet, compreendidos por ela como um gênero de discurso. São elas: “intertextualidade entre as peças, bem como sua constante autorreferência; a autoria difusa; o uso de humor derrisório ou irônico; a reapropriação e a grande reprodução dos conteúdos; e sua capacidade de gerar grupos de identificação” (Silva, 2022, p.29). Apresentemos um dos memes de cavaleiros medievais trabalhados durante a pesquisa para detalhar tais características:

Figura 9 - Meme de cavaleiro medieval utilizado pela extrema direita brasileira



Fonte: Twitter, 2020.

Para compreender o meme utilizado como exemplo, é preciso analisar os diversos elementos que o compõem (separadamente e em conjunto). O grau de intertextualidade é grande: um cavaleiro templário que só será reconhecido se já se conhece o traje típico, a bandeira do Brasil imperial, o ex-presidente da República do Brasil, Jair Bolsonaro, e um antigo político brasileiro, Enéas Carneiro, transvestido de papa. Ao fundo, mais uma referência ao medievo, com uma construção que se assemelha ao Templo Sagrado de Jerusalém, objeto de devoção e lutas em torno da religiosidade. Complementando a mensagem, um pequeno texto convocando os “soldados” para a “luta”.

O contexto em que esse meme foi produzido e o período em que circulou o tornam compreensível para um determinado grupo (no caso específico, os apoiadores do ex-presidente). Como defende Chagas “[...] a explicação contextual é sempre fundamental, porque é ela que permite a emergência da memória social construída em torno dos fatos e acontecimentos, dos personagens e das situações do dia a dia” (Chagas, 2021, p. 83). Ou seja, além de uma mensagem, o meme gera grupos de identificação – as pessoas que comungam das mesmas ideias se reconhecem e estabelecem laços de sociabilidade em torno da compreensão de determinados artefatos culturais.

Esse mesmo meme pode ser reproduzido e modificado diversas vezes, tornando difícil constatar a autoria deles. Há alguns produtores de memes que utilizam marcas d’água e outros tipos de assinatura, mas, em se tratando de reapropriação e reprodução de conteúdo alheio, a autoria se assemelha mais a uma autoria difusa. Trata-se de uma grande questão posta aos historiadores quando tratam os memes como fontes de pesquisa, mas deixaremos esta discussão para outro trabalho. A presença de memes de cavaleiros medievais, associados ao ex-presidente da República, circulando em diversas redes sociais revelam o que Débora Andrade aponta a respeito da ação da extrema direita na atualidade. Para a autora:

Ativistas de extrema direita ganharam destaque, em primeiro lugar, pelo uso pioneiro que fizeram do ciberespaço constituindo mesmo uma rede virtual de extrema direita na América Latina, como forma de ampliar seu discurso de ódio e ampliar a audiência sem custos, adquirindo uma visibilidade de que não desfrutavam fora do ambiente virtual. (Andrade, 2022, p.227).

O uso político das redes sociais é também uma realidade recente, especialmente quando pensamos em termos de dois exemplos antagônicos: seu uso para organização de manifestações contra governos autoritários, como na Primavera Árabe; para manifestações políticas, como nas Jornadas de Junho, ao mesmo tempo que governos autoritários utilizam as redes para rastrear e

identificar subversivos ou a utilização dos dados dos usuários para fins de manipulação política – caso da *Cambridge Analytica*<sup>33</sup>.

Por outro lado, as redes sociais estão sendo utilizadas também para promover o conhecimento histórico, sendo ocupada por produtores de memes com temática histórica comprometidos com a ética profissional. O memes históricos teriam a capacidade de comunicar identidades sociais e coletivas ao abordar temas comuns ao grupo de pessoas interessadas no assunto. Eles estão sendo incorporados ao trabalho docente e aos materiais didáticos em diversos momentos da aprendizagem (explorando a característica humorística para iniciar alguns assuntos, em atividades de aprofundamento e avaliações).

Figura 10 - Exemplos de memes com temática histórica

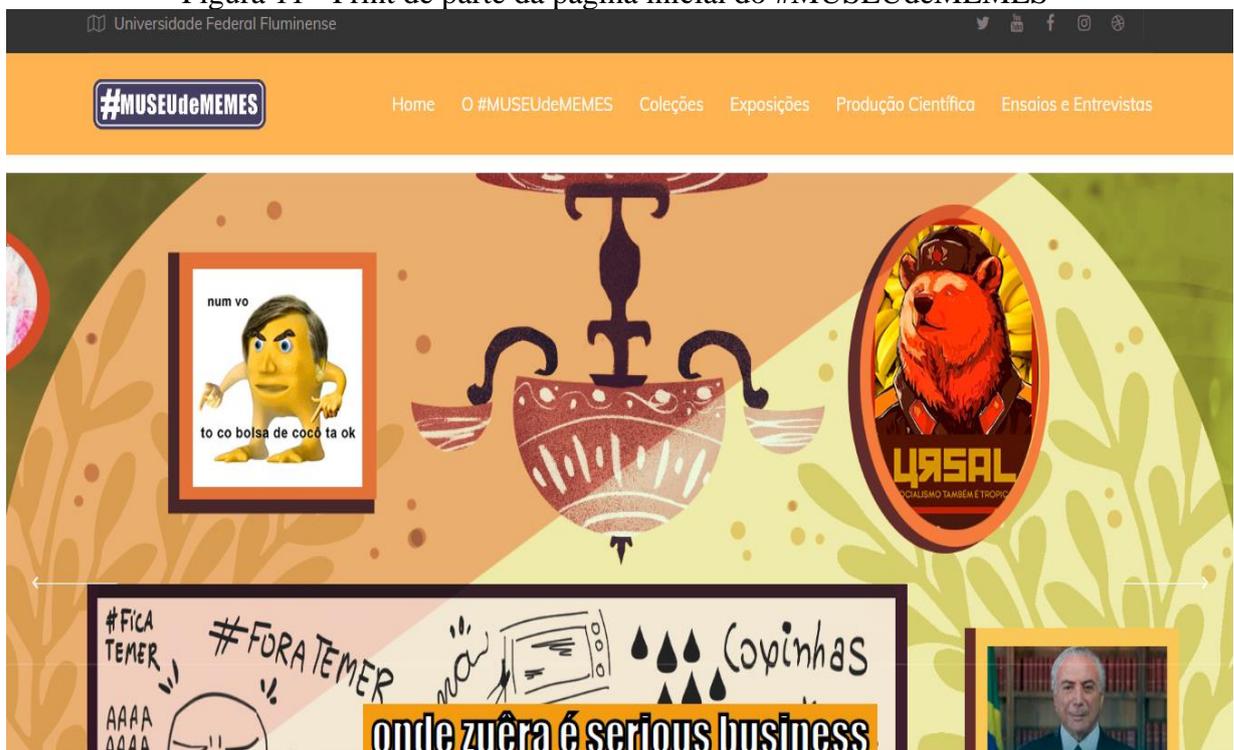


Fonte: Elaboração da autora com memes de acervo pessoal

<sup>33</sup> A *Cambridge Analytica*, uma empresa de análise de dados, era responsável pelo marketing político de Donald Trump durante a corrida presidencial de 2016 e atuou na campanha pelo *Brexit*, no Reino Unido. A empresa utilizou, indevidamente, informações de cerca de 50 milhões de usuários do *Facebook* que baixaram um aplicativo de teste psicológico. De acordo com as denúncias do *New York Times* e *The Guardian*, as informações foram utilizadas para traçar perfis e direcionar materiais da campanha política (Nastasia; Lara, 2019).

Há uma iniciativa interessante de *musealização* dos memes, o *#MUSEUdeMEMES*<sup>34</sup> criado em 2015, na Universidade Federal Fluminense, que demonstra a emergência de tratar os memes também como fontes, como parte da cultura popular da internet, como patrimônio. Com atividades que envolvem pesquisa, ensino e divulgação científica, voltado a leigos e especialistas, o *#MUSEUdeMEMES* mantém coleções de memes organizados por assuntos, promove exposições físicas e *online* e possui um banco de dados com produções acadêmicas (dissertações, teses, artigos, livros), ensaios e entrevistas.

Figura 11 - Print de parte da página inicial do *#MUSEUdeMEMES*



Fonte: Museu de Memes, 2023. Acesso em 05 mar. 2022.

De acordo com o próprio *site*, o museu “[...] é, em si, um meme, isto é, uma brincadeira, um artifício, cujo principal propósito é estimular a reflexão sobre o papel que ocupam os memes na cultura contemporânea” (Museu de Memes, 2023). Ao não renunciar ao humor como artifício, os organizadores promovem uma discussão acadêmica sobre o tema para aqueles que assim desejam, ao mesmo tempo que representa a ocupação do espaço virtual com material sério, comprometido com a ética do historiador.

Memes históricos também seriam utilizados para contestar visões históricas e evocar temas sensíveis de nossa história, utilizando o humor derrisório para tratar temas como racismo

<sup>34</sup> Ver: <https://museudememes.com.br/>

e escravidão. A ironia, muito utilizada em cartuns e charges, dá lugar a uma ironia sem compromisso ético, embasando-se no princípio liberal da liberdade de expressão para defender o humor que humilha, que discrimina, que incita o ódio e a aversão ao diferente (aquele que se torna o objeto de riso<sup>35</sup>). Abaixo, um exemplo reproduzido por Bárbara Vitória (2019):

Figura 12 - Exemplo de meme com humor derrisório e racista



Fonte: (Vitória, 2028, p.42).

Vitória demonstra, em sua pesquisa, que tratar o assunto (humor, racismo e memes) de forma metódica e teórica é importante para fazer frente aos usos de temas históricos que visam deturpar, deformar, desinformar e se apropriar da narrativa histórica aproveitando-se da possibilidade maior que se tem, nos dias de hoje, para acessar e selecionar informações. A autora aponta que:

Em 2015 as redes sociais do Brasil assistiram a um desfile de mensagens intensamente racistas promovidas pela propagação do meme “Nego”. Este meme usa a expressão “nego”, que adquiriu muitos significados ao longo da história, como principal elemento para criar piadas a partir de uma combinação de imagens de pessoas negras em diversas situações que remetem a forma como a expressão “nego” está sendo usada. (Vitória, 2019, p.41).

<sup>35</sup> O motivo do “riso” pode ser a mulher, o negro, pessoas com deficiência, dentre tantos outros que se tornam alvo de discriminação, preconceito bullying, misoginia

Nesse sentido, algumas dissertações no âmbito do ProfHistória<sup>36</sup> (incluindo a dissertação de Bárbara Vitória) foram desenvolvidas tendo como tema os memes de internet com temática histórica e contribuíram tanto para a discussão teórica quanto para a prática docente. No *site*<sup>37</sup> do programa, encontram-se disponíveis seis dissertações que tratam do assunto (uma delas de forma indireta). São elas:

Quadro 1 - Dissertações sobre memes no site do ProfHistória

<b>Autor/a</b>	<b>Ano</b>	<b>Instituição</b>	<b>Título</b>
<b>Alessandra Michelle Alvares Andrade</b>	2018	Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)	<i>Memes históricos: uma ferramenta didática nas aulas de História</i>
<b>Bárbara Zacher Vitória</b>	2019	Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	<i>Sobre memes e mimimi: Letramento histórico e midiático no contexto do conservadorismo e intolerância nas redes sociais</i>
<b>Bruno Amorim Pantoja</b>	2019	Universidade Federal do Pará (UFPA)	<i>O Facebook como ferramenta pedagógica no ensino de História</i>
<b>Eliete Ribeiro Araújo</b>	2020	Universidade Federal do Tocantins (UFT)	<i>Usos de memes de internet na aprendizagem histórica: uma proposta para a educação étnico-racial desenvolvida no centro de ensino Fortunato Moreira Neto, em Porto Franco - MA</i>
<b>Danielle Aparecida Barbosa Sella Buss</b>	2020	Universidade Estadual de Maringá (UEM)	<i>“Mas eu vi no face”: Ensino de História, juventude e memes.</i>
<b>Cíntia Beñák de Abreu</b>	2020	Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)	<i>Também com memes se ensina e se aprende História: uma proposta didático-histórica para o Ensino Fundamental II.</i>
<b>Rosenilde Alves de Lima</b>	2021	Universidade Regional do Cariri (URCA)	<i>Histórias públicas e ditadura militar: a verdade sedutora dos negacionistas como um</i>

<sup>36</sup> O banco de dados foi consultado em março de 2022 e, posteriormente, em março de 2024 – ocasião da inclusão das três últimos trabalhos. Aponta-se que o site permaneceu desatualizado. Muitas dissertações desenvolvidas dentro do ProfHistória não chegam ao site oficial, podendo ser acessadas pelo site da eduCAPES que “é um portal de objetos educacionais para uso de alunos e professores da educação básica, superior e pós-graduação que busquem aprimorar seus conhecimentos. O eduCAPES engloba em seu acervo milhares de objetos de aprendizagem, incluindo textos, livros didáticos, artigos de pesquisa, teses, dissertações, videoaulas, áudios, imagens e quaisquer outros materiais de pesquisa e ensino que estejam licenciados de maneira aberta, publicados com autorização expressa do autor ou ainda que estejam sob domínio público”. Ver em: <https://educapes.capes.gov.br/redirect?action=about> . Acesso em 03 jan. 2024).

<sup>37</sup> <https://profhistoria.com.br/articles?terms=memes> Acesso em: 05 mar. 2022.

			<i>problema para o ensino de história</i>
<b>Leôncio Alencar Mateus de Freitas</b>	2021	Universidade Estadual do Mato Grosso (UNEMAT)	<i>Memes que “foram longe demais”: representações e ensino de história</i>
<b>Cilmara Lédo de Araújo</b>	2022	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)	<i>O meme como fonte para a abordagem histórica em sala de aula sobre a Ditadura Empresarial-Militar no Brasil</i>

Fonte: Elaboração própria<sup>38</sup>.

Tais dissertações utilizaram como arcabouço teórico as ideias de consciência histórica, literacia histórica, história do tempo presente, história pública e história digital (as duas últimas mais recentes e ainda em calorosa discussão sobre seu *status* na academia). Ao adotar tais premissas, percebe-se que tais dissertações preocuparam-se, essencialmente, em desenvolver metodologias e práticas que dessem conta do presente vivenciado pelos estudantes, buscando historicizar esse processo.

Dessa forma, temos um tema essencialmente caracterizado no presente – os memes – interrelacionando-se com diversos outros temas do presente que possuem raízes profundas no passado. É o que se percebe no trabalho de Eliete Araújo (2020), que apontou o potencial do uso dos memes “Nego” para uma educação étnico-racial que problematiza a persistência do humor como subterfúgio para práticas racistas e discriminatórias. Sabendo que o racismo e a discriminação são bases da desigualdade brasileira os avanços na luta antirracista nas escolas se apresenta como possibilidade de enfrentamento e diminuição de tais desigualdades.

Em movimento semelhante, temos a dissertação de Bárbara Vitória (2019) e Danielle Buss (2020), que tratam da circulação de ideias conservadoras, liberais, ataques aos Direitos Humanos e à democracia transvestidas num linguajar “agradável” e de fácil assimilação por parte dos jovens. As autoras defendem a utilização desses memes em práticas docentes do

<sup>38</sup> Com dados do site do ProfHistória (<https://profhistoria.com.br/articles?terms=memes>) Acesso em: 05 mar. 2022 e atualizações em 15 de março de 2024 Ampliando a pesquisa por meio da consulta nos sites de cada núcleo encontrou-se ainda: *Memes, racismo recreativo e educação histórica: um estudo de caso na rede pública de educação de Mato Grosso-MT*, de Marcelo Nunes Rocha Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/730177> Acesso em: 15 de março de 2024. E também: *O uso de memes como recurso didático no ensino de história*. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/717963> Acesso em 15 de março de 2024.

ensino de História como forma de demonstrar as intencionalidades por trás da produção de artefatos culturais, nesses casos, os memes em especial.

A prática do ensino de História com memes é o ponto central da discussão dos trabalhos de Alessandra Andrade (2018) e Bruno Pantoja (2019) – que irá tratar brevemente das *fake news*, tema extremamente relevante para compreendermos o mundo em que vivemos –, e Cíntia Abreu (2020). Nesses trabalhos, a necessidade de reinventar o ensino de História, ocupar espaços de poder de forma consciente e responsável e exercer uma prática pedagógica que trate do passado no presente são apontados como condições para o desenvolvimento de uma educação histórica.

Percebe-se, portanto, que, como já apontado por Chagas (2020), o tema “meme” vem alargando cada vez mais seu alcance prático e teórico<sup>39</sup>, alcançando o espaço escolar e exigindo de professores e professoras a apropriação de outros conceitos teóricos também importantes para seu fazer profissional. Dessa forma, trabalhar aspectos da Idade Média presentes no dia a dia dos jovens através de memes apresenta-se como oportunidade de desenvolvimento de habilidades que não estarão restritas a esse período histórico, nem ao ambiente escolar.

No próximo capítulo, a relação entre memes de cavaleiros medievais, extrema direita brasileira e ensino de História será abordada através da ótica analítica do *neomedievalismo*, termo ainda em discussão, mas que engloba justamente essas apropriações do medievo que não têm compromisso com a historicidade do período e que circulam, sobremaneira, nos novos ambientes virtuais, forjando identidades e servindo como apoio a ideias ideologicamente extremistas.

---

<sup>39</sup> Uma pesquisa pelo termo “memes de internet” no *site* da eduCAPES apresenta 227.000 resultados. Os resultados englobam animações, aplicativos móveis, apresentações, aulas digitais, cursos, ferramentas, imagens, jogos, livros digitais, textos, vídeos, entre outros formatos. Ver em: <https://educapes.capes.gov.br/simple-search?query=memes+de+internet&default=> Acesso em 03 jan. 2024).

## CAPÍTULO 2

### A IDADE MÉDIA VISTA COM OLHOS “DIREITOS”: DAS REDES SOCIAIS AO ENSINO DE HISTÓRIA

*“Quem controla o passado controla o futuro;  
quem controla o presente controla o passado.”*

*Lema do Partido*

George Orwell – 1984

No futuro distópico de Orwell, o Partido controla as pessoas através de um sistema baseado em controle: “duplipensamento” (manipulação da mente que torna possível que o sujeito acredite no exato oposto do que é verdadeiro<sup>40</sup>), vigilância (através da teletela, uma espécie de televisão que, além de transmitir a programação normal, capta sons e imagens e que deve ser mantida ligada 24 horas por dia) e manipulação do passado (com o “Ministério da Verdade”, encarregado de reescrever a história de acordo com o momento e as necessidades do partido).

Reescrever a história era primordial para a manutenção do poder pelo Partido de forma que, como constata Winston, o personagem central e trabalhador do Ministério da Verdade, “a história não passava de um palimpsesto, raspado e reescrito tantas vezes quantas fossem necessárias. [...] Quase todo material com que lidavam ali era desprovido da mais ínfima ligação com o mundo real.” (Orwell, 2009, p. 54-55).

Saindo do mundo imaginado por Orwell e olhando para nosso próprio mundo, percebe-se, não sem algum incômodo, que muitas questões levantadas em 1949, quando o livro foi lançado, persistem assombrando o nosso presente, em especial quando professores e pesquisadores de História se deparam com falsificações, revisionismos e deturpações da História. Negação do Holocausto, da Ditadura Militar no Brasil, da existência de racismo em nossa sociedade, tudo isso vem ocupando espaços importantes e demandando uma reação por parte da comunidade historiadora.

Nessa área, utiliza-se o termo “usos do passado” para apontar e discutir as diversas formas existentes de tratá-lo. Expressão ampla que abarca desde as formas tradicionais de representar o passado (ensino de História, pesquisa, comunicação científica, livros didáticos), formas que possuem um pouco de liberdade poética (literatura, filmes, novelas, séries, jogos de

---

<sup>40</sup> Faculdade observável no slogan do Partido: “Guerra é paz. Liberdade é escravidão. Ignorância é força.” (Orwell, 2009, p.14).

videogame, quadrinhos) e, finalmente, as obras que possuem objetivos de falsificar e deturpar a História (a título de exemplo podemos citar os livros do escritor Leandro Narloch e os vídeos produzidos pela empresa *Brasil Paralelo*).

Meneses aponta que os livros de Narloch são um exemplo daquilo

[...] que podemos chamar de história abusiva, isso porque ela efetiva um tipo de produção que utiliza registros e fontes originais, teses e dissertações, mutilando resultados e conclusões de maneira a referendar seus argumentos. Ao trabalhar com textos de historiadores consagrados pretende construir uma pretensa legitimidade de fala para suas conclusões, todavia, sua narrativa da história não se coaduna nem mesmo com a pluralidade do pensamento. (Meneses, 2019, p.78).

Temos, portanto, o estabelecimento de relações entre passado e presente que se utilizam de objetos e linguagens que evocam o passado. No caso analisado neste trabalho, trata-se do uso de memes (linguagem típica do presente) de cavaleiros medievais (personagem do passado) para fins políticos e sem compromisso ético com a história de tais personagens. Percebe-se, nesse movimento, a atuação de um grupo político específico que utiliza a História como pretexto para a construção de um produto que se quer histórico, mas trata-se de uma espécie de contra narrativa, de uma história paralela que funciona como propaganda política.

Valendo-se do senso comum, reforçando estereótipos e idealizações do período medieval e dos cavaleiros medievais, o grupo consegue ainda em 2024, angariar a simpatia do público que se sente empoderado intelectualmente, ao confirmar suas próprias ideias sobre o assunto, e estabelece-se um vínculo de identidade – pontos importantes para se compreender a política atual e que adentram os espaços escolares de diversas maneiras.

À vista disso, nesse capítulo propõe-se a analisar as relações estabelecidas entre o crescimento da chamada extrema direita brasileira, sua atuação nas redes sociais (em específico, a utilização de memes de cavaleiros medievais) e o ensino de História. Pretende-se estabelecer os possíveis impactos do contato com memes de cavaleiros medievais produzidos e veiculados por grupos extremistas nas concepções que jovens do Ensino Médio possuem sobre o medievo.

Seguindo a premissa de Barros (2022), de que vivemos na Era Digital e de que os memes fazem parte da forma como adolescentes se comunicam e interagem com o mundo à sua volta, os memes de cavaleiros medievais serão analisados sob o prisma do *neomedievalismo*, conceito ainda “novo” que será elucidado no decorrer do capítulo. Pondera-se, também, sobre as possibilidades e desafios impostos ao ensino de História medieval, de modo que os memes são reconhecidos como artefatos culturais importantes para a reflexão e compreensão da cultura histórica brasileira dentro ou fora das salas de aula.

## 2.1 A extrema direita brasileira (2016-2023)

Considerando a realidade política, social e econômica do Brasil a partir do ano de 2013, percebe-se uma crescente reinvenção e reestruturação daquilo que se convencionou chamar de direita<sup>41</sup> no campo da política partidária, mas, também, nas demais esferas da vida pública, inclusive nas escolas da Educação Básica. Percebe-se, por exemplo, um número crescente de estudantes que se intitulam ‘de direita’, que trazem perguntas sobre o nazismo de esquerda, que se definem como conservadores e cristãos, defendem o porte de armas e se colocam contrários aos direitos de minorias e se declaram anticomunistas.

São características que se assemelham às apontadas por Norberto Bobbio, no ensaio *Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política* (1995), como pertencentes à ideologia da direita: apego às tradições, preservação da ordem social, individualismo, intolerância à diversidade (sexual, cultural, étnica), militarismo e anticomunismo.

Parte desse movimento da direita pode ser percebido, no que tange à educação, pela crescente ofensiva de discursos de ódio direcionados aos/às profissionais da História. Tais discursos começam questionando o seu papel de educador/a, suas pesquisas e atribuindo a eles/as a pecha de “doutrinador/a”, “esquerdista” ou “comunista” (palavras tidas, não raramente, como sinônimos). Concomitante a esse movimento, há a ascensão e fortalecimento de um revisionismo histórico que, frequentemente, deságua no negacionismo. Junta-se a esse caldeirão de mudanças a disseminação de visões de mundo ultraconservadoras e reacionárias nas diversas esferas da vida dos indivíduos e, de forma especial, na esfera cultural, política e educacional.

É desse caldeirão que emergem movimentos como o “Escola sem partido”, vídeos do *Youtube* com a chamada “seu professor de História mentiu para você”, empresas como a *Brasil Paralelo* e uma série de movimentos mais ou menos organizados e estruturados que utilizam muito bem o ambiente das redes sociais para difundir suas ideias e arregimentar seguidores.

Ao analisar a cosmovisão, ou seja, “quadros de referência a partir dos quais os indivíduos interpretam e interagem com o mundo, estabelecendo significados à sua existência e explicando a ordem das coisas” (Messenberg, 2017, p. 623), dos formadores de opinião envolvidos nas manifestações de 2015<sup>42</sup>, Débora Messenberg identifica que o conservadorismo

---

<sup>41</sup> Embora ciente de que direita/esquerda sejam conceitos polissêmicos e, mesmo contestados por alguns especialistas, a recorrente utilização deles na atualidade demonstra ser necessário retomá-los para se construir a compreensão desse movimento (Bobbio, 1995).

<sup>42</sup> Manifestações que percorreram as ruas do país protestando contra a corrupção, contra o PT e pedindo o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff.

moral é um campo semântico central do discurso dessa “nova direita”, podendo ser reconhecido em ideias-força/palavras-força<sup>43</sup> tais quais “família tradicional”, “resgate da fé cristã”, “patriotismo”, “anticomunismo”, “combate à criminalidade/aumento da violência” etc. Observe na tabela abaixo:

Quadro 2 - Campos semânticos

Campos semânticos		
Antipetismo	Conservadorismo moral	Princípios neoliberais
Ideias-força	Ideias-força	Ideias-força
<i>Impeachment</i> (Fora PT, Fora Dilma, Fora Lula)	Família tradicional	Estado mínimo
Corrupção	Resgate da fé cristã	Eficiência do mercado (privatização)
Crise econômica	Patriotismo	Livre iniciativa (empreendedorismo)
Bolivarianismo	Anticomunismo	Meritocracia
	Combate à criminalidade / aumento da violência	Corte de políticas sociais
	Oposição às cotas raciais	

Fonte: (Messenberg, 2017, p. 634)

A tabela, organizada pela autora com base em sua pesquisa, demonstra que o discurso dos formadores de opinião dos manifestantes de 2015 trazem ideias-força associadas às características já apontadas anteriormente por Bobbio (1995) e se mostram presentes também no discurso de estudantes de ensino médio das primeiras décadas dos anos 2000. Tais ideias não são uma exclusividade do contexto italiano ou brasileiro e nem estão restritas ao presente. É o que nos apontam alguns estudiosos da extrema direita mundial.

Cas Mudde, em seu livro *O regresso da ultradireita – da direita radical à direita extremista* (2020), também aponta componentes como segurança e corrupção como um dos

<sup>43</sup> Para Abraham Magendzo (2009), as ideias-força são “[...] ideias e pensamentos convergentes, próximos e altamente complexos que partilham categorias comuns e que constituem, por assim dizer, uma “semelhança de família”, mas não uma homogeneidade indissolúvel. Com efeito, ideias-força e pensamento não constituem uma unidade pura, indivisível, um pensamento absolutamente determinado, mas, pelo contrário, fortemente enraizado no tempo histórico, entendido como criação, como produção de diferenças e diversidades, como transformação, como devir, em última análise, como processo.” (p.5).

grandes temas do que ele chama de ultradireita<sup>44</sup>. Além do mais, argumenta que há uma ligação forte entre a ultradireita e a religião, marcadamente a religião cristã em regiões como os Estados Unidos e o Brasil.

Por sua vez, Enzo Traverso em *As novas faces do fascismo: populismo e a extrema direita* (2021) também defende que “com a eleição de Donald Trump para a presidência dos Estados Unidos a direita nacionalista, populista, racista e xenófoba tornou-se um fenômeno global” (p.13-14), uma vez que tal ideologia se faz pelo mundo com países que são governados por esse grupo, ou os tem em seu Parlamento, ou conquistando expressiva participação nos processos eleitorais.

Do ponto de vista conceitual, Mudde e Traverso optaram por conceitos diferentes (ultradireita no caso do primeiro e pós-fascismo no segundo), porém, semelhantes em sua essência. Mudde faz um breve histórico da terminologia, ressaltando que não há consenso entre os acadêmicos e que, a depender da época em que é utilizado, o termo pode ser reelaborado e ressignificado. Nas palavras do autor,

Não existe um consenso acadêmico no que diz respeito aos termos corretos para o movimento mais amplo e para os vários subgrupos dentro do mesmo. [...] Nas primeiras décadas, estes movimentos eram descritos principalmente como “neofascistas”. O termo mudou para “direita extremista” (*extreme right*) na década de 1980, “direita radical”, na década de 1990, algumas formas de “populismo de direita”, no início do século XXI, e “ultradireita” (*far righth*) nos anos mais recentes. [...] A maioria dos acadêmicos concorda que o movimento faz parte da *direita* mais ampla, mas discorda quanto ao que realmente significa. (Mudde, 2020, p.17-18).

A despeito da ausência de consenso, Mudde faz a opção pelo termo ultradireita (que, no Brasil, traduziríamos como extrema direita, mas que não foi feito a pedido do autor) que engloba “[...] a direita ‘antissistema’, definida aqui como hostil à democracia. [...] Esta divide-se, por seu lado, em dois subgrupos: A *direita extremista (extreme right)* [...] e a *direita radical*.” (Mudde, 2020, p.19, grifos do autor). De acordo com o autor, a ultradireita é parte de um processo histórico iniciado com o fim da Segunda Guerra Mundial que buscou se atualizar, reorganizar e participar da política partidária.

A partir do que se chama “quarta vaga”, período a partir de 2000, a ultradireita passa a buscar cada vez mais se incorporar ao *mainstream* político e eleitoral. Como exemplo, cita o caso do Brasil em que Jair Bolsonaro chega ao poder eleito democraticamente, assim como

---

<sup>44</sup> Como esclarece o tradutor ainda na introdução do livro, “a expressão *far-right*, traduzida habitualmente como “extrema direita”, aparecerá no texto como “ultradireita”, a pedido do próprio autor”. (NT, p.13)

Trump nos EUA, Narendra Modi na Índia e Benjamin Netanyahu em Israel (Mudde, 2020, p.33).

Enzo Traverso aponta que “o surgimento da direita radical é uma das mais evidentes características de nosso momento histórico” (Traverso, 2021, p.13) e segue sua análise demonstrando que o conceito de fascismo parece ser, ao mesmo tempo, inapropriado e indispensável, daí a opção por pós-fascismo, uma vez que o conceito:

Enfatiza sua particularidade cronológica e o localiza em uma sequência histórica marcada tanto pela continuidade quanto pela transformação; certamente ele não responde a todas as questões que foram abertas, mas enfatiza a realidade da mudança. [...] Sem desconsiderar seus limites evidentes, esse termo nos ajuda a descrever um fenômeno em transição, um movimento ainda em transformação e ainda não cristalizado. (Traverso, 2021, p.14-17).

A heterogeneidade e a ascensão de tais grupos, na realidade política de países tão diferentes entre si, foi estudado também por Benjamin R. Teitelbaum, em seu livro *Guerra pela eternidade: o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista*<sup>45</sup> (2020). Nele, Teitelbaum faz um trabalho etnográfico/jornalístico junto a três expoentes do “tradicionalismo”, doutrina que conecta Jair Bolsonaro a uma rede de líderes da extrema direita populista como Donald Trump e Vladimir Putin. Esses líderes foram aconselhados e orientados, respectivamente, por Olavo de Carvalho (escritor que se dizia professor e filósofo), Stephen (Steve) Bannon (articulador da campanha de Trump que se tornou seu assistente e estrategista-chefe da Casa Branca em parte do governo Trump) e Aleksandr Dugin (cientista político e filósofo político).

O movimento que os conecta e instrui é, como dito anteriormente, o “Tradicionalismo”, escrito em letra maiúscula por se tratar de “[...] uma escola espiritual e filosófica alternativa, com um grupo eclético, ainda que minúsculo, de seguidores ao longo dos últimos cem anos” (Teitelbaum, 2020, p. 18). Entretanto, é sua relação com grupos extremistas e demonstrações de um radicalismo ideológico profundo que chamaram a atenção do estudioso.

Tendo como precursores o francês René Guénon (1886-1951) e o italiano Julius Evola (1898-1974), o Tradicionalismo se organizou sobre os pilares da “[...] espiritualidade, a Antiguidade, a raça branca ou ariana, a masculinidade, o hemisfério norte, a adoração ao sol e a hierarquia social” (Teitelbaum, 2020, p.24), apresentando uma faceta esotérica que o aproxima da compreensão que temos de uma seita mística.

---

<sup>45</sup> Teitelbaum opta pelo termo “direita populista” para se referir a tais grupos.

No Tradicionalismo, como apresentado por Guénon e Evola e seguido por Bannon, Dugin e Olavo de Carvalho se opõem frontalmente à modernidade e à globalização, defendendo, por sua vez, o nacionalismo, o retorno a um passado mítico glorioso e uma religiosidade perene (a Tradição). Tradicionalistas têm uma visão fatalista e pessimista da história que, segundo eles – baseados na visão Hindu – seria cíclica. Nessa visão, o passado “[...] não deve ser superado, nem se deve escapar dele; ele é também o nosso futuro” (Teitelbaum, 2020, p.22).

No Brasil, um dos expoentes do Tradicionalismo foi Olavo de Carvalho que, ainda em 1981, traduziu *A metafísica oriental*, de Guénon. Olavo foi um conhecido apoiador de Jair Bolsonaro, tendo atuado ativamente como uma espécie de conselheiro do núcleo do então candidato à presidência e servindo de elo entre Bolsonaro e Bannon. É, a partir desta relação, que valores culturais, educacionais e religiosos foram utilizados como artifícios de campanha política.

De acordo com Teitelbaum, trata-se da *metapolítica*, ou seja, estratégia que “[...] envolve fazer campanha não por meio da política, mas por meio da cultura – das artes, do entretenimento, do intelectualismo, da religião e da educação” (Teitelbaum, 2020, p.62). Nessa conjuntura, surgem sujeitos políticos como Filipe G. Martins, assessor para assuntos internacionais de Bolsonaro e que se intitulava “discípulo” de Olavo de Carvalho, e o *Instituto Lux Brasil*, que tem como presidente Emílio Dalçoquio Neto, empresário do ramo dos transportes de Itajaí/SC. A partir de tal ideia, pode-se compreender a utilização dos memes de internet e, no caso específico deste trabalho, dos memes de cavaleiros medievais.

No *site* do *Instituto Lux Brasil*, em um arquivo de 108 páginas, Dalçoquio é apresentado como alguém simples e humilde, que trabalhou desde cedo (omitindo, de forma sutil, que é herdeiro das empresas da família – postos de gasolina e empresa de transportes), defensor do porte de armas, anticomunista, cristão. Foi presidente do *Sindicato das Empresas de Veículos de Cargas de Itajaí* (Seveículos) e, atualmente – 2023 –, mantém-se no ramo de transportes. Foi investigado por suspeita de locaute durante a greve dos caminhoneiros de 2018 e apontado como um dos líderes do fechamento de rodovias após a vitória de Lula, em 2022<sup>46</sup>.

Para a educação, Dalçoquio defende a inclusão de conteúdo programático conservador de direita nas escolas e universidades, com uma quantidade mínima de escolas cívico-militares,

---

<sup>46</sup> Ver em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2022/11/12/quem-e-emilio-dalcoquio-empresario-apontado-pela-prf-como-lider-de-atos-ilegais-que-bloquearam-rodovias-em-sc.ghtml>

retomada de Organização Social e Política do Brasil (OSPB) e Educação Moral e Cívica como “matérias” e fim das Cotas Raciais.

Em sua página oficial,<sup>47</sup> o *Instituto* se apresenta como:

[...] uma Associação Civil, com personalidade Jurídica e de duração Indeterminada, sem fins lucrativos e econômicos, com atuação junto a [*sic*] comunidade, entidades, e outras organizações. **Pensamentos e Ações de Direita**, a fim de levantar o Brasil democraticamente para Ordem e Progresso. VISÃO: Formar cidadãos conscientes de sua civilidade e comprometidos com a evolução da sociedade brasileira. MISSÃO: Criar mecanismos que sejam capazes de: Formar, Disciplinar e Realizar ações coordenadas entre pessoas unidas pelos mesmos laços ideológicos. VALORES: **Deus, Pátria e Família são nossas crenças e valores fundamentais**, além do incentivo e reconhecimento do(a): Estado mínimo; Pró-vida; Conservação e manutenção dos costumes e tradições; Livre mercado; Liberdade individual. IDEOLOGIA Possui cunho ideológico com observância na livre expressão, na defesa dos direitos individuais, na defesa da vida e no uso responsável dos recursos naturais. A política está muito dinâmica, sendo evidente que a população deseja estar mais envolvida nas escolhas dos seus representantes. A Lux Brasil tem a pretensão de compreender as forças políticas (*sic*) e ideológicas que movem a sociedade, se colocando como uma opção estruturada e organizada para todos que queiram participar de forma mais ativa da vida política, por objetivo descobrir e orientar lideranças em todos os municípios, focados na metodologia do aprimoramento ideológico e na promoção destes para o exercício de cargos eletivos. (Lux Brasil, 2023, s/n, grifos nossos).

As apresentações do *Instituto Lux Brasil* e de seu presidente demonstram sua proximidade com ideias tradicionalistas, bem como à ideologia defendida por Bolsonaro. Além disso, o propósito de atuar politicamente com base nessa ideologia fica evidente. O *Instituto Lux Brasil* era atuante nas redes sociais, em especial o *Facebook*. Já Filipe G. Martins, o outro sujeito citado, era mais atuante no *Twitter*.

Esses dois sujeitos são importantes para a discussão aqui apresentada por terem se utilizado do *medievo* em suas manifestações. No caso de Martins, especialmente no *Twitter*, é frequente o uso da expressão “*Deus vult*”, destacando-se dois momentos: quando Bolsonaro foi eleito, ele comemorou no *Twitter* com o seguinte post: “Está decretada a nova cruzada. *Deus vult*”, e durante a posse com o post “A nova era chegou. É tudo nosso! *Deus vult!*”<sup>48</sup>.

<sup>47</sup> <https://luxbrasil.org.br/quem-somos/>

<sup>48</sup> Sobre o assunto, ler a entrevista de Paulo Pachá, “*Deus vult*”: uma velha expressão na boca da extrema direita, em <https://apublica.org/2019/04/deus-vult-uma-velha-expressao-na-boca-da-extrema-direita/>

Figura 13 - Compilado das postagens de Filipe G. Martins no Twitter



Fonte: Arquivo da pesquisadora, com dados extraídos do *Twitter*<sup>49</sup>.

Por sua vez, o *Instituto Lux Brasil* disponibiliza, em seu *site*, diversos *banners* que apresentam, em formato utilizado nas redes sociais, as ideias e bandeiras defendidas. Neles, o assunto recorrente é o anticomunismo, a luta contra a corrupção, o apoio a Bolsonaro e a ideia de uma luta “do bem contra o mal”, simbolizada, algumas vezes, pelo cavaleiro medieval. Abaixo, alguns desses banners:

Figura 14 - Reprodução de banners do *Instituto Lux Brasil*, com cavaleiros medievais



Fonte: Arquivo da pesquisadora, com imagens retiradas do site do *Instituto Lux Brasil*.

Há, também, um filme produzido pelo *Instituto* convocando a população para participar das manifestações contra o Congresso Nacional e o Supremo Tribunal Federal (STF) em março

<sup>49</sup> Ver em: <https://twitter.com/filgmartin/status/1183133349772251136>

de 2020. No vídeo, um homem vestido de cavaleiro e montado em um cavalo branco surge segurando a bandeira do Brasil. Ao chegar em frente à câmera, o homem diz ter “vindo de longe, em sagrada missão” e convoca a todos para resgatar o país participando das manifestações. Aqueles que assistiram *Monty Python and the Holy Grail* (Monty Python e o Cálice Sagrado), de 1975, notaram as semelhanças.

Figura 15 - Reprodução da tela de abertura do vídeo do Instituto Lux Brasil



Fonte: Poder 360, 2020.

Os exemplos elencados acima demonstram a importância de compreender alguns aspectos da ascensão da extrema direita em território brasileiro. Retomando a ideia do início dessa discussão, percebe-se que a extrema direita no Brasil contemporâneo está ligada, assim como em outros países, a uma reação às mudanças provocadas pela globalização e pelo neoliberalismo. Mudanças que provocaram uma ruptura da configuração sociopolítica, até então hegemônicas, e acabaram por ser um dos elementos que impulsionaram uma crise mais geral da democracia. De acordo com Odilon Caldeira Neto (2020), estamos diante de um fenômeno complexo e diversificado que, como apontado por Traverso, mescla elementos novos e antigos do fenômeno que se convencionou chamar de fascismo. Os termos utilizados para tentar conferir inteligibilidade a esse movimento de ascensão conservadora e autoritária no Brasil foram, de acordo com o autor: “[...] a) onda ou maré conservadora; b) autoritarismo; c) bolsonarismo; d) neofascismo; e) novas direitas; f) extrema direita; g) direita radical; h) neoliberalismo; i) democracia iliberal; j) populismo etc.” (Caldeira Neto, 2020, p. 122).

Após fazer uma breve análise sobre algumas dessas interpretações, o autor conclui que essa diversidade se deve, em larga medida, ao fato deste ser um movimento heterogêneo, no qual cada grupo e subgrupo tem historicidade própria, mas mantém laços de identificação. Não seriam, entretanto, movimentos neofascistas em sua acepção clássica, dado que “[...] a extrema direita brasileira não construiu um projeto político robusto, em termos de organizações partidárias, a enunciar valores ideológicos que possam aproximar-se das pretensões de grupelhos neofascistas” (Caldeira Neto, 2020, p.124).

Em uma palestra para a Universidade Federal do Rio Grande (FURG) , em maio de 2023, Caldeira Neto argumentou que, do ponto de vista histórico, o fenômeno da ascensão da extrema direita deve ser analisado em sua profundidade e complexidade, inclusive considerando uma proposta de compreender o fenômeno desde suas raízes, como o Integralismo brasileiro, que teve sua origem e atuação centrados entre 1932 e 1937, mas que “[...] persistiu como um dos principais referenciais políticos (da extrema direita no Brasil), em grande parte por ter sido a primeira organização política de massa da história brasileira, assim como principal movimento fora do continente europeu.” (Caldeira Neto, 2020, p. 126).

A história da *Ação Integralista Brasileira* (AIB) e o desenvolvimento do Integralismo são temas do livro *O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo* (2020), de Leandro Pereira Gonçalves e Odilon Caldeira Neto. Nele, os autores destacam que o líder do Integralismo, Plínio Salgado (1975),

Ao propor uma nova política, buscava romper as tradições da velha política com um discurso autoritário, antiliberal, antidemocrático, anticomunista, baseado em uma estrutura nacionalista e na concepção cristã radical e conservadora. Esses elementos foram potencializados quando viu a prática desse modelo na Itália, identificando caminhos para um novo Brasil (Gonçalves; Caldeira Neto, 2020, p.14).

Em seu manifesto de criação, o *Manifesto de Outubro*, o lema “Deus, pátria e família” é um dos pilares do partido recém-criado, demonstrando a centralidade das questões religiosas, morais e nacionalistas. Como símbolo, foi escolhido o sigma ( $\Sigma$ ), letra grega, representando a união em torno de um Estado único que seria a soma de seus membros. Tais membros usavam um uniforme verde de produção nacional, por isso ficaram conhecidos como “camisas verdes”. Complementando o simbolismo, foram criadas uma bandeira e uma saudação. A bandeira era azul e branca, com o sigma no centro e a saudação “*Anauê*”, que na língua Tupi significa “você é meu parente”.

O anticomunismo pode ser entendido como um dos fatores que explicam a adesão de muitos membros ao partido, assim como sua relação com a religião (católica, principalmente,

mas também protestante e espírita). Além disso, as mobilizações de rua, as viagens dos principais líderes pelo país (as bandeiras integralistas), as atividades esportivas, a família e as iniciativas de alfabetização eram fatores que contribuíram para o aumento do número de membros e simpatizantes do partido e a doutrinação dentro dos seus ideais.

Após momentos de altos e baixos na política brasileira, os integralistas se reorganizaram, reformularam suas ideias e símbolos, mas mantiveram a forte ligação com a religião e o nacionalismo, bem como o anticomunismo. Durante o período do regime militar, Plínio Salgado

[...] passou a utilizar seu tempo como relator na Comissão de Educação e Cultura, tendo assim um trânsito aberto no Ministério da Educação e, como consequência, a inserção de componentes de cunho nacionalista, conservador e ufanista nos livros escolares. Os projetos relacionados com a educação e a moralidade foram aqueles de maior relevância na legislatura integralista (Gonçalves; Caldeira Neto, 2020, p.127).

Percebe-se, após esta breve exposição, que há algumas permanências das ideias integralistas e o movimento da extrema direita brasileira, em especial o grupo ligado à eleição de Jair Bolsonaro. O lema “deus, pátria e família”, a luta contra o comunismo, a ação política ligada a valores morais e religiosos e a busca pela intervenção do que se ensina nas escolas e livros didáticos são alguns dos exemplos que se entrelaçam com o tema da pesquisa. Nas palavras de Gonçalves e Caldeira Neto:

Alguns traços unem o governo Bolsonaro e o fascismo histórico: o conservadorismo, o anticomunismo, o uso das teorias de conspirações e a visão de mundo baseada na diferenciação entre amigos e inimigos. Por essas razões, por mais que os neofascistas se julguem representados, eles procuram ampliar a presença das suas bandeiras no governo brasileiro. Os neointegralistas não fariam diferente disso (Gonçalves; Caldeira Neto, 2020, p. 222).

Essas permanências e a existência de grupos neofascistas e neointegralistas no cenário brasileiro não são uma ressurgência do Integralismo. Parte das ideias integralistas, entendidas como categorias ligadas à cultura política, ressurgem e servem de substrato, que é utilizado pelas novas organizações em um trânsito histórico não linear de diálogo entre passado e presente (PPGH FURG, 2023).

Caldeira Neto, em duas palestras transmitidas pelo *YouTube* – (História Online RV, 2021), (PPGH FURG, 2023) – considera que, no Brasil, a extrema direita é, anunciadamente, antidemocrática, intervencionista e militarista, englobando grupos neofascistas e neointegralistas com ligações com a *alt-right* (extrema direita) norte americana e essencialmente antidemocrática. Dito isso, retoma-se a discussão inicial da relação entre a

extrema direita brasileira e a extrema direita mundial. Nesse sentido, o autor sustenta que analisar o fenômeno brasileiro como uma imitação ou importação do que ocorre nos Estados Unidos ou no centro europeu seria excluir as dinâmicas internas, complexas e históricas por si.

Parte dessa dinâmica interna diz respeito a uma demanda por parte da sociedade brasileira, por militarização da política e por respostas aos medos e anseios provocados pelas mudanças econômicas e sociais, que abrem espaço para sujeitos históricos como Jair Bolsonaro, a empresa *Brasil Paralelo*, ou os já citados Filipe Martins e *Instituto Lux Brasil*. Tais sujeitos agem no campo da política, da educação e no campo da História e, especificamente, percebe-se uma disputa sobre o passado, com produções destinadas a produzir sentido sob uma ótica conservadora e mesmo de extrema direita (Caldeira Neto, 2023).

Por conseguinte, o bolsonarismo concebe a internet como espaço de criação de grupos, articulação e promoção de ideias, com ênfase na criação e intensificação de narrativas, promovendo a interlocução entre os diversos grupos e formação de uma nova militância, ou seja, um ambiente de construção de identidades. A disputa sobre o passado e os usos dele ganham as redes de diversas formas, inclusive a tratada aqui: os cavaleiros medievais em forma de memes de internet.

## **2.2 Memes de cavaleiros medievais, a extrema direita e o *neomedievalismo***

Analisar o tema dos cavaleiros medievais e sua utilização pela extrema direita brasileira significa discutir os usos e abusos de temas medievais<sup>50</sup>, ou seja, a apropriação, no presente, de temas e elementos medievais (os cavaleiros, no caso específico), com ou sem o rigor ético do fazer histórico, em um processo constante de construção e reconstrução das temporalidades históricas e o ambiente digital/virtualizado em que os estudantes estão inseridos.

Historicamente falando a definição de cavalaria é complexa que envolve diversos sentidos como o militar, o social e o religioso, como nos aponta Jean Flori (2017). A interligação desses sentidos contribuiu para a construção da percepção de cavaleiros medievais nos moldes que são tratados nesse trabalho, de modo que “[...] é de ideologia que é preciso falar a propósito da cavalaria. Talvez mesmo de mitologia, de tal forma a palavra ficou carregada de conotações honoríficas, idealistas, éticas” (Flori, 2017, p.211).

---

<sup>50</sup> Sobre o assunto, tratam os autores Pierre Vidal-Naquet (1988), François Hartog (2013) e Antoon De Baets (2013).

Dessa forma, a imagem de cavaleiros montados em seus cavalos a caminho de Jerusalém é elemento muito presente no imaginário popular acerca da Idade Média e faz parte daquilo que Leslie Workman (1997), Berns e Johnston (2019) chamam de “medievalismos”. Trata-se da construção e da adequação de personagens e acontecimentos medievais aos interesses e à lógica de grupos inseridos no presente e guiados por essa temporalidade. Nas palavras de José Rivair Macedo e Lênia Mongelli, em texto sobre Idade Média e cinema, o medievalismo refere-se a situações em que a “Idade Média aparece apenas como uma referência e, por vezes, uma referência fugidia e estereotipada” (Macedo; Mongelli, 2009, p. 16). Indo além, Cláudia Regina Bovo defende que:

[...] o próprio conceito de Idade Média em si, bem como suas múltiplas significações, pode ser considerado um medievalismo: uma construção conceitual alógena, cuja origem está alijada das sociedades e culturas que a inspiraram enquanto temporalidade histórica. Colocamos nessa bagagem de múltiplas interpretações, sejam elas históricas profissionais ou populares, a mesma condição: ambos estão produzindo medievalismos, ou seja, ambas interpretações se apropriam da Idade Média, apesar de darem finalidades distintas a este uso da interpretação histórico-temporal. (Bovo, 2022, s/n).

Ao ter como objeto de estudo os memes de cavaleiros medievais, suscita-se uma outra discussão em relação ao termo “medievalismo”, que engloba justamente os estudos de mídia, da cultura popular expressa através de jogos eletrônicos, quadrinhos, filmes, séries, dentre outros: poderíamos falar de “*neomedievalismo*”? Como demonstrado por Nadia Altschul e Lukas Grzybowski no texto *Em busca dos dragões: a Idade Média no Brasil*, há uma controvérsia, entre os brasileiros sobre o uso de um ou outro termo. Em suas palavras,

O que hoje é conhecido como medievalismo no Atlântico Norte poderia facilmente ter sido conhecido como estudos do neomedievalismo. Para os estudiosos brasileiros, a questão do neomedievalismo ressurgiu porque “neo” é a terminologia mais óbvia e direta. Se essa terminologia tivesse sido incorporada nos centros hegemônicos, aqueles que estudam a Idade Média histórica fariam o chamado medievalismo – sentido que continua a ser corrente na América Latina – enquanto aqueles que estudam as reapropriações posteriores fariam o neomedievalismo. [...] Para quem se apegava ao uso original institucionalizado por Workman, o medievalismo entraria em diálogo com a Idade Média cronológica e seus elementos históricos, enquanto o neomedievalismo mostraria maior desconexão com estes, vinculando-se com produções que apenas produzem o “sentimento” do medieval. (Altschul; Grzybowski, 2020, p.28-29).

Os memes de cavaleiros medievais atrelados à figura do então candidato à presidência da República, Jair Bolsonaro, ou replicando seu *slogan* de campanha não apresentam preocupação com o rigor histórico ou historiográfico. Apresenta-se, contudo, como um reflexo

deslocado da Idade Média histórica, funcionando como reprodutor de um estereótipo que favorece o deslocamento da realidade histórica. Para Luiz Guerra:

Essa desvinculação do passado histórico “real” não deve ser simplesmente atribuída à ignorância; pelo contrário, ela está fundamentalmente ligada à natureza desses conteúdos, nos quais tanto a esquerda quanto a direita disputam o sentido de um passado medieval que ambas desejam mobilizar como instrumento político contemporâneo, e para os quais a precisão histórica se torna uma preocupação secundária ou mesmo inexistente. (Guerra, 2021, p. 58).

Evidencia-se dessa forma, que o *neomedievalismo*, ao se distanciar das referências históricas, o faz por motivos que vão além da comicidade, que pode ser mais evidente e mesmo escamotear as intencionalidades políticas presentes nessas produções culturais. Guerra argumenta que “[...] por meio de sua fachada ‘lúdica’ e descontraída, o Neomedievalismo pode, intencionalmente ou não, se blindar das críticas por ser ‘apenas uma brincadeira’” (Guerra, 2021, p.59).

Outro ponto importante salientado pelo autor diz respeito ao uso do passado medieval para legitimar o presente de uma região geográfica e histórica que não vivenciou o medieval histórico. Sob a perspectiva pós-colonial, o *neomedievalismo* político é uma das chaves que ajuda a compreender como o processo colonizador influencia nossa relação com Portugal, ou com a Europa como um todo (ou com o “Ocidente”, como pretendem os Tradicionalistas e membros da extrema direita brasileira).

É a mesma reflexão sugerida por Altschul, Bertarelli e Amaral na apresentação do dossiê *O que é o neomedievalismo?* Para as autoras e o autor, que utilizaram uma fala do presidente argentino como ponto reflexivo<sup>51</sup>, “[...] mesmo sem termos vivido o período histórico chamado de medieval, ele foi apropriado em um discurso que contribuiu para fundar nosso mito de origem e construir uma legitimidade para o nome ‘países em desenvolvimento’” (Altschul; Bertarelli; Amaral, 2021, p.10).

Como discutido no Capítulo 1, os memes de internet alcançam centenas de milhares – algumas vezes milhões – de pessoas e são produzidos e replicados em um ambiente muito frequentado por jovens, o ambiente virtual. Esse ambiente tem sido amplamente utilizado, também, por grupos ligados à extrema direita para transmitir suas ideias e estabelecer uma nova

---

<sup>51</sup> Alberto Fernández, em 2021, ao receber o primeiro-ministro espanhol: “Octavio Paz (escritor mexicano, Prêmio Nobel de Literatura) escreveu uma vez que os mexicanos vieram dos índios, os brasileiros vieram da selva, mas nós, os argentinos, chegamos em barcos. Eram barcos que vinham da Europa.” (Altschul; Bertarelli; Amaral, 2021, p.9).

forma de fazer política que, como salientado até o momento, utiliza-se do passado para construir suas histórias paralelas.

O *neomedievalismo* se concentra nas apropriações posteriores à produção cultural medieval, ou seja, nas apropriações feitas no presente. Concentra-se, por exemplo, nos estudos de mídia, da reprodutividade, que, por sua velocidade, acaba favorecendo o deslocamento da realidade histórica. Isso posto, e considerando a discussão sobre os usos do passado medieval, os memes de cavaleiros medievais são, portanto, um exemplo de *neomedievalismo*.

Retomemos aos dois memes de cavaleiros medievais apresentados na Introdução e no Capítulo 1 para prosseguirmos com a discussão evidenciando alguns pontos importantes para a compreensão do neomedievalismo:

Figura 16 -Reprodução da figura 2 presente na introdução da dissertação



Fonte: Twitter, 2020.

Figura 17 - Reprodução da figura 9 presente no capítulo 1 da dissertação



Fonte: Twitter, 2020.

No caso dos memes apresentados acima, o cavaleiro medieval é o elemento que se destaca (no caso da Figura 17, além do cavaleiro há uma referência ao Templo de Jerusalém) e funciona como elo entre passado (medieval) e presente. O *slogan* reproduzido na Figura 16 é também uma referência histórica que remete os brasileiros aos tempos do Integralismo e da *Marcha da Família com Deus pela Liberdade*, que é considerada um dos estopins do golpe de 1964. Outra referência da figura 17 é a figura do político Enéas Carneiro (1938-2007), fundador do *Partido de Reedificação da Ordem Nacional* (PRONA) e personagem conhecido entre os conservadores à direita do espectro político brasileiro, inclusive os Integralistas. Por fim, na figura 17 destaca-se que a bandeira que tremula é a bandeira do Brasil Imperial, uma outra ligação muito frequente nesses grupos (monarquia e Idade Média).

Essas informações reforçam a importância de perceber as imagens, mesmo as meméticas, em seu conjunto. Os meios, códigos, semioses e os afetos compartilhados em determinados contextos nos ajudam a compreender melhor essas produções. Os memes de cavaleiros medievais, vistos como um bem simbólico, atrelados a um grupo específico, são

capazes de estabelecer vínculos e identidades e, no ambiente escolar, precisam ser analisados como um todo.

Transitando entre a temática histórica, política e religiosa, os memes de cavaleiros medievais que usam Jair Bolsonaro como protagonista são parte de uma nova maneira de agenciamento político e baseiam-se no estabelecimento de vínculos. Por projeção ou identificação, elementos medievais e religiosos fizeram do cavaleiro medieval uma corporificação de demandas de parte da população brasileira. Marcos Napolitano, em *Negacionismo e revisionismo histórico no século XXI* (2021), chama a atenção para o fato de que os revisionismos e negacionismo atuais baseiam-se, tal qual a produção dos memes de cavaleiros medievais, em questões ideológicas e valorativas.

Carlile Lanzieri Júnior, em texto de 2019, demonstrou que manipular ou mesmo inventar o passado não é algo novo. Utilizando como exemplos (ver reproduções abaixo) o quadro *O porta estandarte (Der Bannerträger)* do pintor austríaco Hubert Lanzinger (1880-1950)<sup>52</sup>, uma imagem de Donald Trump montado em um cavalo branco vestindo armaduras semelhantes à dos cavaleiros medievais e a imagem de Jair Bolsonaro vestido de cavaleiro medieval, o autor demonstra que o reavivamento do interesse pelo medievo e sua utilização política não é algo necessariamente novo.

Figura 18 - Reproduções dos exemplos dados por Lanzieri Júnior



Fonte: Lanzieri Junior, 2019, p. 194-196 e 199 – respectivamente.

<sup>52</sup> De acordo com o autor, o quadro “[...] se encontra em exposição no Centro de História Militar do Exército dos Estados Unidos (*US Army Center of Military History*), na cidade de Washington.” (Lanzieri Junior, 2019, p. 193).

Com tais exemplos, Lanzieri Júnior (2019) demonstra que a intenção, de forma geral, consistia em incentivar o orgulho de uma época supostamente gloriosa (idealização do passado medieval), legitimar o discurso embasado no conflito do “nós” contra “eles”, reforçar a ideia ainda presente de uma Idade Média que zelava pelos valores morais e cristãos e apresentar aquele que estaria disposto a se sacrificar pela defesa dos seus.

No caso brasileiro, o autor destaca a relação com a religião, notadamente por meio de um pastor evangélico, na construção da imagem do então presidente como “[...] um homem simples escolhido por Deus. Assim como um soldado ou um cavaleiro, ele se sacrificará por uma causa maior. Vitorioso, conduzirá seus seguidores ao paraíso” (Lanzieri Junior, 2019, p. 200). Para além disso, sobressai, na representação desse personagem, ideais de virilidade, associados ao uso justificado da força. Percebe-se, assim, um forte elemento da masculinidade defendida por esses grupos, entendendo que:

A masculinidade enquanto modelo dominante deve ser preservado em termos coletivos para impedir que os nascidos para manter a família, ocupar o poder político e social não se esqueçam de que essas funções pretensamente estariam inscritas em seus genitais. [...] Todo tempo devem afirmar ser “o verdadeiro homem”, reproduzindo por meios de suas falas, de seus gestos e atitudes as verdades socialmente elaboradas, divulgadas e aceitas sobre o que é ter masculinidade, sobre o que é ser masculino. (Albuquerque Jr., 2019, p. 494).

A essa visão de masculinidade se soma as práticas que chamamos de misoginia, uma vez que, na construção dessa masculinidade dominante, há espaço – e algumas vezes incentivo – para a “[...] aversão, repulsão mórbida, ódio ou desprezo por mulheres” (Berger, 2019, p. 514), já que “essa aversão, ódio, desprezo ou repulsa as mulheres nasce no seio da sociedade e de suas representações” (Berger, 2019, p. 515).

O interesse pela Idade Média, por parte da extrema direita brasileira, também não é uma exclusividade nacional. Francisco Mendonça Junior, no texto *Futuros de um passado presente: reflexões acerca do ensino de história medieval e do Renascimento* (2021), ressalta que “[...] a influência medieval se faz sentir de formas variadas na contemporaneidade, ao menos no mundo ocidental. E tal presença não é inerte ou mesmo vazia de intencionalidades” (Mendonça Junior, 2021, p. 257).

Assim como Lanzieri Junior (2019), o autor aponta uma série de eventos na qual o medievo foi utilizado de forma política e ideológica. Em 2001, logo após o atentado terrorista do 11 de setembro, Bush Jr., então presidente norte-americano, discursou utilizando a expressão “Guerra ao terror”, ou seja, contra os responsáveis pelos ataques, às Cruzadas.

Dez anos depois, em 2011, um terrorista de extrema direita explode um carro bomba e promove um tiroteio na capital da Noruega. Segundo o manifesto publicado por ele, a ação seria contra o Islã e em defesa do cristianismo<sup>53</sup>. No manifesto, o terrorista fazia uma referência direta aos cavaleiros templários através de uma frase em latim.

Em 2019, um ataque a mesquitas na Nova Zelândia foi transmitido ao vivo e o autor se dizia como parte da mesma cruzada empreendida pelo terrorista norueguês. De acordo com o autor, “as armas e equipamentos utilizados por Tarrant para realizar o atentado estavam profusamente grafitadas com símbolos e inscrições que seriam representativos da ‘cruzada’ empreendida” (Mendonça Junior, 2021, p. 259).

Como exemplo brasileiro, o autor cita a produção da série *Brasil – a última cruzada*, na qual a produtora *Brasil Paralelo* “buscou colocar a formação do Brasil como parte do movimento cruzadístico, conectando, assim, o país com um esforço de uma cristandade lusa para deter os avanços dos inimigos do Cristianismo” (Mendonça Junior, 2021, p. 259).

Por sua vez, Paulo Pachá, em *Por que a extrema direita brasileira ama a idade média europeia* (2019), corrobora as visões de Mendonça Junior e Lanzieri Junior ao apontar que a presença de temas medievais entre membros da extrema direita brasileira é:

Uma versão fictícia da Idade Média europeia, insistindo que o período era uniformemente branco, patriarcal e cristão. Este revisionismo reacionário apresenta o Brasil como a maior conquista de Portugal, enfatizando uma continuidade histórica que molda os brasileiros brancos como verdadeiros herdeiros da Europa. [...] O estado brasileiro vem impulsionando essa narrativa histórica desde o século XIX. Portanto, afirmar as ligações identitárias do Brasil com a Idade Média europeia é também afirmar um conjunto de projetos políticos conservadores antigos e muito específicos. (Pachá, 2019, s/n)

Todos os aspectos levantados até o momento demonstram que, quando vemos os memes de cavaleiros medievais, como os representados nas Figuras 13 e 14, estamos diante de uma utilização do passado medieval para fins políticos, sem nenhuma pretensão de se ater à Idade Média histórica, configurando-se, portanto, um *neomedievalismo*. Ao utilizar tais referências medievais, a extrema direita brasileira se apropria e recria esse imaginário, buscando estabelecer um elo de continuidade e de identificação entre o Brasil atual e esse passado medieval, cujas características ressaltadas são a suposta honra, coragem e cristandade.

---

<sup>53</sup> “A capa consistia em um fundo branco do qual se destacava uma cruz vermelha, em cuja base jazia a frase ‘*De Laude Novae Militiae Pauperes commilitones Christi Templique Solomonici*’, algo como ‘Em louvor da nova cavalaria dos pobres cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão’.” (Mendonça Junior, 2021, p. 258).

### 2.3 E o lugar da História medieval?

Um dos principais movimentos da extrema direita no mundo e no Brasil é sua aversão em relação à intelectualidade ou o esforço em se estabelecer uma intelectualidade própria. No campo da História, como dito anteriormente, há uma clara investida contra os profissionais da área e as pesquisas efetuadas dentro das universidades e outros espaços de pesquisa. Assim como Emílio Dalçoquio, apresentado no subcapítulo anterior, há uma visão bem específica em relação à função da escola. Mudde aponta que:

Há muitos grupos que enfatizam a necessidade de as escolas voltarem a ensinar disciplina, respeito, e ‘valores tradicionais’ aos jovens, nomeadamente a importância da família heterossexual. [...] Os jovens são supostamente ‘doutrinados’ por professores e intelectuais de esquerda que corrompem suas mentes inocentes com o ‘marxismo cultural’ e outras ideias ‘perversas’ (Mudde, 2020, p. 45).

Compreender a existência da História e seus fenômenos a partir do prisma da investigação histórica é importante à medida que, dessa forma, se vai além das construções baseadas exclusivamente em valores e em sentimentos, ampliando as possibilidades de desenvolver a consciência histórica (Rüsen, 2001) e o pensamento crítico (Freire, 1987) em relação ao tempo presente, assim como o tempo passado. Ensinar sobre Idade Média é uma oportunidade de entender processos e especificidades da História.

O ensino institucionalizado acerca da Idade Média ganha ainda maior relevância quando se percebe que há uma demanda acerca desse assunto por parte da população e dos jovens. Em sua busca individual por tal conhecimento, a maioria recorre ao ambiente virtual: *sites* de busca, *streamers*, redes sociais ou mesmo a TV (séries, filmes, novelas) e literatura. Oferecer aos/às estudantes a oportunidade de conhecer a Idade Média através do olhar acadêmico, seja em sala de aula ou através de iniciativas como *podcasts*, *posts* e páginas em redes sociais, dentre outras, é proporcionar um ambiente de diálogo no qual se somam os interesses individuais e a produção de conhecimento.

Muitos estudantes ocupam parte significativa de seus dias no ambiente virtual e constroem seu conhecimento histórico a partir desse ambiente. A sala de aula é o ambiente associado a sensações e conceitos negativos, a autoridade do professor e da professora é constantemente questionado enquanto o ambiente virtual é atrativo, acolhedor e estimulante. Em razão dessa dicotomia, a Idade Média e o cavaleiro medieval, que fazem parte dos conhecimentos dos estudantes, é o do meme da internet, da série, do jogo de vídeo game, sem questionamentos ou historicização.

Ao retroceder no tempo cronológico e histórico, tratando das chamadas “temporalidades afastadas”, ou “temporalidades recuadas”, temos a possibilidade de dilatação do entendimento do tempo histórico. Perceber os elementos de diacronia, sincronia e anacronia que envolvem as pesquisas, o ensino e os usos do passado é significativo para a construção do conhecimento histórico, da alteridade, do pertencimento e do pensamento crítico, posto que são elementos necessários para o enfrentamento do negacionismo, do revisionismo, das *fake news*.

Ao abordar o tema da Idade Média nos livros didáticos, Nilton Pereira (2007) ressalta que há uma Idade Média presente, por exemplo, nos filmes e na literatura, e mais comprometida com a arte, mas que, ao mesmo tempo, ensina e repassa um discurso e uma representação estereotipados do período. É nessa perspectiva de Idade Média que a extrema direita e suas representações acerca do cavaleiro medieval se enquadram, ao produzir memes que tocam a parte mais simbólica do imaginário sobre esse período e seus personagens, criando representações distorcidas e atendendo exclusivamente a questões ideológicas.

Em se tratando do ProfHistória, ainda são poucas as pesquisas no campo da História medieval<sup>54</sup>. O que não condiz com o crescimento de pesquisas, pesquisadores e eventos na área. Em uma pesquisa no site do programa<sup>55</sup> foram encontradas poucas referências e muitas delas só utilizavam a temporalidade (ou um recorte dela) como tema de fundo, como pode ser observado no quadro abaixo.

Quadro 3 - Dissertações sobre Idade Média no site do ProfHistória

<b>Autor</b>	<b>Ano</b>	<b>Instituição</b>	<b>Título</b>	<b>Tema central</b>
<b>Lucas Moreira Calvo</b>	2016	UFRJ	<i>Histórias conectadas no ensino de História: tecendo conexões entre o Norte da África e a Península Ibérica no período da expansão islâmica (VII-IX)</i>	Expansão árabe muçulmana
<b>Juliana de Almeida Freitas</b>	2017	UFSC	<i>RPG Medieval Ibérico: a interpretação de papéis como uma estratégia para o ensino</i>	Desenvolvimento de um jogo de RPG sobre o califado de Córdoba.

<sup>54</sup> Da mesma forma que a pesquisa sobre memes, ao pesquisar sobre produções acerca do medieval no site do ProfHistória percebeu-se sua desatualização. A primeira pesquisa ocorreu em novembro de 2023 e encontrou os 6 primeiros resultados apresentados. Pesquisa mais recente (em março de 2024), nos sites dos núcleos – e não no do ProfHistória nacional) apresentou os resultados seguintes, totalizando 10 dissertações.

<sup>55</sup> Foram pesquisados os termos: História Medieval, Idade Média, Medieval.

			<i>de Idade Média no ensino fundamental.</i>	
<b>Adriana Sassi de Oliveira</b>	2018	UFSM	<i>A História da alimentação como ferramenta de ensino de história</i>	A Idade Média é o tempo histórico escolhido para trabalhar a História da Alimentação.
<b>Priscilla Damasceno Rodrigues</b>	2020	UERJ	<i>A História nos quadrinhos: o uso de narrativas gráficas nas aulas de História</i>	História em quadrinhos sobre a sociedade feudal na Baixa Idade Média
<b>Mauri Zanirati Silveira Jr</b>	2021	UFRGS	<i>Ensinar em tempos difíceis: gênero e sexualidade no Ensino de História – análise da BNCC, amparos legais e proposta de sequências didáticas</i>	A Idade Média faz parte da proposta de sequência didática para discutir gênero e sexualidade na 1ª série do Ensino Médio
<b>Victor Fialho de Assunção</b>	2021	URCA	<i>Leprosários no Ceará: patrimônio difícil e ensino de História</i>	A Idade Média aparece para explicar a discriminação e o preconceito em relação aos portadores de lepra.
<b>Mayara Faccin</b>	2021	UFSM	<i>História da morte no século XIV: uma proposta para os ensinamentos de história e de idade média por meio de oficinas pedagógicas</i>	Pretende aprofundar as discussões sobre história da morte, interligando passado (Peste Negra) e presente (pandemia de Covid-19)
<b>Marcus Vinícius Perrotta Barcellos Guimarães</b>	2021	Unirio	<i>A passagem dos tempos medievais para a modernidade: o jogo de cartas Yu-Gi-Oh! medieval e o ensino de história para o segmento do Fundamental.</i>	O trabalho discute o feudalismo, a partir da experiência francesa, com a utilização de um jogo de cartas.
<b>Luana Maia da Silva</b>	2022	UFNT	<i>O filme "O nome da Rosa" na aprendizagem histórica: As representações do sagrado e do profano na Idade Média no</i>	Contexto religioso da Baixa Idade Média, analisado através das categorias “sagrado” e “profano” por meio da

			<i>Centro de Ensino União, em Imperatriz – MA</i>	análise do filme “O nome da Rosa”
<b>Eduardo Revelante Netto</b>	2022	UFSM	<i>Homens e imagens no Ocidente Medieval: uma proposta de material didático para o ensino de História Medieval na educação básica</i>	A religiosidade da cristandade latina medieval é o tema central desse trabalho que busca apresentar a diversidade da cultura medieval e as reminiscências medievais na cultura local.

Fonte: Elaboração própria<sup>56</sup>.

Por sua vez, o principal documento norteador da Educação Básica no Brasil, a BNCC, reconhece algumas das transformações tecnológicas pelas quais o mundo vem passando e, por isso, percebe-se a inclusão do “digital” dentro de sua proposta de desenvolvimento de “Competências” e “Habilidades”, como demonstrado no primeiro capítulo. Debruça-se agora sobre o papel da História Medieval.

Antes de adentrar nessa discussão específica, ressalta-se que as bases sobre as quais a BNCC foi desenvolvida, uma visão neoliberal, implicam em uma abertura preocupante ao mercado e à mercantilização de um direito fundamental que é a educação. No que tange ao Ensino Médio, as Ciências Humanas tiveram seu espaço esvaziado por uma ênfase na formação para o mercado de trabalho e por projetos (agora com ares de disciplinas) calcados na falsa premissa de que o/a estudante terá “autonomia” para escolher o que deseja estudar.

Isso posto, vale também lembrar que a presença da Idade Média na BNCC é fruto de uma disputa que se iniciou quando a primeira versão do documento foi colocada para consulta pública. Imediatamente, a ausência da História Medieval foi notada e criticada. Aqueles que defendiam a exclusão justificavam-na sob o pretexto de que:

O ensino desse componente estava atrelado a um ensino da disciplina cuja estrutura de conteúdo fora construída na Europa e importada, já há um longo tempo, no Brasil. Portanto, manter o ensino de temporalidades como a Idade Média e a Antiguidade, apenas enfatizava nosso colonialismo educacional e o fato de termos a Europa como referência e horizonte de expectativa para nosso futuro enquanto nação. (Bovo, 2018, p. 269-270).

<sup>56</sup> Com dados do site do ProfHistória (<https://profhistoria.com.br>) Acesso em: 05 nov. 2023. E pesquisa nos sites dos núcleos que compõem o programa (em março de 2024).

Por outro lado, exigia-se a manutenção dos estudos medievais, tendo como justificativa o fato de que éramos “herdeiros” da tradição europeia medieval e que, portanto, estudar as origens da Europa era estudar nossa origem. Diante de tanta discussão, muitas entidades se manifestaram, a exemplo da *Associação Brasileira de Estudos Medievais* (ABREM), o *Grupo de Trabalho de História Antiga* (GTHA) da *Associação Nacional de História, Antiquistas e Medievalistas* das Universidades do Nordeste Brasileiro, além de ações e manifestações individuais em defesa do ensino de História Medieval.

A segunda versão, apresentada na primeira metade de 2016, nas palavras de Igor S. Teixeira e Nilton M. Pereira, indicava “[...] uma inversão do que foi feito no documento preliminar, uma vez que há evidente retorno à história quadripartite e um privilégio à história europeia” (Teixeira; Pereira, 2016, p. 17). Analisando a manifestação da ABREM em defesa da permanência do ensino escolar de história medieval, os autores apontam que o posicionamento da entidade se organiza em torno da justificativa de que o tema suscita “[...] curiosidades e encantamentos (cinema, cavaleiros, abadias e mistérios); pertencimento (a língua de Camões próxima à falada pelos alunos) e da cultura política” (Teixeira; Pereira, 2016, p.19).

A ênfase na História do Brasil pode parecer uma boa justificativa para se excluir a Idade Média e outras temporalidades recuadas dos currículos. Entretanto, corre-se o risco de voltarmos a um ensino de História focado no nacionalismo e fechado à alteridade. Por outro lado, o simples “encantamento” por parte dos/as estudantes também não é um argumento forte o suficiente para a manutenção do ensino de História Medieval. Um caminho possível é apontado por Bovo:

O que é relevante nessas temporalidades muito recuadas como a “medieval”, muito distantes do “ser” e “estar” contemporâneos, não é a busca pelas permanências ou tradições remanescentes por elas produzidas, mas justamente sua condição de demonstrar a alteridade extrema que as sociedades humanas mantiveram e ainda mantêm umas com as outras. (Bovo, 2018, p. 288).

Assim sendo, o desafio imposto é pensar um ensino de História capaz de dialogar com jovens que estão entrando em contato com memes de cavaleiros medievais, jogos de vídeo game, como *Assassin’s Creed*, livros e séries, como *O Senhor dos Anéis* e *Game of Thrones*, de forma a ir além da noção utilitarista do ensino de História e, ao mesmo tempo, privilegiar uma história com foco no Brasil, mas de forma a apresentar a variedade e complexidade das sociedades humanas ao longo da História.

A forma como a BNCC foi organizada (divisão em áreas de conhecimento, estabelecimento de Competências Gerais e Específicas, habilidades, unidades temáticas e

objetos de conhecimento) relega aos Estados e municípios a responsabilidade de organizar seus currículos, em nome da autonomia e da necessidade de abarcar as especificidades regionais. A política de produção e distribuição do livro didático permanece capitaneada pelo governo federal, bem como as avaliações externas e o *Exame Nacional do Ensino Médio* (ENEM).

Para adensar a discussão sobre o papel do ensino de História Medieval no Ensino Médio, é importante visualizar quais conhecimentos, habilidades e valores são defendidos pela BNCC como essenciais para garantir os direitos de aprendizagem e desenvolvimento dos adolescentes.

Veja a seguir:

#### COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS PARA O ENSINO MÉDIO

1. Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir de procedimentos epistemológicos e científicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente com relação a esses processos e às possíveis relações entre eles.
2. Analisar a formação de territórios e fronteiras em diferentes tempos e espaços, mediante a compreensão dos processos sociais, políticos, econômicos e culturais geradores de conflito e negociação, desigualdade e igualdade, exclusão e inclusão e de situações que envolvam o exercício arbitrário do poder.
3. Contextualizar, analisar e avaliar criticamente as relações das sociedades com a natureza e seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à proposição de soluções que respeitem e promovam a consciência e a ética socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional, nacional e global.
4. Analisar as relações de produção, capital e trabalho em diferentes territórios, contextos e culturas, discutindo o papel dessas relações na construção, consolidação e transformação das sociedades.
5. Reconhecer e combater as diversas formas de desigualdade e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.
6. Participar, pessoal e coletivamente, do debate público de forma consciente e qualificada, respeitando diferentes posições, com vistas a possibilitar escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade. (Brasil, 2018, p.558).

Há uma preocupação na apresentação das competências, de que sejam respeitadas a diversidade de sujeitos e processos ao longo da História e em diferentes espaços geográficos, bem como a formação de conhecimento a partir de bases científicas e comprometidas com a ética e o respeito aos Direitos Humanos e à ênfase no protagonismo e na ação. Cada competência é desdobrada em habilidades (entre quatro e seis habilidades para cada competência específica).

É com base nessas habilidades que os estados e municípios irão organizar seus currículos, elencando os objetos dos conhecimentos a serem trabalhados, bem como a organização das trilhas e dos itinerários formativos. No caso do Tocantins, a Resolução nº. 169

de 20/12/2022, do Conselho Estadual de Educação (CEE), aprova e homologa o Documento Curricular do Território do Tocantins (DCT-TO). Foram organizados cinco cadernos: Caderno 1 – Disposições Gerais; Caderno 2 – Formação Geral Básica e o seus Anexos; Caderno 3 – Itinerário Formativo: Trilhas de Aprofundamento e seus Anexos; Caderno 4 – Itinerários Formativos: Eletivas e Projeto de Vida; Caderno 5 – Itinerário Formativo: Formação Técnica e Profissional.

No Anexo do Caderno 2, há o *Quadro de sistematização de aprendizagens essenciais da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas*, organizado de forma geral para os três anos do Ensino Médio, destacando “competência específica”, “categorias”, “competências gerais”, “habilidade”, “objeto de conhecimento” e “temas contemporâneos transversais”. Para cada uma das habilidades, são elencados os objetos de conhecimento de cada disciplina (Geografia, Filosofia, História e Sociologia).

No que se refere à disciplina de História, observa-se que nem sempre há uma organização lógica visível (seja cronológica ou temática), assim como o diálogo entre as disciplinas da área, como sugere o texto da BNCC, embora, algumas vezes, aparente ser impossível. Dentre as referências que embasaram a construção do documento, há uma da área de ensino de História (Fonseca, 1995) e poucas de discussões sobre currículo e metodologia da área de Ciências Humanas, de modo que o trabalho de traçar o embasamento de tal organização fica comprometido.

Examinando o quadro de sistematização de aprendizagens em busca de referências ao ensino de História medieval, percebe-se que elas ocorreram em três momentos, de forma direta, e, em alguns outros, de forma indireta, na disciplina de Filosofia, não de História. Vejamos:

Quadro 4 - A Idade Média no DCT/TO

Página	Competência específica	Habilidade	Objeto de conhecimento	O que se sugere trabalhar em História
4/40	CHS 01 (Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos	103 (Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e	FIL – Saber fazer estudos dos processos históricos que modificaram o pensamento filosófico, político, econômico e social <b>na passagem do período medieval</b> para o mundo moderno com novas perspectivas na política e trabalho.	Análise de documentos Históricos que evidenciam os fundamentos do processo sociopolítico do mundo antigo (Egito, Grécia e Roma) e sua influência na vida cultural nos processos históricos seguintes até a sua contemporaneidade.

	epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica)	sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros).	(Liberalismo e o fim do Antigo Regime; Os Regimes Políticos; Origem do Estado; Estado de Natureza e Contrato Social; Filósofos iluministas: Locke, Rousseau, Montesquieu, Voltaire. Thomas Hobbes.) (Tocantins, 2022, p.4).	(O legado histórico, político social e cultural do mundo Antigo (Egito, Grécia e Roma.) (Tocantins, 2022, p.4-5).
11/40	CHS 02 - Analisar a formação de territórios e fronteiras em diferentes tempos e espaços, mediante a compreensão das relações de poder que determinam as territorialidades e o papel geopolítico dos Estados-nações.	203 (Comparar os significados de território, fronteiras e vazio (espacial, temporal e cultural) em diferentes sociedades, contextualizando e relativizando visões dualistas (civilização/barbárie, nomadismo/sedentarismo, esclarecimento/obscurantismo, cidade/campo, entre outras).	FIL – Estabelecer relações das formas de <b>organização humana antiga, medieval, moderna e contemporânea</b> como requisito para a compreensão do cenário político, econômico e social no globo e no Brasil. (Sistemas e formas de governo; democracia antiga e democracia moderna; cidadania moderna e cidadania antiga; poder do poder; poder político; Tomas Hobbes, John Locke, Montesquieu, Jean-Jacques Rousseau, Karl Marx, Friedrich Engels, Peirre-Joseph Proudhon, Mikhail Bakunin)	Avaliação de conceitos e processos referentes à ocupação/invasão, povoamento/conquista, dominador/dominado, civilização/barbárie e diáspora/ invasão. (Conflitos territoriais e fronteiriços no Brasil, considerando espaços urbanos e rurais; História dos povos pré-colombianos e a construção de suas identidades locais.) (Tocantins, 2022, p. 11-12).
23/40	CHS 04 - (Analisar as relações de produção, capital e trabalho em diferentes territórios, contextos e culturas, discutindo o papel dessas relações na construção, consolidação e	401 (Identificar e analisar as relações entre sujeitos, grupos, classes sociais e sociedades com culturas distintas diante das transformações técnicas, tecnológicas e informacionais e das novas formas de trabalho ao longo do tempo, em diferentes	FIL – Expressar nos estudos da dimensão da ética da economia e do trabalho nas relações tecnológicas e informacionais e das novas formas de trabalho. ( <b>O trabalho:</b> características e história; papéis do trabalho; O trabalho	Reconhecimento das mudanças nas relações de trabalho ao longo do tempo: Pré-História, escravismo antigo, senhores e servos, aprendizes e mestres, escravidão moderna, o trabalhador livre, a nova organização do trabalho (taylorismo, fordismo), resistências dos

	transformação das sociedades)	espaços (urbanos e rurais) e contextos)	na história: pré-história, antiguidade, <b>Idade Média</b> , Idade Moderna, Idade Contemporânea. Karl Marx, Aristóteles, Tomás de Aquino, Max Weber, Friedrich Hegel.). (Tocantins, 2022, p.23).	trabalhadores (movimento operário, entre outros). Definições de relações de trabalho. (As mudanças nas formas de trabalho nos processos Históricos e transformações ambientais, sociais, tecnológicas, econômicas e políticas). (Tocantins, 2022, p23-24).
--	-------------------------------	---	--	--

Fonte: Elaboração própria com base no DCT/TO (2022)

A extensiva citação, em forma de quadro, permite que se visualize o diminuto espaço destinado às discussões sobre Idade Média no âmbito do documento curricular tocantinense. Assombra-nos notar que, em História, não se propõem tais discussões, mas, sim, em Filosofia. Em História, tal qual proposto pela primeira versão da BNCC, a História do Brasil e a História local são privilegiadas.

Pode-se argumentar, em defesa de tal posicionamento, que o documento é uma diretriz e que os professores e equipes pedagógicas de cada unidade escolar dispõem de autonomia para fazer as alterações necessárias. Entretanto, a experiência docente nos mostra que a autonomia docente e da unidade escolar é tutelada pelos supervisores de currículo que cobram a observância da normativa. Além do mais, a autonomia é ainda mais frágil se pensarmos que cada uma das disciplinas dispõe de apenas uma aula semanal de 50 minutos.

Em texto de 2021, Adriana Ralejo, Rafaela Mello e Mariana Amorim apresentam as principais críticas e discussões acerca da elaboração da BNCC do Ensino Fundamental, mas que também podem ser percebidas no texto do Ensino Médio. As autoras constataam, com base em artigos sobre o assunto, que:

[...] o processo de ensino e aprendizagem de/em História é amplo e remete a várias discussões, assim como a produção de saberes históricos tenciona a comunidade disciplinar e epistemológica sobre quais saberes devem ser legitimados no documento oficial. Há uma luta pela legitimação de seu território disciplinar e essa é uma luta política. (Ralejo; Mello; Amorim, 2021, p. 9).

A luta acerca do que se ensinar em História, especialmente no Ensino Médio, no qual os objetos de conhecimento não ficaram muito explícitos, será batalha a ser travada diariamente, recorrendo às mais diferenciadas estratégias. Uma dessas estratégias pode se ancorar em pontos

positivos da BNCC, como o apontado por Ralejo, Mello e Amorim (2021). Para as autoras as competências gerais elencadas permitem compreender que:

[...] a escola não é um lugar que trata somente de conteúdos e conhecimentos. [...] combater a ideia de uma História tradicionalmente relacionada aos eventos, datas e nomes que carregam consigo uma única versão que vinha se caracterizando pelo seu teor eurocêntrico e patriarcal. [...] Esses fatores impulsionam o trabalho com perspectivas do ensino de História que valorizam a exploração de diferentes narrativas e a diversidade cultural, permitindo a percepção do sujeito em seu tempo e espaço e proporcionando ações para com a sociedade em que vive. (Ralejo; Mello; Amorim, 2021, p.11-12).

Tal abertura não é uma inovação apresentada pela BNCC. Paulo Freire, em sua extensa produção sobre ensino, já demonstrava a importância de uma *práxis* focada na realidade e na possibilidade de transformação dessa realidade como fundamento de uma educação libertadora. A perspectiva crítica e autônoma de sua produção leva-nos a pensar e repensar nossas práticas, buscando organizá-las e direcioná-las para a transformação do ser humano e, conseqüentemente, da sociedade.

Em *Pedagogia do oprimido*, escrito durante seu exílio no Chile, em 1968, Paulo Freire defende o diálogo como base para uma educação libertadora e crítica. Para Freire, entretanto,

[...] o diálogo se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens. Por isto, o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca das ideias a serem consumidas pelos permutantes. Não é também discussão guerreira, polêmica, entre sujeitos que não aspiram a comprometer-se com a pronúncia do mundo, nem com buscar a verdade, mas com impor a sua. Porque é encontro de homens que pronunciam o mundo, não deve ser doação do pronunciar de uns a outros. É um ato de criação. (Freire, 1987, p.51).

Para que este diálogo se efetive como ato criador, além de se constituir uma via de mão dupla (falar/ouvir; escutar/ser escutado) permitindo a emergência das diversidades de olhares, de referências e de projetos, é preciso, segundo Freire, que exista o “pensar verdadeiro”, ou seja:

Pensar crítico. Pensar que, não aceitando a dicotomia mundo-homens, reconhece entre eles uma inquebrantável solidariedade. Este é um pensar que percebe a realidade como processo, que a capta em constante devir e não como algo estático. Não se dicotomiza a si mesmo na ação. “Banha-se” permanentemente de temporalidade cujos riscos não teme. Opõe-se ao pensar ingênuo, que vê o “tempo histórico como um peso, como uma estratificação das aquisições e experiências do passado”, de que resulta dever ser o presente algo normalizado e bem-comportado. Para o pensar ingênuo, o importante é a acomodação a este hoje normalizado. Para o crítico, a transformação permanente da realidade, para a permanente humanização dos homens (Freire, 1987, p.53).

Uma educação para a ação libertadora e crítica já era vislumbrada e apontada por Freire como um caminho possível para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Nos dias de hoje, após pequenos avanços, nos vemos diante de retrocessos significativos, de desafios ainda não apresentados para os pensadores dos anos 1990. Diferentemente do que previu Lévy, o ciberespaço e a cibercultura têm-se apresentado como espaços de contestação da democracia, de propagação de notícias falsas e pós-verdades, de maior individualização, apresentando uma gama extra de desafios para a educação.

Diante dessa realidade, e pensando a educação nos moldes propostos por Freire, a História desempenha papel fundamental, pois, como proposto por Rüsen (2007), é crucial que sejamos capazes de nos compreender enquanto sujeitos históricos e sociais inseridos em um contexto maior e mais complexo. Desnaturalizar nossas experiências sociais, políticas, econômicas e culturais exige condições específicas de aprendizagem, que Isabel Barca (2012; 2018), dentre outros, chama de “educação histórica”.

Aprender a pensar historicamente é parte fundamental da formação do que Rüsen denominou “consciência histórica”, ou seja:

[...] constituição de sentido sobre a experiência do tempo, no modo de uma memória que vai além dos limites de sua própria vida prática. A capacidade de constituir sentido necessita ser aprendida, e o é no próprio processo dessa constituição de sentido. (Rüsen, 2007, p. 104).

Consequentemente, pensar o ensino de História medieval em um contexto marcado pela cultura da virtualidade real (Castells, 2011) – típica da Era digital (Barros, 2022) que vivemos – em que o monopólio do ensino de assuntos históricos não está restrito aos bancos escolares, de *neomedievalismos*, em que grupos extremistas se utilizam de referenciais históricos remotos, como cavaleiros medievais, é um desafio que pode ser superado se embasarmos nossas práticas nas ideias de Freire (1987), Rüsen (2007) e Barca (2012).

A educação histórica tem o potencial de contribuir para a autonomia dos/as estudantes, à medida que lhes auxilia a compreender sua própria experiência do tempo de forma reflexiva e em relação/diálogo com tantas outras referências. Ainda sob a perspectiva de Rüsen, ao mobilizar as três operações necessárias à aprendizagem histórica (experiência, interpretação e orientação), é possível desenvolver um procedimento cognitivo que permita compreender “[...] a história como dado objetivo nas circunstâncias da vida atual e a histórica como constructo subjetivo da orientação prática movida pelos interesses” (Rüsen, 2007, p. 120).

Isso posto, defende-se que a História, enquanto disciplina, é parte fundamental no desenvolvimento cognitivo das sociedades humanas, merecendo espaço alargado (e não diminuído, como ocorreu com a reforma do Ensino Médio pós-BNCC) na organização curricular. Temporalidades recuadas, como a Idade Média, têm contribuição cognitiva e pedagógica na formação de jovens brasileiros, não como mera explicação do presente por meio de permanências e reminiscências medievais, mas como forma de demonstrar a alteridade existente entre as sociedades humanas do passado e do presente.

Através da metodologia da pesquisa-ação (Thiollent; Colette, 2014), cuja premissa é de que “[...] professores e alunos não são consumidores de conhecimento, são produtores dialogando por meio da pesquisa, com cooperação ou colaboração, a seu alcance por meio de interações, observações, leitura e reflexão.” (Thiollent; Colette, 2014, p.213), foram organizados os formulários e as aulas oficinas que constituíram as fontes utilizadas para buscar compreender os possíveis impactos do contato com memes de cavaleiros medievais na construção de conhecimentos acerca da Idade Média.

No próximo capítulo, serão detalhados os procedimentos e discutidos os resultados obtidos durante a pesquisa. As oficinas foram pensadas com base nas propostas de aula oficina (Barca, 2004), aula histórica (Barca, 2012) e literacia histórica (Schmidt, 2009), que dialogam entre si e com os pressupostos de Rüsen apresentados nesse item. Compreendem, também, as bases da elaboração do *Guia de ação docente*, apresentado em forma de apêndice.

## CAPÍTULO 3

### “CONTE-ME MAIS SOBRE ISSO”: OS CAMINHOS DA PESQUISA

*“Toda descoberta da ciência pura é potencialmente subversiva: até a ciência deve, às vezes, ser tratada como inimigo possível. Sim, a própria ciência.”*  
Aldous Huxley – Admirável mundo novo

Há alguns anos, pelo menos desde a primeira década dos anos 2000, percebemos em sala de aula o aumento da crítica a professores e professoras de História. Questiona-se seu conhecimento e sua capacidade para a profissão, ao mesmo tempo em que se supervalorizam as informações (transvestidas de conhecimento) acessadas através das redes sociais. Alguns desses conteúdos tem como chamariz a frase “seu professor de História mentiu”, como pode ser visto nas imagens abaixo:

Figura 19 - Prints de thumbnails <sup>57</sup>do Youtube



Fonte: Elaboração própria.

Este movimento de questionar a ciência histórica não é novo e tem como contemporâneo o questionamento da ciência como um todo. Episódio emblemático é o movimento antivacina

<sup>57</sup> *Thumbnail* é uma imagem pequena que funciona como uma prévia do assunto tratado no vídeo.

que se avolumou durante a epidemia de Covid-19 em todo o mundo. Assim como com as vacinas, para transmitir informações sobre História, a lógica se repete: alguém está te enganando ou escondendo algo de você e somente “nós” poderemos te oferecer conhecimento verdadeiro.

Embora seja fácil pensar que estamos dentro do mundo distópico que Aldous Huxley apresentou em 1941, no qual, por um lado, a ciência avançou significativamente a ponto de haver reprodução humana em formato industrial, com seleção de características e habilidades antes da concepção; por outro, o acesso aos livros é extremamente limitado e o conhecimento crítico é punido com o exílio. Mas trata-se do ano de 2023 e a ciência está sendo vista, por muitas pessoas, como mais um inimigo. Como tal, vem sendo atacada, questionada, ridicularizada em um movimento cujas proporções ainda não são bem conhecidas.

No caso da História, mais especificamente, da História escolar, seguimos buscando as melhores maneiras de pesquisar e de ensinar, fazendo frente aos negacionismos, às *fake news*, *Fake History*<sup>58</sup>, *Alt History*<sup>59</sup>. Como já demonstrado nos capítulos anteriores, as redes sociais desempenham um papel importante na disseminação de tais conteúdos e a extrema direita tem caminhado nesse ambiente com tranquilidade.

No que diz respeito ao ensino de História medieval, percebe-se que a imagem do cavaleiro medieval tem sido utilizada no Brasil e no mundo por políticos que querem se apresentar como os salvadores do Ocidente, ou, no caso brasileiro, atestar um passado com raízes ocidentais – o que nos colocaria ao lado das nações europeias ocidentais, devido à nossa “origem” portuguesa.

Sônia Meneses discute como o passado se tornou presente nos ambientes midiáticos, presença nem sempre comprometida com o saber histórico ou historiográfico em si, mas em uma espécie de simplificação vulgar “[...] nas quais as maneiras de dizer importam mais do que o que é dito” (Meneses, 2019, p.72). O resultado, segundo a autora, é uma situação em que

---

<sup>58</sup> Termo criado por Jason Steinhauer para se referir à forma como o passado e a História são apresentados em diferentes mídias. Sobre o assunto ver: SOUZA, Rosali Fernandes de; DUARTE, Rodrigo Aldeia. Sobre fake news e fake History. *Mídia e cotidiano*, v.15, n.3, pp.321-338. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/50671>. Acesso em: 19 nov. 2023.

<sup>59</sup> Termo cunhado por Valencia-Garcia para se referir a “(1) negação histórica, que pode incluir a rejeição abjeta de arquivos e evidências históricas; (2) crença na história cíclica, ou teleológica, que pressupõe para onde estamos indo ou onde estivemos; (3) narrativas de declinação, que assumem uma teoria da degeneração no lugar da compreensão da mudança; (4) mitologização, que é criada quando os fatos são substituídos por quimeras; (5) nostalgia, por um passado imaginado que muitas vezes supõe tanto uma declinação quanto tentativas de excluir ou sublinhar seletivamente fatos e narrativas históricas; (6) a-historicismo, baseado puramente na inverdade; e (7) através de formas muitas vezes fragmentadas e tendenciosas, a história é lembrada e retratada na memória pública popular (filmes, livros didáticos, programas de televisão, etc.)” (Valencia-Garcia, 2020, p. 9).

O aparente frescor das imagens vibrantes, a participação de youtubers famosos na apresentação de conteúdos que seriam fruto de “pesquisas históricas sérias” ou a “descoberta” de novidades sobre o passado em grande medida se configuram numa releitura de antigos paradigmas que sustentam a manutenção de processos excludentes, preconceitos e conclusões que utilizam de forma desonesta as informações extraídas de teses e dissertações, ou mesmo fontes históricas, selecionadas e recortadas para referendar argumentos cujo fim é a desqualificação política de vários sujeitos e enunciados científicos. (Meneses, 2019, p.72).

É diante dessa realidade (jovens com mais acesso às redes sociais, buscando, através delas, saciar sua curiosidade e seu desejo de saber mais sobre temas históricos e, ao mesmo tempo, as mesmas redes dão espaço de destaque a conteúdos questionáveis) que a pesquisa surge como reflexão acerca desse mundo. Enquanto a história nas redes é, muitas vezes, “[...] uma história que se anuncia como uma escolha entre contrários, numa dicotomia sectária que aniquila a complexidade do pensamento e a diversidade” (Meneses, 2019, p. 72), busca-se demonstrar que a História escolar precisa seguir o caminho inverso, o da complexidade.

A partir de agora, a pesquisa será apresentada em pormenores e seus resultados discutidos. É, também, mais um movimento em direção ao aprimoramento da prática docente, embasada em conhecimentos científicos com o objetivo de levar às salas de aula experiências embasadas na ciência histórica, possibilitando aos/às estudantes o contato com visões diferentes acerca da História, seus personagens e de como ela se apresenta a nós em nosso dia a dia.

### **3.1 O início da pesquisa e o perfil dos participantes**

A pesquisa foi iniciada, efetivamente, em março de 2023, mas as tratativas com a escola se iniciaram ainda no ano de 2022, quando foram apresentados o projeto e a proposta de atividades na escola, bem como o cronograma inicial. Em janeiro de 2023 a proposta de atividades e o cronograma foram autorizados pela coordenadora de área. Entretanto, a diretora da UE informou que o início das atividades só seria possível após autorização formal da Secretaria de Educação (SEDUC). A autorização só foi recebida dia 17 de fevereiro, véspera de feriado do Carnaval, o que atrasou o início das atividades.

Ao entrar em contato novamente com a unidade escolar fui informada que o momento era de adaptação às normativas do Novo Ensino Médio (NEM) e que por isso, seria prudente aguardar que as adequações burocráticas se resolvessem (modulação de professores, definição de Trilhas, Itinerários e Eletivas). Dessa forma, as atividades se iniciaram em março. Tal situação evidencia que a aplicabilidade das propostas do NEM trouxe uma série de mudanças na rotina das escolas que, a despeito de já saberem que as mudanças ocorreriam, não tiveram

como efetivá-las no início do ano letivo. Cabe ressaltar que a situação ficava muito pior pois não havia profissionais para assumir a carga horária da parte diversificada (competência da SEDUC e das regionais de ensino).

O primeiro contato oficial com a escola foi amistoso e proativo. Contudo, algumas mudanças já foram apontadas como necessárias. Primeiro, não seria possível manter o cronograma inicial, que visava trabalhar com uma turma de 30 estudantes nos dois últimos horários, durante uma semana (10h/aula<sup>60</sup>). Foi sugerido trabalhar em parceria com os professores responsáveis pela Trilha<sup>61</sup> da área de Ciências Humanas, que possuíam 3 horas/aulas semanais em uma turma mista (estudantes de 2ª e 3ª série - o que também representava mudança em relação à proposta inicial, que tinham como sujeitos de pesquisa somente estudantes da 3ª série).

Segunda mudança: parte das atividades seriam com uso de internet e *sites* de busca, bem como a utilização de ferramentas digitais, mas o Laboratório de Informática (LABIN) estava sem acesso à internet por falta de pagamento. Nesse ponto, evidencia-se a necessidade de uma gestão, por parte da SEDUC e da UE, que tenha, entre suas prioridades, o acesso à internet, essencial atualmente. Sabe-se das dificuldades financeiras e estruturais de muitas escolas brasileiras, dificuldades que precisam ser apontadas e debatidas a fim de se cobrar a resolução.

Outro ponto a se destacar, que também é a realidade de muitas escolas, é o fato de que a escola não oferece internet para os estudantes, dificultando a execução das atividades da forma como foram planejadas. A situação real nos leva a pensar sobre os resultados da pesquisa *Tic kids online Brasil 2023* conduzida pela Cetic.br que apontam que 44% dos usuários de internet entre 9 e 17 anos o fazem na escola. Levanta-se duas hipóteses – não averiguadas por este estudo, mas pertinentes – de que o acesso nas escolas não é maior devido às carências técnicas e econômicas das escolas ou pela proibição do uso de celulares aliada à precariedade dos Laboratórios de Informática.

---

<sup>60</sup> Uma hora aula tem a duração de cinquenta minutos. Na rede estadual do Tocantins, são cinco horários diários de cinquenta minutos cada. Somente um deles é de História.

<sup>61</sup> Trilha é parte dos Itinerários Formativos propostos pela BNCC e implementados após a Reforma do Ensino Médio. De acordo com o Ministério da Educação e Cultura, “os itinerários formativos são o conjunto de disciplinas, projetos, oficinas, núcleos de estudo, entre outras situações de trabalho, que os estudantes poderão escolher no ensino médio. Os itinerários formativos podem se aprofundar nos conhecimentos de uma área do conhecimento (Matemáticas e suas Tecnologias, Linguagens e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e suas Tecnologias e Ciências Humanas e Sociais Aplicadas) e da formação técnica e profissional (FTP) ou mesmo nos conhecimentos de duas ou mais áreas e da FTP. As redes de ensino terão autonomia para definir quais os itinerários formativos irão ofertar, considerando um processo que envolva a participação de toda a comunidade escolar”. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/publicacoes-para-professores/30000-uncategorised/40361-novo-ensino-medio-duvidas>. Acesso em: 1º dez. 2023.

Aparadas todas as “arestas” a proposta de atividades foi reformulada, para acontecer durante as aulas da Trilha *Vozes da juventude*<sup>62</sup>, sob responsabilidade de dois professores (com formação em Geografia e Filosofia) totalizando 6 horas/aulas semanais (às terças e quintas, no período matutino). Assim, as oficinas ocorreram entre os dias 09 de março e 06 de abril, com algumas atividades sendo realizadas de forma síncrona, via Google Meet (palestras) totalizando 6 oficinas.

Com relação ao acesso à internet, a solução encontrada, após primeira reunião com os/as estudantes, foi a utilização da minha internet pessoal, compartilhada entre aqueles que não possuíam acesso em seus telefones celulares. O telefone celular foi mais utilizado que o *notebook* (as atividades foram no LABIN e seria possível compartilhar a internet para os computadores, mas os/as estudantes preferiram o celular – apenas um estudante utilizou o computador para a parte das pesquisas).

Participaram da pesquisa 14 estudantes das 2ª e 3ª séries do Ensino Médio do turno matutino. A ideia inicial foi que toda a turma participasse das oficinas, entretanto muitas turmas estavam sem professores regentes e os/as estudantes aproveitavam-se da situação para ficar fora de sala de aula (o dia de quinta-feira era destinado às Trilhas e os/as estudantes precisavam se mudar de sala, momento em que entravam em outras salas ou ficavam no pátio e na quadra de esportes com as turmas que estavam sem professor/a regente).

De acordo com relatos iniciais dos/as estudantes, poucos colegas frequentam as Trilhas pois preferem ficar no pátio ou nem vão à escola nesses dias (a escola organizou as Trilhas de todas as áreas para serem realizadas nas terças e quintas. Nesses dias os/as estudantes ficam com 4 aulas de Trilhas e 1 aula da Base Comum).

Com a nova estruturação advinda do NEM novos cargos foram criados, inclusive uma espécie de “Inspetor de Pátio” que seria responsável por abordar os/as estudantes que estivessem fora das atividades. Contudo, havia ainda um déficit de professores e muitos/as estudantes acabam sem atividades, alocados no pátio da escola. Os/as demais se misturam a estes, dificultando a organização dos mesmos (lembrando também que nesses dias as turmas se misturam o que acrescenta um grau de dificuldade à manutenção deles/as em sala/atividade).

O relato dos/as estudantes é corroborado pelo dos profissionais da UE no sentido de que há reclamação em relação à existência e organização das Trilhas por parte de estudantes e

---

<sup>62</sup> A Trilha *Vozes da Juventude* teve estrutura organizada e disponibilizada pela SEDUC. Ao contrário do que a equipe pedagógica da escola entendeu, não foi possível que os próprios profissionais montassem suas trilhas. A orientação, feita pela SEDUC, foi de que utilizassem as propostas construídas pela secretaria. Ver em: <https://www.to.gov.br/seduc/ciencias-humanas-e-sociais-aplicadas/56hp66pwstc3> Acesso em: 1º junho 2022.).

responsáveis. Uma mãe teria ligado, no dia anterior ao início das oficinas, reclamando que o filho “não está tendo aula”. As reclamações evidenciam insatisfação com relação à estrutura curricular proposta pelo Ministério da Educação (MEC) e com os arranjos efetivados pela UE. Outro ponto a se destacar é a omissão da SEDUC em oferecer os profissionais necessários para a organização das UE's a tempo de organizarem o horário para o início do ano letivo.

Na conversa informal após o preenchimento do formulário ficou claro que todos conhecem memes e gostam deles. Reconhecem os memes como um elemento de comunicação mais fácil, por ser direta e engraçada (o elemento humor foi apontado como característica principal de um meme pelos/as estudantes). Os/as estudantes ressaltaram também que o meme facilita a comunicação, pois vivem no “2x”, fala que já ouvi em outros contextos, mas com a mesma referência à aceleração da vida e as consequências negativas disso (um estudante falou que não assiste vídeo de mais de 5 minutos sem acelerar).

Sobre Idade Média, muitos/as estudantes afirmaram ter “ouvido falar”, mas não na escola e sim em jogos, filmes (ao lembrar dos jogos, citaram God of War, que na verdade é sobre mitologia, especialmente grega - o que foi apontado por um dos colegas. Aliás, nas respostas do formulário sobre Idade Média é nítida a confusão entre Antiguidade e Idade Média) o que pode ser explicado justamente pelo pouco contato escolar com o tema.

Após o intervalo os/as estudantes trouxeram alguns/a colegas, que se interessaram em participar. Esse acontecimento reforça que o melhor estímulo para a participação dos estudantes em qualquer atividade é o interesse. Expliquei aos novatos a dinâmica das atividades, sobre o termo e agradei o interesse. Ao começar a atividade de análise inicial dos memes o interesse aumentou. Muitos sorrisos ao ver os memes, muitas dúvidas em relação ao assunto, demonstraram a importância de se reconhecer o contexto e os elementos presentes no meme para que ele tenha sentido e, de fato, comunique uma ideia. Alguns começaram a apontar um colega como meme e mostrar os memes dele (que era um de macaquinhos). Foi a oportunidade de conversarmos sobre alguns limites do humor. Um estudante me perguntou: “professora, de que memes a senhora está falando? Eu só consigo pensar naqueles doidos de armadura, no cavalo... os malucos gritando ‘deus vult’”.

Antes de começar a análise das fontes é relevante traçar o perfil socioeconômico dos participantes da pesquisa. Para isso foi utilizado um Formulário Google<sup>63</sup> elaborado pela pesquisadora e apresentado aos/às estudantes no segundo encontro, após a apresentação inicial da pesquisa. As respostas permitiram traçar o seguinte perfil: a maioria é composta por meninos

---

<sup>63</sup> Ver Apêndice 2.

(cinco meninas e nove meninos), que se declaram pardos/as (nove participantes) preto/as (um participante) e brancos/as (quatro participantes).

Em relação à moradia, todos moram com a família, sendo que oito estudantes moram com os pais, quatro somente com a mãe e dois com os pais e outros familiares. A residência é própria (nove participantes) ou alugada (cinco participantes). A residência de dez estudantes é próxima da escola enquanto a casa dos/as outros/as quatro é longe da escola, mas ainda na área urbana. O meio de transporte para chegar à escola é o carro próprio (seis estudantes) e a bicicleta (cinco estudantes) e os demais se locomovem através de transporte por aplicativo, transporte coletivo e a pé.

Em relação à escolaridade dos pais, os resultados apontam que 35,7% das mães possuem curso superior completo enquanto 28,6% dos pais possuem o mesmo grau de instrução. Percebe-se que a ocupação das mães é bem diversificada, estando concentrada em atividades no setor público, como funcionária concursada e trabalhando por conta própria – sem empregados. Já em relação aos pais 28,6% se dedicam ao setor privado.

O grau de escolaridade e o alto índice de empregabilidade justifica os salários: a maioria, 42,9% têm renda familiar superior a R\$5.000,00 e somente uma família tem renda familiar inferior ao salário-mínimo e é beneficiária de programas sociais como o Bolsa Família. As condições socioeconômicas desses/as estudantes e suas famílias os colocariam como classe C1 (segundo o Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB), conforme definido pela Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (Abep)<sup>64</sup>).

Uma vez que as questões socioeconômicas já foram apresentadas, cabe discutir outros aspectos importantes para o desenvolvimento da pesquisa: as fontes utilizadas e a metodologia aplicadas.

### **3.2 As fontes e a metodologia de pesquisa: horizontes descortinados durante a pesquisa**

Em livro de 2020, Tânia Regina de Luca procurar apresentar todos os elementos essenciais para uma pesquisa em História. Ainda nos elementos introdutórios, a autora defende que “o estudo do passado, remoto ou recente, requer método e instrumental teórico” (Luca, 2020, p.14) e acrescenta, mais à frente, que outro fator fundamental é compreender que “a questão da seleção das fontes e da sua forma de utilização está presente desde o início e caminha junto à problematização e à construção do objeto [...] (Luca, 2020, p.88).”

---

<sup>64</sup> Essa classificação foi adotada uma vez que a pesquisa sobre jovens e adolescentes e o mundo online (Tic kids Online), utilizada na pesquisa, recorre a ela. Para mais informações: <https://www.abep.org/criterio-brasil>

As fontes analisadas na pesquisa foram construídas pelos/as próprios/as estudantes durante a realização das oficinas, ao responderem os questionários elaborados pela pesquisadora e participarem das rodas de conversa após cada oficina. Dessa maneira, fazem parte do *corpus* de fontes analisadas: as respostas dos/as estudantes ao questionário exploratório (em forma de Formulário do *Google*), respondido durante o segundo encontro após a apresentação da pesquisa; as observações anotadas no caderno de campo da pesquisadora; as respostas em outros Formulários *Google* após cada oficina e, finalmente, os memes produzidos pelos estudantes.

Para compor estas fontes de pesquisa, foi preciso assumir que, de alguma forma, a presença da pesquisadora como organizadora e condutora das oficinas significava interação em todas as etapas. Estudantes e pesquisadora estavam, portanto, produzindo juntos, partindo do pressuposto que, em termos metodológicos, as oficinas promovem a construção de algo pelo/a estudante, após dialogar, questionar, comparar através das atividades organizadas e mediadas pela pesquisadora. Como defendido por Costa, “oficinas são espaços em que pensamento e ação se relacionam, sendo um terreno potente e fértil onde se demarca a autoria e a produção de narrativas (Costa, 2021, p.84).

Em termos de metodologia de pesquisa, como já apontado anteriormente, partiu-se das premissas da pesquisa-ação, segundo o qual,

No processo de educação associado a essa proposta metodológica, a relação entre pesquisa (fase de investigação) e a ação educacional pode ser de tipo sequencial. Primeiro, os grupos pesquisam o contexto de atuação, os atores, suas identidades, necessidades e expectativas. Com base nesse levantamento, estabelece-se a programação de uma ação educacional que é ponto de partida para outras investigações retroativas. [...] Nessa perspectiva, há sempre simultaneidade entre os atos de pesquisa dos docentes e os atos de ensinar ou de aprender. Trata-se de um processo mais complexo, com maior integração e interação ação-reflexão-ação no desenrolar do processo formativo. (Thiollent; Colette, 2014, p. 211).

Assim sendo, a pesquisa foi pensada, em seus moldes iniciais, tendo por base os conhecimentos teóricos e as questões da pesquisa (embasadas na observação do cotidiano escolar). Uma vez em contato com os sujeitos da pesquisa, alterações foram feitas, reflexões anotadas no caderno de campo, questionamentos por parte da pesquisadora e dos sujeitos da pesquisa surgiram e todos esses aspectos se refletiram na condução das oficinas e na análise das fontes produzidas.

Sobressai, a partir dessa perspectiva, o papel diferenciado do/a professor/a que agora se apresenta também como pesquisador/a. Esse é um dos pilares da pesquisa-ação, que requer

mudanças profundas na forma de pensar a relação professor/estudante/conhecimento/pesquisa. Mudança que assume que “professores e alunos não são consumidores de conhecimento, são produtores dialogando por meio da pesquisa, com cooperação ou colaboração a seu alcance, por meio de interações, observações, leitura e reflexão” (Thiollent; Colette, 2014, p.213).

Tal visão se aproxima da perspectiva de Isabel Barca (2004; 2012) quando propõe a aula oficina. Segundo a autora, a aula oficina enquadra-se em uma discussão metodológica na qual se questionam sobre a metodologia mais adequada para o ensino de História. Tem como base as ideias de autores do campo da Educação Histórica, e com a obra do historiador e filósofo Jörn Rüsen. Além da questão metodológica e baseada na cognição histórica, a proposta defende que o/a professor/a deve ser formar também como um/a pesquisador/a. A aula oficina deve ser organiza com base em:

1. Recolha inicial de dados sobre as ideias prévias dos alunos acerca de um conceito substantivo, selecionado dentro de uma determinada unidade em estudo.
2. Análise das ideias prévias dos alunos segundo um modelo (simplificado) de progressão conceptual: categorização das ideias de alunos desde ideias incoerentes e alternativas até às relativamente válidas.
3. Desenho, planeamento e implementação de uma unidade temática tendo em conta um refinamento progressivo das ideias históricas dos alunos previamente diagnosticadas.
4. Recolha de dados sobre as ideias dos alunos a posteriori, aplicando o mesmo instrumento do momento inicial.
5. Aplicação de um instrumento de metacognição aos alunos para monitorizar o processo de ensino e aprendizagem. (Barca, 2012, p. 46-47).

A função do/a professor/a, de acordo com a proposta de aula oficina, é adotar uma postura de incentivador da indagação histórica, orientar o processo de pesquisa, análise de fontes e desenvolvimento da narrativa histórica, etapas em que o/a estudante desenvolve seu conhecimento e pratica a crítica. Assim sendo, a partir de atividades problematizadoras organizadas pelo/a professor/a, os/as próprios/as estudantes constroem sua narrativa histórica, ocupando papel de agente da produção de seu conhecimento.

Toda essa proposta metodológica/didática se assenta nos estudos do campo da Educação Histórica, que leva em consideração, entre outros fatores, a construção da consciência histórica dos/as estudantes (Rüsen, 2002). Para tanto, é necessário estabelecer um elo entre a ciência e o ensino. Nesse sentido, pensa-se a ciência histórica em sua especificidade, bem como as peculiaridades do ensino de História.

Levando-se em consideração essas singularidades, definiu-se a “aula histórica” que, como apontado por Maria Auxiliadora Schmidt, é elaborada tendo em vista que:

A proposta de uma matriz das competências do pensamento histórico tem como objetivo principal dar referências para o modo de operar da aprendizagem histórica, tendo em vista atingir uma das metas da Didática da História que é construir a competência de atribuição de sentido pela narrativa histórica. O referencial para a análise das categorias propostas é a filosofia e a teoria da História. (Schmidt, 2021, p. 25).

A aula histórica, portanto, vislumbra possibilidades para a pesquisa e o ensino de História que podem dialogar com os anseios da juventude que vive a Era Digital (Barros, 2022), se interessa por temáticas históricas e busca se informar e se instruir através da internet (em especial através das redes sociais). Apropriando-se da metodologia da aula histórica e da aula oficina, tem-se a oportunidade de contribuir para o desenvolvimento de aulas de História mais vivas, interessantes e capazes de colaborar para o desenvolvimento da consciência histórica e do pensamento crítico.

### 3.2.1 O planejamento e o desenvolvimento das oficinas

Inicialmente, as oficinas foram organizadas em três módulos com atividades diferenciadas. O objetivo principal era desenvolver a literacia histórica que, nas palavras de Peter Lee, tem como princípios:

Uma primeira exigência da literacia histórica é que os alunos entendam algo do que seja história, como um “compromisso de indagação” com suas próprias marcas de identificação, algumas ideias características organizadas e um vocabulário de expressões ao qual tenha sido dado significado especializado: “passado”, “acontecimento”, “situação”, “evento”, “causa”, “mudança” e assim por diante. Isso sugere que os alunos devem entender, por exemplo:

- como o conhecimento histórico é possível, o que requer um conceito de evidência;
- que as explicações históricas podem ser contingentes ou condicionais e que a explicação de ações requer a reconstrução das crenças do agente sobre a situação, valores e intenções relevantes;
- que as considerações históricas não são cópias do passado, mas todavia podem ser avaliadas como respostas para questões em termos (ao menos) do âmbito do documento que elas explicam, seus poderes explicativos e sua congruência com outros conhecimentos. (Lee, 2006, p. 136).

As oficinas foram pensadas com foco em promover atividades baseadas na investigação para, a partir da ciência histórica, se construir a identificação do/a estudante consigo próprio, com o ambiente no qual estão inseridos e com o tempo histórico. Considera-se que, desta maneira, operações elementares da consciência histórica (Rüsen, 2001) serão mobilizadas a fim de garantir o aprendizado histórico que, nas palavras de Rüsen,

É um processo da consciência que se dá entre os dois pontos de referência seguintes. De um lado, um dado objetivo da mudança temporal do homem de seu mundo no

passado. De outro, um sujeito determinado, uma autocompreensão e uma orientação de vida no tempo. (Rüsen, 2007, p.106).

Para buscar efetivar essa proposta, as oficinas foram organizadas para serem inseridas dentro de um cronograma especial (duas últimas aulas do turno, totalizando uma semana), como demonstrado no início do capítulo. Diante da impossibilidade de organizar tal horário, as oficinas foram repensadas para fazer parte das ações dentro da *Trilha Vozes da Juventude*, sob a responsabilidade da área de Ciências Humanas, de forma que a organização apresentada à escola corresponde ao cronograma abaixo:

Quadro 5 - Organização inicial das oficinas

<b>Módulo I - Os memes</b>	<b>Módulo II - Tempo histórico e personagens</b>	<b>Módulo III - “Mememotologia”</b>
OFICINA 1: Primeiras palavras sobre memes	OFICINA 5: Ampliando os conhecimentos sobre a Idade Média	OFICINA 8: Produzindo memes
OFICINA 2: O que são os memes e como analisá-los – conversa com especialista	OFICINA 6: Ampliando o conhecimento sobre os cavaleiros medievais	OFICINA 9: Socializando as produções
OFICINA 3: Os memes e o ambiente em que circulam	OFICINA 7: A Idade Média e os cavaleiros medievais – organizando os resultados das pesquisas e discussões e reanalisando memes de cavaleiros medievais	OFICINA 10: Avaliação final
OFICINA 4: Conhecendo produtores de memes históricos		

Fonte: Elaboração própria.

Utilizar as aulas de História era algo impossível dada a Reforma do Ensino Médio. Nas escolas estaduais do Tocantins, a carga horária do componente curricular de História ficou restrito a uma aula semanal, em todas as séries do Ensino Médio. As demais práticas não mudaram, de maneira que o planejamento da área permanecia voltado a atender os anseios daqueles/as que prestariam vestibular ou fariam a prova do Enem. Isso quer dizer que os conteúdos permaneciam os mesmos de quando a disponibilidade era de duas aulas por semana. Além do mais, o processo avaliativo da escola continuava o mesmo, o que leva à constatação de que as aulas de História, tão raras, estavam destinadas para “conteúdos mais importantes”.

Nesse sentido, as Trilhas surgiram como uma possibilidade promissora. Como apontado anteriormente, são seis aulas semanais, divididas em módulos, para serem desenvolvidas

durante todo o ano letivo. Contudo, a UE deve garantir a autonomia para os/as docentes elaborarem suas Trilhas, não exigir a adoção de Trilhas já organizadas, que não levem em consideração os reais anseios e a realidade dos/as estudantes presentes na instituição. De toda forma, foram estas as aulas disponibilizadas e que tornaram possível o desenvolvimento da pesquisa. O tempo foi restrito a um mês, para que as atividades de pesquisa não prejudicassem as aulas programadas para a Trilha.

Entretanto, logo nos primeiros encontros, as dificuldades apontadas fizeram com que a organização das oficinas sofresse modificações, com o intuito de diminuir o tempo presente na escola, evitar que os/as participantes abandonassem as atividades e levar à cabo o cerne da proposta. Logo, as atividades efetivamente desenvolvidas foram as listadas abaixo<sup>65</sup>:

Quadro 6 - Oficinas efetivamente desenvolvidas

		<b>Atividade</b>	<b>Desenvolvimento</b>	<b>Duração</b>
<b>Módulo I – Os memes</b>	<b>Oficina 1</b>	Análise inicial de memes	Roda de conversa Análise de imagens	2h/aula
	<b>Oficina 2</b>	As redes sociais, o meme e eu	Palestras Roda de conversa	3h/aula
	<b>Oficina 3</b>	Análise estruturada de memes	Roda de conversa Questionário estruturado	2h/aula
<b>Módulo II - Tempo histórico e personagens</b>	<b>Oficina 4</b>	Aprofundando os conhecimentos sobre Idade Média e cavaleiros medievais	Pesquisa	2h/aula
<b>Módulo III - “Mememotologia”</b>	<b>Oficina 5</b>	Produzindo memes	Palestra	2h/aula

Fonte: Elaboração própria.

Durante todo o desenvolvimento das oficinas, a participação dos/as estudantes foi instável. Demonstraram muito interesse no início e durante as palestras dos/as convidados/as,

<sup>65</sup> Ressalta-se que o questionário socioeconômico e a pesquisa exploratória foram desenvolvidas em um momento anterior ao desenvolvimento inicial das oficinas. Consistiu em uma roda de conversa na qual foram anotadas as ideias iniciais dos estudantes acerca do mundo digital e dos memes como um todo. Em seguida, as duas aulas após o intervalo foram destinadas ao preenchimento do Formulário *Google* com as perguntas exploratórias.

mas, ao longo das atividades, a participação diminuiu e na última atividade, com a produção dos memes, houve muita dispersão, muita conversa paralela, pouca pesquisa (o LABIN estava à disposição, com internet a cabo conectada) e certo desinteresse por parte dos/as estudantes, que procuraram fazer a atividade rapidamente. O resultado da dispersão e do desinteresse pode ser observado nas produções finais (discutidas na página 57).

Uma possibilidade importante aberta pela organização de aulas oficinas é a participação de pessoas de fora do ambiente escolar. Profissionais de outras áreas podem colaborar com palestras, conduzindo oficinas, trazendo visões e experiências diferentes para compartilhar. Para as oficinas da pesquisa, foram organizadas três palestras virtuais síncronas. A primeira delas contou com a participação do professor da UFNT, Dr. Braz Batista Vas, que orientou pesquisas na área do digital e do ensino de História.

Sob o título *As redes sociais, o algoritmo e eu*, a palestra versou sobre o mundo digital, com suas possibilidades e desafios, bem como as relações – muitas vezes perigosas – entre as redes sociais e os indivíduos, uma conversa que rendeu muitas discussões com os/as estudantes. Com base nas respostas ao Formulário *Google*, após a apresentação e a roda de conversa sobre o assunto, ficou claro que, apesar de bem inseridos no ambiente virtual, ainda há muitas informações desconhecidas, especialmente em relação aos cuidados com os dados pessoais e como são utilizados.

A segunda palestra foi conduzida pela professora Me. Eliete Araújo e denominada *Representações da negritude em memes de internet*. Nela, a professora apresentou aos/às estudantes parte de sua pesquisa de mestrado, explicando o que são os memes, onde circulam e, principalmente, o uso do humor derrisório em relação aos negros. Houve muito envolvimento dos/as estudantes. Todos utilizam os memes para se comunicar e houve uma discussão produtiva sobre os limites do humor e reflexão sobre o uso dele para escamotear preconceitos e discriminação.

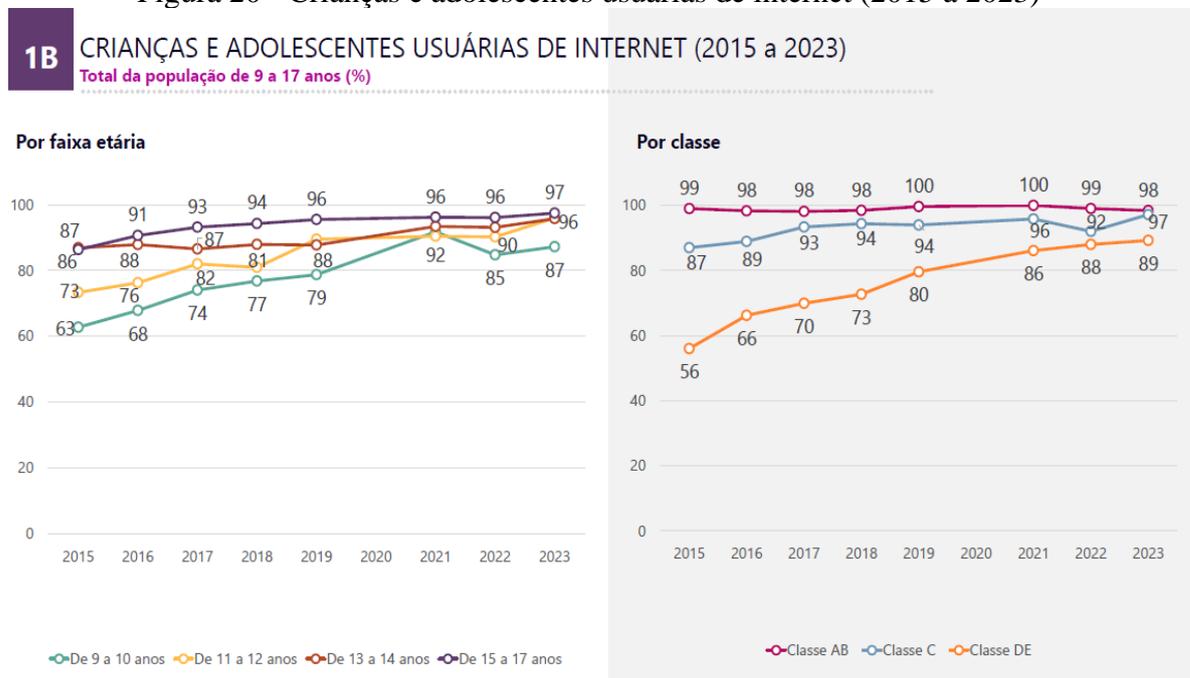
A terceira palestra teve como tema *História e os memes*, ministrada pelo professor e mestrando do ProfHistória, Hudson Araújo. Araújo possui um perfil no *Instagram* no qual compartilha suas experiências em sala de aula e suas produções meméticas, com foco em temas históricos. Nesta feita, Araújo falou sobre as relações entre redes sociais, memes e ensino de História com foco em sua experiência pessoal como professor inserido no meio digital e utilizando-o para difundir o conhecimento histórico e, de forma mais específica, como é seu processo de criação dos memes.

### 3.2.2 Os/as estudantes e o mundo digital

Desde o primeiro contato com os/as estudantes, ficou claro que a linguagem dos memes lhes é familiar. Segundo o questionário exploratório, todos eles conhecem os memes, gostam de aprender História com eles (92,9%) e reconhecem os memes por sua principal característica: o recurso do humor. Característica essa que os leva a gostar e compartilhar memes com os quais estabelecem contato através das redes sociais *Instagram* e *Tik Tok*. Interessante apontar que, embora não tenham citado o *WhatsApp* em suas respostas no questionário durante todas as oficinas, mostravam os memes usados para “zuar” os colegas e que circulavam nos grupos desse aplicativo.

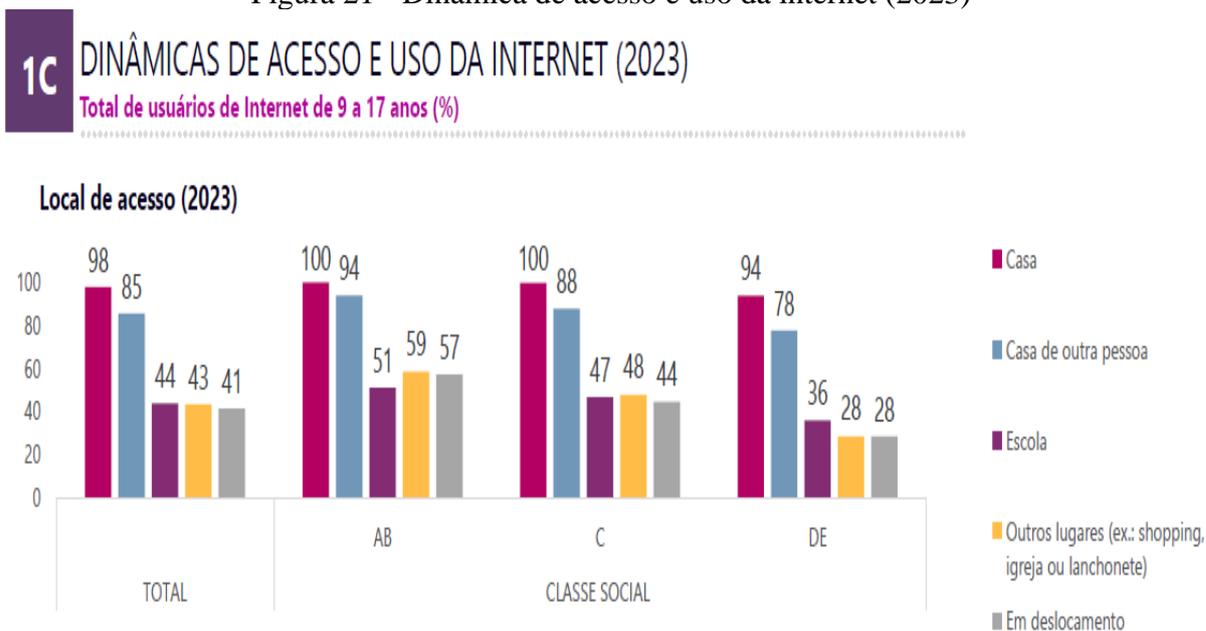
Tal contato com os memes só é possível porque os/as estudantes possuem acesso à internet (treze estudantes possuem acesso via *Wifi* em casa e um estudante via dados móveis). Tal resultado condiz com o apresentado pela pesquisa *TIC kids online Brasil (2023)* organizada pela Cetic.Br cujos resultados são reproduzidos a seguir:

Figura 20 - Crianças e adolescentes usuárias de internet (2015 a 2023)



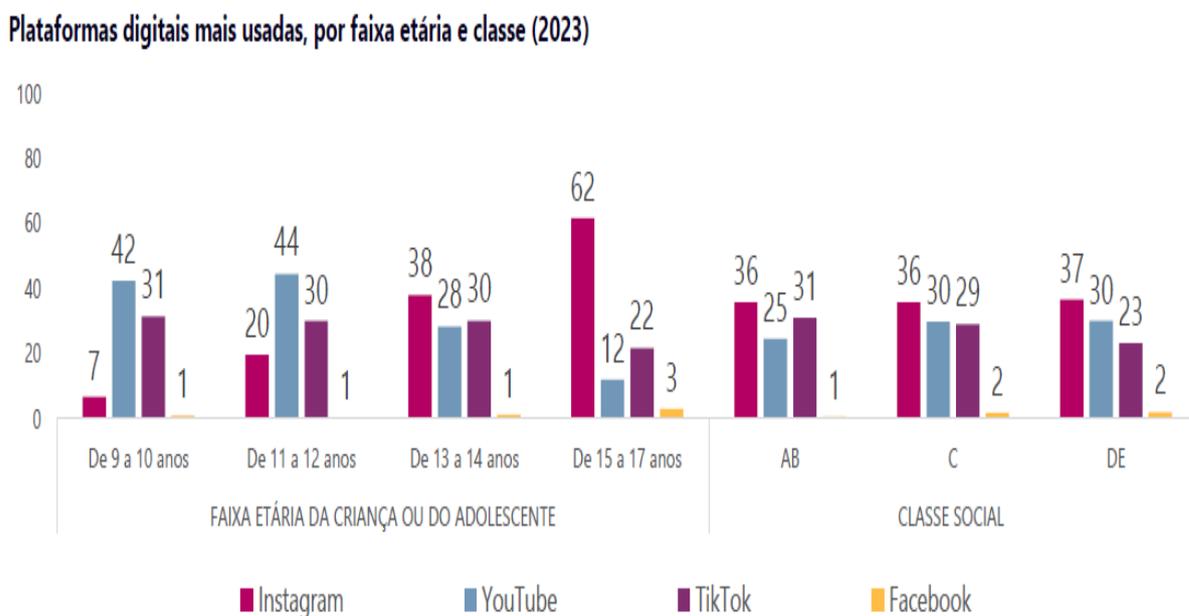
Fonte: *TIC kids Online Brasil, 2023*

Figura 21 - Dinâmica de acesso e uso da internet (2023)



Fonte: TIC Kids Online Brasil, 2023.

Figura 22 - Plataformas digitais mais usadas, por faixa etária e classe (2023)



Fonte: TIC Kids Online Brasil, 2023<sup>66</sup>.

<sup>66</sup> Figuras 17, 18 e 19 disponíveis em: <https://cetic.br/pt/pesquisa/kids online/>

O alto número de crianças e adolescentes utilizando a internet, mesmo entre as crianças menores, entre 9 e 10 anos (87% têm acesso à rede), em todas as classes sociais, utilizando a rede em diversos ambientes e para acessar as redes sociais, apontam que os/as estudantes participantes estão inseridos no ciberespaço e fazem parte da cibercultura (Lévy, 1999) uma vez que participam desse ambiente virtual da internet e dominam algumas de suas técnicas e linguagens.

Da mesma forma, somos levados a considerar que Barros (2022), ao discorrer sobre a era digital, apontando que vivenciamos uma sociedade que, além de ter acesso às tecnologias, vem sendo transformada por elas, inclusive nas formas de comunicação e interação social, pode estar correto em sua análise. Durante as oficinas, percebeu-se que os/as estudantes mantêm “conversas” inteiras só com a utilização de memes ou figurinhas<sup>67</sup> no *WhatsApp*, além de interagirem através de *likes* e *dislikes* com os perfis das redes sociais.

Como demonstrado por Lévy (1999) e Barros (2022) – além do que é proposto pela BNCC – essa inserção no ambiente virtual, especialmente por parte dos jovens, suscita questionamentos sobre como a relação se estabelece. Uma das grandes preocupações das escolas – e professores/as de História em especial – é compreender como se dá a relação entre esses jovens e as informações veiculadas no ambiente das redes sociais e dos *sites* de busca.

Para tentar compreender a relação estabelecida entre os/as estudantes participantes da pesquisa e as informações disponíveis nas redes sociais, foram elaboradas algumas perguntas sobre: motivo do acesso à internet (“Você utiliza a internet para...”); se gostam de se manter informados/as sobre as notícias do município, do país, do mundo; por quais meios se informam; por quais redes sociais recebem mais informações; se investigam as informações; se compartilham essas informações.

Sobre o uso da internet, a pergunta pedia que se manifestassem de acordo com a legenda, no qual 1 representava “Nunca”, 2 “Raramente”, 3 “Às vezes” e 4 “Frequentemente”. Os resultados são mostrados a seguir:

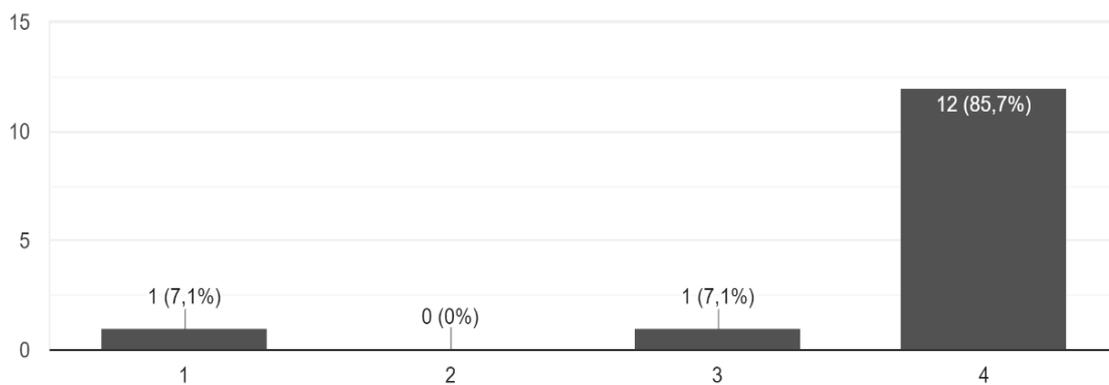
---

<sup>67</sup> Figurinhas são imagens recortadas, animadas ou não, feitas através de desenhos, fotos etc. São parecidas com os adesivos utilizados nos anos 1990/2000 e com os *emojis* (um pictograma ou ideograma, ou seja, uma imagem que transmite a ideia de uma palavra ou frase completa).

**Figura 23 - Você utiliza a internet para comunicação**

Você utiliza a internet para comunicação

14 respostas

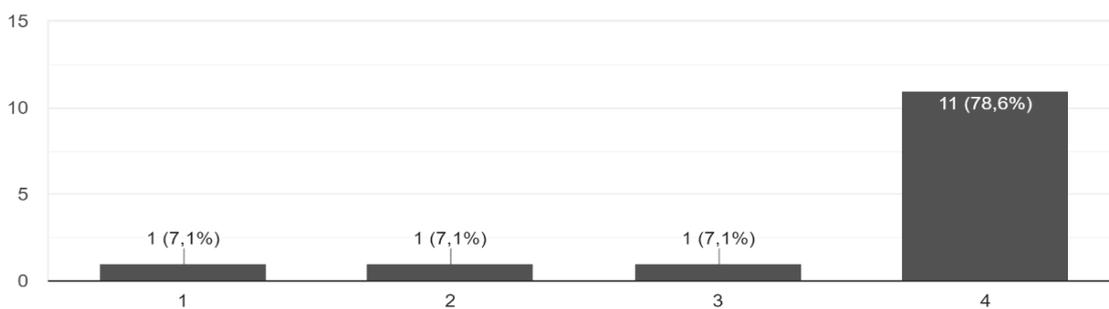


Fonte: Dados da pesquisa exploratória.

**Figura 24 - Você utiliza a internet para diversão/entretenimento**

Você utiliza a internet para diversão/entretenimento

14 respostas

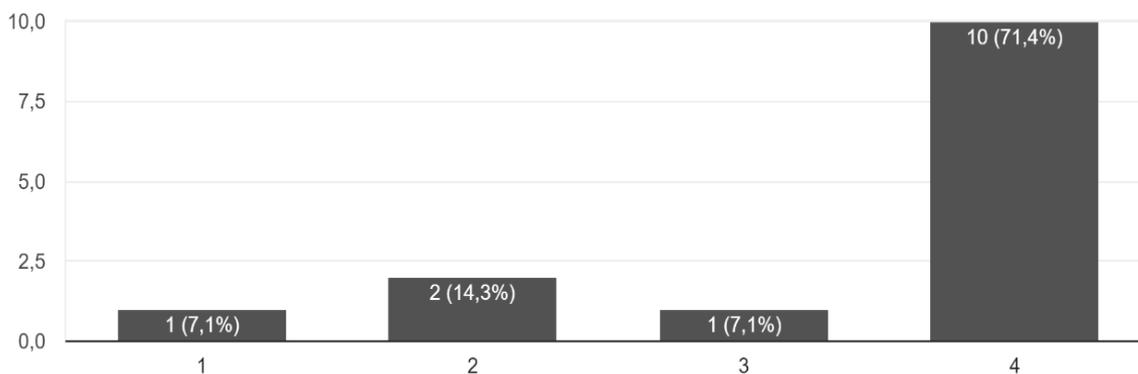


Fonte: Dados da pesquisa exploratória.

**Figura 25 - Você utiliza a internet para estudos**

Você utiliza a internet para estudos

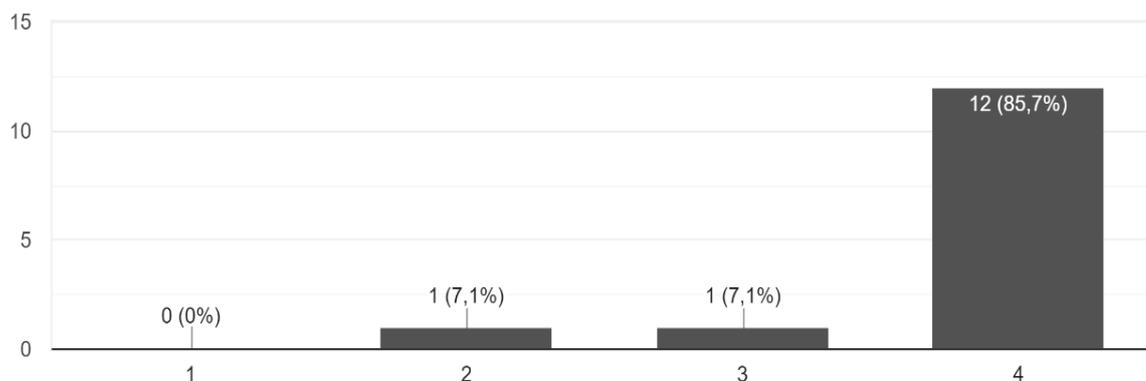
14 respostas



Fonte: Dados da pesquisa exploratória.

Figura 26 - Você utiliza a internet para informações gerais  
 Você utiliza a internet para informações gerais

14 respostas



Fonte: Dados da pesquisa exploratória.

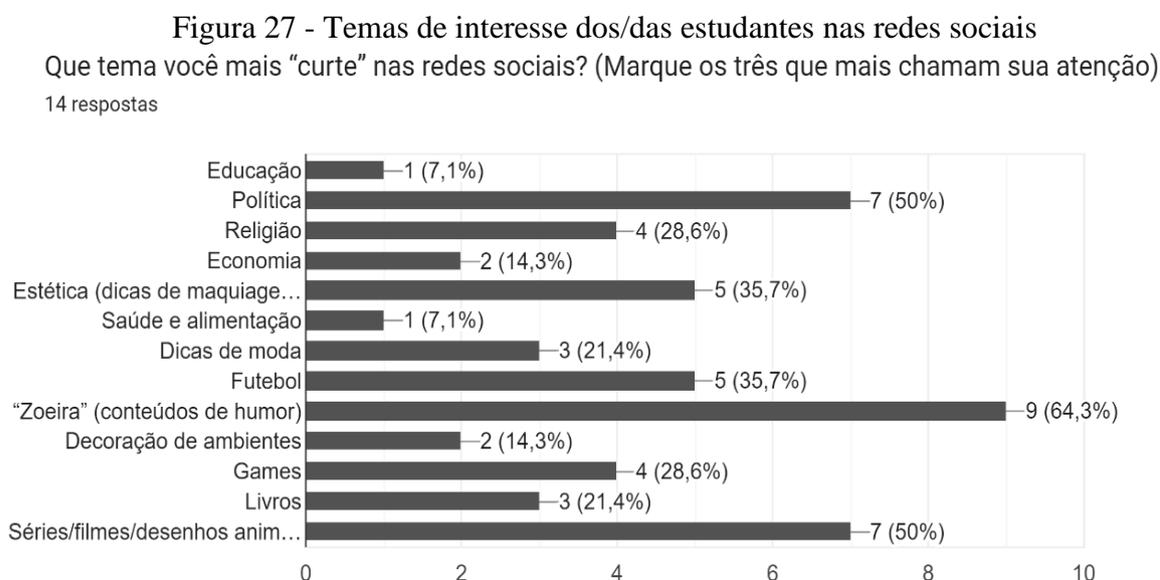
Diante das respostas, percebe-se que as redes sociais são mais utilizadas para comunicação, diversão/entretenimento e notícias. Entretanto, a porcentagem dos que utilizam para estudar também é alta, demonstrando a importância de se pensar metodologias que abarquem tais espaços e possibilitem uma interação mais saudável com eles. Nesse aspecto, a historiografia escolar digital (Costa, 2021) tem muito a contribuir. Repensar o ambiente escolar inserido no digital não significa instrumentalizar a escola com computadores, rede *Wifi*, atividades *online*, mas reconhecer a lógica por trás do mundo digital (ubiquidade, não linearidade, hipertextualidade, intertextualidade, estabelecimento de nós e conexões) e transformá-las para serem utilizadas no mundo não digital.

Com tal postura, dentro das aulas de História e tendo o/a professor/a desempenhado seu papel de mediador de experiências/a, provocador/a de questionamentos, caminha-se também para o desenvolvimento da literacia histórica (Lee, 1999) ou seja, do desenvolvimento da capacidade dos/as estudantes em pensar historicamente e, assim, se reconhecer no emaranhado de informações e múltiplos estímulos presentes no ciberespaço, apropriando-se disso e do conhecimento humano ali acessíveis de modo crítico.

Um dos pontos a se ressaltar é o fato de que, apesar de receberem e compartilharem informações pelo meio virtual, há preocupação em buscar a origem de tais informações (cinco estudantes “sempre” investigam, oito estudantes investigam “às vezes” e somente um investiga “raramente”) indica conscientização sobre a importância e responsabilidade em relação a elas. Tal postura corresponde àquela almejada pela BNCC, quando da exposição de suas competências, que prevê a valorização e a utilização dos “[...] conhecimentos historicamente

construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.” (Brasil, 2017a, p. 09).

Os/as estudantes permanecem entre 2h e 4h nas redes sociais, das quais são usuários/as ativos, ou seja, costumam curtir, comentar, dar *like* ou *dislike*, compartilhar postagens etc. Embora afirmem gostar de se manter informados e se informem principalmente pelas redes sociais (57,1% se informam principalmente pelo *Twitter* e *Instagram*), os/as estudantes curtem mais temas de humor, política, cultura *pop* (séries, filmes), estética e futebol. A variedade de temas encerra em si a constatação de que, no ambiente difuso das redes sociais, os interesses também são difusos, como representado abaixo:



Fonte: Dados da pesquisa exploratória.

Ressalta-se que os/as estudantes participantes demonstraram (antes da palestra do Dr. Vas e, especialmente, após a palestra) estar cientes dos perigos do ambiente virtual. Citaram medidas de proteção em relação às contas em redes sociais e exposição pessoal nas mesmas. Um relato em especial chama a atenção, na qual o/a estudante afirma que “uso bastante o *Instagram*, *Tik Tok* e *Twitter*. Estou conseguindo "moldar" o meu algoritmo para me mostrar coisas que eu gosto e que quero gostar, ou adaptar a minha vida”. A relação deles/as com as redes sociais é mediada pela ciência de que o ambiente exige cuidados e pode representar ameaças. Ressaltaram, também, que elas precisam ser bem utilizadas.

Compreender a ação dos algoritmos é um ponto importante, uma vez que esta ação demonstra que nenhuma informação presente nas redes é neutra. A confrontação de fontes diferentes ajuda na compreensão das informações e na sua transformação em conhecimento.

### 3.2.3 Os/as estudantes e o conhecimento histórico

Em relação ao conhecimento histórico, verificou-se que, de fato, há interesse pelos temas históricos por parte dos estudantes. Os temas de interesse citados pelos/as participantes foram: Segunda Guerra Mundial (cinco citações); História do Brasil (duas citações); “Normalmente me interessa pela história de pessoas que marcaram a sua época e marcam até hoje. Com seus grandes feitos e estudos deixados para a sociedade”; Guerra Fria (duas citações); Revolução Francesa (uma citação); Mesopotâmia, astecas, maias e incas (uma citação); “Descobrimento” do Brasil (uma citação); “primeiros séculos D.C [sic]” (uma citação); Idade Média (uma citação); “Idade das Trevas” (uma citação).

Em relação aos conteúdos tradicionais da grade curricular do Ensino Médio, a História é citada como a preferida por seis estudantes. Geografia, Biologia e Língua Portuguesa foram citadas por dois estudantes, enquanto Matemática e Educação Física foram mencionadas por um estudante cada. Quando perguntados objetivamente se gostam da disciplina de História, nove afirmaram “gostar muito”, enquanto os/as outros/as cinco afirmaram “gostar um pouco”. Reforça-se, portanto, a abertura – no grupo de participantes – para que as atividades de História encontrassem oportunidades significativas de aprendizagem<sup>68</sup>.

Foi perceptível, também que há, entre os/as participantes, a consciência de que não se aprende História somente no espaço escolar. Ao responder quais outros ambientes seriam esses, as respostas foram: redes sociais, pessoas mais velhas, internet, museus, teatros, cinema, palestras, jornais<sup>69</sup>. A tabela abaixo representa as respostas ao questionamento sobre as preferências (afirmam “gostar muito”<sup>70</sup>) em relação aos temas históricos em outros formatos. As proporções foram as seguintes:

Tabela 2 - Preferência por formatos de contato com a História

<b>Formato</b>	<b>Afirmam “gostar muito”</b>
Livros didáticos	7,1%
Jogos com temáticas históricas	71,4%

<sup>68</sup> Importante ressaltar que a pesquisadora foi professora de História de oito dos/as participantes, no ano de 2021, quando estavam cursando a 1ª série do Ensino Médio. Como as aulas estavam sendo online, o contato foi curto e mediado pelas tecnologias.

<sup>69</sup> A pergunta foi formulada de forma aberta e as respostas dadas estão transcritas.

<sup>70</sup> A pergunta foi formulada com respostas fechadas em termos de “muito pouco; mais ou menos; gosto muito; nunca vi”.

Documentos, artefatos (objetos históricos)	78,6%
Romances históricos	50%
Filmes históricos ou com temáticas históricas	85,7%
Novelas, séries	78,6%
Documentários	92,9%
Aulas de professores na escola	50%
Aulas de professores no Youtube	42,9%
Museus e lugares históricos	85,7%
Redes sociais (sem ser aula do Youtube)	78,6%
Influencers que falam de temas relacionados à História	71,4%
Falas, conversas, depoimentos de adultos	78,6%
Memes	92,9%

Fonte: Dados da pesquisa exploratória.

Alguns outros pontos merecem ser discutidos, a começar pela constatação de que os formatos tradicionais (aula, mesmo que via *Youtube*, livro didático) não agradam os/as adolescentes. Uma questão já levantada há muito tempo por educadores da área de História é a necessidade de diversificar as maneiras de ensinar História, incorporando a análise de novos materiais e documentos, inclusive os não escritos. Bittencourt (2008) no livro *Ensino de história: fundamentos e métodos*, demonstra, inclusive com sugestões de atividades, a incorporação dessas “novidades”.

Em relação aos documentos não escritos, dentre eles as imagens, os museus ou filmes, a autora salienta que “para todos esses documentos existem métodos de análise comuns, mas é preciso estar atento às características de suas linguagens, de suas formas específicas de produzir e veicular as informações” (Bittencourt, 2008, p. 354). O cuidado com o método se mostra real quando se percebe que, a exemplo da amostra analisada aqui, tais documentos despertam interesse e prazer entre os estudantes. Memes, documentários, museus e lugares históricos, filmes com temática histórica, documentos, artefatos, novelas, séries e jogos com temáticas históricas alcançam índices de mais de 70% no quesito “gosto muito” – com destaque para os memes e documentários, com elevados 92,9%.

A alta porcentagem alcançada, no mesmo critério, por “redes sociais (sem ser aula do *Youtube*)” e “*influencers* que falam de temas relacionados à História” remete à discussão sobre novos formatos e novos lugares – área em que a História Pública vem avançando no Brasil – e à relação entre redes sociais e ensino de História, discussão feita no início do item e retomada abaixo.

A próxima tabela, por sua vez, sistematiza as respostas à pergunta sobre o grau de confiança (afirmam “confiar muito”<sup>71</sup>) em outras formas de se aprender História:

Tabela 3 - Grau de confiança em formas de aprender História

<b>Formato</b>	<b>Afirmam ser “muito confiável”</b>
Livro didático	78,6
Livro de Historiadores	78,6%
Livros de autores de outras áreas	28,6%
Professores com formação em História	92,9%
Professores formados em outras áreas, mas lecionam História	14,3%
Filmes, novelas, séries	21,4%
Documentários	92,9%
Pessoas mais velhas, sem formação em História	28,6%
Outros estudantes, inclusive universitários	7,1%
Vídeos de influenciadores no Youtube	14,3%
Vídeos de professores de História no Youtube	85,7%
Vídeos de professores de outras áreas, mas que tratam de assuntos históricos no Youtube	21,4%
Podcasts de professores formados em História	100%
Podcasts de professores de outras áreas, mas que tratam de assuntos históricos	21,4%
Podcasts de influenciadores	*Nenhum/a afirmou ser “muito confiável”

Fonte: Dados da pesquisa exploratória.

A tabela acima acrescenta elementos para a discussão da tabela anterior. Cita-se, por exemplo, o fato de que, apesar de não gostarem muito dos métodos e formatos tradicionais, são esses com o maior índice de confiança (os formatos ligados, de alguma forma, à figura de autoridade do professor alcançam mais de 78% de confiança). Tal constatação pode indicar, mais uma vez, um grau de conscientização dos/as estudantes em relação à produção do próprio conhecimento. Fator que pode – e deve – ser explorado quando do planejamento das aulas de História.

Não há novidade alguma nesse fato de haver interesse por temas históricos. O que talvez tenha mudado, pelo menos nos últimos vinte anos, é o fato de que a internet se tornou uma das principais formas de contato com o conhecimento histórico. Inclusive, há muitos que acreditam ser plenamente possível, sem perda de qualidade, substituir professores/as por videoaulas.

<sup>71</sup> A pergunta foi formulada com respostas fechadas em termos de “Muito confiável; Pouco confiável; Não pode confiar”.

Em texto intitulado *Toda a História em cinco minutos! História pública e ensino – considerações sobre o passado ensinado no Youtube* (2021), Francisco Egberto de Melo e Sônia Meneses defendem que “podemos dizer que há uma história carregada nas mãos dos estudantes que se infiltra na sala de aula e, em boa medida, se sobrepõe ao trabalho do professor” (Melo; Meneses, 2021, p.346). De fato, não somente pelas aulas em cinco minutos, resumos ou aulas disponíveis no *Youtube*, mas através dos mais diversos meios midiáticos, a história chega aos/às estudantes.

Quando questionados/as se seguiam algum canal/pessoa que trate de temas históricos, as respostas foram:

Quadro 7 - Canais no Youtube que os/as estudantes seguem

Canal	Nº de menções	Nº de inscritos	Breve apresentação
<i>Débora Aladim</i> <sup>72</sup>	3	3,59 mi	Débora Aladim criou o canal ainda como estudante do Ensino Médio e, após o crescimento do canal, fez graduação em História pela UFMG. Seus vídeos são voltados para ENEM e vestibular (com ênfase em redação). Vende cursos com suas aulas e suas “técnicas”.
<i>Canal Nostalgia</i> <sup>73</sup>	3	14,8 mi	Canal grande, com produção profissional e com muito investimento, apresentado por Felipe Castanhari (é somente o apresentador dos conteúdos). Mais voltado para cultura <i>pop</i> , <i>geek</i> e trata de assuntos históricos com ajuda de especialistas.
<i>Se liga na história</i> <sup>74</sup>	2	1,6 mi	Canal destinado à preparação para ENEM e vestibular, produzido por graduado em História. Utiliza um linguajar mais “descolado”. Há alguns anos, possui uma página na internet que se apresenta como “uma plataforma de estudos com um curso completo <sup>75</sup> ”.
<i>Vogalizando a História</i> <sup>76</sup>	1	359 mil	De acordo com a apresentação no <i>Youtube</i> , o canal “foi criado por dois amigos, Marco e Vogel, apaixonados por História, cultura <i>pop</i> e criação de conteúdo, que tem como objetivo levar informação pro público jovem, alinhada com aquela diversão que, infelizmente, não se costuma ver na escola”. Não há mais informações em relação aos dois

<sup>72</sup> Melo e Meneses (2021) aprofundam um pouco da história do canal da Débora Aladim e do *Canal Nostalgia*. O canal da Débora Aladim pode ser acessado em: <https://www.youtube.com/@deboraaladim> Acesso em: 31 dez. 2023.

<sup>73</sup> <https://www.youtube.com/@nostalgia> Acesso em: 31 dez. 2023.

<sup>74</sup> <https://www.youtube.com/@SeLigaEnemeVestibulares> Acesso em: 31 dez. 2023.

<sup>75</sup> Ver em: <https://seliga.com.br/quem-somos> Acesso em: 31 dez. 2023.

<sup>76</sup> <https://www.youtube.com/@VogalizandoaHistoria> Acesso em: 31 dez. 2023.

			criadores, mas os vídeos são concentrados, de fato, em assuntos históricos.
<b><i>História no Paint</i></b> <sup>77</sup>	1	1,73 mil	Canal de memes históricos, criado por Leandro Marin, graduado em História e muito citado nas mídias sociais por seu trabalho com memes.
<b><i>Buenas Ideias</i></b> <sup>78</sup>	1	1,4 mi	Canal do jornalista e escritor Eduardo Bueno, com vasta produção na área de História. Sua produção foi alvo de muitas críticas e discussões sobre o monopólio das representações do passado e sobre aproximações e distanciamentos entre a escrita jornalística e a histórica.
<b><i>Parabólica</i></b> <sup>79</sup>	1	935 mil	Canal parecido com o <i>Se Liga</i> , mas com um linguajar mais formal e discussões mais aprofundadas e críticas. Alguns vídeos, especialmente do início, são mais voltados para ENEM e vestibulares, também produzido por um graduado em História (Pedro Rennó).
<b><i>Rodrigo Silva</i></b> <sup>80</sup>	1	2,85 mi	Rodrigo Silva é um arqueólogo que se dedica também aos estudos bíblicos. Seus vídeos no <i>Youtube</i> misturam estudos históricos com estudos religiosos. Além dos perfis em redes sociais, mantém um programa semanal chamado “Evidências” que é transmitido pela TV Novo Tempo (ligada à igreja Adventista).

Fonte: Dados da pesquisa exploratória e *Youtube*.

Alguns pontos explicam a atração de tais formatos: proximidade (vídeos de pessoas jovens, em ambientes informais), linguagem informal, simplificações e generalizações – como apontado por Meneses (2009), interação entre apresentadores (nem sempre são profissionais da área de História ou educação) e telespectadores. Registre-se que, de fato, na pesquisa, 50% dos/as estudantes afirmaram interagir com os canais. Outro fator importante a se considerar é que muitos dos telespectadores estão ali pela simples curiosidade e na busca por informações rápidas e sem complexidades (Melo; Meneses, 2021).

Dito isso, temos 71,4% dos/das estudantes do Ensino Médio participando da pesquisa que afirmaram utilizar a internet para estudar. Indo além, 42,9% afirmam gostar de estudar (outros 42,9% gostam pelo menos um pouco) e 50% gostam de ir à escola (35,7% gostam pelo menos um pouco). Descortina-se, dessa maneira, uma série de oportunidades quando se pensa

<sup>77</sup> <https://www.youtube.com/@historianopaint> Acesso em: 31 dez. 2023.

<sup>78</sup> <https://www.youtube.com/@BuenasIdeias> Acesso em: 31 dez. 2023.

<sup>79</sup> <https://www.youtube.com/@Parabolica> Acesso em: 31 dez. 2023.

<sup>80</sup> <https://www.youtube.com/@RodrigoSilvaArqueologia> Acesso em: 31 dez. 2023.

na historiografia escolar digital, a começar pelo aproveitamento do bem-estar provocado pelo estudo, por estar no ambiente escolar e pelo acesso à internet.

As aulas oficinas, pensadas dentro da perspectiva da aula histórica de uma aula embasada em princípios interrogativos, poderá partir da curiosidade dos/as estudantes pelo conhecimento histórico e do seu entusiasmo com a escola e os estudos para aprofundar temas históricos, inclusive os chamados temas sensíveis, ou temas mais complexos como a relação entre meme, cavaleiros medievais e política.

### **3.2.4 Os/as estudantes e a Idade Média**

O interesse pela Idade Média teve, nos últimos anos, um aumento considerável, especialmente levando em conta elementos de mídia (séries, jogos de videogame, filmes) que utilizam alguns elementos medievais, mas sem acuidade histórica – são produtos neomedievais. A extrema direita brasileira também tem se interessado pelo medieval, se apropriando da imagem do cavaleiro medieval (inclusive através de memes de internet) para transmitir suas ideias extremadas acerca da nossa própria história – atual e passada.

Por outro lado, no ambiente escolar, ainda é visível o distanciamento entre as práticas escolares e o mundo ao redor. Em 2015, quando se iniciava a discussão sobre a BNCC, um dos pontos de maior discussão foi exatamente a presença – ou melhor, a ausência – de conteúdos referentes à Idade Média. Questionava-se qual o melhor caminho para o ensino de História, se um com foco no regional e no local, em possível enfrentamento ao eurocentrismo, ou a manutenção de uma história linear e quadripartite (considerada eurocêntrica).

Após as manifestações das universidades e de entidades ligadas ao estudo do medieval, as discussões foram produzindo frutos e a Idade Média voltou a ocupar seu lugar, especialmente nos currículos do Ensino Fundamental. No Ensino Médio, a parte referente aos currículos foi organizada pelos Estados e a forma como a Idade Média é apresentada depende da singularidade de cada um<sup>81</sup>.

Pesquisa conduzida por Bovo (2018) constata que, embora tenhamos boas pesquisas publicadas e em andamento sobre o medieval, tais estudos não alcançam, satisfatoriamente, o ensino de História medieval. Ao analisar escolas da região do Triângulo Mineiro (de Ensino Fundamental e Ensino Médio), Bovo concluiu que, apesar de demonstrarem conhecimentos sobre história medieval, eles estão marcados por referências midiáticas, deixando questões

---

<sup>81</sup> A situação do Tocantins pode ser observada no quadro 1, na página 57.

básicas do aprendizado histórico de lado. Por exemplo, para o Ensino Fundamental “[...] apenas dois estudantes<sup>82</sup> apresentaram noções precisas sobre periodização, o restante misturou a Idade Média à Antiguidade, à Pré-História e até mesmo à modernidade” (Bovo, 2018, p. 286). Por sua vez, estudantes do Ensino Médio também demonstraram dificuldade com a cronologia da Idade Média, sendo que somente duas amostras fizeram referência correta.

Os resultados obtidos na pesquisa dessa dissertação apontam conclusões parecidas. Os conhecimentos sobre a Idade Média são fragmentados e marcados pelo preconceito (relacionam a Idade Média às guerras, fome, sujeira, “Idade das Trevas”, “punições severas e cruéis”). Assim como na pesquisa de Bovo, há interesse por uma Idade Média idealizada pelas mídias (o indicativo são as referências a princesas, cavaleiros em armaduras, castelos, aos *vikings* – temas de jogos de vídeo games, filmes e uma série recente).

Há também uma grande confusão entre os tempos históricos, ligando povos e culturas de diferentes temporalidades à Idade Média (foram citados os persas, romanos, gregos, antiguidade, cavalo de Tróia, quando solicitado que identificassem o período e quais assuntos do período os interessava), o que pode nos levar a inferir que há dificuldade com as temporalidades recuadas e uma falha no ensino formal sobre a questão temporal em História.

De acordo com Rüsen (2007), a aprendizagem histórica se efetiva mediante três operações básicas: a experiência, a interpretação e a orientação. Tais operações são essenciais para a constituição das identidades sociais, contextualizando-as. Rüsen defende que “a experiência histórica é, fundamentalmente, experiência da diferença e da mudança no tempo. [...] A alteridade do passado, experimentada, abre o potencial de futuro do próprio presente” (Rüsen, 2007, p. 112).

À experiência, soma-se a interpretação, a competência de,

Com as novas experiências e com os novos saberes, eles podem, sobretudo, problematizar e modificar os modelos habituais de interpretação. [...] Trata-se da capacidade, [...] de transformar sua contemporaneidade para novos pontos de vista e novas perspectivas, nas quais e com as quais podem fazer e interpretar experiências históricas. (Rüsen, 2007, p. 115-116).

Por fim, tem-se a competência de orientação que é “a capacidade dos sujeitos de correlacionar os modelos de interpretação [...] com seu próprio presente e com sua própria vida, de utilizá-los para refletir e firmar posição própria na vida concreta no presente” (Rüsen, 2007, p.116).

---

<sup>82</sup> De um total de oitenta (Bovo, 2018).

Para o desenvolvimento da aprendizagem histórica, como proposto acima, o ensino de História ocupa papel central, inclusive o ensino das temporalidades recuadas. Para ajudar crianças e adolescentes a pensarem e refletirem historicamente, as aulas de História não podem desistir de demonstrar a complexidade do conhecimento histórico e oferecer a eles as atividades capazes de levá-los a desenvolver as operações básicas propostas por Rüsen. Para tanto, passado, presente, local ou mundial devem ser apresentados em sua heterogeneidade e diversidade para que crianças e adolescentes, cada um a seu tempo, desenvolvam a competência argumentativa e se posicionem no e diante do mundo que o/a cerca.

Em se tratando especificamente de cavaleiros medievais, 64,3% afirmam os conhecer pelo menos um pouco. Esses personagens são associados às guerras, à honra e a uma “classe” social. Tal visão aponta que o tema, de fato, chegou até eles/as por meios que não permitiram aprofundamento sobre tais personagens. Apesar de três estudantes terem citado que conheceram os personagens pela escola (as outras citações demonstram o contato dos/as estudantes com o medievo através das mídias. Foram três citações a filmes, três citações a séries e uma citação para jogos, internet, *Youtube*, memes e livros) ressaltaram, quando solicitado, o “pitoresco” desses personagens históricos, ou seja, suas batalhas épicas em defesa de terras e conquista de territórios.

A ideia de “honra” citada uma única vez reacende a discussão de “por que a extrema direita ama a Idade Média?”. Retomando a pesquisa de Messenberg (2017), que afirma que o conservadorismo moral é um campo semântico central nos discursos da extrema direita brasileira, a citação à honra dos cavaleiros medievais coincide com uma visão idílica da extrema direita em relação ao cavaleiro medieval. Utiliza-se a referência dos cavaleiros cruzados, ou seja, aqueles que lutaram na cruzada em uma tentativa de legitimar, no presente, novas “cruzadas” (contra o comunismo, contra a comunidade LGBTQIA+ e outros tantos inimigos “imaginários”).

A pesquisa exploratória apontou que somente quatro estudantes conheciam memes de cavaleiros medievais, embora demonstrassem interesse na Idade Média. Os principais canais de contato com os memes de cavaleiros medievais foram *Instagram* e *Tik Tok*. Algumas possíveis explicações, seja o fato de que os memes citados na pesquisa circularam mais via *Facebook* e *Twitter*, duas redes pouco utilizadas por adolescentes, e outro ponto a se considerar é que eles/as se relacionam principalmente com memes de humor sobre temas corriqueiros do dia a dia.

Em um país que não vivenciou a Idade Média histórica, mas mantém um contato histórico com esse período, seja pela colonização, pela religiosidade, pelas tradições culturais (como festas, rituais) ressignificadas aqui (Franco Júnior, 2001) e possui grupos que, no presente, buscam estabelecer uma linha quase genealógica de nossa História com a História europeia (ocidental), se valendo de personagens como o cavaleiro medieval para isso, os estudos em sala de aula da Educação Básica se mostram necessários. Um ensino histórico e interligado com os avanços feitos por medievalistas brasileiros e estrangeiros.

O *neomedievalismo* político, que tem ocupado as redes sociais e algumas mídias ligadas à extrema direita (como os documentários e filmes produzidos pelo *Brasil Paralelo*) e disputado espaço com professores de História, deve ser confrontado com conhecimentos advindos de estudos atuais e sérios produzidos e apropriados por profissionais comprometidos com a produção e distribuição do conhecimento científico. Em um movimento mais amplo, Richard Utz convida os medievalistas – e talvez não seja exagero dizer, professores da educação básica também – a

[...] começar por admitir que, ao desfrutarmos do esplêndido isolamento que nos permitiu aprender muito sobre a cultura medieval, não conseguimos partilhar esse conhecimento com o público. Como resultado, um único filme de 178 minutos, *Coração Valente*, poderia acabar com o que 150 anos de estudos haviam estabelecido sobre o Direito da Primeira Noite do Senhor (rumores de que um senhor feudal tinha o direito de tirar a virgindade das filhas recém-casadas de seus servos). O estudo meticuloso de fontes desde o Iluminismo sobre os crimes horríveis cometidos durante as cruzadas medievais não impediu as escolas de nomearem suas equipes de Cruzados. E dezenas de milhares de livros e artigos eruditos sobre a cavalaria medieval não tiveram qualquer influência na apropriação de virtudes alegadamente cavaleirescas pelos supremacistas brancos. Está claramente na hora de baixar a ponte levadiça da torre de marfim e reconectar-se com o público. (Utz, 2015, s/n)<sup>83</sup>.

Reconectar com o público é algo importante também na educação básica. Não significa que tenhamos que nos tornar *influencers* ou *youtubers*, ou *podcasters*, ou criar um perfil no *Instagram* ou qualquer outra rede social. Diz mais respeito a reconhecer os interesses, as linguagens e as discussões que ocupam o espaço virtual e dizem respeito à juventude e à escola.

---

<sup>83</sup> No original: “Perhaps we should begin by admitting that in enjoying the splendid isolation that allowed us to learn a lot about medieval culture, we have failed to share that knowledge with the public. As a result, a single 178-minute movie, *Braveheart*, could wipe out what 150 years of scholarship had established about the Right of the Lord’s First Night (a feudal lord’s rumored right to take the virginity of his serfs’ newlywed daughters). Meticulous source study since the Enlightenment about the horrific crimes committed during the medieval crusades hasn’t stopped schools from naming their teams Crusaders. And tens of thousands of learned books and articles about medieval knighthood have had no influence on white supremacists’ appropriation of allegedly chivalric virtues. It is clearly time to lower the drawbridge from the ivory tower and reconnect with the public”.

Os cavaleiros medievais em forma de memes são uma dessas linguagens, embora na amostra analisada não represente interesse relevante para os/as adolescentes.

### **3.3 Ensino de História medieval em tempos extremos: a produção de memes de cavaleiros medievais**

Após a realização das atividades na escola e a análise dos resultados, é possível apresentar um panorama local que, guardada as devidas proporções, reflete o contexto nacional e até mesmo mundial. No que se refere à relação entre ensino de História medieval, mundo digital e extrema direita, percebe-se que tais ambientes e temas estão entrelaçados e presentes no cotidiano dos/as jovens estudantes. Daí, o interesse em refletir sobre tal realidade e gerar reflexões sobre ela.

Lukas Grzybowski e Renan Birro, em texto publicado em 2021 sob o título *História Medieval, Internet e Tecnologias na formação de professores*, apresentam seus argumentos em favor de uma reaproximação dos medievalistas com o público geral e do meio digital. Segundo os autores, um dos pontos negativos é o fato de identificarmos

Os usos do passado medieval por grupos extremistas de natureza diversa, que lançam mão dos meios virtuais de comunicação e transmissão de informações, além de uma linguagem de fácil compreensão, para disseminar deturpações, falsificações e “leituras paralelas” da história ao grande público. (Grzybowski; Birro, 2021, p.70-71).

A presença dos/das jovens no ciberespaço, para utilizar a terminologia de Lévy, é um dado confirmado por diversas pesquisas, assim como a ocupação desse espaço por grupos extremistas. A eles soma-se o fato de que alguns desses grupos se apropriaram de personagens medievais para transmitir suas ideias e ideais – no caso do Brasil, uma profusão de cavaleiros medievais em protestos políticos e, no caso desta pesquisa, memes de cavaleiros medievais tendo como personagem central o ex-presidente Bolsonaro.

Avançando em seu raciocínio, os autores salientam que “[...] o espaço de discussão qualificado passou a ser ocupado, desta feita, por indivíduos e grupos com interesses controversos e duvidosos, pouco preocupados com a ética, os rigores científicos e com aquilo que se discute de fato nas universidades (Grzybowski; Birro, 2021, p.71). O interesse demonstrado pelos/as participantes da pesquisa por temas históricos apresentados em diversos formatos e plataformas e a postura atuante nas redes revelam que precisamos, como professores, conhecer esses indivíduos e grupos que costumam falar por nós (algumas vezes contra nós)

para ajudar os/as estudantes a exercerem sua autonomia na hora de escolher o que acompanhar nas redes.

Por fim, os autores apontam o terceiro problema da ausência de medievalistas (acrescento professores da Educação Básica também) no meio digital. De acordo com eles,

[...] tais ações não raro cooptam os “amadores” e “diletantes”, que demonstram um apaixonado interesse pelo passado medieval; no entanto, eles se vêem abandonados frente à falta de um diálogo adequado com especialistas. Aliado ao desamparo, o público geral afeito ao medievo é tomado de assalto pelo massivo volume de informações produzido pelos supramencionados interesses falsificadores e rapinadores, que formatam uma audiência capaz de reverberar ideias errôneas, lugares-comuns e preconceitos sobre/com base (n)a “Idade Média” de modo ingênuo (Eco, 1984). Consequentemente, tais ações ajudam a cristalizar leituras simplificadoras que conectam o presente ao passado de forma pouco produtiva. [...] (Grzybowski; Birro, 2021, p.71).

Nesse ponto, entramos no nervo central da discussão: o interesse pela Idade Média tem sido acompanhado por um descompasso entre a produção historiográfica/acadêmica e a produção para o grande público. Este se sente “acolhido” pela linguagem simples e fácil das redes sociais e acaba não percebendo as falsificações, as generalizações, os preconceitos reproduzidos nesses ambientes. As aulas de História, por sua vez, parecem não conseguir avançar muito no sentido de desconstruir essas visões. Contudo, não parece ser um caminho promissor desconsiderar as possibilidades abertas pelo ensino de História medieval nos ambientes formais de educação (as aulas de História, as Trilhas de Aprofundamento e outras oportunidades dentro das escolas).

Nesse sentido, as oficinas elaboradas com base na aula oficina (Barca, 2004;2012), e aula histórica (Barca, 2012;2018) e (Schmidt, 2021), bem como na ideia de literacia histórica (Lee, 2006) tiveram, como ação final a contramemorialização. Para Knobel e Lankshear, estudiosos pioneiros das relações entre memes de internet e educação, “contramemorializar é uma prática on-line bem estabelecida e se refere à geração deliberada de um meme cujo objetivo principal é neutralizar ou erradicar ideias potencialmente danosas” (Knobel; Lankshear, 2020, p.107).

Levar tal prática às salas de aula significa estudar o meme para muito além de seus elementos humorísticos, ajudando, através das atividades propostas, os/as estudantes a desenvolver um pensamento e uma ação investigativa que irão culminar no desenvolvimento e amadurecimento da criticidade e da consciência histórica. Knobel e Lankshear, concordando

com Godwin<sup>84</sup>, entendem que “[...] uma vez que um meme danoso tenha sido identificado, nós devemos nos incumbir de uma responsabilidade social e moral de persegui-lo e abatê-lo, lançando um contrameme positivo no fluxo de ideias (Knobel; Lankshear, 2020, p.107).

Para tanto, foram pensadas análises iniciais de memes em geral e, especificamente, os memes de cavaleiros medievais com vieses extremistas, aprofundamento dos conhecimentos sobre os memes e o ambiente em que circulam com palestras e pesquisas e um aprofundamento dos conhecimentos sobre Idade Média e cavaleiros medievais. A partir daí, os/as estudantes foram organizados em grupos e passaram a desenvolver seus próprios memes de cavaleiros medievais.

Os relatos dos/as estudantes apontam não ter havido muita dificuldade ao desenvolver a atividade. Como ferramentas para produção dos memes, o acesso à internet e acesso a computadores e celulares foram fundamentais. As ferramentas utilizadas foram: galeria de imagens do próprio celular, *Ibis Paint X* (aplicativo de desenho), *Meme Generator* (site para gerar memes), *Canva* (site que funciona como plataforma de *design* gráfico). Destes, apenas o *Ibis Paint X* não foi apresentado anteriormente. No manuseio das ferramentas, não houve qualquer dificuldade, que se concentrou no âmago da atividade: transformar as informações históricas sobre cavaleiros medievais em memes historicamente corretos (mesmo após os estudos, orientações e conhecimentos técnicos).

Além da elaboração do meme, foi solicitado que explicassem, de forma sucinta, o meme criado. As produções são apresentadas no quadro abaixo (as explicações foram reproduzidas literalmente):

Quadro 8- – Produções dos/as estudantes

Meme	Explicação
	<p>Os homens só podiam se tornar cavaleiros se eles fossem da nobreza, pois as armaduras e as espadas eram muito caras.</p>

<sup>84</sup> GODWIN, M. Meme, counter-meme. **Wired**, Boone, 1994. Disponível em: [http://www.wired.com/wired/archive/2.10/godwin.if\\_pr.html](http://www.wired.com/wired/archive/2.10/godwin.if_pr.html). Acesso em: 24 nov. 2023.



Diante do contexto medieval, onde o cavaleiro era tido com muito prestígio e superioridade social (acima das mulheres), o meme retrata uma mudança, onde a mulher ocidental toma as rédeas em casa, no aspecto de autoridade (mesmo, ainda tendo que lutar por direitos que são lesados).



O objetivo dos cavaleiros medievais era retomar a Cidade Santa (Jerusalém) tirando o poder dos Otomanos. Eles guerreavam em nome de Cristo.



Os cavaleiros medievais caçavam as bruxas e houve uma adaptação para Marvel.



Cavaleiro treinando para ter uma forma física melhor, para ir às cruzadas em busca de Jerusalém.



Bom dia. O meme se refere a conquista de Jerusalém pelos cavaleiros templários, porque é uma terra santa.

**RELIGIOSOS:  
"NOS NUNCA FIZEMOS MAL PARA NINGUÉM "**

**ISLÂMICOS:**



\*Sem explicação

Fonte: Produção dos/as estudantes durante as oficinas.

Como pode ser observado nos memes produzidos pelos/as estudantes, a ideia base do meme foi assimilada: todos apresentam imagens que já foram utilizadas anteriormente acrescidas de texto com a ideia a qual gostariam de transmitir. Todos se mantiveram fiéis ao

tema proposto, trazendo referências atuais atreladas às referências à Idade Média. Outro ponto comum é a busca pelo sentido do humor, indicando que, mesmo após as oficinas, os/as estudantes mantiveram o meme atrelado à ideia de humor.

No que se refere aos conhecimentos sobre Idade Média e cavaleiros medievais, as produções atestam que a carência inicial em relação ao período e ao personagem não foi suprida pelas atividades da oficina. Partindo do pressuposto de que o conhecimento histórico é alcançado aos poucos, através de diversas metodologias e suportes, restou, claro, serem necessárias mais aulas destinadas ao assunto, abordando por diversos ângulos e fontes, a fim de solidificar os conhecimentos.

O tempo destinado às oficinas foi insuficiente para possibilitar o aprofundamento necessário para a efetivação da contramemorialização. Além do mais, o desinteresse dos/as estudantes – que foi crescendo no decorrer das atividades – associado às dificuldades enfrentadas durante a realização das oficinas – que precisaram ser reduzidas – não possibilitaram o pleno desenvolvimento das atividades. Tais fatores servem para salientar que as dificuldades técnicas (pessoal, estrutura, materiais, planejamento) interferem grandemente no andamento das atividades escolares.

À vista da realidade apresentada pela análise teórica do tema, somada à experiência da pesquisa, foi pensado, como proposta de interlocução com a Educação Básica, um guia de ação docente que oferecesse, em forma de proposição didática, a síntese da experiência relatada aqui.

### **3.4 A proposta do “Guia de ação docente”**

No âmbito dos programas de mestrado e doutorado profissionais, os produtos educacionais são frutos do processo de reflexão entre teoria e prática, constituindo-se em elementos obrigatórios para a concessão do grau de mestre ou doutor. A ênfase na aplicabilidade dos conhecimentos produzidos durante a pós-graduação, e sua replicabilidade na Educação Básica, é parte importante para a Área de Ensino da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que ressalta que as pesquisas inseridas em programas profissionais devem ter como foco o desenvolvimento de

[...] um processo ou produto educativo aplicado em condições reais de sala de aula ou outros espaços de ensino, em formato artesanal ou em protótipo. Esse produto pode ser, por exemplo, uma sequência didática, um aplicativo computacional, um jogo, um vídeo, um conjunto de vídeo-aulas, um equipamento, uma exposição, entre outros. A dissertação/tese deve ser uma reflexão sobre a elaboração e aplicação do produto educacional respaldado no referencial teórico metodológico escolhido. (Brasil, 2019, p. 15).

Dessa forma, a proposta de guia didático apresentado aqui buscou atender à normativa da CAPES, atentando para uma proposta que refletisse as discussões teóricas e as práticas de pesquisa e que fosse acessível e replicável (daí o formato em PDF<sup>85</sup>). O guia estaria, portanto, inserido naquilo que a CAPES define como produto educacional, ou seja:

[...] o resultado de um processo criativo gerado a partir de uma atividade de pesquisa, com vistas a responder a uma pergunta ou a um problema ou, ainda, a uma necessidade concreta associados ao campo de prática profissional, podendo ser um artefato real ou virtual, ou ainda, um processo. (Brasil, 2019, p. 16).

O *Dicionário Priberam de Língua Portuguesa*<sup>86</sup> define “Guia” como “substantivo feminino. 1. Ato de guiar, direção, governo. 2. Roteiro”. Entretanto, pretende-se ir além da mera abordagem funcional do formato, apostando em um diálogo entre teoria, prática acadêmica e prática escolar, com vistas às possibilidades de vir a ser desse produto, e, com isso, ressaltando as possibilidades formativas de todos os envolvidos.

O público-alvo do Guia são professores/as do Ensino Médio (embora as oficinas possam ser adaptadas facilmente para o Ensino Fundamental). Os objetivos gerais e específicos foram pensados com base nas Habilidades Específicas da área de Ciências Humanas da BNCC. A metodologia de ensino adotada na formulação do Guia foi embasada nos conceitos de aula oficina (Barca, 2004;2012), aula histórica (Barca, 2012; 2018) e (Schmidt, 2021), bem como na ideia de literacia histórica (Lee, 2006).

O Guia apresenta a seguinte estrutura: apresentação, uma breve discussão teórica sobre memes, ambiente digital, cavaleiros medievais e política, a proposta didática em si e material de apoio. Na apresentação, são apontadas as ideias gerais da proposta acompanhadas de uma apresentação pessoal e do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História. Os/as professores/as são convidados a conhecer a proposta, utilizá-la e adaptá-la de acordo com as especificidades de suas realidades.

A discussão teórica conta com textos embasados no levantamento do referencial teórico da pesquisa, na qual se delinea os princípios básicos das relações entre ensino de História, meio digital, memes de cavaleiros medievais e política. Alguns/as teóricos/as são apresentados/as através de suas ideias, contribuindo para que as referências sejam reconhecidas.

---

<sup>85</sup> Após a análise da banca de defesa, a proposta irá se tornar um *ebook* nos formatos PDF e Epub com os devidos registros em sistema de informações em âmbito nacional, com acesso online e gratuito.

<sup>86</sup> "Guia", in *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2008-2023, <https://dicionario.priberam.org/guia>. Acesso em 31 dez. 2023.

À discussão teórica, soma-se um glossário com conceitos-chave para o desenvolvimento das oficinas. As oficinas estão estruturadas em detalhes, ressalvada a viabilidade de adaptações – que, além de possíveis, são desejáveis – para que se adapte a cada contexto. Por fim, em uma pasta armazenada no *Google Drive*<sup>87</sup> e acessível através de um *QR Code*, há o material de apoio composto de arquivos que foram criados para as oficinas durante a pesquisa, textos de apoio e outros arquivos que podem ser modificados pelos/as profissionais.

---

<sup>87</sup> Plataforma do *Google* que fornece armazenamento na nuvem (pessoal, empresarial) e sincronização de arquivos e que pode ser compartilhada com outras pessoas através de um *link*.

## ANCORANDO – UMA PAUSA PARA AS CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.”*

Fernando Birri, citado por Eduardo Galeano in ‘Las palabras andantes?’ de Eduardo Galeano. publicado por Siglo XXI, 1994.

A palavra “utopia”, no livro homônimo de Thomas Morus, diz respeito a um lugar irreal, um “não-lugar”. O senso comum continua ligando a palavra utopia a algo inalcançável, uma quimera. Já a proposta de Galeano nos leva a pensar a utopia como algo a ser alcançado, uma mola propulsora que nos move à frente, constantemente. Para muitos, uma sociedade igualitária, em que a educação de qualidade alcança a todos, em que os grupos políticos debatem suas ideias e projetos com racionalidade e em que o acesso à internet e à tecnologia promove o pleno desenvolvimento das capacidades humanas não passa de uma utopia.

Entretanto, ao pensar a utopia como algo que nos impele a continuar caminhando, abre-se a possibilidade de ação, tendo como ponto de referência as ideias de Reinhart Koselleck sobre o horizonte de expectativa. Em *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos* (2015), expõe que a interrelação entre passado e futuro se efetiva através do presente. O nosso lugar no tempo interfere em nossa visão sobre o passado ao qual estamos ligados. Assim posto, o futuro emerge como um horizonte que, para Koselleck “[...] quer dizer aquela linha por trás da qual se abre no futuro um novo espaço de experiência, mas um espaço que ainda não pode ser contemplado” (Koselleck, 2015, p.311).

O presente sobre o qual a pesquisa se debruçou é marcado por mudanças significativas na forma como acessamos as informações e as utilizamos para construir conhecimento. Mudanças também na forma como nos comunicamos, como nos relacionamos, fazemos política e ensinamos. Presente marcado por constantes referências a um passado que se quer analisar, reescrever, adequar aos mais diversos usos. A chamada Era Digital trouxe consigo muitas possibilidades e desafios com os quais ainda estamos tentando lidar. Mudanças e desafios que se impõem, também, ao fazer historiográfico e ao ensino de História.

Junte-se a isso o nosso passado recente, marcado pela polarização política, pela “plataformização” (penetração das plataformas digitais em diversos setores e esferas da vida), pelo advento das *Fake News*, *Fake History*, negacionismos, perseguição a profissionais de ensino, especialmente professores/as de História e uma grave crise de saúde: a pandemia da

Covid-19. Tudo isso, efetivamente, adentrou os espaços escolares, transformando-os e exigindo novas posturas, metodologias e estudos.

E, foi diante desse cenário, que a pesquisa foi pensada e efetivada. Partindo das observações pessoais de uma professora do Ensino Médio de uma escola pública do Tocantins, passando pelo ingresso em um programa de pós-graduação e pela tentativa de teorizar os questionamentos levantados inicialmente e, logo em seguida, pela pesquisa de campo, é que a experiência se efetivou.

Para além das questões teóricas, o mestrado profissional se delineia como uma busca de interconectar pesquisa e prática. Nesse sentido, no que diz respeito à minha experiência pessoal, posso dizer que o objetivo foi alcançado. Retomar as discussões teóricas, buscar relacionar a teoria com a prática de pesquisadora e a prática docente, de fato, abriram horizontes que contribuirão para um fazer profissional mais embasado, mais crítico e propositivo.

A linguagem memética veio para ficar. Desde conversas informais, até reflexões políticas e históricas, o potencial dessa forma de comunicação precisa ser aproveitado, inclusive, em sala de aula, como já apontado por outros trabalhos desenvolvidos no âmbito do ProfHistória e pela pesquisa apresentada nessa dissertação. Quando se trata de temporalidades recuadas, como a Idade Média, que já desperta interesse nos/as estudantes e que vem sendo utilizada por setores da extrema direita mundial, é fundamental não perder de vista o componente histórico presente na construção e propagação de memes de cavaleiros medievais.

Desta forma, tratar a Idade Média para além da dicotomia fascinação/pouco conhecimento historicamente embasado pode incluir suas relações com a política atual, como a linguagem memética, que representa um potencial no desenvolvimento de atividades e planejamento de aulas de História que se queiram comprometidas com a aprendizagem histórica, com a construção do pensamento crítico e a consciência histórica.

As perguntas que motivaram a pesquisa estavam estruturadas em três pontos centrais: o conhecimento histórico dos estudantes sobre Idade Média; as relações entre memes de cavaleiros medievais, extrema-direita brasileira e ensino de Idade Média; e as possibilidades, em termos de ensino de História, para a utilização da linguagem memética para se trabalhar temporalidades recuadas e suas relações com o presente.

Em um primeiro momento, percebeu-se que os/as estudantes envolvidos na pesquisa não tiveram contato significativo com os memes de cavaleiros medievais, mas se comunicavam através de memes e os relacionavam a seu elemento cômico, assim como consideravam que aprender História através de memes é uma boa atividade. Percebeu-se que havia, de fato, a

abertura para discutir as relações entre política, História medieval e tempo presente, tendo como suporte a linguagem memética a despeito de não haver contato prévio dos/as estudantes.

Ainda que os memes de cavaleiros medievais, tendo Bolsonaro como o personagem central, não circulem mais como no período entre 2016 e 2018, a lógica continua sendo utilizada pela extrema direita em outras temáticas. Por isso, é útil analisar como isso ocorreu, como foi recepcionado pelos/as estudantes, para reconhecer essa prática e desenvolver estratégias de enfrentamento. Uma vez apresentados aos memes de cavaleiros medievais, a discussão se efetivou e, com o desenvolvimento da pesquisa, ficou claro que o embasamento histórico é essencial para que os/as estudantes pudessem contextualizar e compreender aqueles memes para além do elemento cômico, identificando os elementos políticos, sociais, culturais envolvidos na formulação e circulação dos memes de cavaleiros medievais.

Sem uma pesquisa aprofundada mediada por discussões que fossem além da superfície, no que se refere à Idade Média e à história dos cavaleiros (que não se restringem, por exemplo, ao período das Cruzadas), os/as estudantes apresentaram dificuldade na etapa final das oficinas, quando se esperava que fossem capazes de sistematizar os conhecimentos históricos com a linguagem memética. Assim sendo, a parte da narrativa histórica que seria feita através da produção dos memes, e que é essencial para o desenvolvimento da consciência histórica, não foi plenamente desenvolvida por parte dos/as estudantes.

Diante de tal constatação, fica evidente a importância de um ensino de História com uma postura crítica, nos moldes apontados por Freire, e amparado em concepções como a da aprendizagem histórica, como proposto por Rüsen, Barca e Schmidt, centrada na ciência histórica e que tenha como alicerce a investigação histórica. Dessa forma, consegue-se auxiliar os/as estudantes a desenvolverem a consciência histórica e o pensamento crítico. Fica evidente, também, que engajar-se no estudo sério de memes no ambiente escolar pode ajudar a equipar os estudantes com importantes estratégias para identificar memes que infectam suas mentes e para avaliar esses efeitos que os memes têm sobre a tomada de decisão, as ações e relações com o outro, sob um ponto de vista ético (Knobel; Lankshear, 2020, p.107).

Embora as oficinas tenham sido organizadas com estas bases teóricas, a efetivação das mesmas não alcançou seu objetivo principal, que era proporcionar aos/às estudantes situações que permitissem o desenvolvimento do conhecimento histórico suficiente para que fossem capazes de correlacionar tais conhecimentos à nova linguagem dos memes. Devido a essa constatação, a proposta de ação docente, apresentada em apêndice, incorpora tais reflexões e

propõe atividades mais estruturadas que apresentam maior potencial de alcançar o objetivo geral das oficinas.

Compreender o mundo em que vivemos exige de nós um letramento diferente, que vai além da leitura do mundo, com seus códigos, suas formas de escrever e reescrever o passado, mas também um letramento histórico e digital. Os memes fazem parte desse novo mundo. Os memes de cavaleiros medievais se pretendem um elo entre o passado medieval idealizado, um presente também idealizado e projeções de futuro embasadas em tais mistificações.

Logo, interpretar e analisar um meme de temas históricos é se beneficiar da literacia histórica, à medida que é possível reconhecer elementos da História e possíveis incoerências históricas presentes no memes, assim como se beneficiaria das propostas do letramento digital ao reconhecer que o meio em que os memes são produzidos e no qual circulam tem suas próprias dinâmicas e elas interferem no que circula ou não da mesma forma que determina o alcance de determinados produtos/produções.

As mudanças provocadas pela Reforma do Ensino Médio acrescentaram muitos desafios ao desenvolvimento da pesquisa, mas, acima de tudo, para o ensino de História no estado do Tocantins. Uma aula de cinquenta minutos por semana, com material didático que se assemelha aos manuais de Estudos Sociais do período medieval e com a impossibilidade de produzir material dentro das UE's, delineia um cenário em que o desenvolvimento de atividades estruturadas, a fim de desenvolver a consciência histórica e o pensamento crítico, se tornam quase impossíveis.

Embora a proposta das Trilhas de Aprofundamento seja a de aprofundar conhecimentos, as questões burocráticas não permitiram que elas fossem estruturadas de forma a garantir tal aprofundamento. No caso da escola analisada, a orientação foi que as Trilhas oferecidas aos/às estudantes fossem escolhidas entre as apresentadas pela SEDUC em um claro cerceamento da autonomia dos/as professoras para elaborar propostas condizentes com a realidade em que vivem.

Talvez nosso principal “concorrente” no ensino de História seja representado – hoje – pelas redes sociais, que apresentam conteúdos históricos de forma leve e casual, mas nem sempre preocupados com a pesquisa e a ética. Àqueles/as que se sentem preparados e confortáveis para ocupar tais espaços, deixo a conclamação para que o façam o quanto antes. Aos que, pelo contrário, preferem o ambiente tradicional, fica o pedido para que, ao menos, procurem compreender como o ambiente funciona, quais assuntos estão sendo discutidos por

lá, quem são os produtores de conteúdos históricos com os quais os/as estudantes estão se informando.

Muitos desses produtores estão não só concorrendo com professores de História graduados, como incentivando os/as estudantes a se colocarem em posição de incredulidade e ataque em relação a seus/as professores. Movimentos como o *Escola Sem Partido* tentam construir a ideia de que todo conhecimento histórico trabalhado em sala de aula é enviesado ideologicamente para a “esquerda” (como um imenso bloco homogêneo, mesmo que não consigam explicar o que de fato é essa “esquerda”). Por sua vez, a extrema-direita vem ocupando o ciberespaço de forma efetiva, fazendo circular e normalizando suas ideias acerca da política, da economia, da sociedade e da História através da metapolítica.

Isso posto, sobressaem as dificuldades com as quais professores/as precisam lidar: desenvolvimento e crescimento da tecnologia que não alcança a todos/as da mesma maneira e acabam por reforçar desigualdades; novos atores sociais que atuam como professores e colocam nosso trabalho em dúvida – quando não como alvo de perseguição; novas linguagens como os memes que atravessam nossas relações e colocam em cheque nossos trinta e poucos anos e nossa capacidade de compreender o mundo ao nosso redor; ascensão da extrema-direita no Brasil que, mais uma vez se coloca como portadora da “mudança”, da melhoria.

Não bastassem essas mudanças, alguns velhos desafios não superados nos assombram: salas de aula com quarenta estudantes, escolas sem acesso suficiente e eficiente à Internet, aulas de cinquenta minutos – que limitam muito as atividades a serem desenvolvidas, profissionais sem formação adequada, profissionais adoecidos/as. E, para finalizar, as mudanças que deveriam mudar a educação para melhor (BNCC e NEM) vieram para pulverizar o planejamento e as ações já estruturadas, se convertendo em desafio ainda maior, em especial para a área de Ciências Humanas.

Por tudo isso é que, como colaboração para o enfrentamento desses desafios, foi projetada e estruturada a proposta de guia de ação docente. Ela foi pensada dentro da sala de aula e para a sala de aula, tendo como base as reflexões e discussões levadas à cabo nas disciplinas, nos encontros com o orientador e com os membros da banca de qualificação. Minha posição como professora me levou a pensar em algo voltado para professores/as, sejam os/as novatos/as cheios/as de novas ideias e energia para colocá-las em prática, como para os/as mais experientes que estão abertos/as a conhecer práticas novas. O que se espera, portanto, é que ela se torne uma porta aberta para a troca de experiências, para a produção e socialização de saber histórico escolar e acadêmico.

Ao apresentar essa proposta de ação docente, chega o momento de ancorar. Ancorar para descansar, reabastecer, conhecer novos lugares e depois seguir a viagem. Não é o fim da jornada. O próximo porto já pode ser vislumbrado no horizonte: o doutorado. Espero que, além de ajudar meus/as colegas de profissão e acrescentar um pontinho de conhecimento à discussão sobre ensino de História, memes, extrema-direita e História Medieval, essa minha jornada me ofereça alguma bagagem que permita navegar o próximo mar com a certeza de que há muito a aprender, mas que a distância está um pouco mais curta.

Se perdermos capacidade de imaginar, tematizar como as coisas deveriam ser (igualdade social, educação de qualidade, acesso igualitário à tecnologia e internet, ocupação dos espaços midiáticos por profissionais competentes e comprometidos com a ciência histórica, estudantes interessados e participativos, cientes de seu lugar no mundo e no tempo) perdemos parte significativa da nossa humanidade e abrimos espaço para que as distopias – que desde 2013 pareceram cada vez mais próximas de se efetivarem do que as utopias – se tornem realidade. Então, que sigamos imaginando, tematizando e construindo pontes que nos levem à nossa utopia.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Cíntia Beňák. **Também com memes se ensina e se aprende história: uma proposta didático-histórica para o Ensino Fundamental II**. 2020. 122p. Dissertação (Mestrado em Rede Ensino de História) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História, São Gonçalo, 2020. Disponível em: <https://profhistoria.com.br/articles?terms=memes> . Acesso em: 03 ago. 2022.
- ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. Masculino/Masculinidade. In.: COLLING, Ana Maria; LOSANDRO, Antônio Tedeschi (org). **Dicionário crítico de gênero**. Dourados: Ed. Universidade Federal da Grande Dourados, 2019.
- ALTSCHUL, Nadia R.; GRZYBOWSKI, Lukas G. Em busca dos dragões: a Idade Média no Brasil. **Antíteses**, Londrina, v.13, n. 26, p. 24-35 jan-jun. 2020. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/42304> . Acesso em: 20 set. 2023.
- ALTSCHUL, Nadia R.; BERTARELLI, Maria Eugênia; AMARAL, Clínio. Apresentação do dossiê: o que é o neomedievalismo. **Revista Signum**, v. 22, n. 1, p. 6-18, 2021. Disponível em: <http://www.abrem.org.br/revistas/index.php/signum/article/view/610> . Acesso em: 06 mar. 2023.
- ANDRADE, Alessandra Michelle Alvares. **Memes históricos: uma ferramenta didática nas aulas de história**. 2018. 129p. Dissertação (Mestrado em Rede Ensino de História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História, Natal, 2018. Disponível em: <https://profhistoria.com.br/articles?terms=memes> . Acesso em: 03 ago. 2022.
- ANDRADE, Débora El-Jaike. Redes sociais digitais: um novo horizonte de pesquisas para a História do tempo presente. In: BARROS, José D' Assunção. **História digital: a historiografia diante dos recursos e demandas de um novo tempo**. Petrópolis: Vozes, 2022.
- ARAÚJO, Eliete Ribeiro. **Usos de memes de internet na aprendizagem histórica: uma proposta para a educação étnico-racial desenvolvida no centro de ensino Fortunato Moreira Neto, em Porto Franco - MA**. 2020. 123p. Dissertação (Mestrado em Rede Ensino de História). Universidade Federal do Tocantins, Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História, Araguaína, 2020. Disponível em: <https://profhistoria.com.br/articles/743> . Acesso em: 03 ago. 2022.
- ARAÚJO, Juliana Xavier de. **Memes: a linguagem da diversão na internet. Análise dos aspectos simbólicos e sociais dos Rage Comics**. 2012. 86p. Monografia. Comunicação Social/Jornalismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2012.
- BAETS, Antoon De. Uma teoria do abuso da História. **Revista Brasileira de História**. v. 33, n. 65, p. 17-60, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/3zbNZYB56nWgH5FJ5G3HC5m/?lang=pt#> . Acessado em: 15 dez 2022.

BARÃO, Marcus; RESEGUE, Mariana; LEAL, Ricardo. **Atlas da Juventude: Evidências para as transformações das juventudes**. 2022. Disponível em: [www.atlasdasjuventudes.com.br](http://www.atlasdasjuventudes.com.br) Acesso em: 06 abr. 2023.

BARCA, Isabel. Aula oficina: do projeto à avaliação. **Para uma educação de qualidade: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica**. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED) Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004, pp. 131-144. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/480> Acesso em: 06 mar.2023.

BARCA, Isabel. Ideias chave para a educação histórica: uma busca de (inter)identidades. **História Revista**, Goiânia, v. 17, n. 1, pp. 37-51, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/historia/article/download/21683/12756> Acesso em: 1 maio 2023.

BARCA, Isabel. Educação histórica: uma nova área de investigação. **História: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, [S. l.], v. 2, 2018. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/historia/article/view/5126> . Acesso em: 24 ago. 2023.

BARROS, José D'Assunção. Revolução digital, sociedade digital e História. In: BARROS, José D'Assunção (org). **Historiografia Digital: a historiografia diante dos recursos e demandas de um novo tempo**. Petrópolis: Vozes, 2022.

BASCHET, Jérôme. **A civilização feudal**. Do ano mil à colonização da América. Rio de Janeiro: Globo, 2009.

BERGER, Carlos Norberto. Misoginia. In.: COLLING, Ana Maria; LOSANDRO, Antônio Tedeschi (org). **Dicionário crítico de gênero**. Dourados: Ed. Universidade Federal da Grande Dourados, 2019.

BERNS, Ute; JOHNSTON, Andrew James. Medievalismo: uma breve introdução. **Temporalidades – Revista de História**, Edição 31, v. 11, n. 3, p. 492-496. Set./Dez. 2019.

BITTENCOURT, Circe Fernandes. Ensino de história: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2008.

BITTENCOURT, Circe Fernandes. Reflexões sobre o ensino de História. **Estudos Avançados**, v. 32, n. 93, p. 127–149, maio 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/WYqvqrhmppwbWpGVY47wWtp/abstract/?lang=pt#> . Acesso em: 1º nov. 2023.

BOBBIO, Norberto. **Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política**. São Paulo: Editora Unesp, 1995.

BOVO, Cláudia Regina. Por que Idade Média? Dos motivos de se ensinar História Medieval no Brasil. In: FAUAZ, Armando Torres (ed.). **La Edad Media en perspectiva latino-americana**. Heredia: EUNA, 2018.

BOVO, Cláudia Regina. Medievalismos e Educação Histórica. **Blog do POIEMA**. Pelotas: 06 de junho de 2022. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/poiema/texto-medievalismos-e-educacao-historica/> . Acesso em: 21 jul. 2022.

BRADBURY, Ray. **Fahrenheit 451**. São Paulo: Globo, 2012.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Documento homologado pela Portaria nº 1.570, publicada no D.O.U. de 21 de dezembro de 2017a, Seção 1, p. 146. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC\\_Ensino\\_Medio\\_embaixa\\_site\\_110518.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC_Ensino_Medio_embaixa_site_110518.pdf) . Acesso em: 02 abr. 2022.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 23 de dezembro de 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm) . Acesso em: 02 abr. 2022.

BRASIL. **Lei nº. 13.005, de 25 de junho de 2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 26 de junho de 2014. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm) . Acesso em: 02 de abr. 2022.

BRASIL. **Lei 13.415 de 16 de fevereiro de 2017**. Altera as Leis nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho -CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, 16 fev. 2017b. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2017/lei/113415.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/113415.htm) . Acesso em: 02 abr. 2022.

BRASIL. **CAPES**: Documento de Área –Ensino. Brasília, 2019.

BUSS, Danielle Aparecida Barbosa Sella. **“Mas eu vi no face”: Ensino de História, juventude e memes**. 2020. 132p. Dissertação (Mestrado em Rede Ensino de História) – Universidade Estadual de Maringá, Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História, Maringá, 2020. Disponível em: <https://profhistoria.com.br/articles/633> . Acesso em: 03 ago. 2022.

CAIMI, Flávia Eloisa. Geração Homo Zappiens na escola: os novos suportes de informação e a aprendizagem histórica. In: MAGALHÃES, Marcelo *et al* (Orgs.). **Ensino de História: usos do passado, memória e mídia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.

CALDEIRA NETO, Odilon. Neofascismo, “nova república” e a ascensão das direitas no Brasil. **Conhecer: Debate Entre O Público E O Privado**, Ceará, v.10, n. 24, p.120–140, 2020. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revistaconhecer/%20article/view/2060> . Acesso em: 12 dez 2022.

CALDEIRA NETO, Odilon. O neofascismo no brasil, do local ao global? **Esboços**, Florianópolis, v. 29, n. 52, p.599-619, set./dez., 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/87065/52770> Acesso em: 31 ago. 2023.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

CHAGAS, Viktor. **A cultura dos memes** [livro eletrônico]: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital. Salvador: EDUFBA, 2020.

CHAGAS, Viktor. O meme é o mundo. **Revista Comunicação e Memória**. Rio de Janeiro, n.2, p. 74-83, jun. 2021. Disponível em: <https://revistacm.memoriadaeletricidade.com.br/post?id=58> . Acesso em: 25 mar. 2023.

CHEN, Carl. **The creation and meaning of internet memes in 4chan**: Popular internet culture in the age of online digital reproduction. New Haven: Institutions Habitus Spring, 2012.

COOTE, Lesley. A Short Essay about Neomedievalism. In.: FUGELSON, Karl (ed.). **Studies in Medievalism: XIX Defining Neomedievalism(s)**. Cambridge: DS Brewer, 2010.

COSTA, Marcella Albaine Farias da. **Ensino de História e historiografia escolar digital**. Curitiba: CRV, 2021.

Davison, Patrick. A linguagem dos memes de internet (dez anos depois). In.: CHAGAS, Viktor. **A cultura dos memes** [livro eletrônico]: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital. Salvador: EDUFBA, 2020.

DAWKINS, Richard. **O homem e a ciência**: o gene egoísta. Belo Horizonte: Itatiaia, 1979.

DICIO. **Significado de mimetismo**. Dicionário Online de Português, 2023. Disponível em <https://www.dicio.com.br/mimetismo/>. Acesso em: 12 set. 2023.

FLORI, Jean. **A origem dos nobres guerreiros da Idade Média**. São Paulo: Madras, 2005.

FLORI, Jean. Cavalaria. In: LE GOFF, Jacques ; SCHMITT, Jean Claude (orgs.). **Dicionário analítico do ocidente medieval**: volume 1. São Paulo : Editora Unesp, 2017.

FONSECA, Selva Guimarães. **Ensino de História na Escola – Lenda mental: Do “sonho do Criolo Doido” à Produção do Conhecimento Histórico**. São Paulo: Papirus, 1995.

FONSECA, Thais Nivia de Lima e. **História e ensino de história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

FONTOURA, Odir. Narrativas históricas em disputa: um estudo de caso no *Youtube*. In: BARROS, José D’Assunção (org). **Historiografia Digital**: a historiografia diante dos recursos e demandas de um novo tempo. Petrópolis: Vozes, 2022.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Idade Média**. O Nascimento do Ocidente. São Paulo: Brasiliense, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIXO, Adriano de; PINHEIRO-MACHADO, Rosana (orgs). **Brasil em transe: bolsonarismo, nova direita e desdemocratização**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2019.

GONÇALVES, Leandro Pereira. CALDEIRA NETO, Odilon. **O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2020.

GRZYBOWSKI, Lukas Gabriel; BIRRO, Renan Marques. História Medieval, Internet e Tecnologias na formação de professores. In.: VIANNA, L. J. (Org.) **A História Medieval entre a formação de professores e o ensino na Educação Básica no século XXI: experiências nacionais e internacionais**. Rio de Janeiro, RJ: Autografia, 2021.

GUERRA, Luiz Felipe Anchieta. Neomedievalismo político no Brasil contemporâneo. In.: BERTARELLI, Maria Eugênia; BIRRO, Renan Marques; PORTO JÚNIOR, João Batista da Silva (orgs.). **Medievalismos em olhares e construções narrativas - volume 1**. Ananindeua: Editora Itacaiúnas, 2021.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016.

HARTOG, François. **Evidência da história: o que os historiadores veem**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

HISTÓRIA ONLINE RV. **Palestra “É possível uma história digital da extrema direita brasileira?” com o Prof. Dr. Odilon Caldeira Neto**. *Youtube*, 26 de abril de 2021. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Y7WwZPLogX8> . Acesso em: 12 dez. 2022.

HUXLEY, Aldous. **Admirável mundo novo**. São Paulo: Globo, 2014.

IBGE. **Censo 2022: População e Domicílios**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/to/> . Acesso em: 21 abr. 2023.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, n.1, jan./jun. p. 09-43, 2001.

KAUFMAN, Amy S. Medieval Unmoored. In.: FUGELSON, Karl (ed.). **Studies in Medievalism: XIX Defining Neomedievalism(s)**. Cambridge: DS Brewer, 2010.

KNOBEL, Michele; LANKSHEAR, Colin. Memes on-line, afinidades e produção cultural (2007-2018). In: CHAGAS, Viktor. **A cultura dos memes** [livro eletrônico]: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital. Salvador: EDUFBA, 2020.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

LANZIERI JÚNIOR, Carlile. Ontem e hoje, o porta estandarte Reflexões sobre os usos do passado medieval, a estética bolsonarista e os discursos recentes da direita brasileira. *Roda da Fortuna*. **Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medieval**, 2019, v. 8, n. 2, p. 189-209. Disponível em: [www.revistarodadafortuna.com](http://www.revistarodadafortuna.com) . Acesso em: 06 mar. 2023.

LEE, Peter. Em direção a um conceito de literacia histórica. **Educar em Revista**. Especial. Dossiê: Educação Histórica, 2006. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/554>. Acesso em: 20 nov.2023.

LE GOFF, Jacques. **O imaginário medieval**. Lisboa: Estampa, 1994.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LÖWY, Michael. Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil. **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, n. 124, pp. 652-664, out./dez. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ssoc/a/MFzdxwKBBcNqHyKkckfW6Qn/?format=pdf&lang=pt>  
Acesso em: 12 mai. 2023.

LUCA, Tania Regina de. **Práticas de pesquisa em história**. São Paulo: Contexto, 2020.

LUX BRASIL. **Quem somos**: entenda melhor o que somos o que fazemos e como podemos ajudar o Brasil. 2023. Disponível em <https://luxbrasil.org.br/quem-somos>. Acesso em 25 ago. 2023.

MACEDO, José Rivair; MONGELLI, Lênia Márcia. **A Idade Média no Cinema**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

MAGENDZO, Abraham. **Pensamiento e ideas-fuerza en la educación en derechos humanos en Iberoamerica**. Santiago: OIE-Chile, 2009.

MEINERZ, Carla. Estereótipo. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. (Coord.) **Dicionário de ensino de história**. Rio de Janeiro : FGV Editora, 2019

MELO, F. E.; MENESES, S. Toda a História em cinco minutos! História pública e ensino: considerações sobre o passado ensinado no Youtube. In: ANDRADE, J. A. de; PEREIRA, N. M. (Orgs.) **Ensino de História e suas práticas de pesquisa**. São Leopoldo: Oikos, 2021.

MENDONÇA JUNIOR, Francisco de Paula Souza de. Futuros de um passado presente: reflexões acerca do ensino de História Medieval e do Renascimento. **Ensino de História: Antiga e Medieval**, v.21, n.1, 2021. Disponível em: <https://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/view/2536> . Acesso em 12 de setembro de 2023.

MENESES, Sônia. Uma história ensinada para Homer Simpson: negacionismos e os usos abusivos do passado em tempos de pós-verdade. **Revista História Hoje**, v. 8, nº 15, p. 66-88, 2019 Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/522/299> Acesso em: 07 nov. 2023.

MESSEMBERG, Débora. A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros. **Revista Sociedade e Estado**, v. 32, n. 3, pp. 621–648, set. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/KP5Fw74VrvfByjxRpHfKbRS/abstract/?lang=pt> Acesso em: 05 ago. 2023.

MORAIS, Argus Romero Abreu de. O discurso político da extrema-direita brasileira na atualidade. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, 20(1), p.152–172, abril 2019.

MUDDE, Cas. **O regresso da ultradireita** – da direita radical à direita extremista. Lisboa: Editorial Presença, 2020.

MUSEU DE MEMES. **Memes no museu**: por que um museu de memes? Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2023. Disponível em <https://museudememes.com.br> . Acesso em: 19 ago. 2023.

NADAI, Elza. Ensino de história no Brasil: trajetória e perspectiva. **Revista Brasileira de História**, n.1, v. 13, n.25/6, p. 143- 162, 1993.

NAPOLITANO, Marcos. Negacionismo e revisionismo histórico no século XXI. **Novos combates pela História**: desafios, ensino. São Paulo: Contexto, 2021. Disponível em: [https://biblio.fflch.usp.br/Napolitano\\_M\\_3123219\\_NegacionismoERevisionismo.pdf](https://biblio.fflch.usp.br/Napolitano_M_3123219_NegacionismoERevisionismo.pdf) . Acesso em: 05 ago. 2023.

NASTASIA, Vittoria Alvares; LARA, Caio Augusto de Souza. O escândalo Cambridge Analytica: a manipulação de dados na era digital. **Percurso**, s.l., v. 4, n. 31, pp.164 - 167, 2019. Disponível em: <http://revista.unicuritiba.edu.br/index.php/percurso/article/%20view/3722>. Acesso em: 15 jun. 2023.

ORWELL, George. **1984**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PACHÁ, Paulo H. **Por que a extrema direita brasileira ama a Idade Média europeia?** 2019. Disponível em <https://esquerdaonline.com.br/2019/04/08/por-que-a-extrema-direita-brasileira-ama-a-idade-media-europeia> . Acesso em: 25 ago. 2023.

PALFREY, John; GASSER, Urs. **Nascidos na era digital**: entendendo a primeira geração de nativos digitais. Porto Alegre: Grupo A, 2011.

PANTOJA, Bruno Amorim. **O Facebook como ferramenta pedagógica no ensino de História**. 2019. 133p. Dissertação (Mestrado em Rede Ensino de História) – Universidade Federal do Pará, Programa do Mestrado Profissional em Ensino de História, Ananindeua, 2019. Disponível em: <https://profhistoria.com.br/articles?terms=memes> . Acesso em 03 de agosto de 2022. PEREIRA, Mateus Henrique de Faria. Nova direita? Guerras de memória em tempos de Comissão da Verdade (2012-2014). **Varia História**. 2015, v. 31, n. 57, pp. 863-902. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-87752015000300008> . Acesso em: 07 dez. 2022.

PEREIRA, Nilton Mullet. Representações da Idade Média no livro didático. In: **Anais do XXIV Simpósio Nacional de História – História e multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos**. São Leopoldo: Unisinos, 2007. Disponível em: <http://snh2007.anpuh.org/resources/content/anais/Nilton%20Mullet%20Pereira.pdf> Acesso em: 10 mai. 2022.

PEREIRA, Nilton Mullet. Aprender com a Idade Média: residualidades e histórias menores. In: SOUZA, Juliana Teixeira; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. (orgs.). **O que se ensina**

**e o que se aprende em história** [livro eletrônico]: a historiografia didática em debate. v.1, Ananindeua: Cabana, 2022.

PIANTÁ, Lucas Tubino; TERRES, Pedro Toniazzo. A historiografia e a wikipedia. In: BARROS, José D'Assunção (org). **Historiografia Digital**: a historiografia diante dos recursos e demandas de um novo tempo. Petrópolis: Vozes, 2022.

PODER 360. **Movimento bolsonarista convoca protestos em vídeo à la Monty Python**. 10 de março de 2020. *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AadTW48Gjsk&t=7s> . Acesso em: 10 mai. 2022.

PORTO, Cristiane; OLIVEIRA, Kaio Eduardo; CHAGAS, Alexandre (orgs.). **Whatsapp e educação** [livro eletrônico]: entre mensagens, imagens e sons. Salvador: EDUFBA, 2017.

PPGH FURG. **Ciclo de Palestras PPGH-FURG: “A extrema direita em perspectiva: problemas e agenda de pesquisa”**. *Youtube*, 31 de maio de 2023. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=VXxbAzG\\_zLk](https://www.youtube.com/watch?v=VXxbAzG_zLk) . Acesso em: 05 jun. 2023.

PRENSKY, M.: Digital Natives Digital Immigrants. In: PRENSKY, Marc. **On the Horizon**. NCB University Press, v.9, n.5, 2001. Disponível em: <https://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>. Acesso em: 06 dez. 2022.

RALEJO, Adriana Soares; MELLO, Rafaela Albergaria; AMORIM, Mariana de Oliveira. BNCC e Ensino de História: horizontes possíveis. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 37, e77056, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/4jVvMMkVMzjLGYRrrBnKnf/?lang=pt#> . Acesso em: 11 set. 2023.

RIBEIRO, Felipe Augusto. Brasil (Neo) Medieval: Idiossincrasias de um uso do passado. **Blog do Poema**. Pelotas: 20 jun. 2022. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/poema/texto-brasil-neomedieval-idiossincrasias-de-um-uso-do-passado/> . Acesso em: 12 mai. 2023.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.  
ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. História pública: um desafio democrático aos historiadores. In: REIS, Tiago Siqueira *et al* (org.). **Coleção história do tempo presente**, v.II, Boa Vista: Editora da UFRR, 2020.

RUDNITZKI, Ethel; OLIVEIRA, Rafael. “*Deus vult*”: uma velha expressão na boca da extrema direita. 2019. Disponível em: <https://apublica.org/2019/04/deus-vult-uma-velha-expressao-na-boca-da-extrema-direita> . Acesso em: 12 dez. 2022.

RÜSEN, Jörn. **Razão Histórica**: teoria da história – os fundamentos da ciência histórica. Brasília: Ed. UnB, 2001.

RÜSEN, Jörn. **História Viva**: Teoria da História III – formas e funções do conhecimento histórico. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.

RÜSEN, Jörn. Aprendizado histórico. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora *et al* (org.). **Jörn Rüsen e o ensino de História**. Curitiba: Ed. UFPR, 2010.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. A formação do professor de História e o cotidiano da sala de aula. In.: BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1998.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora M. dos Santos. Literacia histórica: um desafio para a educação histórica no século XXI. **História & Ensino**, v. 15, pp. 9–21, 2009. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/11424> . Acesso em: 1 mai. 2023.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora M. dos Santos. História do ensino de história no Brasil: uma proposta de periodização. **Revista História da Educação – RHE**, Porto Alegre, v. 16, n. 37, maio/ago. p. 73-9, 2012.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. Percursos dialógicos com Isabel Barca: a crise da transposição didática e a construção da aula histórica. **Vinte Anos das Jornadas Internacionais de Educação Histórica**. Porto: CITCEM, pp. 17-32, 2021. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/18598.pdf> Acesso em: 30 set. 2022.

SHIFMAN, Limor. Uma biografia telegráfica de um encenqueiro conceitual. In: CHAGAS, Viktor. **A cultura dos memes** [livro eletrônico]: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital. Salvador: EDUFBA, 2020.

SILVA, Letícia Costa. **Bolsowave: o Gênero Discursivo Meme e a Estética Vaporwave cooptados pelo bolsonarismo**. 2022. 145p. Dissertação (Mestrado em História) Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2022.

SILVA, Moisés Pereira. Aproximações entre Paulo Freire e Jörn Rüsen numa experiência de educação do campo. **Anais do III Congresso Internacional e V Congresso Nacional de Movimentos Sociais e Educação**. p. 1-13, 2021.

SOUZA, Rosali Fernandes de; DUARTE, Rodrigo Aldeia. Sobre fake news e fake History. **Mídia e cotidiano**, v.15, n.3, p.321-338. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/50671> Acesso em: 19 nov. 2023.

TEITELBAUM, Benjamin R. **Guerra pela eternidade**: o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da extrema-direita populista. Campinas: Editorada Unicamp, 2020.

TEIXEIRA, Igor Salomão; PEREIRA, Nilton Mullet. A Idade Média nos currículos escolares: as controvérsias nos debates sobre a BNCC. **Diálogos**, v. 20, n. 3, p. 16-29, 1 set. 2016. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/33538> Acesso em: 30 ago. 2023.

THIOLLENT, Michel Jean Marie; COLETTE, Maria Madalena. Pesquisa-ação, formação de professores e diversidade. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, v. 36, n. 2, p. 207-216, jul.-dez., 2014.

TOCANTINS. **Documento Curricular do Território do Tocantins**, Etapa Ensino Médio. Homologado pelo Conselho Estadual de Educação – Resolução nº 169 de 20 de dezembro de

2022. Disponível em: <https://www.to.gov.br/seduc/documento-curricular-do-territorio-do-tocantins-dct-to-etapa-ensino-medio/4hdqnsjj0uwt> Acesso em: 04 set. 2023.

TOCANTINS. **Link dos Projetos Políticos Pedagógicos (PPP) das Unidades Escolares**. Palmas: Secretaria de Educação, 2023, pp.08. Disponível em: <https://lookerstudio.google.com/reporting/f03dd666-d54a-4786-9d7b-3fdf5817f723/page/S35HD> . Acesso em: 21 abr. 2023.

TRAVERSO, Enzo. **As novas faces do fascismo** – populismo e a extrema direita. Belo Horizonte: Âyné, 2021.

TWITTER. **Elementos referentes à Idade Média, como sujeitos fantasiados como cavaleiros medievais, aparecem nos mais diversos formatos em estratégias de apoio ao bolsonarismo**. Por que a extrema-direita no Brasil e no mundo têm se interessado tanto pela Idade Média? Segue o fio! @maishistoriapf, 31 de julho de 2020. Disponível em: <https://twitter.com/maishistoriapf/status/1289373842855485443?lang=eu> . Acesso em 06 de dezembro de 2022.

UOL EDUCAÇÃO. **Humor**: estudantes fazem piada sobre vida acadêmica e pós-graduação. 17 de abril de 2015. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/album/2015/04/17/humor-estudantes-fazem-piadasobre-vida-academica-e-pos-graduacao.htm> . Acesso em: 01 mai. 2023.

UTZ, Richard. **Don't be snobs, medievalists! Medievalists**. Disponível em: [https://www.chronicle.com/article/dont-be-snobs-medievalists/?bc\\_nonce=uybwpmjbnioh9rq0oekwqw&cid=reg\\_wall\\_signup](https://www.chronicle.com/article/dont-be-snobs-medievalists/?bc_nonce=uybwpmjbnioh9rq0oekwqw&cid=reg_wall_signup) Acesso em: 28 dez. 2023.

VALENCIA-GARCIA, L. D. (ed.). **Far-right revisionism and the end of history: alt /histories**. New York: Routledge/ Taylor & Francis Group, 2020.

VIDAL-NAQUET, Pierre. **Os assassinos da memória**: um Eichmann de papel e outros ensaios sobre revisionismo. Campinas: Papirus, 1988.

VITÓRIA, Bárbara Zacher. **Sobre memes e mimimi: Letramento histórico e midiático no contexto do conservadorismo e intolerância nas redes sociais**. 2019. 139p. Dissertação (Mestrado em Rede Ensino de História) Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História, Florianópolis, 2019. Disponível em: <https://profhistoria.com.br/articles?terms=memes> . Acesso em 03 de agosto de 2022.

WORKMAN, Leslie J. Medievalism Today. **Medieval Feminist Newsletter**, n. 23, 1997.

## APENDICE 1

### TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**Título da pesquisa:** “*A apropriação do imaginário dos cavaleiros cruzados em memes de internet (2016-2022): análises no Centro de Ensino Médio Tiradentes – Palmas/TO*”<sup>88</sup>”

**Pesquisadora responsável:** Núbia Challine de Oliveira Coelho

**Instituição proponente:** UFNT –Universidade Federal do Norte do Tocantins; Av. Paraguai, esquina com Rua Uxiramas – Setor Cimba, CEP: 77.824-838 – Araguaína – TO; Fone: (63) 2112 2286; Programa de Pós-Graduação em Ensino de História – PPGEHIS – PROFHISTÓRIA.

**Informação de contato do (a) pesquisador (a):** Telefone: (63) 98129-3620; E-mail: [profnubiatiradentes@gmail.com](mailto:profnubiatiradentes@gmail.com)

**Local da coleta de dados:** Centro de Ensino Médio Tiradentes; Quadra 806 Sul Alameda 4, apm16 - Plano Diretor Sul, Palmas - TO, 77023-066

Prezado(a) estudante, mães, pais e/ou responsáveis legais,

- Você está sendo convidado(a) a participar voluntariamente da pesquisa que terá coleta de dados por meio de questionários, palestras, produções imagéticas, observações e debates;
- Antes de concordar em participar desta pesquisa é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento;
- A pesquisadora deverá responder todas as suas dúvidas antes de você se decidir a participar;
- Você tem o direito de **desistir** de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalidade ou ônus e sem perder os benefícios aos quais tenha direito.

**Objetivo do estudo:** Esta proposta de pesquisa tem como objetivo analisar a perspectiva dos estudantes acerca do medieval e, mais especificamente, dos cavaleiros medievais, em suas representações em formato de memes da internet. Busca-se verificar as possibilidades e limitações do uso de memes para a construção da aprendizagem histórica em sala de aula. Através da metodologia de *Aula-oficina* e *Aula histórica* pretende-se desenvolver atividades na qual os estudantes sejam estimulados a desenvolver autonomia e senso crítico, construindo sentido e estabelecendo relações entre o tempo presente e eventos e personagens históricos do passado medieval europeu.

---

<sup>88</sup> O título foi alterado posteriormente.

**Justificativa:** A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que ora norteia a organização educacional do país, aponta como uma das competências básicas o uso de diferentes linguagens, entre elas a digital, “para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo” (BRASIL, 2017, p. 09). O mesmo documento ressalta também a necessidade de contextualizar os conteúdos dos componentes curriculares, identificando estratégias para apresentá-los, representá-los, exemplificá-los, conectá-los e torná-los significativos, com base na realidade do lugar e do tempo nos quais as aprendizagens estão situadas. Desta forma, é importante analisar o uso dos memes como recurso metodológico pelo componente curricular História apontando suas possibilidades, limitações e metodologia apropriada. **Procedimentos:** Você participará de atividades em grupos, desenvolvidas em formato de oficinas, nas quais serão realizadas coletas de dados através de questionário (respondido individualmente) debates, palestras, rodas de conversas, que terão anotações em caderno de campo, registradas pela pesquisadora, produções de memes em grupos e textos individuais produzidos pelos estudantes. Todas as atividades acontecerão na escola, nos horários normais de aulas ou, em casos específicos, de forma síncrona, via Google Meet (de acordo com cronograma disponibilizado). Um grupo de WhatsApp será criado para facilitar a comunicação entre a pesquisadora e os estudantes. Serão realizados estudos referentes à temática dos cavaleiros medievais representados em memes de internet.

**Benefícios:** Essa pesquisa pretende beneficiar aos estudantes que participarão, na medida em que os mesmos puderem adquirir maiores conhecimentos históricos e adotarem comportamentos mais conscientes que os orientarão a novas formas de agir; também beneficiará à comunidade acadêmica e saberes humanos através do uso de memes como elementos didático-metodológicos possíveis de colaborar com o ensino de História no tocante a formação da consciência histórica de estudantes em temáticas relacionadas ao medievo e o tempo presente.

**Riscos.** É possível que durante a coleta de dados, observação das aulas, preenchimento do questionário e realização das atividades, você se sinta constrangido pela situação. Asseguramos que o grupo de Whatsapp será utilizado exclusivamente para postagem e dinamização das atividades. É seu direito não responder nenhum questionário ou se expressar caso não se sinta suficientemente confortável para assim fazer. O questionário socioeconômico é anônimo, a fim de oferecer mais privacidade a seus dados e as respostas serão utilizadas EXCLUSIVAMENTE nas atividades acadêmicas. As oficinas estão organizadas com o objetivo de oferecer um ambiente de livre expressão e manifestação de ideias, evitando situações que possam expor os participantes de forma inconveniente. O seu direito de não participação será respeitado. O diálogo, as boas maneiras e o bom senso serão encorajados a fim de evitar o risco social de hostilidade que possa ocorrer em alguma situação. A pesquisa envolve risco mínimo e aceitável no que se refere as metodologias e técnicas aplicadas ao meio educacional. Não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, pela sua participação neste estudo. A pesquisadora responsável suspenderá a pesquisa imediatamente ao perceber algum risco ou dano, previsto ou não, ao sujeito participante da pesquisa. Com direito à assistência integral e à indenização por dano, se couber.

**Sigilo.** Você não será identificado/a em nenhum momento, mesmo quando os resultados desta pesquisa forem divulgados sob qualquer formato. O sigilo do seu nome será mantido quando da divulgação da pesquisa e também quando os memes produzidos forem expostos no mural virtual (Padlet) ou durante a exposição física na escola. A associação de autoria será descrita como de autoria da turma do CEM Tiradentes juntamente com professora pesquisadora.

Palmas/TO, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2023.

---

Nome legível do/a participante (estudante)

---

Assinatura do/a participante (estudante)

---

Nome legível do/a responsável legal

---

Assinatura do/a responsável legal

---

Assinatura da pesquisadora responsável

**Observação: Você poderá solicitar uma cópia deste termo a qualquer momento.**

## APÊNDICE 2

### QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO E EXPLORATÓRIO<sup>89</sup>.

<b>Identificação</b>	Não	Urbana longe da escola
1. Sexo	Sim	Rural
Feminino	Quantos?	5. Qual meio você utiliza
Masculino	<b>II. Moradia e transporte</b>	com mais frequência para
2. Gênero	1. Com quem você mora?	ir à escola
Feminino	Com pais	À pé
Masculino	Somente com pai	Bicicleta
Outro	Somente com a mãe	Transporte público
Prefiro não informar	Sozinho/a	Transporte por aplicativo
3. Idade	Com amigos/as	Táxi
15	Com outros familiares	Mototáxi
16	(tios/as; avós; primos/as;	Carro próprio
17	padrinho ou madrinha)	<b>III. Educação</b>
18	2. Sua residência é	1. Sua série
19	Própria	1ª série
20	Aluguel	2ª série
4. Qual sua cor ou raça	Emprestada	3ª série
Preta	3. Quantas pessoas vivem	2. Já foi reprovado/a
Parda	na mesma casa que você?	Sim Quantas vezes?
Branca	2	Não
Amarela	3	3. Qual o maior nível de
Indígena	4	escolaridade da sua mãe
5. Estado civil	Mais de 4 pessoas	Educação Infantil (Creche
Casado/a	4. Em que área você	e Pré-escola)
Solteiro/a	reside	Ensino Fundamental I (1º
6. Tem filhos/as?	Urbana perto da escola	ao 5º ano)

<sup>89</sup> Fontes (com adaptações): Questionário amostra – Censo Demográfico 2022 IBGE. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/sobre/questionarios.html>. Ver: CLEMENTE, Marcos Edílson de Araújo; MANIERI, Dagmar (org.). DESIDÉRIO, Mik-Elson de Souza (*in memoriam*) **O conhecimento histórico na vida cotidiana dos estudantes**. Curitiba: CRV, 2019.

Ensino Fundamental II (6° ao 9° ano) completo	Não sei	Conta própria (sem empregados)
Ensino Fundamental II (6° ao 9° ano) incompleto	5. Você faz algum outro curso?	Trabalhador não remunerado em ajuda a algum morador do domicílio ou parente
Ensino Médio completo	Sim Qual?	
Ensino Médio incompleto	Não	
Curso Superior de graduação completo	<b>IV. Trabalho e rendimento</b>	4. Qual a ocupação de seu pai?
Curso superior de graduação incompleto	1. Você trabalha	Trabalhador doméstico (inclusive diarista)
Especialização	Sim. Assalariado	Militar do exército, da marinha, da aeronáutica, da polícia militar ou do corpo de bombeiros militar
Mestrado	Sim. Estágio remunerado	Do setor privado
Doutorado	Sim. Autônomo	Do setor público - funcionário concursado
Não sei	Não	Do setor público - nomeado
4. Qual o maior nível de escolaridade do seu pai	2. Quantas horas por dia você trabalha?	Empregador (com pelo menos um empregado)
Educação Infantil (Creche e Pré-escola)	4h	empregado
Ensino Fundamental I (1° ao 5° ano)	6h	Conta própria (sem empregados)
Ensino Fundamental II (6° ao 9° ano) completo	3. Qual a ocupação da sua mãe?	Trabalhador não remunerado em ajuda a algum morador do domicílio ou parente
Ensino Fundamental II (6° ao 9° ano) incompleto	Trabalhador doméstico (inclusive diarista)	5. A família é beneficiária de programas sociais, como Auxílio Brasil?
Ensino Médio completo	Militar do exército, da marinha, da aeronáutica, da polícia militar ou do corpo de bombeiros militar	Sim
Ensino Médio incompleto	Do setor privado	
Curso Superior de graduação completo	Do setor público - funcionário concursado	
Curso superior de graduação incompleto	Do setor público - nomeado	
Especialização	Empregador (com pelo menos um empregado)	
Mestrado	empregado	
Doutorado		

Não  
6. Qual a renda média da sua família?

1,00 a 500,00

501,00 a 1.000,00

1.001,00 a 2.000,00

2.001,00 a 3.000,00

3.001,00 a 5.000,00

5.001,00 a 10.000,00

10.001,00 a 20.000,00

20.001,00 a 100.000

100.001 ou mais

#### **V. Religiosidade**

1. Sua família professa alguma fé?

Sim

Não

2. Se sim, qual?

Católica

Evangélica

Espírita

Candomblé

Umbanda

3. Você é frequentador da igreja de seus familiares?

Sim

Não

4. Se não, você frequenta alguma igreja?

Sim

Não

5. Se sim, qual?

Católica

Evangélica

Espírita

Candomblé

Umbanda

#### **VI. Suas relações com a escola**

1. Você gosta de estudar?

Sim

Não

2. Você gosta de frequentar a escola?

Sim

Não

3. Qual componente curricular você mais gosta?

Língua Portuguesa

Inglês

Espanhol

Arte

Educação Física

Matemática

Química

Física

Biologia

Geografia

História

Filosofia

Sociologia

4. Você se sente acolhido na escola?

Sim

Não

Um pouco

5. Você se sente estimulado/a na escola?

Sim

Não

Um pouco

6. O que você mudaria na escola?

Biblioteca

Laboratório de informática

as salas de aula

o número de alunos nas salas

a área de esportes

áreas comuns da escola

7. Comente quais seriam, exatamente suas mudanças

#### **VII. Acesso à internet e tecnologias digitais**

1. Você tem acesso a celular smartphone

Sim, meu próprio celular

Sim, utilizo de algum parente

Não

2. Você possui computador em casa?

Sim, meu próprio

computador

Sim, um computador compartilhado com familiares	Informação	origem das informações que recebe pelas redes sociais?
Não	<b>VIII. Você e as informações</b>	Sempre
3. Se sim	1. Você gosta de se manter informado?	Às vezes
É um desktop (aqueles que ficam sobre a mesa, parecem uma TV)	Sim	Nunca
É um notebook	Não	Raramente
4. Você possui tablet	Um pouco	4. Você costuma repassar as informações que recebe pelas redes sociais?
Sim	2. Através de quais meios você se mantém informado	Sempre
Não	Jornais impressos	Às vezes
5. Você possui acesso à internet em seu celular?	Revistas impressas	Nunca
Sim, com dados móveis	Telejornais	Raramente
Sim, em casa, com WiFi	Revistas na internet	5. Que tema você mais “curte” nas redes sociais? (Marque os três que mais chamam sua atenção)
Somente quando estou na escola (compartilhada por colegas, professores ou a escola)	Redes sociais	Educação
6. Em qual dispositivo você mais acessa as redes sociais	Parentes e/ou amigos	Política
Celular	3. Em qual rede social você recebe mais informações sobre o mundo (política, economia, sociedade, saúde, etc.)	Religião
Tablet	Facebook	Economia
Notebook	WhatsApp	Estética (dicas de maquiagem, cuidados com pele e cabelo)
Computador de mesa	Twitter	Saúde e alimentação
7. Você utiliza a internet mais para	Instagram	Dicas de moda
Comunicação	TikTok	Futebol
Entretenimento	Youtube	“Zoeira” (conteúdos de humor)
Jogos	Telegram	Decoração de ambientes
Estudo	Outros (Qual?)	Games
	3. Você costuma se preocupar em investigar a	Livros

Séries/filmes/desenhos animados	Sim	e) Novela, séries
	Não	muito pouco
6. Você conhece os memes de internet?	3. Se sim, qual?	pouco
	4. Qual (s) período (s) ou tema (s) da História você mais gosta?	mais ou menos
Sim		gosto muito
Não	5. A História pode aparecer em diversos formatos. Dos citados abaixo, marque de acordo com sua percepção (se te agrada)	f) Documentários
Um pouco		muito pouco
7. Você gosta de memes?		pouco
Sim		mais ou menos
Não		gosto muito
Um pouco		g) Aulas dos professores
8. Descreva aqui o tipo de meme que você gosta	a) Livros didáticos	muito pouco
9. Quanto tempo do seu dia é disponibilizado para as redes sociais?	muito pouco	pouco
	pouco	mais ou menos
Menos de uma hora por dia.	mais ou menos	gosto muito
De duas a três horas por dia.	gosto muito	h) Aulas no Youtube
De três a quatro horas por dia	b) Documentos, artefatos	muito pouco
Mais de quatro horas por dia.	muito pouco	pouco
	pouco	mais ou menos
	mais ou menos	gosto muito
	gosto muito	i) Museus e lugares históricos
	c) Romances históricos	muito pouco
	muito pouco	pouco
	pouco	mais ou menos
	mais ou menos	gosto muito
	gosto muito	j) Redes sociais
	d) Filmes históricos ou com temática histórica	muito pouco
	muito pouco	pouco
	pouco	mais ou menos
	mais ou menos	gosto muito
	gosto muito	k) Falas de outros adultos (pais, avós...)

<p>           muito pouco            pouco            mais ou menos            gosto muito            l) Memes históricos            muito pouco            pouco            mais ou menos            gosto muito            5. Dos meios de aprender História marque a ordem de sua confiança neles            1. Muito confiável            2. Pouco confiável            3. Não muito confiável            4. Não pode confiar            a) Livros didáticos            b) Livros de historiadores            c) Livros de autores de outras áreas            d) Professores/as formados/as na área            e) Professores/as formados/as em outras áreas            f) Filmes, séries, novelas, documentários            g) Pessoas mais velhas            h) Outros estudantes            i) Redes sociais            j) Vídeos de influenciadores no Youtube         </p>	<p>           k) Vídeo de professores da área no Youtube            l) Vídeos de professores/as de outras áreas, mas que falam de História            m) Podcasts de influenciadores            n) Podcasts de professores/as formados em História            o) Podcasts de professores/as formados/as em outras áreas            6. Você segue algum canal/pessoa que trate de temas históricos?            Sim            Não            7. Se sim, cite os que você gosta mais            8. Você costuma interagir com esses canais/pessoas            Sim, com curtidas e outras reações            Sim, com comentários            Não            9. Qual seu interesse pelos seguintes períodos da História            a) Os povos anteriores à invenção da escrita         </p>	<p>           muito pouco            pouco            mais ou menos            gosto muito            b) O mundo antigo (Grécia, Roma)            muito pouco            pouco            mais ou menos            gosto muito            c) O mundo antigo (Povos as Suméria, Egito, Índia, China...)            muito pouco            pouco            mais ou menos            gosto muito            d) A Idade Média            muito pouco            pouco            mais ou menos            gosto muito            e) Os povos nativos das Américas            muito pouco            pouco            mais ou menos            gosto muito            f) História do Brasil colonial            muito pouco            pouco            mais ou menos         </p>
---	--	--

gosto muito  
 g) História do Brasil imperial  
 muito pouco  
 pouco  
 mais ou menos  
 gosto muito  
 h) História do Brasil republicano  
 muito pouco  
 pouco  
 mais ou menos  
 gosto muito  
 i) História Moderna (1453 a 1789)  
 muito pouco  
 pouco  
 mais ou menos  
 gosto muito  
 j) História Contemporânea (1789 aos dias atuais)  
 muito pouco  
 pouco  
 mais ou menos  
 gosto muito  
 10. Indique seu interesse nas temáticas abaixo  
 a) A vida cotidiana de pessoas comuns  
 muito pouco  
 pouco  
 mais ou menos

gosto muito  
 b) A vida cotidiana de pessoas e personagens como reis e rainhas, militares  
 muito pouco  
 pouco  
 mais ou menos  
 gosto muito  
 c) Aventureiros e descobridores  
 muito pouco  
 pouco  
 mais ou menos  
 gosto muito  
 d) Guerras e ditaduras  
 muito pouco  
 pouco  
 mais ou menos  
 gosto muito  
 e) Cultura e países distantes  
 muito pouco  
 pouco  
 mais ou menos  
 gosto muito  
 f) Desenvolvimento da democracia  
 muito pouco  
 pouco  
 mais ou menos  
 gosto muito  
 g) Cultura do seu país

muito pouco  
 pouco  
 mais ou menos  
 gosto muito  
 h) História do seu estado  
 muito pouco  
 pouco  
 mais ou menos  
 gosto muito  
 i) História da sua cidade  
 muito pouco  
 pouco  
 mais ou menos  
 gosto muito  
 j) História da sua família  
 muito pouco  
 pouco  
 mais ou menos  
 gosto muito  
 k) História dos países vizinhos  
 muito pouco  
 pouco  
 mais ou menos  
 gosto muito  
 l) Religiosidade  
 muito pouco  
 pouco  
 mais ou menos  
 gosto muito  
 m) Revoltas e revoluções  
 muito pouco  
 pouco

mais ou menos

gosto muito

n) Desenvolvimento

científico e tecnológico

muito pouco

pouco

mais ou menos

gosto muito

o) Mitologia oriental

muito pouco

pouco

mais ou menos

gosto muito

p) Mitologia grega

muito pouco

pouco

mais ou menos

gosto muito

q) Mitologia nórdica

muito pouco

pouco

mais ou menos

gosto muito

r) Mitologia africana

muito pouco

pouco

mais ou menos

gosto muito

s) Cavaleiros medievais

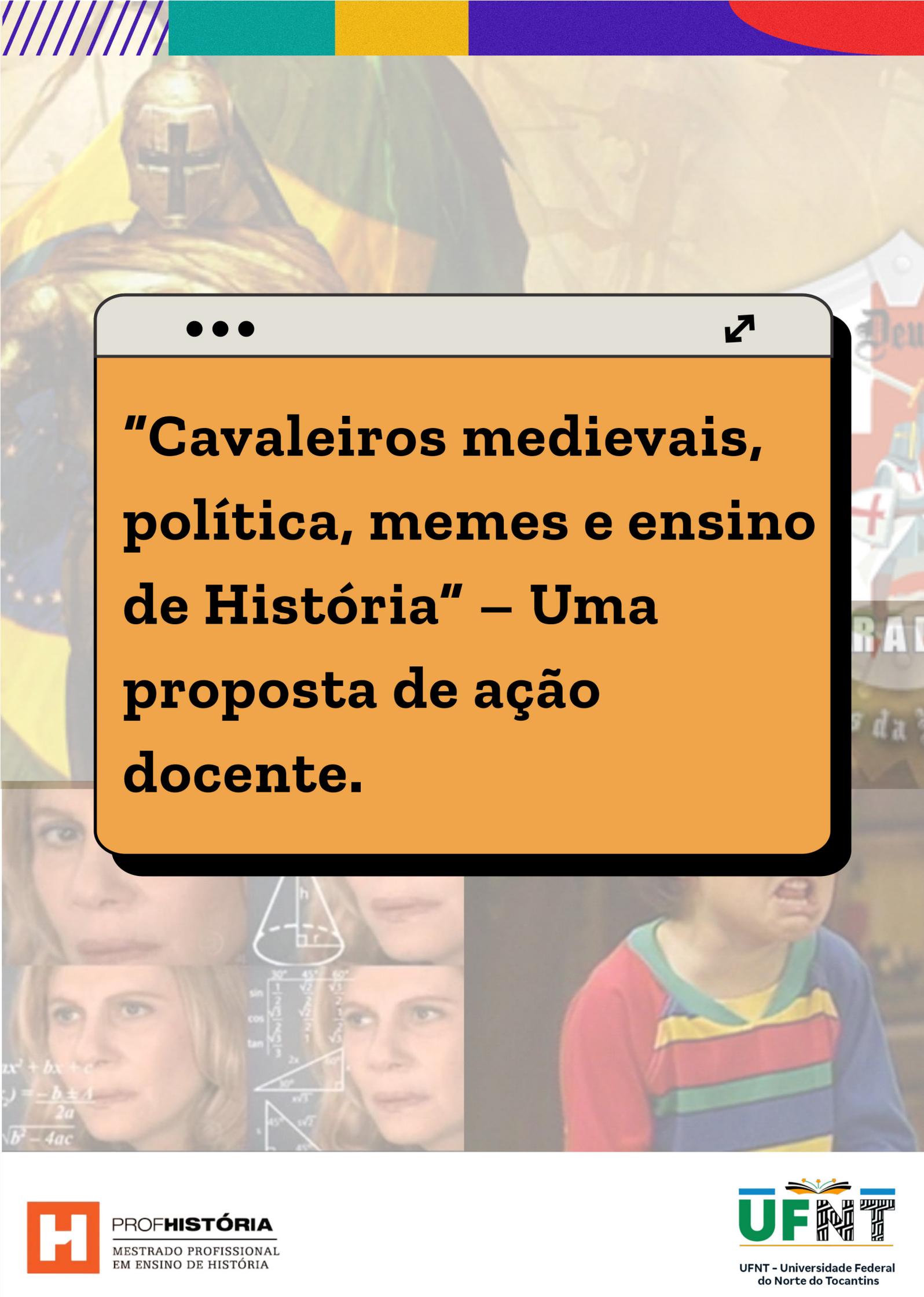
muito pouco

pouco

mais ou menos

gosto muito

**APÊNDICE 3**  
**GUIA DE AÇÃO DOCENTE**



... ↗

**"Cavaleiros medievais,  
política, memes e ensino  
de História" – Uma  
proposta de ação  
docente.**



# "Cavaleiros medievais, política, memes e ensino de História" – Uma proposta de ação docente

Elaboração:

Núbia Challine de Oliveira Coelho

Contato: [n.c.o.c@hotmail.com](mailto:n.c.o.c@hotmail.com)



**PROFHISTÓRIA**  
MESTRADO PROFISSIONAL  
EM ENSINO DE HISTÓRIA



UFNT - Universidade Federal  
do Norte do Tocantins

---

O material foi desenvolvido para uso educacional, sendo vedado o uso comercial. É permitida a reprodução e utilização do material desde que sejam atribuídos os devidos créditos.

# SUMÁRIO



Apresentação .....	04
1. Os memes e as aulas de História .....	06
2. O ambiente digital e a escola .....	09
3. Memes, política e aulas de História .....	11
4. Memes e cavaleiros medievais .....	12
5. Antes de colocar a mão na massa, algumas dicas .....	16
6. A proposta didática .....	17
MÓDULO I – OS MEMES .....	20
OFICINA 1: Primeiras palavras sobre memes .....	20
OFICINA 2: O que são os memes e como analisá-los .....	22
OFICINA 3: Os memes e o ambiente em que circulam .....	24
MÓDULO II – TEMPO HISTÓRICO E PERSONAGENS .....	25
OFICINA 4: Ampliando os conhecimentos sobre a Idade Média .....	25
OFICINA 5: Ampliando o conhecimento sobre os cavaleiros medievais .....	27
OFICINA 6: A Idade Média e os cavaleiros medievais – organizando os resultados das pesquisas e discussões .....	29
MÓDULO III – “MEMEMOTOLOGIA” .....	30
OFICINA 7: Produzindo memes .....	30
OFICINA 8: Socializando as produções .....	32
7. Referências .....	34
8. Algumas sugestões úteis .....	37
9. Material de apoio .....	40

# Apresentação

Caros/as colegas professores/as,

Seria capaz de apostar que a reação à apresentação desse guia foi algo parecido com a do meme ao lado. Não julgo. Sou professora da rede pública do Tocantins há 13 anos e, durante todo esse tempo, foi comum que tanto eu quanto meus colegas ficássemos com o pé atrás quando a “academia” vinha até nós. Geralmente é para nos estudar e não dar devolutiva sobre as práticas de estágio que nem sempre contribuem para o aprimoramento da prática docente nem para a formação da/ do futuro profissional, e outras vezes é para trazer “material” que irá “revolucionar” nossas aulas.

A proposta que estou apresentando é uma aproximação entre a universidade e a Educação Básica, fruto de dois anos de estudos que foram baseados em minha prática em sala de aula (só saí quando a saúde não aguentou, no pós-pandemia) e pensado como forma de contribuir para o planejamento de aulas, especialmente no contexto de mudanças impostas pela Reforma do Ensino Médio (não revolucionar, muito menos resolver questões educacionais).

O ProfHistória, Programa de Pós-graduação Profissional em Ensino de História, é uma pós-graduação *stricto sensu* organizado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e ofertado por universidades pelo país, inclusive a Universidade Federal do Norte do Tocantins, em Araguaína (de onde sou egressa). Um dos objetivos do programa é ser um meio de formação continuada que valoriza os saberes escolares produzidos por profissionais atuantes na Educação Básica.

Após a constatação de que o mundo digital havia adentrado os espaços escolares – não da maneira que gostaríamos –, as formas como essa inserção ocorria foram se apresentando: estudantes aprendendo via videoaula do *Youtube*, uso mais constante dos celulares em sala de aula, questionamentos sobre o papel do/da professor/a de História e novas linguagens de comunicação. E, nesse ponto, algo se destacou: curiosidade de estudantes acerca de cavaleiros medievais.

Procurei entender, então, de onde viria tal curiosidade. Parte dela ainda emergia de jogos de videogame, mas agora um elemento diferente se pronunciava: os memes. Ao mesmo tempo que percebia a curiosidade de estudantes, fui percebendo também a presença desses memes em redes sociais e matérias jornalísticas.

Figura 1 – Meme “Ensinar a dar aula”



Fonte: Produção própria através do site Gerar memes.



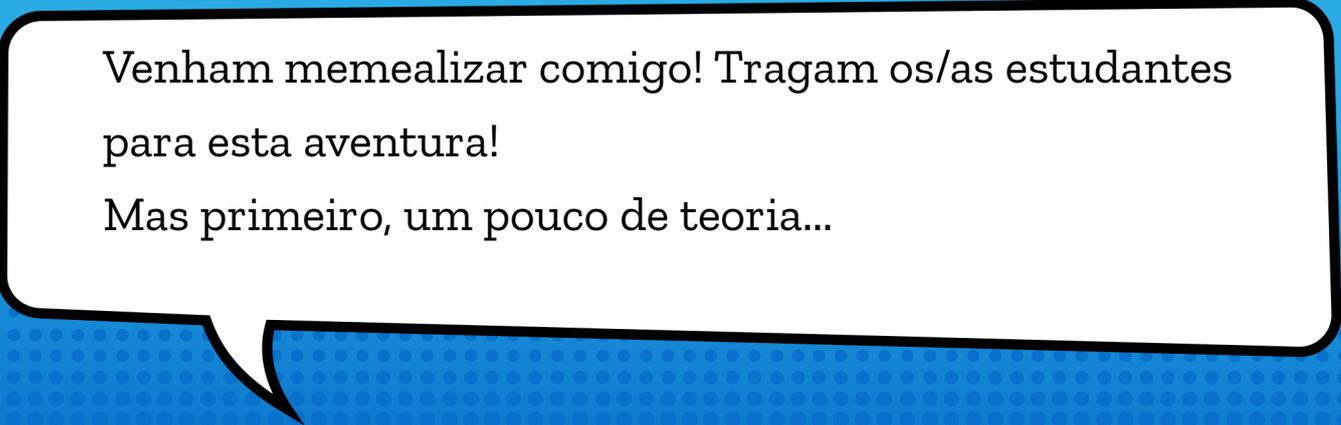
Os memes já faziam parte do meu cotidiano em sala de aula<sup>1</sup> e, diante da nova temática, comecei a pensar em diferentes abordagens e a pesquisar sobre o assunto. Foi nesse ínterim que a possibilidade de entrar para o ProfHistória surgiu. Fiz a prova, fui aprovada e agora apresento a vocês o fruto da minha pesquisa, que contou com a orientação do professor Dr. Marcos Edílson Clemente, profissional experiente que já orientou trabalhos significativos dentro do ProfHistória.

Ressalto que todos estão convidados a repensar minha prática e a modificá-la de acordo com a sua realidade e necessidade. A partir de sua perspectiva de aprendizagem será possível ressignificar e enriquecer a proposta que ora apresento como mera sugestão.

Ciente das carências que assolam a Educação Básica em nosso país, convido-os a pensar a tecnologia e os recursos tecnológicos como auxiliares, não como objetivo principal. Apesar de ser uma prática pensada para ser desenvolvida com o envolvimento do uso de internet, celulares e computadores, é possível levá-la a cabo aproveitando-se da "lógica digital" (Costa, 2021).

Para Marcella Albaine Costa, essa lógica digital consiste em pensar as aulas de História em termos de trabalho coletivo no qual o conhecimento, não compreendido como algo linear a ser exposto por uns e assimilado por outros, seja vislumbrado em seus múltiplos encontros, nós e conexões (como as teias de aranha) onde o papel do/da professor/a é o de mediador/a de um processo no qual todos podem e devem colaborar, a fim de mobilizar experiências e saberes diversos para a construção do pensamento crítico (Freire, 1987) e da consciência histórica (Rüsen, 2001).

Estar em sala de aula como professora e aluna de pós-graduação foi uma oportunidade única de reflexão/ação para a qual os/as convido a participar. Acredito na educação, mas somente aquela que se faz junto, de braços abertos à multiplicidade de saberes e à diversidade em toda sua complexidade e possibilidades.



Venham memearizar comigo! Tragam os/as estudantes para esta aventura!  
Mas primeiro, um pouco de teoria...

<sup>1</sup> Sobre uma dessas experiências, escrevi um artigo disponível em: [https://www.snh2021.anpuh.org/resources/anais/8/snh2021/1628542198\\_ARQUIVO\\_5e947b909787fba6737d9ab9ee3c97db.pdf](https://www.snh2021.anpuh.org/resources/anais/8/snh2021/1628542198_ARQUIVO_5e947b909787fba6737d9ab9ee3c97db.pdf)

# 1. Os memes e as aulas de História

A imagem ao lado lhes é familiar? Se vocês transitam pelo ambiente virtual é bem provável que essa imagem tenha passado por você. Ou talvez não. Isso porque ela se trata de um meme, mais precisamente de um meme de internet. Desde a primeira década dos anos 2000, acompanhando o desenvolvimento e a popularização da internet, cada vez mais uma nova linguagem era utilizada: a dos memes. Apesar de ser um fenômeno da internet, os memes logo se infiltraram em diversos outros espaços, inclusive a escola.

Os memes possuem sua origem associada a um estudo do biólogo Richard Dawkins que, em 1976, escreveu o livro *O gene egoísta* (publicado no Brasil em 1979). Em sua proposta, Dawkins procura, por meio de termos e analogias biológicas, compreender a cultura. Desta forma, o meme se assemelha ao gene, uma vez que é capaz de transmitir aspectos culturais, posto que os genes transmitem informações biológicas.

Viktor Chagas (2020) ressalta que, apesar de o conceito de meme ser anterior à internet e ligado à biologia, diversos estudos sobre o assunto abrangem também diversas áreas do conhecimento, perpassando a Filosofia, a Comunicação, a Política, a Educação, dentre outras. Entretanto, para os jovens do século XXI, o termo acabou por se associar a algo distinto, que se tornou popular no ambiente de redes sociais e se tornaram conhecidos por “memes de internet”.

Figura 2 – Meme “Aula comum versus aula com memes”



Fonte: Arquivo pessoal.



## Com a palavra, os/as especialistas



Nas palavras de Michele Knobel e Colin Lankshear, “entre os *insiders* da internet, meme é um termo popular para descrever a rápida consolidação e disseminação de uma ideia particular, apresentada como um texto escrito, imagem, ‘movimento’ de linguagem ou alguma outra unidade de ‘material’ cultural.” (Knobel, Lankshear, 2020, p.82).

Em linhas gerais, o meme de internet consiste basicamente em uma imagem, texto, vídeo ou uma mistura desses elementos que porte uma mensagem, que é apresentada de forma direta por frases ou expressões curtas, ou indireta, através da compreensão da relação entre imagem, texto e contexto. De acordo com Limor Shifman (2020), ele reflete estruturas sociais e culturais profundas.

Percebe-se, portanto, que os memes de internet podem ser compreendidos também em sua dimensão cultural e simbólica como representantes de ideias ou valores de um grupo, não estando restritos ao ambiente da "zueira". Desta forma, o contexto em que estão inseridos é crucial para sua compreensão por parte daqueles entre os quais circula e para a análise mais aprofundada.

Os memes são facilmente produzidos, replicados, reproduzidos e encontram receptividade entre a comunidade jovem. Eles circulam em um ambiente específico: o "ciberespaço", que, segundo Pierre Lévy, seria "[...] o universo oceânico de informação que ele abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. (Lévy, 1999, p. 17).

O desenvolvimento técnico desse ambiente e sua ocupação pelos seres humanos proporcionaram o desenvolvimento de uma forma de socialização diferente, que Lévy chamou de cibercultura. Em suas palavras, seria "[...] um novo conjunto de técnicas (materiais e intelectuais); práticas, atitudes, modelos de pensamento e valores que se desenvolvem a partir da Internet" (Lévy, 1999, p.17). Os memes de internet, na forma como são produzidos e socializados, são uma das muitas faces dessa cibercultura, em especial quando pensamos nas formas com as quais as juventudes se expressam e convivem.



### Com a palavra, os/as especialistas



Para Manuel Castells, a difusão da internet, a vivência através das redes sociais e a escolha por se instruir também pelas redes sociais provocam uma "cultura da virtualidade real", ou seja, houve a transformação do sistema de comunicação na qual

A própria realidade (ou seja, a experiência simbólica/material das pessoas) é inteiramente captada, totalmente imersa em uma composição de imagens virtuais no mundo do faz-de-conta, no qual as aparências não apenas se encontram na tela comunicadora da experiência, mas se transformam na experiência. (Castells, 2011, p. 459).

Pierre Lévy chama atenção para o ambiente que ele denominou ciberespaço e sua cultura típica, a cibercultura e os impactos desses ambientes na forma como as pessoas se relacionam entre si e com as informações. Lévy alerta que as "[...] técnicas criam novas condições e possibilitam ocasiões inesperadas para o desenvolvimento das pessoas e das sociedades, mas que elas não determinam automaticamente nem as trevas nem a iluminação para o futuro humano" (Lévy, 1999, p. 17).

O alerta de Lévy permanece atual. Mais do que outrora, sabemos que o simples acesso à internet, por exemplo, não significa acesso àquela pequena fatia de conhecimento produzido pela humanidade e disponibilizada digitalmente, que muitas informações podem desinformar e que se torna essencial conhecer os impactos gerados pelo ciberespaço e pela cibercultura para melhor aproveitá-los. Desta forma, há que se apropriar do digital (suas ferramentas, suas estruturas, suas linguagens) de modo a ir “[...] além do eventual modismo das novas tecnologias ou do caráter supostamente lúdico e atrativo com que se apresentam” (Caimi, 2014, p.174).

Por outro lado, dentro do ciberespaço, nas redes sociais, temos iniciativas para promover o conhecimento histórico, inclusive com produtores de memes com temática histórica comprometidos com a ética profissional. Temos também muitos produtores em outras redes sociais, além do acesso alargado ao conhecimento histórico por meio, por exemplo, da digitalização de acervos e visitas virtuais a museus.

Há uma iniciativa interessante de *musealização* dos memes, o #MUSEUdeMEMES<sup>2</sup>, criado em 2015, na Universidade Federal Fluminense, que demonstra a emergência de tratar os memes também como fontes, como parte da cultura popular da internet e como patrimônio. Com atividades que envolvem pesquisa, ensino e divulgação científica, voltado a leigos e especialistas, o #MUSEUdeMEMES mantém coleções de memes organizados

por assuntos, promove exposições físicas e *online* e possui um banco de dados com produções acadêmicas (dissertações, teses, artigos, livros), ensaios e entrevistas.

Vocês já devem ter noção de tudo o que escrevi aqui. Acredito que podem estar utilizando a linguagem memética em suas aulas, além de utilizá-la em seu cotidiano pessoal. Ciente de tudo isso é que venho apresentar a vocês uma outra possibilidade de abordagem, com enfoque para os memes de cavaleiros medievais. Enfoque esse que nos permite discutir e problematizar temas como Idade Média, política e comunicação, possibilitando uma operação básica para o pensar histórico: a relação com o tempo.

Figura 3 – Exemplos de memes com temática histórica



Fonte: Elaboração da autora com memes de acervo pessoal

<sup>2</sup> Ver: <https://museudememes.com.br/>

## 2. O ambiente digital e a escola

Memes, redes sociais, ciberespaço e cibercultura são termos que nos trazem para o século XXI, adentram os espaços escolares, fazem parte do cotidiano dos jovens – que já nasceram imersos no mundo marcado pelo desenvolvimento das tecnologias digitais – e se impõem aos profissionais que se viram forçados a tentar adentrar esse mundo por causa das limitações impostas pela pandemia de COVID-19<sup>3</sup>.

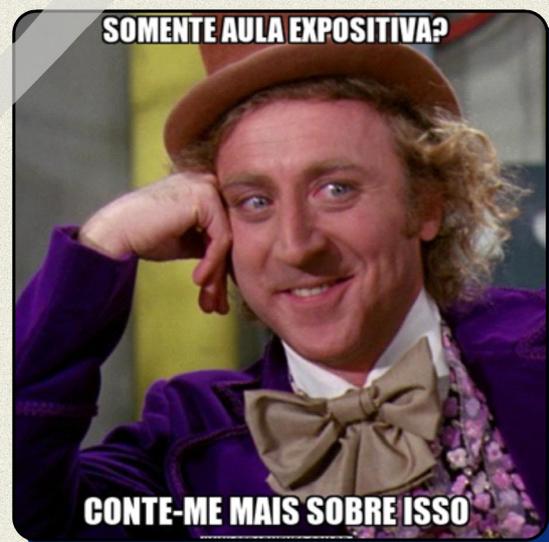
Segundo José D'Assunção Barros, vivenciamos a "Era Digital", fruto da mais recente revolução vivenciada pelo gênero humano, que ele denominou de "Revolução digital" (Barros, 2022, pp.11-12). A marca desta grande transformação é a sociedade digital. Sociedade essa que já teve acesso a tecnologias digitais e que foi modificada por elas em escala mundial. Tais modificações afetaram as diversas formas do ser humano *ser* no mundo e de se relacionar com os outros e com as informações (Barros, 2022, p.32).

Quando pensamos os estudos históricos e o ensino de História, percebemos que uma das transformações operadas dentro dessa revolução digital foi a maneira como nos relacionamos com o tempo e o espaço. A internet se transformou, ao longo de seu desenvolvimento, em um meio para se disponibilizar e acessar informações, ao mesmo tempo em que se tornou um dos principais ambientes de comunicação e interação social (Barros, 2022, p.34).

A escola, inserida nesse contexto, vem sentindo as mudanças impostas por esse novo mundo emergente de transformações cada vez mais profundas. Contudo, não tem conseguido operar as transformações internas necessárias para atender os novos sujeitos advindos da recente revolução humana. Seja por questões econômicas, estruturais (muitas escolas não possuem acesso a equipamentos e redes de internet) ou metodológicas, a escola tem se apresentado, muitas vezes, a alguns passos atrás no que se refere ao mundo digitalizado.

Diante de tal realidade, é necessário superar a falsa dicotomia que postula as tecnologias digitais ora como o papel de vilã, ora como de heroína. Ensinar História no mundo contemporâneo é reconhecer a materialidade das transformações ocorridas com o desenvolvimento das tecnologias digitais e o papel da escola e da disciplina História como possível e necessária ferramenta de reflexão crítica.

Figura 4 – Meme "Somente aula expositiva?"



Fonte: Produção própria através do site Gerar memes.

<sup>3</sup> Para maiores informações, acessar <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>

Assim como proposto por Rüsen, aprender História é ir além da mera reconstrução de fatos passados. É desnaturalizar o mundo, os homens e suas produções, levantando questionamentos e elaborando respostas a partir da ampla gama de conhecimentos disponíveis e acessíveis por meios diversos, para, enfim, produzir sentido capaz de orientar a vida prática humana.

Pensar em práticas educativas diferenciadas que estimulem o interesse do/da estudante é uma exigência quase intrínseca ao fazer docente. Professoras e professores de todo o país vivem em busca de novas metodologias e novos assuntos capazes de tornar o conhecimento histórico significativo. Marcella Albaine F. da Costa defende que o ensino de História deve ser "vivo", ou seja, deve ser um ensino capaz de ir além de operações mecânicas e repetitivas.

...

### Com a palavra, os/as especialistas



Um ensino que “[...] toca os estudantes não apenas na esfera intelectual, mas também os atinge na esfera axiológica, valorativa, colocando-os como protagonistas na luta por melhores condições de existência e, conseqüentemente, de estudo, resignificando a relação que estabelecem com o conhecimento” (Costa, 2021, p.20).

Ressignificar a relação com o conhecimento, quando pensamos o século XXI, é também compreender as mudanças ocorridas com rapidez nos últimos anos, apoderando-se dos diversos meios de se informar e de obter conhecimento, mas utilizando o pensamento crítico e elencando valores que prezem pelo bem-estar comum.

Para tanto, o "digital" é pensado para além da materialidade das tecnologias, compreendido não como um fim em si, mas como um meio. Não basta as escolas, professores e estudantes terem computadores, *tablets* e acesso à internet, se não se apropriarem daquilo que a autora chama de "lógica digital" (Costa, 2021, p.21). Uma forma de organização de ideias, pensamentos, formas de se relacionar e ser no mundo marcados pela não linearidade, hipertextos, *links* e ubiquidade característicos do mundo digital, mas não restritos a ele.

A sociedade advinda da "Era digital" (Barros, 2022) também é digital. Nela,

...

### Com a palavra, os/as especialistas



[...] o mundo virtual percorrido pelo internauta pode ser um mundo à parte: uma outra realidade na qual o usuário se reinventa. Ou o usuário pode ligar os dois mundos – o virtual e o real –, fazendo do primeiro uma extensão do segundo e daquele se valendo para ampliar as suas relações pessoais na realidade vivida. (Barros, 2022, p.46).

Parece adequado afirmar que, diante da perspectiva de Barros, professoras e professores possam ser os agentes mediadores desses dois mundos no que se refere, como o caso deste trabalho, a temas inseridos no contexto do conhecimento histórico. A mediação pode se efetivar tanto na prática pedagógica em si, auxiliando estudantes a se munirem das ferramentas práticas e metodológicas para vivenciar a experiência digital, quanto atuando de dentro da esfera digital.

### 3. Memes, política e aulas de História

Algumas pessoas amam falar de política, outras odeiam e algumas se dizem indiferentes. Poucas dessas pessoas, entretanto, compreendem o que é realmente "política" e acabam por confundir "a" política com política partidária. "A" política é aquela que está inserida em diversos aspectos da nossa vida em sociedade, tratando-se de um conceito amplo e complexo.

É uma palavra de origem grega (*politiké*) e se refere àquilo que é público, comum aos cidadãos. Assim, na Antiguidade grega, a política estaria atrelada à vida em sociedade e à busca pela resolução de conflitos evitando a desordem social. E essa compreensão embasou o pensamento europeu por longos anos, tornando-se um conceito clássico.

Já o conceito moderno de política, associado a pensadores como Norberto Bobbio, está alicerçado no conceito de poder. A política passa a ser compreendida como processo: formação, distribuição e exercício do poder. Nas palavras de Bobbio:

#### Com a palavra, os/as especialistas

Este tem sido tradicionalmente definido como "consistente nos meios adequados à obtenção de qualquer vantagem" (Hobbes) ou, analogamente, como "conjunto dos meios que permitem alcançar os efeitos desejados" (Russell). Sendo um destes meios, além do domínio da natureza, o domínio sobre os outros homens, o poder é definido por vezes como uma relação entre dois sujeitos, dos quais um impõe ao outro a própria vontade e lhe determina, malgrado seu, o comportamento. Mas, como o domínio sobre os homens não é geralmente fim em si mesmo, mas um meio para obter "qualquer vantagem" ou, mais exatamente, "os efeitos desejados", como acontece com o domínio da natureza, a definição do poder como tipo de relação entre sujeitos tem de ser completada com a definição do poder como posse dos meios (entre os quais se contam como principais o domínio sobre os outros e sobre a natureza) que permitem alcançar justamente uma "vantagem qualquer" ou os "efeitos desejados". (Bobbio, 1998, p.954-955).

Figura 5 – Meme "Não vai falar de política na aula"



Fonte: Produção própria através do site Gerar memes.

Ao optar por uma licenciatura, automaticamente se assume o compromisso de dialogar, negociar, ocupar lugares de poder e buscar o bem comum, seja para alcançar objetivos básicos de uma aula (atenção, concentração, construção do conhecimento) ou objetivos maiores da educação como a transformação da sociedade através do desenvolvimento intelectual dos indivíduos. Isso também pode ser considerado “política” e é parte importante do aprimoramento da cidadania.

Isso significa que não cabe à professora e ao professor a militância política partidária, e sim o compromisso em desenvolver, junto aos/às estudantes, mecanismos para que eles/elas se identifiquem no mundo, compreendendo o mundo em sua complexidade e diversidade, a fim de reconhecerem narrativas históricas produzidas em ambientes públicos (como as redes sociais) e sem o rigor da História.

Dominando a linguagem memética a partir do ambiente escolar e com base nos objetivos da História escolar, há a possibilidade do desenvolvimento por parte das/dos estudantes e de suas consciências históricas que podem ser representadas através desta nova linguagem: os memes. Embora os memes analisados tenham uma figura política atual (o ex-presidente Bolsonaro) o objetivo e o foco não estão centrados em sua figura política e sim no uso de elementos medievais por pessoas políticas. Responder à pergunta “quais as intencionalidades por trás do uso do passado medieval, no Brasil, por figuras políticas?” é a base sobre a qual se desenvolvem as atividades.

## 4. Memes e cavaleiros medievais

Ao realizar uma busca pelos termos “memes de cavaleiros medievais” na barra de buscas do Google, obtém-se, aproximadamente, 430.000 resultados. Nas primeiras páginas já percebemos que a ênfase maior está na representação de cavaleiros medievais atreladas a estereótipos negativos acerca da Idade Média e também a representações políticas e religiosas dos mesmos. Na aba de vídeos, são cerca de 5.700 vídeos sobre o tema e seguindo as mesmas representações, sendo que, nas primeiras páginas, os vídeos do Tik Tok dominam.

No trabalho desenvolvido dentro do ProfHistória, a ênfase recaiu sobre as representações do ex-presidente Jair Bolsonaro como cavaleiro medieval. Os memes de cavaleiros medievais atrelados à figura do então candidato à presidência da República, Jair Bolsonaro, ou replicando seu *slogan* de campanha não apresentam preocupação com o rigor histórico ou historiográfico e fazem parte do universo político. Apresentam-se, historicamente falando, como um reflexo deslocado da Idade Média histórica, funcionando como reprodutores de um estereótipo que favorece o deslocamento da realidade histórica.

Luiz Guerra argumenta que, trata-se, assim, de um *neomedievalismo*, uma vez que, ao se distanciar das referências históricas, o faz por motivos que vão além da comicidade, que pode ser mais evidente e mesmo escamotear as intencionalidades políticas presentes nessas produções culturais. Guerra argumenta que, “[...] por meio de sua fachada ‘lúdica’ e descontraída, o Neomedievalismo pode, intencionalmente ou não, se blindar das críticas por ser ‘apenas uma brincadeira.’” (Guerra, 2021, p.59).

Outro ponto importante salientado por Guerra (2021) diz respeito ao uso do passado medieval para legitimar o presente de uma região geográfica e histórica que não vivenciou o medieval histórico. Sob a perspectiva pós-colonial, o *neomedievalismo* político é uma das chaves que ajuda a compreender como o processo colonizador influencia nossa relação com Portugal ou com a Europa como um todo (ou com o “Ocidente”).

É a mesma reflexão sugerida por Altschul, Bertarelli e Amaral na apresentação do dossiê *O que é o neomedievalismo?*. Para as autoras e o autor, que utilizaram uma fala do presidente argentino como ponto reflexivo<sup>4</sup>, “[...] mesmo sem termos vivido o período histórico chamado de medieval, ele foi apropriado em um discurso que contribuiu para fundar nosso mito de origem e construir uma legitimidade para o nome ‘países em desenvolvimento.’” (Altschul; Bertarelli; Amaral, 2021, p.10).

O *neomedievalismo* se concentra nas apropriações posteriores à produção cultural medieval, ou seja, nas apropriações feitas na atualidade. Concentra-se, por exemplo, nos estudos de mídia, da reprodutividade que, por sua velocidade, acaba favorecendo o deslocamento da realidade histórica. Isso posto, e considerando a discussão sobre os usos do passado medieval, os memes de cavaleiros medievais são, portanto, um exemplo de *neomedievalismo*.

Figura 6 – Meme “Cavaleiro medieval I”



Fonte: Twitter, 2020

Figura 7 – Meme “Bolsonaro cavaleiro”



Fonte: Twitter, 2020.

4 Alberto Fernández, em 2021, ao receber o primeiro-ministro espanhol: “Octavio Paz (escritor mexicano, Prêmio Nobel de Literatura) escreveu uma vez que os mexicanos vieram dos índios, os brasileiros vieram da selva, mas nós, os argentinos, chegamos em barcos. Eram barcos que vinham da Europa.” (Altschul; Bertarelli; Amaral, 2021, p.9).



No caso dos memes apresentados acima, temos muitas referências históricas, inclusive distantes no tempo e no espaço: o cavaleiro medieval é o elemento que se destaca, mas temos também o *slogan* reproduzido na Figura 6 (uma referência histórica que remete os brasileiros aos tempos do Integralismo e da *Marcha da Família com Deus pela Liberdade*) e, no caso da Figura 7, além do cavaleiro, há uma referência ao Templo de Jerusalém e a figura do político Enéas Carneiro (1938-2007). As bandeiras nos remetem ao passado imperial, mas também ao Brasil Republicano.

Essas informações reforçam a importância de perceber as imagens, mesmo as meméticas, para além dos meios, códigos e semioses, considerando os afetos compartilhados em determinados contextos que nos ajudam a compreender melhor essas produções. Os memes de cavaleiros medievais, vistos como um bem simbólico e atrelados a um grupo específico, são capazes de estabelecer vínculos e identidades.

Transitando entre a temática histórica, política e religiosa, são parte de uma nova maneira de agenciamento político e baseiam-se no estabelecimento de vínculos. Por projeção ou identificação, elementos medievais e religiosos fizeram do cavaleiro medieval uma corporificação de demandas de parte da população brasileira. Marcos Napolitano, em *Negacionismo e revisionismo histórico no século XXI* (2021), chama a atenção para o fato de que os revisionismos e negacionismos atuais baseiam-se, tal qual a produção dos memes de cavaleiros medievais, em questões ideológicas e valorativas.

O ensino institucionalizado acerca da Idade Média ganha ainda maior relevância quando se percebe que há uma demanda a respeito desse assunto por parte da população e dos jovens. Em sua busca individual por tal conhecimento, a maioria recorre ao ambiente virtual: *sites* de busca, *streamers*, redes sociais ou mesmo a TV (séries, filmes, novelas) e literatura. Oferecer aos/às estudantes a oportunidade de conhecer a Idade Média através do olhar acadêmico, seja em sala de aula ou por meio de iniciativas, como *podcasts*, *posts* e páginas em redes sociais, dentre outras, é proporcionar um ambiente de diálogo no qual se somam os interesses individuais e a produção de conhecimento.

Muitos/as estudantes ocupam parte significativa de seus dias no ambiente virtual e constroem seu conhecimento histórico a partir desse ambiente. A sala de aula é o meio associado a sensações e conceitos negativos onde a autoridade do professor e da professora é constantemente questionado, enquanto o ambiente virtual é atrativo, acolhedor e estimulante. Em razão dessa dicotomia, a Idade Média e o cavaleiro medieval, que fazem parte dos conhecimentos dos/das estudantes, são o do meme da internet, da série, do jogo de videogame, sem questionamentos ou historicização.

Ao retroceder no tempo cronológico e histórico, tratando-se das chamadas “temporalidades afastadas”, ou recuadas, temos a possibilidade de dilatação do entendimento do tempo histórico.



Perceber os elementos de diacronia, sincronia e anacronia, que envolvem as pesquisas, o ensino e os usos do passado, é significativo para a construção do conhecimento histórico, da alteridade, do pertencimento e do pensamento crítico, posto que são elementos necessários para o enfrentamento do negacionismo, do revisionismo e das *Fake News*.

Uma educação para a ação libertadora e crítica já era vislumbrada e apontada por Freire como um caminho possível para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Nos dias de hoje, mesmo após pequenos avanços, estamos diante de retrocessos significativos e de desafios ainda não apresentados para os pensadores dos anos 1990. Diferentemente do que previu Lévy, o ciberespaço e a cibercultura têm-se apresentado como espaços de contestação da democracia, de propagação de notícias falsas e pós-verdades, de maior individualização, apresentando uma gama extra de desafios para a educação.

Diante dessa realidade e pensando a educação nos moldes propostos por Freire (1987), a História desempenha papel fundamental, pois, como proposto por Rüsen (2007), é crucial que sejamos capazes de nos compreender enquanto sujeitos históricos e sociais inseridos em um contexto maior e mais complexo. Desnaturalizar nossas experiências sociais, políticas, econômicas e culturais exige condições específicas de aprendizagem que Isabel Barca (2001), dentre outros, chama de "educação histórica".

Consequentemente, pensar o ensino de História medieval em um contexto marcado pela cultura da virtualidade real (Castells, 2011) – típica da Era digital (Barros, 2022) que vivemos –, em que o monopólio do ensino de assuntos históricos não está restrito aos bancos escolares, de *neomedievalismos*, em que grupos extremistas se utilizam de referenciais históricos remotos, como cavaleiros medievais, é um desafio que pode ser superado se embasarmos nossas práticas nas ideias de Freire (1987), Rüsen (2007) e Barca (2001).

A educação histórica tem o potencial de contribuir para a autonomia dos/das estudantes à medida que lhes auxilia a compreender sua própria experiência do tempo de forma reflexiva e em relação/diálogo com tantas outras referências. Ainda sob a perspectiva de Rüsen, ao mobilizar as três operações necessárias à aprendizagem histórica (experiência, interpretação e orientação), é possível desenvolver um procedimento cognitivo que permita compreender "[...] a história como dado objetivo nas circunstâncias da vida atual e a histórica como constructo subjetivo da orientação prática movida pelos interesses." (Rüsen, 2007, p. 120).

Issoposto, defende-se que a História, enquanto disciplina, é parte fundamental no desenvolvimento cognitivo das sociedades humanas, merecendo espaço alargado (e não diminuído, como ocorreu com

a reforma do Ensino Médio pós-BNCC) na organização curricular. Temporalidades recuadas, como a Idade Média, têm contribuição cognitiva e pedagógica na formação de jovens brasileiros, não como mera explicação do presente por meio de permanências e reminiscências medievais, mas como forma de demonstrar a alteridade existente entre as sociedades humanas do passado e do presente.

## 5. Antes de colocar a mão na massa, algumas dicas

Se os memes não fazem parte do seu dia a dia, comece conversando com as pessoas que os conhecem, peça para compartilharem os que mais gostam com você, faça uma aula com os/as estudantes para saber de quais memes eles gostam (se é que gostam). Há também muitos memes disponíveis a partir de uma busca no Google, se joga!

Criar um meme é bem fácil e simples. Muitos usam somente o celular. Aqui (<https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/717963>) Link para a dissertação de Paulino Peres de Souza “O uso de memes como recurso didático no ensino de história”) tem um tutorial bem simples. Eu uso o site Gerar memes por ser bem intuitivo e ter muitos modelos para alteração (os memes dessa primeira parte do guia foram feitos lá).

Utilize imagens públicas na confecção dos memes, desencoraje a utilização de imagens de estudantes e profissionais da escola. Vamos respeitar as individualidades, o espaço e a imagem do outro.

Cultive a empatia! Bullying, narrativas e imagens que propaguem estereótipos e preconceitos não devem ser encorajadas (a não ser em situações bem específicas – e bem estruturadas – de desconstrução. A dissertação – agora livro – da professora Eliete Araújo é um exemplo. A dissertação pode ser acessada [Aqui](#)).

Não perca de vista que a escola é um ambiente em que devemos prezar pela ética em todos os aspectos e ambientes. Isso inclui ter responsabilidade em relação ao conhecimento histórico. Memes que propagam *Fake News*, negacionismos, com ataques a professores e intelectuais não condizem com o ambiente escolar (mais uma vez, a não ser que o objetivo seja a desconstrução e crítica aos mesmos. A dissertação da Bárbara Vitória é um bom exemplo. Ela pode ser acessada [Aqui](#)).



## 6. A proposta didática

Mas antes, um pequeno Glossário vai ajudar a compreender a proposta e pensar em outras possibilidades.

### ... Sequência Didática

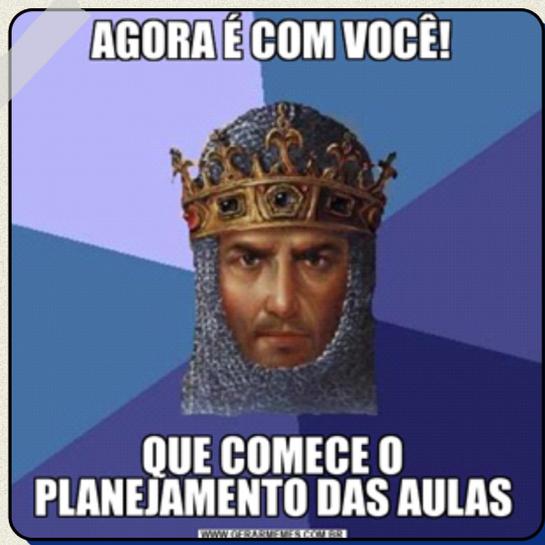
A sequência didática é uma prática pedagógica fundamentada na ideia de que, na educação, é essencial o planejamento, pensar em responder inicialmente as seguintes perguntas: “Para que educar? Para que ensinar?” (ZABALA, 1998, p. 21), de forma a possibilitar a organização de um fazer pedagógico reflexivo. Assim, a sequência didática se sustenta sob três pilares: planejamento, aplicação e avaliação.

Por meio da criação de atividades sequenciadas, previamente organizadas (mas em constante reformulação) e tendo como base os conhecimentos prévios dos/das estudantes, com os/as quais são compartilhados os objetivos de cada atividade, alcança-se uma prática que oferece significativas oportunidades de aprendizagem. Tais atividades devem auxiliar no processo de ensino-aprendizagem e na construção de novos saberes e conhecimento.

### ... Aula Histórica

Ensinar História significa contribuir para que jovens e crianças aprendam a narrar a história, de tal forma que, nela e com ela, podem encontrar o reconhecimento, sem o qual não gostariam de ser ou de poder ser. Ademais, quem ensina tem que interiorizar o princípio de que o sentido da história não se reduz a uma autoafirmação compulsiva ou violenta com todas as consequências dolorosas para os envolvidos, mas abre-se a um aumento permanente das experiências temporais que são processadas em um movimento contínuo, entre a experiência da diversidade do outro e a afirmação do eu. Esta abertura da consciência histórica pode ser apreendida pelo fato de os alunos receberem diferentes interpretações da experiência histórica, de modo que eles obtêm sua autonomia por meio de um ato de escolha. (Schmidt, 2021, p.26)

Figura 8 – Meme “Que comece o planejamento das aulas”



Fonte: Produção própria através do site Gerar memes.

### ... Aula Oficina

A aula oficina como proposta por Isabel Barca (2004; 2012) enquadra-se em uma discussão metodológica na qual se questionam a metodologia mais adequada para o ensino de História. Tem como base as ideias de autores do campo da Educação Histórica, e com a obra do historiador e filósofo Jörn Rüsen. Além da questão metodológica e baseada na cognição histórica, a proposta defende que o/a professor/a deve ser formar também como um/a pesquisador/a. Ela se organiza com base em:

1. Recolha inicial de dados sobre as ideias prévias dos alunos acerca de um conceito substantivo, selecionado dentro de uma determinada unidade em estudo.
2. Análise das ideias prévias dos alunos segundo um modelo (simplificado) de progressão conceptual: categorização das ideias de alunos desde ideias incoerentes e alternativas até às relativamente válidas.
3. Desenho, planejamento e implementação de uma unidade temática tendo em conta um refinamento progressivo das ideias históricas dos alunos previamente diagnosticadas.
4. Recolha de dados sobre as ideias dos alunos a posteriori, aplicando o mesmo instrumento do momento inicial.
5. Aplicação de um instrumento de metacognição aos alunos para monitorizar o processo de ensino e aprendizagem (Barca, 2012, p. 46-47).

## ... Literacia Histórica



Uma primeira exigência da literacia histórica é que os alunos entendam algo do que seja história, como um “compromisso de indagação” com suas próprias marcas de identificação, algumas ideias características organizadas e um vocabulário de expressões ao qual tenha sido dado significado especializado: “passado”, “acontecimento”, “situação”, “evento”, “causa”, “mudança” e assim por diante. Isso sugere que os alunos devem entender, por exemplo:

- como o conhecimento histórico é possível, o que requer um conceito de evidência;
- que as explicações históricas podem ser contingentes ou condicionais e que a explicação de ações requer a reconstrução das crenças do agente sobre a situação, valores e intenções relevantes;
- que as considerações históricas não são cópias do passado, mas todavia podem ser avaliadas como respostas para questões em termos (ao menos) do âmbito do documento que elas explicam, seus poderes explicativos e sua congruência com outros conhecimentos (Lee, 2006, p. 136).

## ... Letramento Digital



Letramento digital diz respeito às práticas sociais de leitura e produção de textos em ambientes digitais, isto é, ao uso de textos em ambientes propiciados pelo computador ou por dispositivos móveis, tais como celulares e tablets, em plataformas como e-mails, redes sociais na web, entre outras. Ser letrado digital implica saber se comunicar em diferentes situações, com propósitos variados, nesses ambientes, para fins pessoais ou profissionais. Uma situação seria a troca eletrônica de mensagens, via e-mail, sms, WhatsApp. A busca de informações na internet também implica saber encontrar textos e compreendê-los, o que pressupõe selecionar as informações pertinentes e avaliar sua credibilidade. Um dos aspectos do letramento amplificado pelos ambientes digitais é o acesso à informação. A internet é um espaço no qual todas as pessoas conectadas podem postar conteúdos – em blogs, sites ou nas redes sociais. Sendo assim, há muita informação disponível, e cabe ao leitor estar mais atento do que nunca à autoria, à fonte da informação, além de ter senso crítico para avaliar o que encontra. Outro aspecto saliente em ambientes digitais é a multimodalidade, ou seja, as informações são apresentadas usando não apenas elementos linguísticos como palavras, frases, mas também animações, vídeos, sons, cores, ícones. Saber ler e produzir textos explorando essas linguagens faz parte das competências dos digitalmente letrados, com exigências sociais e motivações pessoais cada vez mais precoces. (Ribeiro; Coscarelli)



**Público-alvo:** Turmas do Ensino Médio



**Duração:** 10h/aula (50 min)



**Dica:** De acordo com o perfil da turma é possível alterar ou excluir os módulos. Por exemplo, se a turma já entrou em contato com os estudos sobre Idade Média o módulo de aprofundamento pode ser excluído ou modificado para o formato de “revisão”.

Uma boa opção para aplicar a sequência é como uma Eletiva ou como um projeto em parceria com outras disciplinas como Língua Portuguesa, Sociologia, Filosofia e Artes.

**Objetivo geral:** Estimular o pensamento e o letramento histórico<sup>5</sup> a fim de desenvolver, junto aos/às estudantes, o reconhecimento da complexidade existente nas relações entre passado, presente e futuro, além do lugar do indivíduo e dos outros (identidade e alteridade) dentro dos espaços em que estão inseridos.

<sup>5</sup> De acordo com Cerri, “pensar historicamente é a capacidade de beneficiar-se das características do raciocínio da ciência histórica para pensar a vida prática”. (2011, p. 61)

## **Objetivos específicos:**

- Orientar a leitura das narrativas meméticas;
- Analisar de forma crítica os discursos propagados pelos memes;
- Possibilitar que os memes sejam reconhecidos como um artefato cultural, que podem ir além de seus aspecto cômico;
- Mediar o/a estudante durante atividades que o/a auxiliem a dar sentido à sua existência no tempo e a construir sua identidade – reconhecendo as outras identidades ao seu redor (alteridade);
- Estimular o uso consciente da linguagem memética dentro da perspectiva da lógica do digital;
- Proporcionar experiências de construção coletiva do conhecimento com base na cooperação e no diálogo.

**Material:** Os/as estudantes devem ter um “caderno de campo” para anotarem suas percepções e responderem questões propostas, pesquisas, perguntas, ideias. Pode ser uma matéria do caderno de matérias ou um caderno pequeno, de acordo com as possibilidades.

Computadores e/ou smartphones com acesso à internet são desejáveis, mas não indispensáveis.

Demais materiais estão descritos nas oficinas.



# MÓDULO I – OS MEMES

O Módulo I é destinado à familiarização dos/das estudantes com o mundo dos memes, através de um olhar mais aprofundado sobre o fenômeno.

## Oficina 1: Primeiras palavras sobre memes

### Habilidade BNCC



**(EM13CHS101):** Analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão e à crítica de ideias filosóficas e processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.

**(EM13CHS106):** Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica e de diferentes gêneros textuais e as tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

### Objetivo



- Conhecer as ideias iniciais dos/das estudantes sobre memes em geral e as primeiras visões/interpretações sobre memes de cavaleiros medievais.

### Metodologia



- Aula histórica.

### Procedimentos



- Os/as estudantes são questionados/as verbalmente sobre memes em geral e, mais especificamente, sobre memes de cavaleiros medievais. Perguntas motivadoras: "Para você, o que são memes?" "Você gosta dos memes?" "Qual a temática dos memes que você recebe/compartilha?";
- Análise inicial dos memes que os/as estudantes mais gostam (eles poderão acessar a internet

e tentar encontrá-los para compartilhamento);

- Apresentar aos/às estudantes alguns memes selecionados previamente e pedir que discorram sobre eles (dois com ênfase no humor e dois com ênfase no aspecto político)<sup>6</sup>;
- Peça que primeiro anotem no caderno de campo suas percepções. Em seguida peça que expressem oralmente e anote no quadro de forma a montar uma “tempestade de ideias”;
- Para finalizar, sublinhe concordâncias e discordâncias.

## Recursos



- Caderno de campo;
- Reproduções de alguns memes de cavaleiros medievais (em um arquivo de powerpoint ou impressos);
- Internet;
- Datashow.

## Duração



1 hora-aula (50 minutos).

## Avaliação



Sugere-se que a avaliação seja formativa e investigativa. Considere analisar os aspectos apresentados na Ficha de Avaliação sugerida (arquivo para consulta e modificação Aqui).

## Observação



Pergunte aos/às estudantes se eles/elas sabem fazer memes. Sugira, para aqueles/as que não sabem, que conheçam os *sites*, programas e aplicativos para produção de memes. Como sugestão o tutorial:

- COSTA, Marvin. Como criar memes com fotos do celular? **Techtudo**. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/noticia/2015/06/como-criar-memes-com-fotos-do->

<sup>6</sup> Os mesmos memes serão reavaliados após as oficinas teóricas, para avaliação de possíveis mudanças na interpretação.

celular.html Acesso em: 6 dez. 2022.

- Sugestões de sites e aplicativos disponíveis em: <https://optclean.com.br/como-criar-memes-conheca-5-sites-e-5-aplicativos-para-fazer-memes-no-pc-e-no-celular/>. Acesso em 6 dez. 2022.
- O gerador online e gratuito do Canva. **Canva**. Disponível em: [https://www.canva.com/pt\\_br/criar/memes/](https://www.canva.com/pt_br/criar/memes/). Acesso em: 6 dez. 2022.
- O site Gerar memes <https://www.gerarmemes.com.br/>

## Oficina 2: O que são os memes e como analisá-los

### Habilidade BNCC



**(EM13CHS101):** Analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão e à crítica de ideias filosóficas e processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.

**(EM13CHS106):** Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica e de diferentes gêneros textuais e as tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

### Objetivos



- Compreender o meme como linguagem das redes sociais sob o prisma da semiótica e como um artefato da cultura histórica;
- Apresentar a especificidade do meme com temas históricos;
- Demonstrar a importância da ética ao se produzir e consumir artefatos digitais.

### Metodologia



- Palestra (preferencialmente). Opção: vídeo do Youtube
- Aula histórica;

## Procedimentos



- Palestra com algum/a profissional na área ou reprodução de um vídeo sobre o assunto  
Sugestão Aqui (<https://www.youtube.com/watch?v=sRWM-8DuoYE> <https://www.youtube.com/watch?v=WQ9olJIHoi8>)
- Os/as estudantes serão divididos/as em grupos de 4 ou 5 componentes;
- Cada grupo receberá um conjunto de memes e deverá analisá-lo e categorizá-lo;
- Socialização das análises: cada grupo escreve sua análise no caderno de campo e um/a representante compartilha com os colegas;
- Os demais grupos tomam nota das análises dos colegas para poderem discutir os pontos de discordância e aprofundar os pontos de concordância;
- Consolidação da atividade: os/as estudantes devem relatar, no caderno de campo, os pontos que chamaram sua atenção na oficina de hoje.

## Recursos



- Caderno de campo;
- Modelo de análise de memes (Aqui);
- Reproduções dos memes impressos ou apresentação digital;
- Internet;
- Datashow.

## Duração



1 hora-aula (50 minutos).

## Avaliação



- Sugere-se seguir os parâmetros citados anteriormente.

# Oficina 3: Os Memes e o ambiente em que Circulam

## Habilidade BNCC



**(EM13CHS403):** Caracterizar e analisar processos próprios da contemporaneidade, com ênfase nas transformações tecnológicas e das relações sociais e de trabalho, para propor ações que visem à superação de situações de opressão e violação dos Direitos Humanos.

**(EM13CHS504):** Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas.

## Objetivo



- Discutir, juntamente com os/as estudantes, as vantagens e os perigos do ambiente virtual.

## Metodologia



- Palestra (preferencialmente). Opção: vídeo do Youtube

## Procedimentos



- Palestra com algum/a profissional na área ou reprodução de um vídeo sobre o assunto  
Sugestões aqui:
- <https://www.youtube.com/watch?v=dMyJAigYdP8> História das comunicações no Brasil
- <https://www.youtube.com/watch?v=KzptEoZXuFg> História das redes sociais
- [https://www.youtube.com/watch?v=3qff6SO\\_bzw](https://www.youtube.com/watch?v=3qff6SO_bzw) Sociedade de controle
- Após a palestra, os/as estudantes poderão tecer comentários e fazer perguntas ao convidado ou ao/a professor/a em uma roda de conversa sobre os benefícios e malefícios do mundo digital

## Recursos



- Aplicativo Google Meet, Zoom ou Teams (caso seja um/a convidado/a que irá se apresentar de forma remota);
- Computadores/celulares com acesso à internet para reprodução de vídeos (caso não seja uma palestra);
- Caderno de campo.

**Duração**



1 hora-aula (50 minutos)

**Avaliação**



Sugere-se seguir os parâmetros citados anteriormente.

## Módulo II – Tempo histórico e personagens

Nesse módulo, o foco será o tempo histórico (Idade Média) e o personagem histórico (cavaleiro medieval) buscando inteirar-se das visões que os/as estudantes possuem dos mesmos e aprofundando o conhecimento deles/as.

**Sugestão:** As pesquisas das oficinas 4 e 5 podem ser feitas em casa, a fim de economizar tempo. Disponibilize alguns textos do material de apoio, sugira sites, vídeos e etc. Se optar por esse formato, peça que anotem as perguntas motivadoras no caderno de campo e as respondam.

### Oficina 4: Ampliando os conhecimentos sobre a idade média

**Habilidade BNCC**



**(EM13CHS101):** Analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão e à crítica de ideias filosóficas e processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.

**(EM13CHS103):** Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de natureza qualitativa e quantitativa (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos, gráficos, mapas, tabelas etc.).

**(EM13CHS106):** Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica e de diferentes gêneros textuais e as tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

## Objetivo



- Identificar os conhecimentos prévios dos/das estudantes sobre a Idade Média.
- Possibilitar o aprofundamento dos conhecimentos sobre Idade Média.

## Metodologia



- Brainstorm e nuvem de palavras
- Leitura de imagens e texto

## Procedimentos



- Dividir a turma em grupos de 4-5 estudantes.
- Os/as estudantes serão convidados/as, inicialmente, a apresentar seus conhecimentos sobre a Idade Média verbalmente. Suas ideias serão anotadas no quadro branco para compor uma nuvem de palavras.
- Circule as ideias positivas sobre a Idade Média com uma cor de pincel e as ideias negativas com outra cor.
- Pergunta para reflexão: Qual tipo de percepção sobre Idade Média é predominante? Por que isso acontece? Peça que cada estudante escreva suas respostas no caderno de campo
- Leitura do texto: "A Idade Média" In: LE GOFF. Jacques. **A Idade Média explicada aos meus filhos**. Rio de Janeiro: Editora Agir, 2007. (Reprodução do texto Aqui).
- Sistematização das ideias com base nas perguntas motivadoras: "O texto apresenta uma visão diferente das que a turma apresentou sobre o período histórico?" "Você concorda com essa visão?" Peça que cada estudante responda, em forma de texto, no caderno de campo.

## Recursos



- Quadro e pinceis
- Caderno de campo

## Duração



1 hora-aula (50 minutos)

## Avaliação



- Sugere-se seguir os parâmetros citados anteriormente.

## Observação

Após esta atividade os alunos terão uma tarefa para casa: deverão pesquisar sobre a Idade Média e fazer anotações no caderno de campo seguindo as orientações da ficha disponibilizada para tal fim.

## Oficina 5: Ampliando o conhecimento sobre os cavaleiros medievais

### Habilidade BNCC



**(EM13CHS101):** Analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão e à crítica de ideias filosóficas e processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.

**(EM13CHS103):** Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de natureza qualitativa e quantitativa (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos, gráficos, mapas, tabelas etc.).

**(EM13CHS106):** Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica e de diferentes gêneros textuais e as tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

### Objetivos



- Identificar a visão dos/das estudantes acerca do cavaleiro medieval.
- Apresentar aos/às estudantes diversas representações de cavaleiros medievais. Arquivo com as imagens [Aqui](#)).
- Apresentar aos/às estudantes visões de historiadores sobre os cavaleiros medievais. (Arquivo com sugestões [Aqui](#))
- Metodologia
- Brainstorm
- Análise de imagens e vídeo

## Procedimentos



- Dividir a turma em grupos (os mesmos da oficina anterior).
- Pedir que cada um explique, com suas palavras, o que é um cavaleiro medieval.
- O representante de cada grupo expõe a síntese das ideias dos membros do grupo.
- Cada grupo recebe uma imagem e faz anotações sobre elas (questões motivadoras: "Vocês já conheciam esse personagem?" "De onde?" "Descreva a imagem em detalhes"). As imagens irão passar por todos os grupos. Reprodução de vídeos sobre cavaleiros medievais
- Sistematização das ideias (pergunta motivadora: "Quem foram os cavaleiros medievais, de acordo com as representações apresentadas?") em forma de texto a ser escrito no caderno de campo.

## Recursos



- Imagens de cavaleiros medievais.
- Reprodução de vídeos sobre cavaleiros medievais (escolha um)
- Sugestões
- <https://www.youtube.com/watch?v=MYmfBKhjHew> (O ideal de cavalaria [O outono da Idade Média] – Canal livros & Post It)
- <https://www.youtube.com/watch?v=tk9y6OXBx2E> (O significado do ideal cavaleiresco na guerra e na política [O outono da Idade Média] – Canal livros & Post It)
- <https://www.youtube.com/watch?v=wqzHsphpP44> (A Ordem dos Assassinos – Canal Nerdologia)
- <https://www.youtube.com/watch?v=luCwHO8iDBI> (Cavaleiros Templários portugueses – Canal Nerdologia)

## Duração



1 hora-aula (50 minutos)

## Avaliação



Sugere-se seguir os parâmetros citados anteriormente.

# Oficina 6: A idade média e os cavaleiros medievais – organizando os resultados das pesquisas e discussões

## Habilidade BNCC



**(EM13CHS106):** Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica e de diferentes gêneros textuais e as tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

## Objetivos



- Organizar as ideias, conceitos e discussões feitas nas oficinas anteriores
- Analisar, mais uma vez os memes com a temática de cavaleiros medievais
- Proporcionar autonomia aos/às estudantes durante a seleção de material e informações que julgarem pertinentes para compreender o período e os personagens em questão

## Metodologia



- Aula histórica
- Exposição virtual no *Padlet*<sup>7</sup> (mural virtual). Título sugerido: “A Idade Média e os cavaleiros medievais: diferentes olhares”
- **Importante!** Caso não seja possível o acesso ao mural virtual é possível organizar um painel físico com cartolina, papel pardo, barbante ou outros tipos de materiais.

## Procedimentos



- Os/as estudantes serão apresentados/as ao mural virtual (*Padlet*)
- Cada grupo irá produzir um pequeno texto apresentando a Idade Média e os cavaleiros medievais. Devem também sugerir vídeos, *podcasts*, textos de especialistas sobre os assuntos.

<sup>7</sup> WILTON FILHO. [Tutorial 2021] Como usar o Padlet para propor atividades pedagógicas em aulas remotas e presenciais. YouTube. 15 de setembro de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rQRjQqWDa1s> Acesso em 03 de agosto de 2022.

- Os grupos devem representar os diferentes olhares sobre os temas. Sugiro dividir em blocos: “Nossos olhares – o que pensávamos a respeito”; “O olhar das mídias (literatura, TV, games, redes sociais, plataformas de *streaming*)”; “O olhar dos especialistas”.
- Os memes de cavaleiros medievais devem ser novamente analisados buscando responder à pergunta: “De acordo com os estudos históricos sobre a Idade Média e os cavaleiros medievais, os memes apresentados podem ser considerados historicamente corretos? Quais os principais objetivos de quem produziu esses memes? Justifiquem.”

### Recursos

- Internet
- Caderno de campo
- Padlet (mural virtual)

### Duração

1 hora-aula (50 minutos)

### Avaliação

- A avaliação será feita considerando as postagens no mural criado.

## Módulo III – “Mememotologia”

O último módulo é destinado à produção de memes pelos/as próprios/as estudantes. É a possibilidade de colocar em prática os conceitos e atitudes históricas trabalhados e estimulados nas oficinas passadas. Nas palavras Knobel e Lankshear, é a oportunidade de contramemealizar, que “[...] é uma prática on-line bem estabelecida e se refere à geração deliberada de um meme cujo objetivo principal é neutralizar ou erradicar ideias potencialmente danosas”. (KNOBEL; LANKSHEAR, 2020, p.107).

## Oficina 7: Produzindo memes

### Habilidade BNCC

**(EM13CHS106):** Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica e de diferentes gêneros textuais e as tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa,

reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

## Objetivos



- Colocar em prática as ideias, discussões e orientações feitas durante as oficinas anteriores
- Apresentar aos/às estudantes os programas, sites e aplicativos para a elaboração de memes
- Exercer o protagonismo na confecção de memes sobre cavaleiros medievais
- Compartilhar com os colegas via mural virtual (Padlet) memes que respeitam a ética e a historicidade (Caso não seja possível, reproduza os memes criados).

## Metodologia



- 1º momento: Escreva suas ideias no papel
- 2º momento: Acesse o site ou app escolhido
- 3º momento: Montem o meme
- 4º momento: Apresentem para os colegas e ouçam os comentários (para analisar os memes produzidos use também o modelo disponibilizado durante a Oficina 1)

## Recursos



- Caderno de campo
- Computadores e celulares com acesso à Internet

## Duração



1 hora-aula (50 minutos)

## Avaliação



- A avaliação será feita com base na observação dos memes produzidos. Pontos a se observar: utilizaram, de fato a linguagem memética? Procuraram ter coerência histórica? Imprimiram algum grau de humor? Procuraram incentivar alguma reflexão?
- Sobre a atividade em si, observe se, de fato, se envolveram na produção e socialização dos memes.

# Oficina 8: Socializando as produções

## Habilidade BNCC



**(EM13CHS106):** Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica e de diferentes gêneros textuais e as tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

## Objetivos



- Expor a produção dos/das estudantes aos demais colegas para interação não virtual<sup>8</sup>
- Estimular a troca de ideias
- Motivar discussões entre os/as demais estudantes

## Metodologia



- Organização de uma exposição não virtual

## Procedimentos



- Os memes produzidos pelos/as estudantes serão expostos no pátio da escola.
- Será disponibilizado para os/as demais estudantes formas de se expressar em relação aos memes expostos (coração para os que mais gostar, alguns emojis com reações e post it para escrever um breve comentário)
- Alguns/algumas estudantes "monitores/as" irão solicitar aos colegas observadores que expliquem suas reações e anotar no caderno de campo
- Os/as estudantes observadores/as deverão comentar suas impressões gerais em Formulário Google desenvolvido especificamente para isso e disponibilizado no momento da exposição (em formato de QR code)

**Observação:** Caso esse seja o momento da culminância do projeto pode-se pensar em uma participação maior da escola, pensando em uma espécie de exposição nos moldes de um museu. Nesse caso, é preciso pensar em um local mais amplo, na curadoria, na organização do espaço. Pode-se também pensar em algo menor, com a visita de uma única turma, sem uma estrutura de exposição, mas organizada de acordo com as premissas anteriores.

<sup>8</sup>Visto que a atividade é acadêmica e de responsabilidade da pesquisadora, optou-se pela interação não virtual, a fim de evitar que os/as estudantes exponham suas produções em ambiente não controlado, poupando-os/as de comentários e manifestações sob as quais não teremos ingerência.

## Recursos



- Reprodução dos memes
- Reprodução das "reações"
- Fita dupla face
- Post it
- Canetas

## Duração



1 hora-aula (50 minutos)

## Avaliação



A avaliação será feita considerando a participação dos/das estudantes envolvidos/as na pesquisa e as anotações referentes aos/às estudantes observadores/as. Serão levados em conta também os comentários dos/das estudantes observadores/as feitas no Formulário Google criado para este momento.

## Avaliação final



Ao final das atividades espera-se que os/as estudantes sejam capazes de:

- Compreender os memes como uma fonte histórica;
- Analisar os memes enquanto fontes históricas e produtos culturais de seu tempo;
- Construir seu próprio conhecimento com base nas premissas científicas da pesquisa histórica;
- Localizar-se no tempo histórico produzindo uma narrativa histórica que dialoga com o presente, passado e projeta-se no futuro;

## 7. Referências

ABREU, Cíntia Beñák. **Também com memes se ensina e se aprende história: uma proposta didático-histórica para o Ensino Fundamental II**. 2020. 122p. Dissertação (Mestrado em Rede Ensino de História) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Programa do Mestrado Profissional em Ensino de História, São Gonçalo, 2020. Disponível em: <https://profhistoria.com.br/articles?terms=memes>. Acesso em 03 de agosto de 2022.

ALTSCHUL, Nadia R.; BERTARELLI, Maria Eugênia; AMARAL, Clínio. Apresentação do dossiê: o que é o neomedievalismo. **Revista Signum**, v. 22, n. 1, p. 6-18, 2021. Disponível em: <http://www.abrem.org.br/revistas/index.php/signum/article/view/610> . Acesso em: 06 mar. 2023.

ARAÚJO, Eliete Ribeiro. **Usos de memes de internet na aprendizagem histórica: uma proposta para a educação étnico-racial desenvolvida no centro de ensino Fortunato Moreira Neto, em Porto Franco - MA**. 2020. 123p. Dissertação (Mestrado em Rede Ensino de História) – Universidade Federal do Tocantins, Programa do Mestrado Profissional em Ensino de História, Araguaína, 2020. Disponível em: <https://profhistoria.com.br/articles/743>. Acesso em 03 de agosto de 2022.

BARCA, Isabel. Aula Oficina: do Projeto à Avaliação. In. **Para uma educação de qualidade: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica**. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004, p. 131 – 144. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=4173184&forceview=1> Acesso em 20 nov. 2023.

BARCA, Isabel. Ideias chave para a educação histórica: uma busca de (inter) identidades. **História Revista**, Goiânia, v. 17, n. 1, 2012, p. 37- 51. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/historia/article/view/21683> . Acesso em: 20 nov.2023.

BARROS, José D'Assunção. Revolução digital, sociedade digital e História. In: BARROS, José D'Assunção (org). **Historiografia Digital: a historiografia diante dos recursos e demandas de um novo tempo**. Petrópolis: Vozes, 2022.

CAIMI, Flávia Eloisa. Geração Homo Zappiens na escola: os novos suportes de informação e a aprendizagem histórica. In: MAGALHÃES, Marcelo *et al* (Orgs.). **Ensino de História: usos do passado, memória e mídia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.

CERRI, Luís Fernando. **Ensino de História e consciência histórica**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

CHAGAS, Viktor. **A cultura dos memes** [livro eletrônico]: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital. Salvador: EDUFBA, 2020.

COSTA, Marcella Albaine Farias da. **Ensino de História e historiografia escolar digital**. Curitiba: CRV, 2021.

DAWKINS, Richard. **O homem e a ciência**: o gene egoísta. Belo Horizonte: Itatiaia, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GUERRA, Luiz Felipe Anchieta. Neomedievalismo político no Brasil contemporâneo. In.: BERTARELLI, Maria Eugênia; BIRRO, Renan Marques; PORTO JÚNIOR, João Batista da Silva (orgs.). **Medievalismos em olhares e construções narrativas** - volume 1. Ananindeua, PA: Editora Itacaiúnas, 2021.

KNOBEL, Michele; LANKSHEAR, Colin. Memes on-line, afinidades e produção cultural (2007-2018). In: CHAGAS, Viktor. **A cultura dos memes** [livro eletrônico]: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital. Salvador: EDUFBA, 2020.

LEE, Peter. Em direção a um conceito de literacia histórica. **Educar em Revista**. Especial. Dossiê: Educação Histórica, 2006. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/554>  
Acesso em: 20 nov.2023.

LE GOFF, Jacques. **A idade Média explicada aos meus filhos**. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MENDES, Caroline Alves Marques; COSTA, Marcella Albaine Farias da. O sequestro do imaginário e a escrita da História: o caso dos memes históricos e as recepções do nazismo. **Revista Transversos**. Dossiê: História Pública: escritas contemporâneas de História. Rio de Janeiro, v.7, n.7, pp. 54-70, 2016. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos>. Acesso em 03ago. 2022

MUSEU DE MEMES. **Memes no museu**: por que um museu de memes? Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2023. Disponível em <https://museudememes.com.br/>. Acesso em 19 de agosto de 2023.

NAPOLITANO, Marcos. Negacionismo e revisionismo histórico no século XXI. **Novos combates pela História**: desafios, ensino. São Paulo: Contexto, 2021. Disponível em: [https://biblio.fflch.usp.br/Napolitano\\_M\\_3123219\\_NegacionismoERevisionismo.pdf](https://biblio.fflch.usp.br/Napolitano_M_3123219_NegacionismoERevisionismo.pdf). Acesso em: 05 ago. 2023.

PROENÇA, M. C. **Didáctica da História**. Braga: Universidade do Minho, 1992.

RÜSEN, Jörn. **Razão Histórica: teoria da história – os fundamentos da ciência histórica**. Brasília: Ed. UnB, 2001.

SCHMIDT, M. A.; GARCIA, T. B. O trabalho histórico na sala de aula. **História & Ensino**. v. 9, p. 223–242, 2003. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/12086> . Acesso em: 13 nov. 2023.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. Percursos dialógicos com Isabel Barca: a crise da transposição didática e a construção da aula histórica. **Vinte Anos das Jornadas Internacionais de Educação Histórica**. Porto: CITCEM, pp. 17-32, 2021. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/18598.pdf> Acesso em: 30 set. 2022.

SHIFMAN, Limor. Uma biografia telegráfica de um encrenqueiro conceitual. In: CHAGAS, Viktor. **A cultura dos memes** [livro eletrônico]: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital. Salvador: EDUFBA, 2020.

ZABALA, A. **A prática educativa como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

# 8. Algumas sugestões úteis

## ✓ Dicas de programas, aplicativos e outras formas de criar memes

Meme *generator* (app)

Meme *creator* (app)

Meme *maker* (app)

*Canva* (site com acesso livre para professores/as – mediante cadastro simples)

*Gerar memes* (site bem intuitivo e com material já disponível para alteração)

*Instagram/X*

Celular

## ✓ Dicas de outras seqüências didáticas com memes

<https://www.profhistoria.com.br/articles?terms=memes> No site do ProfHistória você pode pesquisar as dissertações dos egressos e suas propostas educacionais. No link sugerido estão as dissertações sobre memes.

<https://www.editoracrv.com.br/produtos/detalhes/36166-tambem-com-memes-se-ensina-e-se-aprende-historiabr-uma-proposta-didatico-historica-para-o-ensino-fundamental-ii> Link para comprar o livro da professora e mestre Cíntia Beňák de Abreu. Nesse link você poderá também acessar o Guia didático proposto por ela.

[https://drive.google.com/drive/folders/1Lc\\_6wfwzseC7FsHe-IBLQFczLyIn-RT](https://drive.google.com/drive/folders/1Lc_6wfwzseC7FsHe-IBLQFczLyIn-RT) Link com o livro da professora Eliete de Araújo.

## ✓ Idade Média no Instagram

Material para sala de aula:

História Medieval [https://instagram.com/historia\\_medieval?igshid=MzMyNGUyNmU2YQ==](https://instagram.com/historia_medieval?igshid=MzMyNGUyNmU2YQ==)

Barbaridades medievais <https://instagram.com/barbaridadesmedievais?igshid=MzMyNGUyNmU2YQ==>

Esquinas Medievais <https://instagram.com/esquinasmedievais?igshid=MzMyNGUyNmU2YQ==>

Dicionário medieval <https://instagram.com/dicionariomedieval?igshid=MzMyNGUyNmU2YQ==>

Poiema: Polo Interdisciplinar da Estudos do Medievo e DA Antiguidade (UFPEL) (tem material para estudos também)

<https://www.instagram.com/poiemaufpel?igshid=OGQ5ZDc2ODk2ZA==>

Para estudar sobre Idade Média

Translatio studii <https://instagram.com/translatiostudii?igshid=MzMyNGUyNmU2YQ==>

Lapehme (Laboratório de Pesquisa e Estudo em História Medieval da Unipampa) <https://instagram.com/lapehme?igshid=MzMyNGUyNmU2YQ==>

Medievalíssimo (Os “Drops” podem ser utilizados em sala de aula com tranquilidade) <https://instagram.com/medievalissimo?igshid=MzMyNGUyNmU2YQ==>

Grupo de História Medieval & Renascentista (UFSM) <https://instagram.com/virtuufsm?igshid=MzMyNGUyNmU2YQ==>

Programa de Estudos Medievais - UERJ Maracanã e UERJ FFP <https://www.instagram.com/pemuerj/>

## ✓ Idade Média e Cinema

Com este link você terá acesso a uma coletânea de 5 volumes organizada pelo Instituto de História e o Programa de Estudos Medievais da UFRJ, com resumos, ficha técnica e indicação de material de apoio para trabalhar a Idade Média através do cinema.



## ✓ Sites sobre Idade Média

<https://guiamedieval.webhostusp.sti.usp.br/>

Indexador de conteúdos variados sobre Idade Média organizado por pesquisadores da USP

<https://www.medievalists.net/>

<https://publicmedievalist.com/>

Os últimos dois sites estão em inglês, mas com muita coisa boa. Vale a pena encarar o tradutor do navegador ou um programa para traduzir.

## ✓ Memes no Instagram

<https://www.instagram.com/museudememes/>

<https://www.instagram.com/historianopaintoficial/>

<https://www.instagram.com/plebeusocios/>

<https://www.instagram.com/profhudsonaraujo/>

## ✓ Sites com dissertações do ProfHistória (Talvez possa te ajudar no planejamento de suas aulas sobre diversos outros temas):

Cada dissertação possui um “produto educacional” que, assim como o guia que agora apresento, foi pensado no contexto de pesquisa e diálogo entre a Educação Básica e o programa de pós-graduação.

<https://profhistoria.unespar.edu.br/repositorio-de-teses-e-dissertacoes/pasta-de-dissertacoes>

<http://www.profhistoria.uem.br/dissertacoes>  
<http://www.profhistoria.uem.br/dissertacoes-parte-ii>  
<https://www2.uepg.br/profhistoria/dissertacoes-defendidas/>  
<http://www2.ufac.br/ppgpeh/menu/dissertacoes>  
<https://www.historia.uff.br/profhistoria/dissertacoes>  
<https://profhistoria.ufsc.br/teses-e-dissertacoes/>  
[https://www.sigaa.ufs.br/sigaa/public/programa/defesas.jsf?lc=pt\\_BR&id=970](https://www.sigaa.ufs.br/sigaa/public/programa/defesas.jsf?lc=pt_BR&id=970)  
<https://www.ufsm.br/cursos/pos-graduacao/santa-maria/profhistoria/dissertacoes>  
<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/34936>  
<https://www.profhistoria.uneb.br/teses-dissertacoes/>  
<https://www.ifch.unicamp.br/ifch/busca/publicacoes/715/profhistoria>  
<https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/61076>  
<http://www.unirio.br/profhistoria/producao-academica>  
<http://www.urca.br/profhistoria/dissertacoes/>

 **Vale a pena dar uma olhada também:**

<https://wp.ufpel.edu.br/leh/quem-somos-3/> Site do Laboratório de Ensino de História da Universidade de Pelotas com muito material e dicas para professores/as de História (inclusive muitos e-books).

 **Para esse mundo digital:**

<https://cetic.br/> Site com pesquisas na área de educação e tecnologias.

<https://educacaovigiada.org.br/pt/sobre.html> “Observatório Educação Vigiada é uma iniciativa de divulgação científica de pesquisadores acadêmicos e de organizações sociais que tem como objetivo coletar e divulgar informações sobre a plataformização da educação pública no Brasil e na América do Sul e incentivar um debate na sociedade em relação aos seus impactos sociais e educacionais” (informação da página inicial do site). Site com dicas e sugestões para professores/as, gestores/as, pais/mães e estudantes em relação ao mundo digital.

<https://mild.rbe.mec.pt/> “O MILD – Manual de instruções para a literacia digital – é um portal da Rede de Bibliotecas Escolares que visa desenvolver as competências dos jovens dos 14 aos 18 anos nos domínios da leitura, dos media e da cidadania digitais”. Site sobre Literacia Digital com informações sobre ler, escrever, agir na rede, assim como informações sobre as redes sociais, ética e responsabilidade para ser um cidadão digital.

 **Para saber mais sobre o programa:** <http://site.profhistoria.com.br/>

# 9. Material de apoio

Alguns desses materiais foram desenvolvidos para ajudar na organização e execução das oficinas e podem ser modificados. Na pasta você também irá encontrar textos e imagens auxiliares.



▶ **Escaneie-me**

